

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
AGÊNCIA DE INOVAÇÃO, EMPREENDEDORISMO, PESQUISA,  
PÓS-GRADUAÇÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN  
MESTRADO EM DESIGN

**PEDRO ROCHA SOUSA FILHO**

**O PROCESSO PROJETUAL DO DESIGN DE INTERIORES E  
A INTEGRAÇÃO DOS PRINCÍPIOS DA SUSTENTABILIDADE:**

foco na dimensão econômica

São Luís  
2020

**PEDRO ROCHA SOUSA FILHO**

**O PROCESSO PROJETUAL DO DESIGN DE INTERIORES E  
A INTEGRAÇÃO DOS PRINCÍPIOS DA SUSTENTABILIDADE:**

foco na dimensão econômica

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal do Maranhão como requisito para obtenção do título de Mestre em Design.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lúcia Alexandre de Oliveira Zandomeneghi.

Área de concentração: Design de Produtos -  
Design: Materiais, Processos e Tecnologia.

Linha de pesquisa: Design - Materiais,  
Processos e Tecnologia.

São Luís  
2020

SOUSA FILHO, Pedro R.

O processo projetual do design de interiores e a integração dos princípios da sustentabilidade: foco na dimensão econômica. / Pedro Rocha Sousa Filho. - 2020.

191 f.: il. color.

Orientador(a): Ana Lúcia Alexandre de Oliveira Zandomeneghi.  
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Design/CCET, Universidade Federal do Maranhão, São Luís - Maranhão, 2020.

1. Design de Interiores. 2. Dimensão Econômica. 3. Processo Projetual. 4. Sustentabilidade. I. Zandomeneghi, Ana Lúcia Alexandre de Oliveira. II. Título.

**PEDRO ROCHA SOUSA FILHO**

**O PROCESSO PROJETUAL DO DESIGN DE INTERIORES E  
A INTEGRAÇÃO DOS PRINCÍPIOS DA SUSTENTABILIDADE:  
foco na dimensão econômica**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal do Maranhão como requisito para obtenção do título de Mestre em Design.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lúcia Alexandre de Oliveira Zandomeneghi.

Área de concentração: Design de Produtos - Design: Materiais, Processos e Tecnologia.

Linha de pesquisa: Design - Materiais, Processos e Tecnologia.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Profa. Dra. Ana L. A. Oliveira Zandomeneghi (Orientadora)**

Doutora em Engenharia de Produção  
Universidade Federal do Maranhão

---

**Prof. Dr. Aguinaldo dos Santos**

Doutor em Gestão da Produção  
Universidade Federal do Paraná

---

**Profa. Dra. Cássia Cordeiro Furtado**

Doutora em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais  
Universidade Federal do Maranhão

---

**Profa. Dra. Raquel Gomes Noronha**

Doutora em Ciências Sociais  
Universidade Federal do Maranhão

Aos meus pais, pela generosidade de sempre.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Senhor Deus, pois até aqui me ajudou (1 Samuel 7:12). A caminhada do mestrado não foi fácil, assim, os direcionamentos do Pai foram fundamentais para que eu pudesse concretizar a presente pesquisa.

Aos meus pais Pedro e Rosinete por me permitirem estudar, me apoiando nas minhas escolhas. Agradeço também aos meus irmãos, que, mesmo indiretamente, me ajudaram muito.

À saudosa Professora Socorro da 3ª série do ensino fundamental pela disponibilidade e carinho. Com sua naturalidade e amor à profissão, me apresentou o conhecimento dentro e fora da sala de aula. Ao excelentíssimo Professor Aguinaldo dos Santos por seu incessante desejo de ensinar e de compartilhar experiências. Os quatro meses que passei no núcleo que coordena, na UFPR, aprendi um mundo de coisas.

À minha orientadora Profa. Dra. Ana Lúcia por suas orientações carinhosas e compreensivas. Demorei um pouco para encontrar o foco da minha pesquisa e, por muitas vezes, a mesma me fez acreditar que eu era capaz. Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Design pelos ensinamentos transmitidos, me permitindo amadurecimento crítico no âmbito da pesquisa. Destaco às Professoras Doutoras Rosane Obregon e Raquel Noronha por suas importantes contribuições na fase de qualificação deste trabalho.

À Yrisvanya Macedo pelo companheirismo e conversas respiradoras diante dos obstáculos enfrentados no mestrado e aos colegas da turma de 2018-2020.

À Universidade Federal do Maranhão e a Coordenação do PPGDg pela oportunidade de aprimoramento pessoal e profissional. À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior) pelo auxílio financeiro, possibilitando, sem sombra de dúvida, para minha melhor dedicação e empenho na pesquisa.

Aos membros da banca examinadora por aceitarem o convite para avaliarem este trabalho e contribuírem com sugestões de melhorias e desdobramentos futuros.

E por fim, e não menos importantes, agradeço aos amigos George Leal, Jack Rodrigues, Thayanne Diniz, Claudia Gaspar e Maycon dos Anjos por seus incentivos.

*A simplicidade é a suprema sofisticação.*

Leonardo da Vinci

## RESUMO

A sustentabilidade se apresenta na atualidade como uma temática imprescindível devido às evidências do limite do planeta. Visto que, uma economia pautada no crescimento pelo aumento do consumo de recursos naturais talvez seja uma das principais questões que agrave o aquecimento global. Assim, no planejamento de ambientes internos no âmbito do design de interiores, o profissional da área pode assumir importante papel educacional para uma consciência no uso e redução do consumo de recursos naturais e impactos ambientais na natureza. Além disso, também é capaz de contribuir na promoção do desenvolvimento local no processo projetual para uma economia mais igualitária; beneficiando a dimensão econômica da sustentabilidade por meio da prática de seus princípios. Entretanto, faz-se necessário analisar a forma que o profissional compreende e integra tais princípios em seus projetos, visando garantir a sua habilitação para o viés da valorização e defesa de uma economia justa e ética. Portanto, a presente pesquisa tem por objetivo investigar a integração dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade no processo projetual dos designers de interiores. Neste alinhamento, sendo a mesma de natureza qualitativa e características exploratória -descritiva, o procedimento metodológico adotou como escopo para coleta de informações a pesquisa teórica, apoiada pela revisão bibliográfica sistemática, a aplicação de questionário *on-line* e a técnica de grupo focal. Os referidos dados analisados, por meio da triangulação metodológica, permitiram reunir uma base teórico-prática imprescindível para a síntese do estudo. Como conclusão da pesquisa, foi possível propor um conjunto de 15 (quinze) recomendações para a integração e a operacionalização dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade no processo projetual dos designers de interiores.

**Palavras-chave:** Sustentabilidade. Dimensão Econômica. Processo Projetual. Design de Interiores.

## **ABSTRACT**

Sustainability is nowadays presented as an essential theme due to the evidence of the planet's limit. Thus, an economy based on growth due to increased consumption of natural resources is perhaps one of the main issues that aggravate global warming. That way, when planning indoor environments in the context of interior design, the professional in the area can assume an important educational role for an awareness of the use and reduction of consumption of natural resources and environmental impacts on nature. In addition, it is also capable of contributing to the promotion of local development in the design process for a more egalitarian economy; benefiting the economic dimension of sustainability through the practice of its principles. However, it is necessary to analyze the way that the professional understands and integrates such principles in his projects, aiming to guarantee his qualification for the valorization and defense of a fair and ethical economy. Therefore, this research aims to investigate the integration of the principles of the economic dimension of sustainability in the design process of interior designers. In this alignment, being of a qualitative nature and exploratory-descriptive characteristics, the methodological procedure adopted as a scope for collecting information the theoretical research, supported through the systematic bibliographic review, the application of an online questionnaire and the focus group technique. The data provided through the methodological triangulation allowed to gather an essential theoretical-practical basis for the synthesis of the study. As a conclusion of the research, it was possible to propose a set of 15 (fifteen) recommendations for the integration and operationalization of the principles of the economic dimension of sustainability in the design process of interior designers.

**Keywords:** Sustainability. Economic Dimension. Project Process. Interior Design.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Dimensões da sustentabilidade e suas inter-relações. ....	17
Figura 02 - Modelo para condução da Revisão Bibliográfica Sistemática. ....	22
Figura 03 - Consideração Final da fase de processamento, RBS. ....	25
Figura 04 - Níveis N1, N2 e N3 de convergência dos documentos catalogados. ....	32
Figura 05 - Etapas metodológicas da pesquisa. ....	41
Figura 06 - Painel semântico de produtos e matérias do projeto de interiores. ....	50
Figura 07 - Etapas do processo projetual de Moxon (2012). ....	52
Figura 08 - As sete perguntas de Moxon (2012) no processo projetual. ....	56
Figura 09 - Recursos locais no design de interiores. ....	72
Figura 10 - Cultura e promoção da economia local. ....	73
Figura 11 - Organização em rede, resíduos e educação econômica. ....	74
Figura 12 - Diagrama prático de soluções sustentáveis. ....	84
Figura 13 - Mapa para análise sistêmica do potencial de um recurso local. ....	86
Figura 14 - Palmeira juçara e suas relações com o ambiente e a sociedade. ....	87
Figura 15 - Embalagem e produtos de Itamatatua. ....	88
Figura 16 - Neide, fazendo o acabamento do pote. ....	94
Figura 17 - Objetivos a serem alcançados e atividades. ....	100
Figura 18 - Telas do questionário implementado no Google Forms. ....	103
Figura 19 - Triangulação de passos metodológicos. ....	109
Figura 20 - Respostas do perfil dos profissionais. ....	111
Figura 21 - Registros da apresentação da pesquisa e assinatura do TCLE. ....	131
Figura 22 - Processo projetual integrado à DES e às recomendações. ....	160

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 - Processo projetual: etapas. ....	113
Gráfico 02 - Processo projetual: investigação com os clientes.....	114
Gráfico 03 - Processo projetual: questionamentos sustentáveis.....	115
Gráfico 04 - Processo projetual: especificação consciente. ....	116
Gráfico 05 - Princípios da dimensão econômica: recursos locais. ....	117
Gráfico 06 - Princípios da dimensão econômica: uso dos recursos locais.....	117
Gráfico 07 - Princípios da dimensão econômica: cultura local. ....	118
Gráfico 08 - Princípios da dimensão econômica: desenvolvimento da economia. ...	119
Gráfico 09 - Princípios da dimensão econômica: organização em conjunto. ....	120
Gráfico 10 - Princípios da dimensão econômica: reintegração de resíduos.....	120
Gráfico 11 - Princípios da dimensão econômica: uso de resíduos.....	121
Gráfico 12 - Princípios da dimensão econômica: educação econômica. ....	122
Gráfico 13 - Princípios da dimensão econômica: dificuldades. ....	123
Gráfico 14 - Olhar dos profissionais sobre a responsabilidade econômica. ....	125
Gráfico 15 - Convite para técnica do grupo focal. ....	129

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Protocolo da fase de entrada da RBS. ....	22
Quadro 02 - Conjunto de consideração inicial – bases CAPES, BDTD, SCOPUS. ...	24
Quadro 03 - Listagem dos documentos catalogados e incluídos na RBS. ....	25
Quadro 04 - Considerações sobre os documentos catalogados. ....	27
Quadro 05 - Etapas do projeto de interiores e descrição de cada etapa. ....	53
Quadro 06 - Paradigma econômico ortodoxo versus os novos paradigmas. ....	63
Quadro 07 - Princípios da DES com suas heurísticas. ....	66
Quadro 08 - Barreiras para às práticas sustentáveis no design de interiores. ....	77
Quadro 09 - Critérios sustentáveis para as práticas dos designers de interiores. ....	79
Quadro 10 - Estratégias sustentáveis relacionadas ao projeto até sua execução. ...	81
Quadro 11 - Estratégias para implementação dos princípios da DES. ....	89
Quadro 12 - Passos estruturais da metodologia da pesquisa. ....	99
Quadro 13 - Etapas do roteiro do moderador. ....	107
Quadro 14 - Perfil dos profissionais da técnica do grupo focal. ....	130
Quadro 15 - Relatos dos profissionais sobre suas etapas no processo projetual. ...	134
Quadro 16 - Síntese geral do processo projetual e consciência sustentável. ....	148
Quadro 17 - Síntese geral da integração ou não dos princípios da DES. ....	149
Quadro 18 - Recomendações para a integração dos princípios da DES nos PP. ....	153
Quadro 19 - Adequação das heurísticas dos princípios da DES. ....	158
Quadro 20 - Informações favoráveis para a criação de bases de dados. ....	161

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 01 - Fases do PDP, responsáveis pelas atividades e requisitos. ....	55
--	----

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABD	Associação Brasileira de Design de interiores
APLs	Arranjos Produtivos Locais
ASID	American Society of Interior Designers
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BOP	Base of the Pyramid
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAU/BR	Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil.
CBO	Classificação Brasileira de Ocupação
CIDQ	Council for Interior Design Qualification
CMMAD	Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento
CTD	Catálogo de Teses e Dissertações
DES	Dimensão Econômica da Sustentabilidade
DI	Design de Interiores
GF	Grupo Focal
GMD	Grupo Maranhense de Decoração
ICSID	International Council of Societies of Industrial Design
IGs	Indicações Geográficas
IIDA	The Commercial Interior Design Association
ONU/BR	Organização das Nações Unidas no Brasil
PAB	Programa do Artesanato Brasileiro
PDI	Projeto de Design de Interiores
PDP	Processo de Desenvolvimento de Produto
PP	Processos Projetuais
PPDI	Processo Projetual dos Designes de Interiores
PROCAD	Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia
PSS	Sistema Produto + Serviço
RBS	Revisão Bibliográfica Sistemática
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UEMG	Universidade do Estado de Minas Gerais
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFPR	Universidade Federal do Paraná
WDO	World Design Organization

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	16
<b>1.1</b>	<b>Delimitação do problema de pesquisa</b>	20
<b>1.2</b>	<b>Revisão bibliográfica sistemática</b>	21
1.2.1	Fase de entrada da revisão bibliográfica sistemática	22
1.2.2	Fase de processamento da revisão bibliográfica sistemática	23
1.2.3	Fase de saída da Revisão Bibliográfica Sistemática	27
<b>1.3</b>	<b>Pergunta de pesquisa</b>	33
1.3.1	Objetivo geral	34
1.3.2	Objetivos específicos	34
<b>1.4</b>	<b>Justificativa</b>	34
1.4.1	Delimitação da pesquisa	37
1.4.2	Direcionamento teórico da pesquisa	39
<b>1.5</b>	<b>Visão geral do método</b>	40
<b>1.6</b>	<b>Estrutura do documento</b>	41
<b>2</b>	<b>DESIGN DE INTERIORES PARA A DIMENSÃO ECONÔMICA</b>	43
<b>2.1</b>	<b>Design e sustentabilidade</b>	43
2.1.1	Sustentabilidade no design de interiores	48
2.1.2	Processo projetual e práticas sustentáveis	52
<b>2.2</b>	<b>Dimensão econômica da sustentabilidade</b>	60
2.2.1	Princípios da dimensão econômica da sustentabilidade	64
2.2.2	Relação dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade com o design de interiores	70
<b>2.3</b>	<b>Design de interiores no desafio da sustentabilidade</b>	76
2.3.1	Estratégias de implementação dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade no design de interiores	80
2.3.2	Sensibilidade no processo de valorização do território	92

<b>2.4</b>	<b>Discussão</b> .....	95
<b>3</b>	<b>MÉTODO DE PESQUISA</b> .....	98
<b>3.1</b>	<b>Caracterização da pesquisa</b> .....	98
3.1.1	Escopo da pesquisa .....	99
3.1.2	Procedimentos metodológicos.....	99
<b>3.2</b>	<b>Aplicação de Questionário <i>on-line</i></b> .....	101
3.2.1	Objetivo do questionário .....	101
3.2.2	Procedimentos.....	103
3.2.3	Análise dos dados .....	104
<b>3.3</b>	<b>Grupo focal</b> .....	105
3.3.1	Procedimentos do grupo focal .....	105
<b>3.4</b>	<b>Estratégia de análise</b> .....	109
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E ANÁLISES</b> .....	110
<b>4.1</b>	<b>Aplicação do questionário</b> .....	110
4.1.1	Perfil dos profissionais.....	110
4.1.2	Resultados e análise do questionário .....	112
4.1.3	Processo projetual e consciência sustentável .....	112
4.1.4	Princípios da sustentabilidade econômica na prática projetual .....	116
4.1.5	Discussões sobre os resultados do questionário.....	126
<b>4.2</b>	<b>Técnica do grupo focal</b> .....	129
4.2.1	Seleção dos participantes da técnica do grupo focal.....	129
4.2.2	Resultados e análise do grupo focal.....	130
4.2.3	Processo projetual e consciência sustentável - grupo focal .....	134
4.2.4	Princípios da dimensão econômica na prática projetual - grupo focal.....	137
4.2.5	Discussões sobre o grupo focal.....	144
<b>4.3</b>	<b>Análise geral dos resultados</b> .....	148
4.3.1	Processo projetual e consciência sustentável – análise geral .....	148

4.3.2	Princípios da dimensão econômica na prática projetual – análise geral.....	149
<b>4.4</b>	<b>Recomendações para a integração dos princípios da DES .....</b>	<b>153</b>
4.4.1	Discussões sobre as recomendações .....	156
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>164</b>
<b>5.1</b>	<b>Recomendações de estudos futuros.....</b>	<b>166</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>168</b>
	<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO <i>ON-LINE</i> .....</b>	<b>179</b>
	<b>APÊNDICE B – TCLE DO QUESTIONÁRIO .....</b>	<b>184</b>
	<b>APÊNDICE C – TCLE DO GRUPO FOCAL .....</b>	<b>186</b>
	<b>APÊNDICE D – ROTEIRO DO MODERADOR DO GRUPO FOCAL .....</b>	<b>188</b>
	<b>APÊNDICE E – SÍNTESE DOS RESULTADOS DA PESQUISA.....</b>	<b>190</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Sendo a habitação um meio de abrigo e proteção, desde o nascedouro da humanidade, o homem utiliza e transforma os recursos naturais para satisfazer suas necessidades e estilos de vida na sociedade. “A casa é nosso canto do mundo. [...] nosso primeiro universo. Sem ela, o homem seria um ser disperso” (BACHELARD, 1978, p.200-201).

Logo, uma habitação pode contribuir para o desenvolvimento de um indivíduo e também, caracterizar seus modos de consumo de bens materiais. Segundo Sudjic (2010, p.5), “[...] nunca possuímos tantas coisas como hoje, mesmo que as utilizemos cada vez menos. As casas em que passamos tão pouco tempo são repletas de objetos”. Lima (2018, p. 58) aponta que:

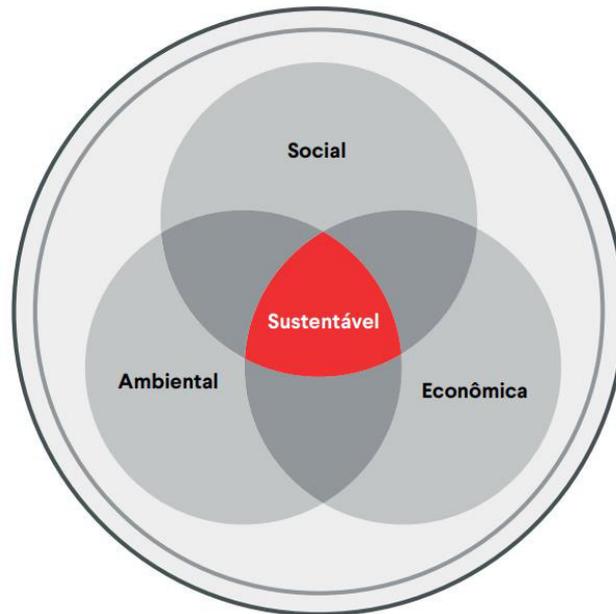
[...] o lugar em que uma pessoa mora é muito mais do que uma localização geográfica, ultrapassa a função de mero endereço e ganha conotações sócio culturais importantes. É pela casa, pela habitação que podemos estudar inclusive como a sociedade se organiza.

De acordo com Cardoso (2008) e Rashdan (2015), foi na Revolução Industrial que ocorreram grandes mudanças nos hábitos de consumo de bens materiais na sociedade. Assim, a evolução do homem e o desenvolvimento dos espaços construídos no decorrer do tempo, tem sido marcado pelo excessivo aumento no consumo de recursos naturais.

A partir da década de 60, quando se iniciaram as preocupações com o meio ambiente, novos valores passaram a fazer parte das ações de profissionais, bem como da postura empresarial. E, com a origem do conceito de sustentabilidade ambiental, na Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, em 1987, a ideia de desenvolvimento sustentável está sendo utilizada como mensageira da necessidade do equilíbrio entre o crescimento econômico, meio ambiente e questões sociais (DIAS, 2017; MANZINI; VEZZOLI, 2016).

O desenvolvimento sustentável refere-se ao uso de recursos naturais que atenda às necessidades atuais, sem comprometer as necessidades das gerações futuras, e, é o meio para se alcançar a sustentabilidade, implicando no equilíbrio entre as dimensões econômica, social e ambiental, conforme a figura 01 (BRUNDTLAND, 1987; MANZINI; VEZZOLI, 2016; PARANÁ, 2002; SANTOS *et al.*, 2019a).

Figura 01 - Dimensões da sustentabilidade e suas inter-relações.



Fonte: Santos *et al.* (2019a, p.22).

Sendo as dimensões interdependentes, a dimensão ambiental “trata do capital natural”, compreendendo temáticas voltadas às ciências naturais, administração de recursos renováveis e não renováveis, entre outras. A dimensão econômica, por sua vez, “refere-se ao desenvolvimento do valor econômico” que é associado ao bem-estar das pessoas. E, a dimensão social, “trata do capital humano e está relacionada de forma direta com a aplicação plena dos direitos humanos na busca por uma sociedade com mais coesão social e equidade” (SANTOS *et al.*, 2019a, p.22).

Entretanto, apesar de ações e estratégias para o alinhamento das principais dimensões da sustentabilidade, percebe-se na literatura um nível maior de conhecimento nas dimensões ambiental e social no âmbito do design para a sustentabilidade, o que não se verifica na dimensão econômica (ANDRADE, 2012; ROSA, 2013). Segundo Santos *et al.* (2019b), a dimensão econômica é uma dimensão ignorada e, no entanto, deveria ter harmonia com as dimensões ambiental e social.

Preocupada com o desenvolvimento da economia, a dimensão econômica é “aquela que busca alcançar a equidade econômica de pessoas, comunidades, organizações, empreendimentos, projetos, governos, localidades e do próprio planeta” (ANDRADE, 2012, p.165) e, com atitudes que demandem por menor impacto ambiental possível.

Para Garcia (2011), a dimensão econômica passou a ter maior importância no contexto da sustentabilidade, pois o que foi alcançado pela sociedade em termos econômicos, não tem como retroceder e, o desenvolvimento econômico é fundamental para a redução da pobreza.

Sustentabilidade, de modo lógico, “é a capacidade de se sustentar, de se manter” (MIKHAILOVA, 2004, p.25). Com efeito, entende-se que para um recurso natural ser explorado e, ao mesmo tempo, ser sustentável, o mesmo não deve se esgotar nunca.

Neste sentido, o design de interiores tradicionalista, conservador, com o foco na moda, na ambientação de luxo, tendo uma abordagem que ignora a economia de energia e a redução de emissões de poluentes no meio ambiente (YANG *et al.*, 2011), passa a atuar, ainda que de forma lenta, com um novo olhar. O design de interiores voltado para a sustentabilidade, além de se preocupar com a qualidade estética e o bem-estar dos usuários, pensa também nos impactos ambientais de suas ações (MOUBARAK; QASSEM, 2019).

Higgins (2012, p.06) define que “o design de interiores se dedica à criação de interfaces entre as pessoas e as edificações que elas usam”. E, o resultado do processo projetual terá influência na sua função, materiais utilizados, tecnologia e, ainda, na preocupação com a sustentabilidade (GURGEL, 2017).

Deste modo, verifica-se que o design de interiores aliado à sustentabilidade é imprescindível, visto que em suas ações projetuais, pode e deve contribuir para o desenvolvimento sustentável. De acordo com Santos *et al.* (2019b, p.50), o “desenvolvimento econômico sustentável vai depender de como os recursos gerados pelo provimento de valor econômico são utilizados”.

Contudo, muitos profissionais da área do design de interiores apresentam conhecimento limitado sobre as propriedades adversas dos materiais e artefatos que especificam (ABREU, 2015; MOUBARAK; QASSEM, 2019). Não se sabe, ao certo, o grau de relevância atribuído ao tema da sustentabilidade e sua compreensão pelos profissionais (LINHARES, 2019).

Na indústria da construção civil, seguimento no qual o projeto de interiores também se insere, a geração de resíduos é preocupante (REZENDE *et al.*, 2017),

representando cerca de 51% a 70% dos resíduos sólidos urbanos (MARQUES NETO, 2005). E, no desenvolvimento do projeto de interiores, a geração de resíduos também é presente, resultado de reformas, do desenvolvimento de artefatos, projeto de mobiliário, material de acabamento, entre outros (MOXON, 2012; NISHIDA; CARVALHO, 2018; RASHDAN, 2015).

Na dinâmica do consumo de recursos naturais com a transformação dos mesmos e, do rápido descarte, em 2018, a emissão de gases de efeito estufa na atmosfera atingiu novo recorde histórico, provocando mais mudanças climáticas no planeta (BLUNDEN; ARNDT, 2019).

Na economia ortodoxa, presente ainda na sociedade, pautada na busca desenfreada pela eficiência econômica com a exploração de recursos (SANTOS *et al.*, 2019b) e, que persiste em um modelo desequilibrado entre o bem-estar social e o desejo de possuir produtos materiais, contribui para as evidências do limite do planeta com o uso sem controle das riquezas naturais (MANZINI, 2008; SORRENTO, 2012).

Por outro lado, para que o desenvolvimento sustentável possa acontecer, é necessário uma descontinuidade sistêmica, de modo que possamos nos mover, de uma sociedade que considera o crescimento contínuo de seus níveis de produção e consumo material, como uma condição normal e salutar, para direção de uma sociedade capaz de se desenvolver a partir da redução destes níveis, simultaneamente melhorando a qualidade de todo ambiente social e físico (MANZINI, 2008).

Thackara (2008) defende que o design tem importante papel para mudanças de hábito em nossa sociedade, por meio de ferramentas estratégicas, onde o foco devem ser os serviços em prol da redução de impactos ambientais proporcionados pela produção e não nos artefatos. Os designers de interiores, portanto estão em posição privilegiada na promoção de novas abordagens ao desenvolverem projetos (MOXON, 2012).

O desafio na contemporaneidade é a sustentabilidade e, tratando-se de uma problemática complexa, “a educação para a sustentabilidade torna-se ainda mais relevante em contextos onde há baixa transparência do conteúdo social, ambiental e econômico integrado a produtos e serviços” (SANTOS *et al.*, 2019a, p.82). Nesse sentido, projetar no âmbito do design de interiores é uma ação artificial e também

complexa, pois exige do profissional, criatividade, acúmulo de informação, conhecimentos, além de experiência (OLIVEIRA, 2016).

Diante de novos requisitos projetuais para o design de interiores, Abreu (2015) e Sarmiento (2017) apontaram que na literatura há poucos estudos especializados que auxiliem os profissionais a terem ações voltadas para a sustentabilidade, principalmente em língua portuguesa.

Para Moraes (2011), o modelo metodológico antigo de projeto era de fácil implementação, pois os conteúdos eram previsíveis, com baixo número de dados simultâneos, no entanto, no cenário atual e mutante não atende mais, devido à gama de informações de materiais, requisitos de uso e sustentáveis, entre outros, para se projetar um artefato.

Diante de uma multiplicidade de fatores físicos e simbólicos que afetam a interação humana com sistemas sustentáveis, os projetos de design de interiores podem ser difíceis de resolver (MILLER, 2013). Conseqüentemente, uma orientação nos processos, no projeto, é necessária devido ao cuidado que se deve ter ao realizar um projeto com valores sustentáveis (DEMIRKAN; AFACAN, 2018).

Portanto, apesar da relação benéfica das temáticas do design de interiores e do desenvolvimento sustentável com o olhar voltado para a dimensão econômica, há poucos estudos na literatura. Nesse contexto, é relevante para o design propor estratégias de apoio às atividades dos profissionais, da área do design de interiores, voltadas para a sustentabilidade, visto que “um designer tem sido sempre e também um professor, estando em posição de informar e influenciar o cliente” (PAPANEK, 1995, p.14).

Entender, significar e disseminar os valores presentes nas práticas sustentáveis, é sem dúvida, uma estratégia básica para o início eficiente de uma percepção ambiental mais ampla e que ao mesmo tempo, seja capaz de contribuir para o direcionamento de novos modos de vida na sociedade (SARMENTO, 2017).

## **1.1 Delimitação do problema de pesquisa**

No aprofundamento do tema, visando o amadurecimento da proposição do problema de pesquisa, inicialmente, foi realizada uma Revisão Bibliográfica

Sistemática (RBS) para o conhecimento do estado da arte e definição de referências, apoiada no método proposto por Conforto, Amaral e Silva (2011).

Assim, atendendo aos requisitos da fase de entrada da RBS, definiu-se uma pergunta inicial de pesquisa e palavras-chaves que nortearam a busca de trabalhos relacionados ao tema em bases de dados. Logo, pode-se ter como principais resultados na fase de saída do método, a definição da pergunta de pesquisa e o levantamento do arcabouço teórico para a fundamentação do estudo.

Portanto, a RBS permitiu uma reflexão acerca do design de interiores e a dimensão econômica da sustentabilidade no âmbito do processo projetual, contribuído, de forma ímpar, para o desenvolvimento de todas as etapas da presente pesquisa, como observa-se a seguir.

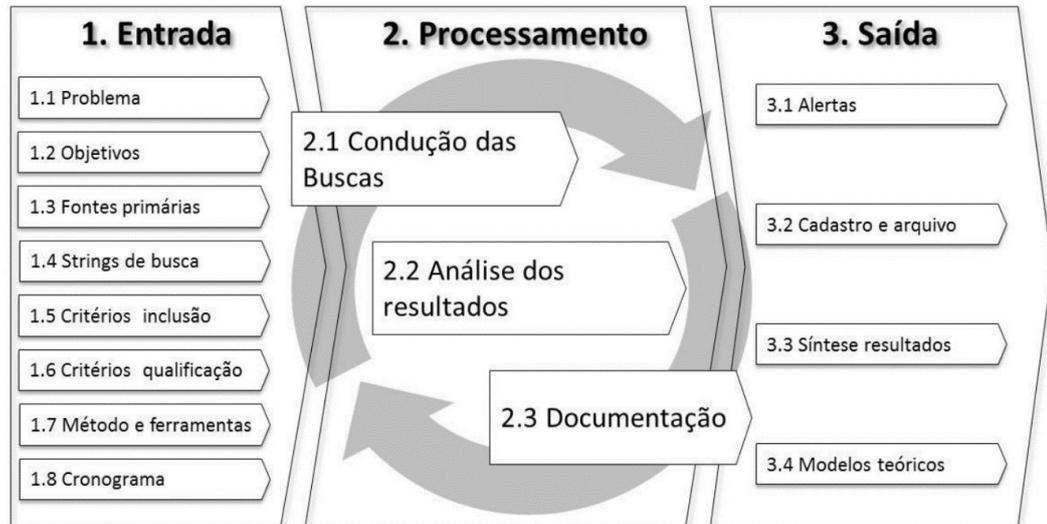
## **1.2 Revisão bibliográfica sistemática**

A Revisão Bibliográfica Sistemática (RBS) é um método científico que consiste na busca e análise de artigos de uma determinada área da ciência. Deste modo, permite o desenvolvimento ou ajuste do corpo teórico para um problema de pesquisa; a identificação de lacunas, bem como contradições ou convergências dentro de um tema; e também contribui para a formulação de uma pergunta de pesquisa (CONFORTO; AMARAL; SILVA, 2011; SANTOS, 2018).

Revisão Bibliográfica Sistemática (RBS): é um modo de revisão onde é explicitado o processo como foi conduzida, permitindo a rastreabilidade dos critérios adotados ao longo de sua realização. Esta sistematização possibilita que outros pesquisadores consigam replicar o mesmo processo e critérios (SANTOS, 2018, p. 45).

De relevante importância para economia de tempo e recursos, a RBS é organizada em fases e etapas, de acordo com a figura 02. Tal método, permitiu nesta pesquisa, o levantamento (entrada), seleção (processamento), análise/sintetização (saída) dos estudos teóricos, no âmbito da gestão do processo projetual, que abordam a relação entre o design de interiores e a dimensão econômica da sustentabilidade.

Figura 02 - Modelo para condução da Revisão Bibliográfica Sistemática.



Fonte: Conforto, Amaral e Silva (2011, p.07).

### 1.2.1 Fase de entrada da revisão bibliográfica sistemática

O processo de busca e identificação sistemática na literatura não compreendeu um período de tempo. A definição justifica-se pelo baixo número de trabalhos encontrados por Andrade (2012) e Rosa (2013) que tratam da dimensão econômica da sustentabilidade na literatura, bem como Abreu (2015) e Sarmiento (2017) que apontam poucos estudos estratégicos, no âmbito do projeto de design de interiores, voltados para a sustentabilidade e/ou dimensão econômica.

As buscas foram realizadas nas bases de dados da CAPES - Catálogo de Teses e Dissertações; BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações; e, SciVerse SCOPUS por serem conceituadas e de referências entre os pesquisadores, e também compreendem produções nacionais e internacionais.

Visando obter alcance, nesta revisão sistemática optou-se pela seleção de artigos, dissertações e teses. Logo, no quadro 01 demonstra-se o protocolo com os critérios para a fase de entrada da revisão bibliográfica sistemática.

Quadro 01 - Protocolo da fase de entrada da RBS.

i	<b>Problema/ Pergunta</b>	<b>Como o design contribui na gestão e abordagem dos critérios da dimensão econômica da sustentabilidade no Projeto de Design de Interiores (PDI)?</b>
ii	<b>Objetivos</b>	Desenvolvimento do corpo teórico; aprovação de lacuna e, se necessário, ajuste do problema/pergunta de pesquisa;
iii	<b>Fontes Primárias</b>	ANDRADE (2012); ABREU (2015); LOPES (2014); ROSA (2013); SARMENTO (2017)

iv	Strings de busca	<p>("design de Interiores" AND "sustentabilidade" OR "dimensão econômica da sustentabilidade")</p> <p>("gestão do design" AND "dimensão econômica" OR "design de interiores")</p> <p>("estratégias sustentáveis" AND "design de interiores" OR "critérios sustentáveis")</p>
v	Critérios inclusão	<p>Estudos que se relacionam à gestão e abordagem dos critérios da dimensão econômica da sustentabilidade e/ou no âmbito do projeto de design de interiores, <b>nas áreas de concentração:</b></p> <p>Ciências sociais aplicadas; design estratégico; design e economia solidária; desenvolvimento sustentável de processos e produtos; design, inovação e sustentabilidade; estratégias, desenvolvimento e sustentabilidade; metodologia de projeto; para qualidade e inovação sustentabilidade;</p> <p>Nos <b>idiomas</b> Português e Inglês e, sem considerar o <b>período</b>. Observação: Nas bases CAPES e BDTD utilizou-se o idioma Português, na SCOPUS, o Inglês.</p> <p><b>Critérios de exclusão:</b> textos duplicados ou de acesso restrito; estudos que não correspondam e não contribuam com o tema do problema/pergunta;</p>
vi	Critérios qualificação	<p>Relevância do arcabouço teórico; o método de pesquisa adotado; impacto do estudo relacionado ao tema do problema/pergunta;</p>
vii	Método e ferramentas	<p>Uso de três filtros: (1) Leitura do título, resumo e palavras-chave; (2) Leitura da introdução e conclusão; (3) Leitura completa. Para a organização dos documentos, usou-se planilhas eletrônicas. E as buscas foram realizadas nas <b>bases:</b></p> <p>Catálogo de Teses e Dissertações – CTD / <b>CAPES</b> (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – <b>BDTD</b> SciVerse <b>SCOPUS</b></p>
viii	Cronograma	<p>Abril a 09 de Julho de 2019</p>

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

### 1.2.2 Fase de processamento da revisão bibliográfica sistemática

A fase de processamento da revisão bibliográfica sistemática tem por metas a busca de documento, análise dos resultados e documentação, compreendendo sete passos, que são: (1) busca por periódico; (2) filtro 1; (3) filtro 2; (4) filtro 3; (5) busca cruzada; (6) lista de bases de dados; (7) artigos catalogados. A seguir, no quadro 02, apresenta-se o conjunto de consideração inicial da RBS.

Quadro 02 - Conjunto de consideração inicial – bases CAPES, BDTD, SCOPUS.

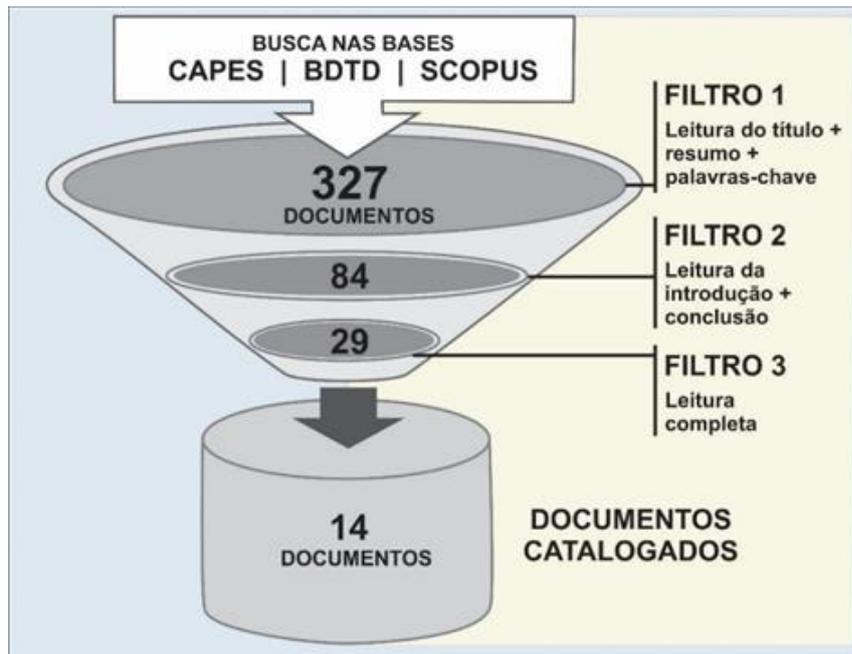
CONEXÕES DE PALAVRAS	CAPES	BDTD	SCOPUS
("design de Interiores" AND "sustentabilidade" OR "dimensão econômica da sustentabilidade") <i>("interior design" AND "sustainability" OR "economic dimension of sustainability")</i>	4	38	128
("gestão do design" AND "dimensão econômica" OR "design de interiores") <i>("design management" AND "economic dimension" OR "interior design")</i>	1	115	11
("estratégias sustentáveis" AND "design de interiores" OR "critérios sustentáveis") <i>("sustainable strategies" AND "interior design" OR "sustainable criteria")</i>	0	23	7
<b>TOTAL</b>	<b>5</b>	<b>176</b>	<b>146</b>
<b>TOTAL: 327 (artigos, dissertações e teses)</b>			

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Com a realização das buscas nas bases de dados (CAPES, BDTD, SCOPUS) foram encontrados 327 (trezentos e vinte sete) documentos. Os títulos, resumos e palavras-chave foram lidos e analisados de acordo com os critérios de inclusão e qualificação especificados no protocolo, anteriormente apresentado e, foram selecionados 84 (oitenta e quatro) documentos. No passo da leitura da introdução e conclusão, 29 (vinte e nove) documentos foram selecionados e passaram para o passo da leitura completa. Assim, resultou na catalogação de 14 (quatorze) documentos e incluídos na RBS.

A seleção dos documentos apoia-se no fato de abordarem a relação entre design de interiores e a dimensão econômica da sustentabilidade, ou, pela relevância no estudo e contribuição na resposta do problema/pergunta de pesquisa. A figura 03 representa, visualmente, a quantidade de documentos gerados durante a revisão sistemática, desde a identificação inicial, até a catalogação e inclusão dos documentos na RBS.

Figura 03 - Consideração Final da fase de processamento, RBS.



Fonte: Adaptado de Conforto, Amaral e Silva (2011, p.08).

Ressalta-se que o passo de busca cruzada e, conseqüentemente, o retorno para o passo de lista de bases de dados com o objetivo de encontrar estudos que não foram identificados durante a busca nos periódicos ou bases de dados (CONFORTO; AMARAL; SILVA, 2011), não foram realizados, visto que a inclusão dos 14 (quatorze) documentos, conforme listados no quadro 03, está de acordo com os objetivos da RBS: desenvolvimento do corpo teórico da pesquisa; identificação de lacuna e; além disso, motivações teóricas para o ajuste do problema/pergunta de pesquisa.

Quadro 03 - Listagem dos documentos catalogados e incluídos na RBS.

<b>DOCUMENTOS CATALOGADOS E INCLUÍDOS NA RBS</b>		
<b>ARTIGOS OU DISSERTAÇÕES</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>AUTORES</b>
<b>BASE CAPES</b>		
# 01C – Dissert.	Percepções de sustentabilidade no cotidiano profissional do designer de interiores	LOPES, Giselle K. (2014)
# 02C – Dissert.	A dimensão econômica do design para a sustentabilidade: princípios e diretrizes	ROSA, Ivana M. (2013)
<b>BASE BDTD</b>		
# 03B – Dissert.	Sentir, perceber, notar e compreender a habitação: a experiência multissensorial no design de interiores – o exemplo de uma residência em Itacimirim-Ba	SARMENTO, Ana Carolina de L. (2017)
# 04B – Dissert.	Proposta de ferramenta de análise para avaliação do conhecimento em gestão de projetos de escritórios de design de interiores	MORAIS, Vânia B. (2016)

# 05B – Dissert.	Interferências do design na dimensão econômica da sustentabilidade	ANDRADE, Erica R. (2012)
<b>BASE SCOPUS</b>		
# 06S – Artigo	<i>Creative eco crafts and sustainability of interior design: Schools in Aswan, Egypt as a case study</i> Artesanato criativo ecológico e sustentável do design de interiores: escolas em Aswan, no Egito, como um estudo de caso (tradução nossa)	MOUBARAK, Lobna M.; QASSEM, E. W. (2019)
# 07S – Artigo	<i>Setting the key issues and a prioritization strategy for designing sustainable interior environments</i> Definindo os principais problemas e uma estratégia de priorização para o projeto de ambientes internos sustentáveis (tradução nossa)	DEMIRKAN, Halime; AFACAN; Y. (2018)
# 08S – Artigo	<i>Exploring sustainability impact on interior design solutions</i> Explorando o impacto da sustentabilidade em soluções de design de interiores (tradução nossa)	RASHDAN, Wael (2015)
# 09S – Artigo	<i>Environmentally sustainable interior design: a snapshot of current supply of and demand for green, sustainable or fair trade products for interior design practice</i> Design de interiores ambientalmente sustentável: um estado da atual oferta e demanda por produtos verdes, sustentáveis ou de comércio justo para prática de design de interiores (tradução nossa)	HAYLES, Carolyn S. (2015)
# 10S – Artigo	<i>Shaping the face of environmentally sustainable products: image boards and early consumer involvement in ship interior design</i> Modelando a aparência de produtos ambientalmente sustentáveis: painéis de imagem e envolvimento dos consumidores no design de interiores de navios (tradução nossa)	MURTO, Pekka; PERSON, O.; AHOLA, M. (2014)
# 11S – Artigo	<i>Reflections on design for sustainability- a view from a distinct point and the role of interior designer</i> Reflexões sobre design para a sustentabilidade – uma visão de um ponto distinto e do papel do designer de interiores (tradução nossa)	KAZAMIA, Kika I.; GWILLIAM, J. (2011)
# 12S – Artigo	<i>How a designer can support sustainability in a creative way</i> Como um designer pode apoiar sustentabilidade de maneira criativa (tradução nossa)	KAZAMIA, Kika I.; KAFARIDOU, M. O. (2010)
# 13S – Artigo	<i>Using materials for sustainability in interior architecture and design</i> Usando materiais para sustentabilidade na arquitetura de interiores e design (tradução nossa)	MÁTÉ, Kirsty (2007)
# 14S – Artigo	<i>Criteria for sustainable interior design solutions</i> Critérios para soluções de design de interiores sustentáveis (tradução nossa)	RASHDAN, Wael; ASHOUR, A. F. (2017)

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

### 1.2.3 Fase de saída da Revisão Bibliográfica Sistemática

A saída, que é fase final da RBS, consiste nas etapas de: (a) alertas; (b) cadastro e arquivo; (c) síntese e resultados; (d) modelos teóricos. Nesta pesquisa, optou-se em realizar somente as etapas de síntese e resultados, além da etapa de modelos teóricos que consiste na elaboração de relatório e síntese do tema estudado (CONFORTO; AMARAL; SILVA, 2011).

Desta forma, considerações, lacunas e alertas sobre os documentos catalogados são apresentados no quadro 04, bem como contribuições que convergem para a pesquisa e, posteriormente, a síntese.

Quadro 04 - Considerações sobre os documentos catalogados.

<b>CONSIDERAÇÕES SOBRE OS DOCUMENTOS</b>		
<b>Docu- mentos</b>	<b>Considerações / Posicionamento</b>	<b>Lacunas / Alertas / Convergência</b>
<b>BASE CAPES</b>		
<b># 01C</b>	<p>“Nas relações cliente-projeto profissional, os objetos são os mediadores do diálogo. Eles assumem significados culturais, constroem o imaginário, assumem funções e “participam” de contextos, memórias, lembranças, situações e expectativas. O <i>design</i> participa desse jogo como uma atividade valorativa de estilos de vida, produtos, comportamentos, negociações e leituras” (p.14).</p> <p>[...] “o poder para tomada de decisões e ações condizentes com o desenvolvimento sustentável determina a necessidade de uma mentalidade interdisciplinar com formação e responsabilidade pessoais capazes de envolver os agentes ambientais, os diferentes contextos, os discursos e saberes” (p.23);</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Critérios para a condução de projetos de interiores ainda estão pautados em conceitos técnicos das áreas das engenharias e da arquitetura;</li> <li>- Necessidade de “estudos acadêmicos abertos e contextualizados que façam a interação com os conteúdos interdisciplinares, e dessa forma produzam novos saberes, conhecimentos, reflexões sobre o fazer e a sustentabilidade” (p.15-16);</li> <li>- Falta de conhecimento e consciência por parte dos profissionais;</li> <li>- “A educação é fator importante na conscientização da responsabilidade ambiental em comunidades de <i>design</i> de interiores” (p.45);</li> <li>- Para Lopes (2014), quanto mais os profissionais forem comprometidos com a sustentabilidade e investiguem as inquietações dos seus clientes, maiores serão as chances de sucesso nos projetos, contribuindo para a redução de resíduos e novas retiradas de recursos naturais do meio ambiente;</li> </ul>
<b># 02C</b>	<p>A dimensão econômica busca integrar “princípios que vão além da viabilidade financeira, incluindo aspectos orientados ao bem-estar” (p.6);</p> <p>“Uma economia sustentável tem por premissa básica considerar valores econômicos que ultrapassam o sentido do que se tem entendido e praticado como valor na economia ortodoxa” (p.18);</p> <p>[...] “não há como considerar uma empresa totalmente voltada aos</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Soluções econômicas sustentáveis não devem ser vistas apenas como ações praticadas em comunidades pequenas, entre indivíduos carentes, entre pessoas que buscam satisfazer, inicialmente, suas necessidades básicas” (p.67);</li> <li>- “No âmbito da pesquisa científica no campo do design, há carência de investigação da dimensão econômica da sustentabilidade” (p.71). Neste sentido, a sustentabilidade, necessita de uma relação igualitária entre as dimensões ambiental, social e econômica;</li> <li>- Rosa (2013) aponta a importância do setor empresarial para ações e políticas associadas às</li> </ul>

	princípios da dimensão econômica do Design para a Sustentabilidade, pois há que se levar em conta o contexto econômico ortodoxo, o qual rege o andamento da economia com a qual se convive” (p.155);	questões sociais. E, soluções econômicas sustentáveis podem e devem ser adotadas por indivíduos comuns, bem como empresários;
<b>BASE BDTD</b>		
#03B	<p>“Os interiores revelam não só um espaço físico, mas também um ambiente psicológico de valores, gestos e significados” (p.8);</p> <p>“Um projeto de interiores é uma oportunidade para manifestar valores condizentes com uma vida social e ambientalmente mais responsável” (p.35);</p> <p>“A escolha dos materiais é a estratégia sustentável mais conhecida quando falamos em sustentabilidade no design de interiores. [...] o processo de criação do designer pode contribuir significativamente com a diminuição de impactos ambientais, a partir de estratégias socioambientais” (p.39);</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Falta de antecipação dos impactos ambientais no projeto;</li> <li>- “A sustentabilidade é um termo que deveria estar presente no discurso direto entre designers/profissionais e clientes” [...] (p.13);</li> <li>- “Ao falar sobre sustentabilidade no design de interiores [...] Na maioria das vezes, associamos apenas a produtos ambientalmente responsáveis, uso de energia renovável e economia de água (p.13);</li> <li>- Um projeto sustentável não deve ser opção, mas, sim, o único caminho a ser seguido (MOXON, 2012);</li> <li>- Pautada no entendimento do sentir, perceber, notar e compreender a habitação, Sarmiento (2017), aponta que para significar o valor de uma prática sustentável, o entendimento é uma estratégia base para o começo de uma percepção ambiental;</li> </ul>
# 04B	<p>[...] “a gestão consiste em aplicar conhecimentos, para cumprir os objetivos estabelecidos, dos produtos ou serviços que a empresa desenvolve ou realiza” (p.14);</p> <p>“O gerenciamento de projetos é o processo de organizar e controlar todas as tarefas e recursos para um projeto de design de interiores, do início ao fim” [...] (p.31);</p> <p>[...] “há atualmente um alto percentual de instituições de ensino de design de interiores no Brasil que não dispõem em suas grades curriculares das disciplinas de gestão ou gestão de projetos” (p.101);</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “não foi encontrada na literatura, pesquisa ligada a área de avaliação e gestão do conhecimento em escritórios de design de interiores” (p.7);</li> <li>- No ano de 2012, o <i>Journal of Interior Design</i> publicou cinco pesquisas voltadas para o tema da sustentabilidade, no ano de 2013, apenas um estudo e, no ano de 2014, nem um estudo (MORAIS, 2016, p.24-25-26);</li> <li>- É necessário mais que talentos para desenvolver um projeto (p.41);</li> <li>- Compreendendo que o design de interiores vai além da estética superficial, Moraes (2016) defende a necessidade de aplicar técnicas ao planejamento do projeto;</li> </ul>
# 05B	<p>[...] “a gestão de design com base na sustentabilidade depende do engajamento de seus designers gestores para alcançar seus objetivos, inserindo-se nas organizações e promovendo a cultura do design e da sustentabilidade” (p.10);</p> <p>“O design para sustentabilidade possui como desafios a satisfação e o suprimento das necessidades, a equidade social e o uso eficiente dos recursos. Requer a revisão das práticas estabelecidas, incluindo correr riscos (soluções inovadoras rápidas orientadas para a sustentabilidade), o que leva a uma elevação da complexidade dos processos de design” (p.40);</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- [...] “os designers precisam estar em constante atualização de seus conhecimentos, métodos e ferramentas” (p.11);</li> <li>- Poucas abordagens na literatura sobre a dimensão econômica;</li> <li>- [...] “o design para sustentabilidade preocupa-se com os impactos da atividade de design, e suas responsabilidades, em todas as dimensões da sustentabilidade” [...] (p.40);</li> <li>- “Reconhece-se que a sustentabilidade é complexa e que a divisão em dimensões é uma forma didática prática para pesquisar e agir” (p.166);</li> <li>- Propondo ao design ações que solucione problemáticas socioeconômicas, Andrade (2012) acredita que princípios, métodos e diretrizes da sustentabilidade são necessários para auxiliar os</li> </ul>

		designers na relação do design para sustentabilidade e gestão do design;
<b>BASE SCOPUS</b>		
# 06S	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O artesanato apoia o senso de lugar e identidade (pertencimento), assim, melhora a sustentabilidade e o bem-estar da sociedade e, contribui para fortalecer a economia rural e urbana (p.2);</li> <li>- O artesanato pode ser utilizado nas práticas do design de interiores para alcançar a sustentabilidade ambiental, econômica e social, agindo como um salvador do patrimônio artesanal (p.2);</li> <li>- Além das três dimensões da sustentabilidade, a dimensão cultural é considerada em muitas pesquisas, a quarta dimensão da sustentabilidade e, relaciona-se as dimensões econômica, ambiental e social da sustentabilidade (p.4);</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Necessidade de mudanças: de um design de interiores tradicional para um design de interiores sustentável (p.2);</li> <li>- Na prática diária, muitos designers de interiores têm conhecimento limitado sobre as propriedades adversos dos materiais que especificam (p.3);</li> <li>- Desafio de criar espaços que sirvam para gerações diferentes, abordando questões de acessibilidade, sustentabilidade e funcionalidade, promovendo o bem-estar (p.5);</li> <li>- O uso do artesanato criativo e das indústrias locais no design de interiores pode ajudar a criar novas formas de pensar e, assim, projetar (p.5);</li> <li>- Para Moubarak e Qassem (2019), o design de interiores sustentável é mais do que uma preocupação com as mudanças climáticas, é uma mudança de paradigma na forma como olhamos para a natureza e para a humanidade, logo, a ligação, vista como limitada, entre os designers de interiores e trabalhadores artesanais contribui para o desenvolvimento sustentável;</li> </ul>
# 07S	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ambientes construídos sustentáveis é o resultado de esforços para a integração eficiente de recursos (p.202);</li> <li>- O design de interiores é um meio para o ambiente sustentável (p.203);</li> <li>- Decisões no âmbito do design pode direcionar para a sustentabilidade (p.215);</li> <li>- No processo de projeto é necessário tomar decisões mediante ao conhecimento de questões ambientais, sociais, culturais e econômicas;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O designer precisa de ferramentas simples e de fácil compreensão;</li> <li>- O processo de design precisa ser modificado para que os designers possam enfrentar com eficiência as questões sustentáveis (p.203);</li> <li>- Ambientes construídos projetados devem contribuir positivamente para o equilíbrio do uso dos recursos;</li> <li>- Demirkan e Afacan (2018) ressaltam a importância de ferramentas claras e rápidas para a implementação do design de interiores sustentável, facilitando a abordagem de tomadas de decisões sistêmicas e holísticas voltadas para a interação humana com sistemas sustentáveis, que envolvem fatores ambientais, sociais e econômicos;</li> </ul>
# 08S	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A indústria de design de interiores consome quantidades significativas de recursos naturais (p.1);</li> <li>- A evolução humana tem sido acompanhada por um aumento no consumo de recursos naturais, assim, os designers devem ser proativos na busca de soluções que preservem o meio ambiente (p.2);</li> <li>- No projeto, o custo e a falta de conhecimento são as barreiras mais prejudiciais para a implementação do design de interiores sustentável (p.9);</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- É preciso revisar os princípios do design, de modo a integrar os conceitos sustentáveis em soluções de design de interiores;</li> <li>- As práticas do design desempenham um papel fundamental na criação de novos paradigmas para o desenvolvimento de soluções que mantêm uma economia saudável e, aborda as questões ambientais e sociais;</li> <li>- Designers devem compreender o impacto de suas atividades sobre o meio ambiente natural, logo, a obtenção de soluções sustentáveis requer uma abordagem multidisciplinar;</li> <li>- Rashdan (2015), argumenta que os designers de interiores têm obrigações sociais e morais associadas a suas ações e, neste sentido, as soluções sustentáveis no design de interiores não são opcionais, elas são obrigatórias, para apoiar o esforço global e limitar atos que prejudicam o nosso planeta;</li> </ul>

# 09S	<p>A sociedade está começando a compreender a interligação de prédios, pessoas e comunidade na criação de ambientes ambientalmente responsáveis (p.101);</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Falta de interesse na especificação e compra de materiais e produtos sustentáveis (p.101);</li> <li>- O custo é considerado a maior barreira para assumir a responsabilidade de uma prática sustentável, assim, designers de interiores especificam de acordo com as preferências dos clientes, estética e custo, sem considerar a sustentabilidade como critério (p.101);</li> <li>- Apenas um pequeno número de empresas incentiva ativamente os seus clientes a comprar materiais e produtos com critérios sustentáveis (p.106);</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O design de interiores tornou-se um aliado para redução de impactos ambientais, no entanto, na prática real, ainda é limitada a especificação de produtos sustentáveis (p.100);</li> <li>- Dificuldade de encontrar informações a respeito de produtos sustentáveis, o que dificulta a promoção de práticas para a sustentabilidade (p.100);</li> <li>- A seleção de materiais tem um alto impacto sobre o resultado sustentável de todos os projetos do design de interiores e, apesar dos profissionais terem conhecimento da sustentabilidade, há uma falta de conexão entre suas práticas e os impactos ambientais decorrentes dessas práticas (p.102);</li> <li>- Buscando compreender a escolha de produtos e materiais sustentáveis, Hayles (2015), aponta uma quantidade pequena de pesquisas que tratem do assunto. E, para que a redução de impactos ambientais aconteça, a sustentabilidade exige uma mudança de valores, atributos e comportamento entre os designers de interiores. Neste sentido, há uma falta de ação entre fornecedores e profissionais, para que de forma holística, materiais/produtos sejam projetados com ênfase e respeito ao meio ambiente (p.101-106);</li> </ul>
# 10S	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Há um número crescente de empresas voltadas para o interesse em projetar produtos mais sustentáveis. No entanto, não sabem como transmitir o valor de seus esforços para os consumidores, além da aceitação no mercado (p.1);</li> <li>- O uso de uma ferramenta, como a de placas de imagem podem facilitar o entendimento e a valorização de requisitos sustentáveis (p.9);</li> <li>- Os consumidores raramente têm uma compreensão completa do que faz um produto mais sustentável do que o outro (p.2);</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Os produtos ambientalmente sustentáveis detêm apenas uma parte marginal do mercado produtivo (p.1);</li> <li>- Na literatura os temas que envolvem produtos sustentáveis e como projetá-los têm recebido pouca atenção (p.2);</li> <li>- Para Murto, Person e Ahola (2014), há uma série de orientações que apoiam o desenvolvimento de produtos e serviços ambientalmente sustentáveis na literatura, como princípios, diretrizes, entre outros, entretanto, são limitados em suas explicações, sem explorar a implementação durante o desenvolvimento do produto a partir da perspectiva da sustentabilidade nas atividades dos designers;</li> </ul>
# 11S	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O design sustentável vai além de eficiente e de boa aparência. O projeto deve refletir a preocupação com as consequências de suas ações para as pessoas e o meio ambiente (p.20);</li> <li>- A sustentabilidade deve ser uma parte essencial das responsabilidades profissionais dos designers de interiores, logo, o projeto pode se tornar um esforço global na redução de impactos ambientais (p.25);</li> <li>- É preciso moldar visões locais, regionais e globais de sustentabilidade e, oferecer estratégias para envolver as pessoas em processos cooperativos que podem transformar visões em realidade (p.26);</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- É necessário que designers promovam a sustentabilidade ambiental, pois, em um projeto, designers de interiores tomam decisões que, podem impactar a natureza de forma positiva ou negativa (p.19);</li> <li>- A execução de um projeto deve atender as gerações futuras sem causar impactos ambientais e, assim, é necessário pensar e ajustar todas as fases projetuais (p.20);</li> <li>- Comungando do mesmo pensamento de Enzo Manzini, Kazamia e Gwilliam (2011), defendem uma descontinuidade do consumo por parte da sociedade e, apesar de não se saber como irá acontecer o processo de descontinuação, acreditam que o projeto pode ser considerado elemento importante, facilitando inovações de forma cotidiana na vida das pessoas;</li> </ul>
# 12S	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Há muitas questões ambientais que estão conectadas com o trabalho de um</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- "Os designers tomam decisões que podem apoiar ou não o meio ambiente" (p.574);</li> </ul>

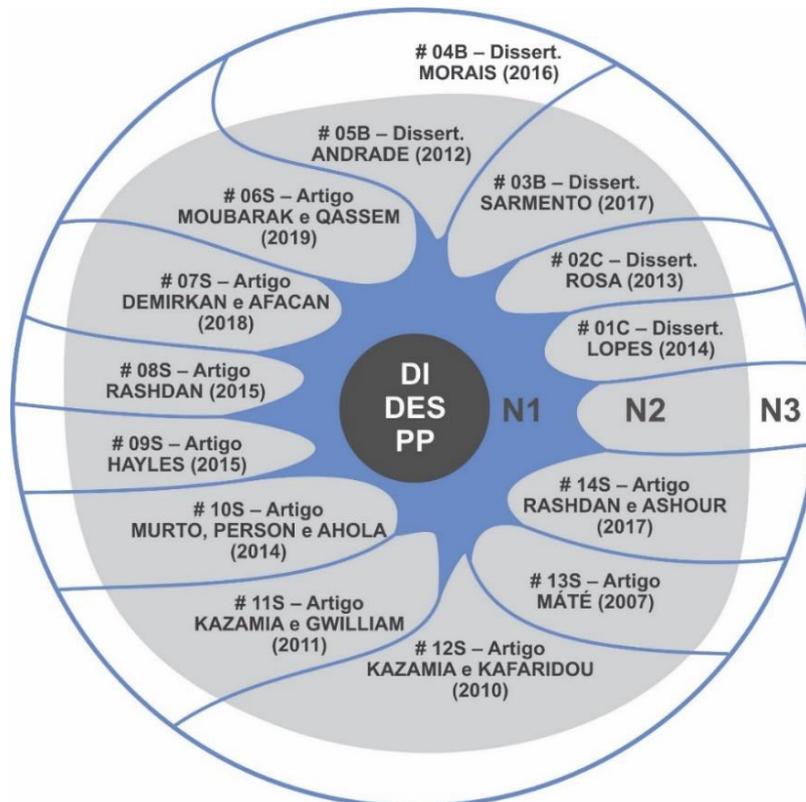
	<p>designer de interiores, entre elas: o desmatamento de florestas; desperdício; consumo de recursos, entre outros (p.574);</p> <p>- O design voltado para a sustentabilidade, no projeto, desempenha um papel de conformidade com os princípios da sustentabilidade econômica, social e ambiental. Assim, ele varia de pequenos projetos, até grandes projetos (p.575);</p>	<p>- “O papel do designer no desenvolvimento de uma sociedade sustentável, não é simplesmente para criar produtos sustentáveis, mas, sim, de imaginar produtos, processos e serviços que incentivem o comportamento sustentável” (p.575);</p> <p>- Kazamia e Kafaridou (2010) acreditam que os benefícios associados à mudança, do processo de design convencional, para um que envolva a comunidade (produção local), podem ser importantes para transmitir novos valores para espaços interiores através dos projetos;</p>
# 13S	<p>- Há um mercado crescente para todas as coisas “verdes”, no entanto, todos os produtos verdes no mundo, não irão, necessariamente, criar uma solução de design de interior “verde” (p.23);</p> <p>- O mercado de produtos/materiais de design de interiores sempre foi uma área de constante mudança. E, o aumento de mudanças no mercado de produtos domésticos, é um fenômeno mais recente (p.24);</p> <p>- Compreender a importância do ciclo de vida do projeto é tão importante como a escolha de materiais, pois, a forma como os materiais são usados, que irão significativamente alterar um projeto comum, em um sustentável (p.23);</p>	<p>- “Os produtos/materiais utilizados em projetos de interiores estão assumindo outra categoria, comparando-se a produtos como roupas, computadores, telefones e, estão se tornando rapidamente descartáveis” (p.24);</p> <p>- Possíveis causas do aumento do consumo no projeto de interiores relacionam-se ao crescimento de opções de produtos, novos estilos de vida e identidades associadas às escolhas, uma maior consciência da estética e, desenvolvimento tecnológico;</p> <p>- Para Máté (2007), reduzir o impacto ambiental através da seleção de material é de grande importância, logo, é fundamental que se tenha uma compreensão dos impactos ambientais desses materiais pelos designers de interiores. Considera-se que a seleção de uma peça de qualidade superior, projetada para durar mais, no entanto, com custo elevado, pode ser benéfica, se comparada a um produto de qualidade inferior e, que precisará ser substituída em um curto espaço de tempo. Deste modo, também é preciso avaliar no projeto a longevidade/durabilidade; flexibilidade; reutilização; reciclagem; entre outros critérios;</p>
# 14S	<p>- Necessidade de uma tomada de consciência da importância de práticas sustentáveis, para que assim, aconteça uma conservação dos recursos ambientais e, se tenha impactos sociais, culturais e econômicos positivos (p.311);</p> <p>- Nas novas dinâmicas projetuais, os designers de interiores precisam conciliar desejos e preocupações, fatores de custo, restrições de tempo e de tecnologia dos clientes e, sustentabilidade, que, no projeto, mistura-se em cada fase do processo de design (p.312);</p> <p>- O mundo tem recursos limitados, e, tem experimentado um crescimento populacional constante durante os séculos (p.311);</p>	<p>- “Apesar da abundância de pesquisas sobre o design sustentável, poucos estudos têm abordado os critérios para o design de interiores sustentável” (p.311);</p> <p>- “Determinar critérios de seleção para soluções de design de interiores sustentáveis é importante para auxiliar designers de interiores a se posicionarem de modo responsável” (p.311);</p> <p>- “O design de interiores sustentável pode ser alcançado seguindo práticas direcionadoras” (p.311);</p> <p>- “O design de interiores sustentável deve inflamar o espírito de sustentabilidade e ser um catalisador para a mudança, logo, Rashdan e Ashour (2017), acreditam que os designers de interiores precisam de critérios claros para o desenvolvimento de produtos sustentáveis. Portanto, necessitam de compreensão acerca de critérios sustentáveis para incorporá-los plenamente em suas especificações de projeto”;</p>

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Após a apresentação dos documentos catalogados, é possível inferir que eles não respondem ao questionamento/problema, proposto na RBS de forma direta, evidenciando lacunas na literatura a respeito do tema pesquisado.

Os documentos que convergem em níveis diferentes para a reflexão acerca do papel do Design de Interiores (DI) e seus Processos Projetuais (PP), na Dimensão Econômica da Sustentabilidade (DES) (figura 04), demonstram a importância de pesquisas que apoiem o trabalho dos designers, entre eles, os designers de interiores, para o desenvolvimento sustentável.

Figura 04 - Níveis N1, N2 e N3 de convergência dos documentos catalogados.



Fonte: Elaborada pelo autor (2020).

A RBS, que buscou também desenvolver o corpo teórico da pesquisa, e, assim foi cumprido, aponta a falta de estudos com maior clareza, objetividade e eficiência para que a sustentabilidade seja compreendida e, ao mesmo tempo, seja colocada em prática pelos profissionais.

No nível 3, da figura 04 apresentada, o estudo de Morais (2016) foi o que mais se distanciou do problema/pergunta proposto na RBS, contudo, permite refletir a falta de conhecimento sobre gestão e, da própria falta de gestão nos processos de projetos dos escritórios de design de interiores. Além disso, na ferramenta proposta no estudo, na gestão do conhecimento que envolve as etapas projetuais, não se prevê o conhecimento voltado para o gerenciamento de critérios da sustentabilidade nos projetos.

No nível 2, 13 (treze) documentos circulam com maior proximidade da relação design de interiores, processos projetuais e dimensão econômica da sustentabilidade, contribuindo por meio das lacunas e alertas para o ajuste do problema/pergunta de pesquisa. O nível 1 não apresentou documentos.

Andrade (2012) e Rosa (2013) pesquisaram a relação do design com a dimensão econômica da sustentabilidade. Lopes (2014) e Sarmiento (2017) revelam a falta de comprometimento e entendimento entre os designers de interiores acerca da sustentabilidade.

De modo homogêneo, os 9 (nove) documentos catalogados na base SCOPUS trouxeram evidências e afirmações que se relacionam aos documentos encontrados na CAPES e BDTD, como: necessidade de mudança de postura, paradigma, valores; a falta de pesquisas, ferramentas claras, integração de princípios sustentáveis ao projeto de design de interiores; a importância do designer de interiores para o desenvolvimento sustentável, do projeto com ações sustentáveis.

Nesse sentido, compreende-se que há falta de compreensão e integração clara acerca dos critérios e diretrizes da sustentabilidade, entre eles, os da dimensão econômica da sustentabilidade, no âmbito dos processos dos designers de interiores, para que os mesmos possam adotar estratégias sustentáveis. Conseqüentemente, influenciarem clientes a optarem por escolhas sustentáveis, além de mudanças para a redução de impactos ambientais.

Deste modo, no item seguinte da presente pesquisa propõe-se um ajuste no problema/pergunta, devido ao amadurecimento alcançado com o desenvolvimento da RBS.

### **1.3 Pergunta de pesquisa**

Como os designers de interiores integram e aplicam os princípios da dimensão econômica da sustentabilidade em suas práticas projetuais?

### 1.3.1 Objetivo geral

Propor recomendações que integrem e operacionalizem os princípios da dimensão econômica da sustentabilidade no processo projetual dos designers de interiores.

### 1.3.2 Objetivos específicos

- i. Analisar a aplicação de princípios da dimensão econômica da sustentabilidade no processo projetual dos designers de interiores;
- ii. Identificar estratégias de integração de princípios da dimensão econômica da sustentabilidade no processo projetual dos designers de interiores;
- iii. Criar recomendações para integração de princípios da dimensão econômica da sustentabilidade no processo projetual dos designers de interiores.

## 1.4 Justificativa

Esta dissertação surgiu da necessidade de tornar clara a compreensão e integração de diretrizes, critérios, princípios, entre outras estratégias da sustentabilidade no Processo Projetual dos Designers de Interiores (PPDI), conforme analisou-se na RBS. Assim, o tema se relaciona aos princípios da Dimensão Econômica da Sustentabilidade (DES), no projeto de interiores, quanto à tomada de decisão na especificação e, orientação do uso de produtos e materiais voltados à sustentabilidade econômica e desenvolvimento local.

Além disso, observou-se por meio de vivências profissionais no âmbito do design de interiores, que há projetos de interiores que não incorporam plenamente em suas ações, os princípios da DES. Como embasamento para tal inferência, verificou-se por meio de registros fotográficos inseridos na primeira edição do anuário do Grupo Maranhense de Decoração<sup>1</sup> – GMD, que conta com projetos desenvolvidos por

---

<sup>1</sup> O Grupo Maranhense de Decoração é uma instituição sediada em São Luís e, tem por objetivo garantir qualidade e satisfação dos consumidores de produtos na área do design, arquitetura, paisagismo e decoração, além de apoiar aos profissionais da área, oferecendo os produtos e serviços indispensáveis à concretização de projetos (GRUPO MARANHENSE DE DECORAÇÃO, 2019).

profissionais da área do design de interiores, além de retratar o modo de viver do maranhense, a falta de valorização dos produtos e materiais locais, entre outros.

Deste modo, Kazamia e Gwilliam (2011) argumentam que as escolhas dos designers de interiores podem agravar os impactos ambientais. E, Rosa (2013) defende que o uso de recursos locais, reintegração de resíduos, entre outros princípios da dimensão econômica, quando adotados, contribuem para a sustentabilidade.

Assim, ainda segundo Rosa (2013), por mais que haja estudos voltados para a dimensão econômica da sustentabilidade

[...] há ausência de uma estrutura teórica direcionada à prática do Design, de forma que esse profissional saiba, na prática do Projeto de Desenvolvimento de Produtos, como planejar ações direcionadas para o favorecimento da sustentabilidade através dessa dimensão. (ROSA, 2013, p.31).

Neste sentido, o design quando orientado à economia local pode ser uma ferramenta em fornecer condições para uma economia mais democrática (SANTOS *et al.*, 2019b). Consequentemente, o projeto de interiores é uma oportunidade estratégica que o profissional tem de demonstrar valores socioeconômicos mais responsáveis aos clientes (SARMENTO, 2017). Além disso, Moxon (2012) defende que um projeto de interiores deve ser sustentável, sem opção de escolha.

Contudo, para que os designers possam propor com maestria as questões sustentáveis, os processos de design precisam ser ajustados de modo que sejam simples e precisos (DEMIRKAN; AFACAN, 2018). Para Lopes (2014), há falta de conhecimento e consciência por parte dos profissionais para se adotar práticas sustentáveis. Então, justifica-se o estudo para investigar a compreensão e a integração dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade no PPDl.

O Maranhão é um estado diverso e possui grande variedade de recursos naturais renováveis devido a sua rica biodiversidade e cultura, presente no folclore, artesanato, etc. Assim, é importante propor “estratégias que valorizem os recursos e incentivem o desenvolvimento de atividades empreendedoras locais no estado” (VIEGAS, 2015, p.17).

Para Ruzek (2015), quando se apoia a economia local, mesmo que seja informal, como por exemplo, os de segmento agrícola, produtos artesanais, vendedores ambulantes, entre outros, é possível projetar uma mudança na sociedade,

pois possibilita a redução do uso de carro nos trajetos de venda, contribuindo para o desenvolvimento econômico sustentável.

Nesse pensamento, especificar produtos de outros estados no design de interiores, pode significar maior uso de combustível para transporte, além de deixar de fortalecer o desenvolvimento local. Assim, segundo Kazazian (2005), o desenvolvimento sustentável pauta-se pelo alinhamento do desdobramento econômico com a preservação do meio ambiente, e contribui com melhores condições sociais.

O projeto *Comunidades Criativas e Saberes Locais: design no contexto social e cultural de baixa renda*, com parcerias estabelecidas entre a Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e Universidade Federal do Paraná (UFPR), integradas pelo *Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia – PROCAD / AMAZÔNIA No 21/2018*, o qual o pesquisador fez parte, tem como meta também, possibilitar maior valorização da cultura local, indução de novos comportamentos do consumidor por meio de princípios e estratégias do “design para o comportamento sustentável”.

O desenvolvimento de conhecimento, que se relaciona à região Amazônica, proposto pelo projeto PROCAD, evidencia no seu escopo, a necessidade da integração de forma harmônica, da dimensão social, econômica e ambiental da sustentabilidade nas práticas do design.

É relevante destacar que na missão de estudos realizada pelo pesquisador na UFPR pelo PROCAD, entre os meses de abril a agosto de 2019, pode-se observar no evento CASA COR PARANÁ (26ª edição), voltada para o seguimento de design e arquitetura de interiores e, entre os profissionais atuantes no estado, a escassez do uso e reuso de produtos locais, materiais locais, além de outros, para o fortalecimento da economia local.

A cidade de Curitiba, Estado de Paraná, conta com várias feiras organizadas pela prefeitura para fomentar o turismo, a variedade de itens é abrangente, contudo a valorização em projetos de design de interiores é pouco evidenciada.

A significação dos princípios do design para a sustentabilidade “como a ‘instrumentalização do consumo responsável’ via soluções que ampliem a transparência, tem como pressuposto a educação do consumidor para compreender as implicações de suas decisões” (SANTOS *et al.*, 2019b, p.84).

Para Manzini e Vezzoli (2016), a adoção de práticas específicas para a eficiência no uso dos recursos naturais, voltadas para a escolha de produtos e materiais, cujo ciclo de vida propõe características sustentáveis da produção ao descarte, pode significar uma mudança ambientalmente sustentável no atual cenário de uso de recursos sem controle.

Portanto, é oportuno que designers de interiores promovam a sustentabilidade ambiental (KAZAMIA; GWILLIAM, 2011), pois quando conscientes de suas ações, impactos ambientais são reduzidos (HAYLES, 2015). Dessa forma, as práticas do design desempenham um papel imprescindível para o desenho de novos paradigmas no desenvolvimento de soluções que contemplem uma economia saudável e, favoreça questões ambientais e sociais (RASHDAN, 2015).

#### 1.4.1 Delimitação da pesquisa

Esta pesquisa delimitou-se à investigação da compreensão e integração dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade no processo projetual dos profissionais que atuam na área do design de interiores.

Assim, destaca-se que no Brasil, “o exercício da atividade de design de interiores vem sendo praticado invariavelmente por arquitetos, designers e designers de interiores[...]”. Também, “é possível encontrar profissionais sem formação adequada exercendo livremente a atividade de design de interiores” (OLIVEIRA, 2016, p.16-17). Deste modo, profissionais sem formação foram desconsiderados no presente estudo.

Adotou-se na pesquisa o termo designer de interiores para designar o profissional que exerce a atividade voltada para a elaboração de projeto de interiores em ambientes construídos ou em construção. Neste sentido, o trabalho também não teve o foco de levantar os limites de atuação dos profissionais citados anteriormente.

Neste contexto, sendo a sustentabilidade um tema complexo, a mesma foi dividida em dimensões, como forma didática de pesquisa e implementação (ANDRADE, 2012) e, devido à natureza coerente e global da sustentabilidade, alguns dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade se relacionam com as outras dimensões da sustentabilidade (dimensões ambiental e social), porém o estudo não teve como foco a análise dessas relações.

Nas atividades do design de interiores, indiscutivelmente, o cliente é o fator mais importante dentro do processo projetual (MANCUSO, 2012), pois ele conduz requisitos estéticos, simbólicos, de estilo, de custos, entre outros, que direcionam o conceito do projeto, a ser desenvolvido pelos profissionais (GURGEL, 2017; LOPES, 2014). Para Máté (2007) e Rashdan (2015), cabe ao designer de interiores apresentar e propor soluções voltadas para a sustentabilidade aos clientes, evidenciando os impactos ambientais de cada escolha presente no projeto.

Neste aspecto, a pesquisa somente investigou a relação do profissional com o processo projetual, sem tratar das relações cliente-profissional às questões de estética e de custo. Pois acredita-se que apoiando o entendimento e a integração dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade no processo projetual de forma estratégica, os designers de interiores conduzirão a conscientização dos clientes.

Com o entendimento que o estudo trará conhecimento para os profissionais, o mesmo não contemplou um comparativo entre São Luís – MA e Curitiba – PR relacionando o tema da pesquisa, apesar de o pesquisador ter participado do projeto PROCAD e ter sido missionário na cidade paranaense. A justificativa pautou-se no objetivo maior, de explorar a implementação de princípios sustentáveis nas atividades dos designers de interiores, sem considerar, necessariamente, a sua localidade de atuação.

Outros limites desta pesquisa, foram:

- a. Desenvolver o trabalho no campo da elaboração de projetos com profissionais do design/arquitetura de interiores, sem considerar a fase de execução do projeto, pois na fase de projeto é que se define as especificações de produtos e materiais (GURGEL, 2017);
- b. Realizar o estudo em conjunto com profissionais que atuam em design/arquitetura de interiores, com residências em São Luís – Maranhão;
- c. Quanto aos objetivos da pesquisa, os procedimentos se limitaram à busca de dados que auxiliem para o entendimento e integração dos princípios da DES no PPDI;
- d. Quanto à parte prática, o estudo limitou-se a uma pesquisa exploratória-descritiva e buscou de forma qualitativa, contribuir para o entendimento dos princípios da DES no PPDI;

Acredita-se que há um peso maior para o entendimento da relação dinâmica entre o mundo projetual no design de interiores, o profissional que atua na área e os princípios da dimensão econômica da sustentabilidade, sem necessariamente, definir um número mínimo ou máximo de respondentes nas etapas de levantamento de informações acerca dos mesmos (SILVA; MENEZES, 2005). Logo, definiu-se como estudo de natureza qualitativa, não estipulando-se um número de participantes.

#### 1.4.2 Direcionamento teórico da pesquisa

A conexão entre a teoria de base e a revisão da literatura desenhcou a direção teórica da pesquisa. Conseqüentemente, por meio da RBS e do delineamento do problema de pesquisa, as teorias de base do estudo, que se fundamentaram por meio do envolvimento dos principais autores da atualidade e os de relevância para os assuntos, reuniu o conhecimento necessário para se compreender os pilares centrais da pesquisa, a seguir apresentados:

- Exploração do cenário da compreensão da sustentabilidade e dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade: Krucken (2009); Kazazian (2005); Manzini e Vezzoli (2016); Papanek (1995); Sachs (2012); Sen (2000); Santos *et al.* (2019b); Santos (2009) e, Vezzoli (2010). Além das dissertações de Andrade (2012); Lopes (2014); Rosa (2013) e, Sarmiento (2017);
- Para a relação do assunto da sustentabilidade no design, visando melhor entendimento dos conceitos dos autores citados acima: Brooker e Stone (2014); Gurgel (2017); Moxon (2012); Papanek (1995) e Santos *et al.* (2019a);
- Tratando-se do entendimento das práticas sustentáveis no processo projetual dos designers de interiores e do design de interiores sustentável: Brooker e Stone (2014); Moxon (2012) e, Mancuso (2012);
- Para a relação dos assuntos das práticas sustentáveis no processo projetual dos designers de interiores e dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade: Andrade (2012); Brooker e Stone (2014); Lopes (2014); Moxon (2012); Mancuso (2012); Manzini e Vezzoli (2016); Rosa (2013) e, Sarmiento (2017). E, artigos internacionais sobre o tema: Demirkan e Afacan (2018); Hayles (2015); Kazamia e Gwilliam (2011); Kazamia e Kafaridou (2010);

Moubarak e Qassem (2019); Murto, Person e Ahola (2014); Máté (2007); Rashdan (2015) e, Rashdan e Ashour (2017).

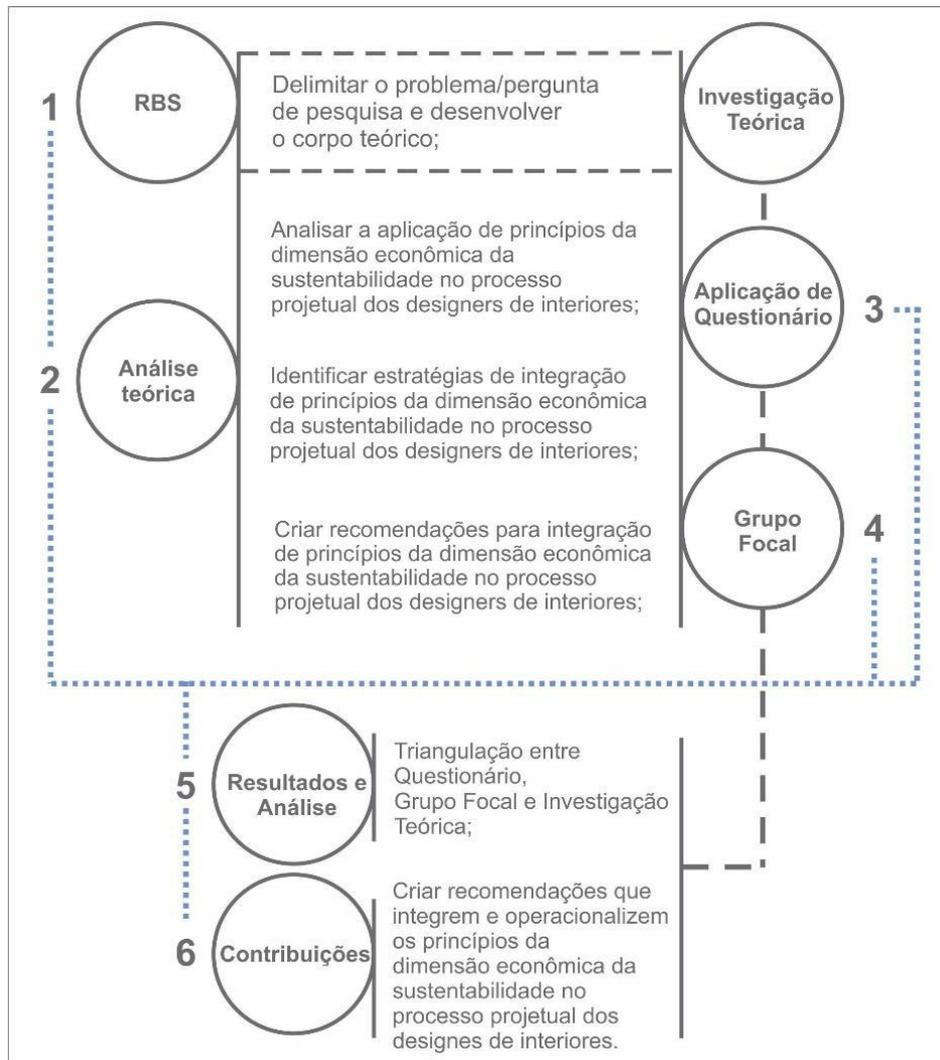
### 1.5 Visão geral do método

De natureza qualitativa e características exploratória-descritiva, o estudo buscou reunir informações sobre a compreensão e integração dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade no processo projetual dos designers de interiores (GIL, 2008).

Assim, para se responder à questão de pesquisa que direcionou o estudo (Como os designers de interiores integram e aplicam os princípios da dimensão econômica da sustentabilidade em suas práticas projetuais?), definiu-se o caminho a ser percorrido com 6 (seis) etapas metodológicas, descritas abaixo e esquematizada na figura 05.

- i. Delimitação do problema/pergunta de pesquisa: Revisão Bibliográfica Sistemática - RBS (CONFORTO; AMARAL; SILVA, 2011) que visou o desenvolvimento do corpo teórico, além de visualizar o estado da arte das pesquisas na área;
- ii. Aprofundamento com o tema e embasamento teórico (GIL, 2008) para o entendimento e, deste modo, relacionar o PPDI aos princípios da DES. Além de delinear estratégias para facilitar a compreensão e a integração dos princípios da DES no PPDI;
- iii. Aplicação de questionário *on-line* que buscou compreender os princípios da DES no PPDI;
- iv. Aplicação da técnica do grupo focal que procurou identificar percepções, atitudes e ideias dos participantes acerca também da compreensão e integração dos princípios da DES no PPDI;
- v. Análises por triangulação entre questionário, grupo focal e referencial teórico;
- vi. Criar recomendações que integrem e operacionalizem os princípios da DES no PPDI.

Figura 05 - Etapas metodológicas da pesquisa.



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

## 1.6 Estrutura do documento

O **capítulo 1**, parte introdutória, que contextualiza o tema, a RBS que contribuiu para a delimitação do problema de pesquisa e dos objetivos, a justificativa, delimitação da pesquisa, referencial teórico e a visão geral do método.

No **capítulo 2**, a fundamentação teórica que sustenta as análises dos assuntos: sustentabilidade, princípios da dimensão econômica da sustentabilidade, design de interiores, processo projetual dos designers de interiores, estratégias sustentáveis, compreensão e integração de princípios sustentáveis às práticas do design de interiores.

O **capítulo 3** descreve os passos metodológicos necessários para a concretização da pesquisa, os procedimentos de implementação do questionário e técnica do grupo focal, bem como a estratégia de análise.

No **capítulo 4**, a análise dos resultados da aplicação do questionário, do grupo focal e a análise geral com a teoria na triangulação. Logo, apresenta as recomendações criadas e as considerações sobre as mesmas.

O **capítulo 5** evidencia as considerações finais acerca do estudo e as recomendações de estudo futuros.

## **2 DESIGN DE INTERIORES PARA A DIMENSÃO ECONÔMICA**

Neste capítulo explana-se diversas abordagens teóricas sobre a interação entre o design, sustentabilidade e design de interiores, de processos projetuais e práticas sustentáveis, da dimensão econômica da sustentabilidade e de seus princípios, que são: fortalecer e valorizar recursos locais; respeitar e valorizar a cultura local; promover a economia local; promover organizações em rede; valorizar a reintegração de resíduos e; promoção da educação para a economia sustentável. Além da relação, desafios e estratégias para o processo de integração e operacionalização de tais princípios nos processos projetuais dos designers de interiores.

Busca entender como os profissionais, no contexto atual, podem projetar por meio de práticas sustentáveis, em foco, relacionadas aos princípios da dimensão econômica, para que de forma estratégica, possam se posicionar como agentes educadores para uma economia mais ética e igualitária, além da redução de impactos ambientais em suas ações.

Trata da importância do desenvolvimento econômico pautado na redução do consumo de recursos naturais, além da contribuição da organização de produtores, uso de resíduos e educação para a valorização da produção material e imaterial local. E ainda, uma reflexão acerca da necessidade de sensibilização na direção das particularidades que envolvem às trocas simbólicas entre pessoas, processos produtivos e artefatos em um determinado território para que o desenvolvimento econômico sustentável possa acontecer com respeito.

### **2.1 Design e sustentabilidade**

O design, no decorrer dos tempos, relacionou-se e está diretamente conectado aos modos de produção, consumo e descarte da sociedade. Colaborando para insustentabilidade no planeta, os designers ainda são responsáveis por “parte do problema”, contribuindo para o uso sem controle de recursos naturais do meio ambiente, porém podem ser “parte da solução”, visto que, sua “razão de ser é a qualidade do mundo” (MANZINI, 2008, p.104).

Com a ampliação do escopo da atuação na sociedade, o design que antes se limitava ao desenvolvimento de produtos físicos ou gráficos, passou também a

projetar processos imateriais. Neste sentido, a definição usada aqui para design foi estabelecida na 29ª Assembleia Geral em Gwangju (Coréia do Sul), pelo *International Council of Societies of Industrial Design* – ICSID (Conselho Internacional de Sociedades de Design Industrial) em 2015, que diz:

O design é um processo estratégico de solução de problemas que impulsiona a inovação, constrói o sucesso do negócio e leva a uma melhor qualidade de vida por meio de produtos, sistemas, serviços e experiências inovadoras. O design preenche a lacuna entre o que é e o que é possível. É uma profissão transdisciplinar que aproveita a criatividade para resolver problemas e co-criar soluções com a intenção de tornar melhor um produto, sistema, serviço, experiência ou negócio. Na sua essência, o design oferece uma maneira mais otimista de olhar para o futuro, reformulando problemas como oportunidades. Ele conecta inovação, tecnologia, pesquisa, negócios e clientes para fornecer novos valores e vantagens competitivas em esferas econômicas, sociais e ambientais (WORLD DESIGN ORGANIZATION, 2018, tradução nossa).

Diante de tal conceituação que define o design como um processo estratégico e atento as esferas econômicas, sociais e ambientais, os designers tem um importante papel no compartilhamento de conhecimentos e na modelagem de soluções (MANZINI, 2008).

Na década de 1960, com as primeiras discussões sobre o meio ambiente, surge, de forma tímida, uma percepção sobre sustentabilidade. No âmbito do design, Papanek (1995) foi um dos primeiros teóricos a relatar sobre a importância da ação do designer, como processo educativo, para mudanças socioecológicas.

Propondo o avanço econômico e, ao mesmo tempo, sem impactar a natureza, o conceito de sustentabilidade também se modificou no tempo, buscando equilíbrio entre o desenvolvimento e meio ambiente.

A definição usada aqui para desenvolvimento sustentável, proposta pela Organização das Nações Unidas no Brasil - ONUBR, é o desenvolvimento que atende as necessidades atuais, buscando não comprometer a habilidade das futuras gerações de atender suas próprias necessidades (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL, 2018). Esse conceito foi adotado do relatório “Nosso Futuro Comum” de 1987 e é reconhecido mundialmente.

Nas inter-relações do design e da sustentabilidade, por mais que pareça “simples” teoricamente e, que na verdade não é, o desenvolvimento sustentável é controverso quando levado para a prática.

Segundo Burity (2007), a ideia de desenvolvimento esteve, ao longo dos tempos, historicamente ligado ao pensamento de modernidade, porém, a partir do século XX, passou-se a refletir sobre o real preço obtido com o uso do termo, visto que mediante as ações de “desenvolvimento”, observou-se a falta de valorização do capital humano, cultural e ambiental. Assim, Porto-Gonçalves (2004) explana que, *des-envolver* é tirar o envolvimento, proporcionando para a sociedade a perda da autonomia que cada cultura e cada população mantém com seu espaço.

Outra implicação presente na ideia de desenvolvimento, segundo Sachs (2000), é que o crescimento da sociedade resulta de ações previamente planejadas por líderes, logo desprende-se que há sempre lideranças que despontam o caminho para grupos retardatários.

Neste viés teórico, para Escobar (2001), quando se fala em “necessidades atuais”, é fundamental avaliar que o desenvolvimento só será efetivo quando o mesmo for implementado por meio da inclusão e a aproximação das múltiplas raízes culturais presentes nos territórios.

Além disso, Patrocínio (2015, p.56) aponta que para promover-se um desenvolvimento minimamente sustentável, é necessário pensar nas necessidades básicas das pessoas, pois “não há desenvolvimento verdadeiro que possa conviver com a miséria”.

Assim, para Escobar (2001) é fundamental que a palavra desenvolvimento seja ressignificada, de modo que contemple com efetividade e respeito os diferentes modos de viver e produzir das pessoas. E, também, é preciso que a sociedade compreenda que o desenvolvimento tem diversos sentidos e, que, podem depender de interesses e desejos de pessoas presentes em um mundo diverso e plural.

Neste contexto, teoricamente é imprescindível que se aprenda a olhar para as práticas culturais, ecológicas e econômicas presentes na sociedade, como importantes alternativas de visões e estratégias para reconstruir o desenvolvimento local-global (ESCOBAR, 2001).

E, na prática controversa, também presente nas inter-relações do design e da sustentabilidade, Kazazian (2005) aponta que o desenvolvimento pautado na aceleração, impossibilita a recuperação dos recursos naturais na mesma velocidade da retirada, além disso, os resíduos gerados no uso e pós uso de artefatos materiais, não serão absorvidos pela natureza de forma rápida. Logo, Sachs (2009) argumenta

que o recurso de maior valor é aquele que se deixa de utilizar, pois consegue-se economizar, caracterizando como consumo suficiente.

De acordo com Sen (2010, p.10), a concordância entre o desenvolvimento e a sustentabilidade deve acontecer com a liberdade dos indivíduos. Tal liberdade, é uma característica importante para se chegar na igualdade econômica, visto que “o desenvolvimento consiste na eliminação de privações de liberdade que limitam as escolhas e as oportunidades das pessoas de exercer ponderadamente sua condição de agente”.

Santos *et al.* (2019b, p.29) afirmam que “o desenvolvimento de soluções economicamente sustentáveis requer do designer, novos saberes, comportamentos e habilidades distintas daquelas requeridas em ambientes convencionais de negócios”.

Na proposição prática para que o desenvolvimento local aconteça, Krucken (2009) ressalta que os produtos locais se relacionam à preservação do patrimônio ambiental, e, sendo assim, é fundamental que o mesmo ocorra por meio do respeito e estratégias intermediadoras entre o comércio e a produção local.

No acréscimo dos pensamentos propostos por Kazazian (2005), Krucken (2009), Sachs (2009), Sen (2000), Santos *et al.* (2019a) e Santos *et al.* (2019b); Manzini e Vezzoli (2016) apontam que o papel do design para a sustentabilidade (*design for sustainability*), é “promover a capacidade do sistema produtivo de responder à procura social de bem-estar utilizando uma quantidade de recursos ambientais drasticamente inferior aos níveis atualmente praticados” (MANZINI; VEZZOLI, 2016, p.23).

Diante dos posicionamentos em prol do desenvolvimento sustentável, acredita-se no respeito como estratégia primordial na condução mútua entre os indivíduos e o design na direção da sustentabilidade. Ressalta-se, portanto, a importância da aquisição de conhecimento orientado à sustentabilidade entre os designers (LOPES, 2014; ROSA, 2013; SANTOS *et al.*, 2019b) para conectar inovação, tecnologia, pesquisa, negócios e clientes, e assim, modelar novas soluções diante da complexidade envolvida para as práticas sustentáveis.

Complexidade é definida por Morin (2015), em um primeiro olhar, como um tecido constituído de unidades distintas, mas ao mesmo tempo inseparáveis, como se fosse um paradoxo do uno e do múltiplo. Em um segundo momento, a complexidade pode ser considerada efetivamente como o tecido de acontecimentos, ações,

interações, retroações, determinações, que constituem nosso mundo fenomênico (MORIN, 2015, p.13).

Nesse alinhamento, o designer é observado como um agente que promove transformações, sendo capaz de contribuir para efetivas mudanças sistêmicas, logo, “devemos experimentar novas possibilidades e romper com esses processos dominantes de produção e consumo” (MANZINI, 2008, p.15). Corroborando, Vezzoli (2010) defende que o bem-estar pode ser direcionado e obtido com a redução do consumo pela sociedade, bem como por meios de estilos de vida sustentáveis, se vivendo melhor.

É pertinente destacar, diante do contexto apresentado, que “não é responsabilidade dos designers salvar o mundo, como clamavam as vozes proféticas dos anos 1960 e 1970, até porque a crescente complexidade dos problemas demanda soluções coletivas” (CARDOSO, 2012, p.43). De acordo com Morin (2015), vive-se em um universo de ordem (uma relação provável) e desordem (desvios com relação ao provável), sendo assim, para construção de mudanças inovadoras na sociedade, é preciso gerar-se um alinhamento pautado no respeito e na igualdade.

Na costura dos pontos firmados pela reflexão dos teóricos citados, entre design e sustentabilidade, é possível compreender a importância do conhecimento, visto que propor ações sustentáveis de modo que contemple desenvolvimento com a diminuição de uso de recursos naturais, igualdade econômica, desenvolvimento local, além de promover o bem-estar e redução de consumo (KAZAZIAN, 2005; KRUCKEN, 2009; MANZINI; VEZZOLI, 2016; SACHS, 2009; SEM, 2000; SANTOS *et al.*, 2019b), sem dúvida, delibera uma nova postura do designer.

Tal postura, necessita ser apoiada com informações e conhecimentos claros, para que os designers possam se posicionar como disseminadores e educadores da sustentabilidade (DEMIRKAN; AFACAN, 2018; MOUBARAK; QASSEM, 2019;). Para Kazazian (2005), a responsabilidade, que antes era mais vista em grupos de ecologistas, passou a ser um assunto para qualquer pessoa na sociedade, responsável individualmente com o futuro do planeta ou socialmente por suas ações, projetos e produtos.

### 2.1.1 Sustentabilidade no design de interiores

De acordo com Gurgel (2017), quando as pessoas se referem ao design de interiores, imediatamente pensamos nos espaços que nos circundam, residenciais ou comerciais. E, continua:

O modo como nos comportamos em um local é determinado basicamente por dois comandos visuais: inconsciente, que dá referências e “dicas” de como nosso comportamento seria conveniente no espaço; e inconsciente, nosso *background*, nossa história, o modo como fomos educados (GURGEL, 2017, p.13).

É nítido, assim, a responsabilidade dos profissionais que atuam na área do design de interiores como um fator a mais nas relações humanas. A *American Society of Interior Designers – ASID* (Sociedade Americana de Design de Interiores), acredita que o design de interiores afeta vidas e destaca a importância de um bom projeto (AMERICAN SOCIETY OF INTERIOR DESIGNERS, 2019).

Neste alinhamento, as cavernas foram as primeiras habitações do homem, e na Antiguidade surgiram as primeiras construções, “Idade Média, Idade Contemporânea, Modernidade, esta evolução se faz, e, hoje, o homem lê seu espaço como algo que deve ser conquistado” (MANCUSO, 2012, p.13).

Deste modo, o avanço do design, com o marco da Revolução Industrial em 1750, impulsionou mudanças dos modos de consumo de bens materiais e, como consequência, a materialização de novos padrões de projeto no âmbito do design de interiores.

A profissão do designer de interiores é relativamente nova e está em constante evolução na sociedade, provocando, até mesmo, confusão em seus limites de atuação (THE COMMERCIAL INTERIOR DESIGN ASSOCIATION, 2019).

Para Mancuso (2012), design de interiores modela o espaço interior, dando-lhe uma nova leitura por meio da compreensão das necessidades presentes no espaço naquele momento, para transformá-lo conforme o percebe. E, completa:

A colocação espaço/momento faz nossa proposta parecer efêmera, pois, quando modelamos um espaço, modelamos para uso e desfrute de pessoas, e pessoas são criaturas extremamente dinâmica, conseqüentemente, suas necessidades também o são (MANCUSO, 2012, p. 61).

Na esteira do pensamento de espaço/momento, as proposições projetuais podem assumir pouca durabilidade quando executadas. Segundo Sarmiento (2017), o

design de interiores pode assumir a postura de durabilidade ou descartabilidade. Assim, evidencia-se um profissional com características tradicionalistas, centrado na moda e luxo (MOUBARAK; QASSEM, 2019; YANG *et al.*, 2011).

No transcorrer da evolução dos conceitos acerca do design de interiores para o *Council for Interior Design Qualification* (Conselho de Qualificação do Design de Interiores), design de interiores compreende a análise, o planejamento, o desejo, a documentação e o gerenciamento de projeto de construção e, sem alterações estruturais (COUNCIL FOR INTERIOR DESIGN QUALIFICATION, 2019).

No Brasil, a Associação Brasileira de Design de Interiores – ABD, responsável pela lei 13.369/2016, reconhece a profissão e, define:

Designer de interiores e ambientes é o profissional que planeja e projeta espaços internos, visando ao conforto, à estética, à saúde e à segurança dos usuários, respeitadas as atribuições privativas de outras profissões regulamentadas em lei (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DESIGNERS DE INTERIORES, 2019; BRASIL, 2016a).

Em geral, o design de interiores “descreve projetos que requerem poucas mudanças estruturais - ou nenhuma - na construção já existente, embora haja muitas exceções” (BROOKER; STONE, 2014, p. 20).

Ainda segundo os autores, o design de interiores ou projeto de interiores é uma atividade projetual multidisciplinar, envolvendo em seus processos a criação de ambientes internos, compreendendo o estudo do clima e a identidade de seus usuários, que se revela por meio das características volumes, elementos específicos, mobiliário e superfícies (BROOKER; STONE, 2014).

No presente estudo, como definição de design de interiores, adota-se a dos autores Brooker e Stone (2014) e, para a atuação profissional, a proposta na lei 13.369/2016, no entanto, aqui o profissional será citado somente como designer de interiores e não como design de interiores e ambientes, como registrado na lei.

Neste cenário, para a concepção de um projeto é imprescindível a realização de pesquisas (GURGEL, 2017), pois insere-se no escopo projetual, a reunião de materiais, produtos, acabamentos, texturas, detalhes, iluminação, ventilação, entre outros, como na figura 06.

Figura 06 - Painel semântico de produtos e matérias do projeto de interiores.



Fonte: Página do Pinterest<sup>2</sup>.

Deste modo, os projetos de interiores geram impactos significativos sobre o meio ambiente (MOXON, 2012). Contudo, de acordo com Moubarak e Qassem (2019), a postura do designer de interiores nos últimos anos abriu-se para mudanças, concentrando-se em propor ambientes saudáveis e sustentáveis, pois os clientes já começavam a entender seus impactos sobre o meio ambiente.

No exercício de suas atividades e atribuições no Brasil, o designer de interiores deve zelar pela conduta ética, transparência com os clientes, pela sustentabilidade, responsabilidade social e segurança dos usuários (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DESIGNERS DE INTERIORES, 2019). Entretanto, na transição de um design de interiores com características tradicionalistas para um design de interiores sustentável, é necessário que os processos de projeto sejam modificados (DEMIRKAN; AFACAN, 2018).

Na prática diária dos profissionais do design de interiores, observa-se o conhecimento limitado sobre os produtos materiais que especificam (MOUBARAK; QASSEM, 2019), quando deveriam compreender o impacto ambiental de suas ações projetuais.

De acordo com Rashdan (2015), para se chegar em soluções sustentáveis dentro do projeto de interiores, é, sem dúvida, necessário adotar uma abordagem

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.pinterest.com.au/pin/509047564117973342/>. Acesso em: 01 set. 2019.

holística, diante da reunião de várias informações, como: do espaço a ser projetado, desejos do cliente, especificações responsáveis com o meio ambiente, entre outras, solicitam um olhar dinâmico e polivalente do designer.

Nesse sentido, há falta de profissionais habilitados com informações precisas, para que assim, possam agir de forma preparada diante das questões sustentáveis (MANZINI; VEZZOLI, 2016; PAPANEK, 1995). E, ao se fazer referência à sustentabilidade do ambiente construído<sup>3</sup>, a mesma só será possível por meio da harmonia entre três fatores, que são: habitante, cultura e natureza (PAPANEK, 1995). Para Lopes (2014, p.117), “a compreensão da natureza da consciência humana acontece na interação e no diálogo, na compreensão simbólica de mundo”.

Logo, Moxon (2012) defende que os designers de interiores têm uma posição privilegiada para as mudanças sustentáveis no projeto, pois no seu contato direto com clientes, fornecedores e parceiros, podem instigar novas abordagens. Ainda segundo o autor, os resultados de um projeto “não precisam necessariamente se adequar a um “eco” estilo: a sustentabilidade pode simplesmente fazer parte de qualquer bom projeto” (MOXON, 2012, p.6).

No alinhamento do pensamento de Moxon (2012), em relação ao papel estratégico do designer de interiores no processo projetual, que, no entanto, não possui a devida habilidade e preparação para atuar de forma efetiva na direção da sustentabilidade, que esta pesquisa se posiciona, buscando contribuir para a integração do conhecimento presente na literatura, conseqüentemente, favorecendo um olhar preparado no âmbito de suas atuações.

Murto, Person e Ahola (2014) apontam a existência de estudos voltados para a orientação de produtos e serviços ambientalmente responsáveis (princípios, diretrizes, entre outros), contudo, sem as devidas compatibilizações claras nas atividades dos profissionais.

Muito além do planejamento de um projeto sustentável, o papel do designer também é desenvolver uma sociedade sustentável por meio de processos e serviços incentivadores de comportamento sustentável (KAZAMIA; KAFARIDOU, 2010), por meio da consciência de impactos ambientais nas escolhas de consumo.

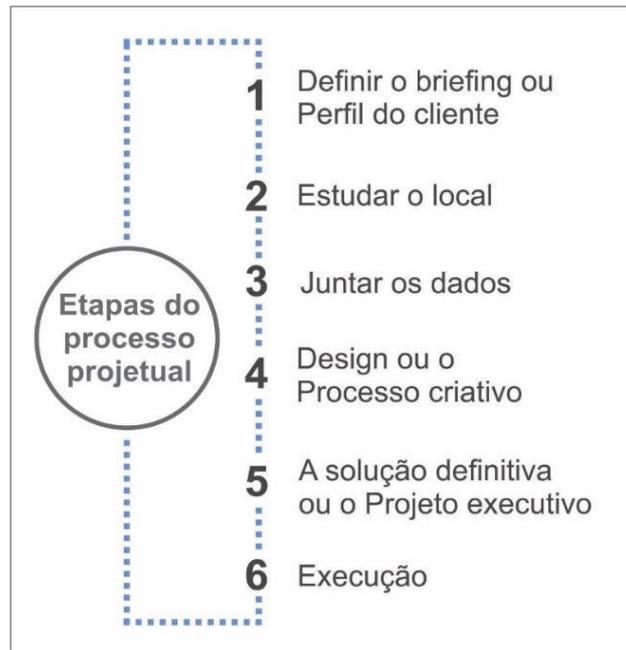
---

<sup>3</sup> Espaço arquitetônico, o ambiente da convivência humana (OLIVEIRA; MONT'ALVÃO, 2015).

### 2.1.2 Processo projetual e práticas sustentáveis

O design de interiores ou o projeto de interiores só existem devido ao cliente e um espaço existente ou a ser construído. E, segundo Gurgel (2017), o processo projetual compreende seis etapas, conforme figura 07.

Figura 07 - Etapas do processo projetual de Moxon (2012).



Fonte: Elaborada pelo autor (2020).

A **Etapa 1** compreende uma investigação minuciosa das necessidades, desejos, entre outros fatores relacionados ao perfil do cliente (*Briefing*). No segundo momento, na **Etapa 2**, o estudo das características do local, realizando um levantamento métrico com todas as informações existentes. Posteriormente, na **Etapa 3**, compilação das informações e ordenação de prioridades, necessitando de um novo alinhamento com o cliente, aprofundando ainda mais no perfil do cliente. Na **Etapa 4**, parte-se para o desenho em si do projeto, demandando por criatividade e pesquisa, dada a complexidade envolvida para reunir funcionalidade, diferenciação e, ao mesmo tempo, atenda os desejos do cliente (GURGEL, 2017).

Na **Etapa 5**, desenvolve-se apresentações para o cliente visualizar o projeto por meio de representações gráficas, entre outras. Assim, após o projeto executivo devidamente aprovado, posteriormente detalhado com todas as especificações necessárias, na **Etapa 6**, última etapa, parte-se para a execução. E, no acompanhamento da materialização do projeto, ficando ou não a cargo do designer,

“será necessário ter à mão não somente os desenhos realizados na etapa anterior, mas também uma planilha com os diferentes serviços contendo as informações sobre data de início e término” (GURGEL, 2017, p. 24).

De acordo com Mancuso (2012), o projeto ideal não é o melhor projeto, mas, sim, o projeto ideal é o melhor para o cliente, atendendo às suas necessidades. Aliado ao pensamento e, envolvendo ao mesmo tempo às questões ambientais, Moxon (2012) argumenta que os designers de interiores têm uma forte influência sobre a condução da forma como vivemos. E, “soluções de projeto simples, como a inclusão de recipientes de reciclagem, de espaço para secagem de roupas e de bicicletários, estimulam os ocupantes a seguirem um estilo de vida sustentável” (MOXON, 2012, p.16), gerando uma mudança de comportamento.

Acredita-se que o design de interiores é mais do que a mera reunião de linhas, texturas de materiais, cores, móveis soltos ou planejados, revestimentos, entre outros; pois, “é vida, é ação, é movimento” (MANCUSO, 2012, p.15).

A Associação Brasileira de Design de Interiores - ABD aponta nove etapas para o processo projetual do designer de interiores no projeto, por meio da Classificação Brasileira de Ocupação – CBO, para designer de interiores nível superior, se diferenciando um pouco do processo projetual apresentado por Gurgel (2017), conforme quadro 05.

Quadro 05 - Etapas do projeto de interiores e descrição de cada etapa.

<b>1 - Analisar proposta de trabalho</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Realizar entrevistas com cliente para identificar intenções;</li> <li>- Identificar os procedimentos e atividades a serem executadas;</li> <li>- Avaliar limites orçamentários;</li> <li>- Avaliar prazos;</li> <li>- Avaliar possibilidades e limites técnicos do espaço a ser trabalhado;</li> <li>- Elaborar proposta de trabalho;</li> <li>- Elaborar proposta de honorários;</li> <li>- Estabelecer cláusulas do contrato de trabalho;</li> </ul>
<b>2 – Conceituar projeto</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Realizar entrevistas com o cliente para definir necessidades funcionais e técnicas;</li> <li>- Realizar levantamento e análise do espaço;</li> <li>- Pesquisar o tema e o perfil do usuário;</li> <li>- Pesquisar contexto social e histórico da obra;</li> <li>- Pesquisar as necessidades específicas das diferentes áreas do espaço a ser planejado;</li> <li>- Levantar normas e legislação;</li> <li>- Analisar os dados levantados;</li> <li>- Diagnosticar problemas;</li> <li>- Definir programas de necessidades;</li> <li>- Definir conceito e partido do projeto;</li> <li>- Planejar espaços;</li> <li>- Elaborar fluxograma;</li> <li>- Elaborar organograma;</li> </ul>

<b>3 - Elaborar estudos preliminares</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Definir ocupações do espaço;</li> <li>- Elaborar a solução criativa para o espaço;</li> <li>- Sugerir eventuais modificações ao projeto arquitetônico;</li> <li>- Definir soluções de conforto ambiental;</li> <li>- Aplicar conceito ergonômico;</li> <li>- Pesquisar materiais;</li> <li>- Representar espaço criado graficamente;</li> <li>- Apresentar estudo preliminar ao cliente;</li> </ul>
<b>4 - Elaborar anteprojeto</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Adequar as alterações do projeto ao espaço;</li> <li>- Definir formas, texturas e cores;</li> <li>- Definir materiais e equipamentos;</li> <li>- Representar graficamente o espaço redimensionado;</li> <li>- Elaborar planilha e especificação de materiais e equipamentos;</li> <li>- Interagir com projetos complementares;</li> <li>- Apresentar o anteprojeto ao cliente;</li> </ul>
<b>5 - Elaborar projeto executivo</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Representar graficamente o projeto para execução;</li> <li>- Projetar a locação de pontos luminotécnicos;</li> <li>- Locar pontos de lógica;</li> <li>- Locar pontos de telefonia;</li> <li>- Locar pontos elétricos;</li> <li>- Locar pontos de ar condicionado;</li> <li>- Locar pontos hidráulicos;</li> <li>- Especificar os materiais e equipamentos a serem utilizados considerando normas de higiene;</li> <li>- Criar peças especiais;</li> <li>- Criar móveis considerando ergonomia;</li> <li>- Adaptar projetos às normas da ABNT;</li> <li>- Estabelecer interfaces gerenciando projetos complementares;</li> <li>- Elaborar memorial descritivo;</li> <li>- Orçar projeto;</li> </ul>
<b>6 - Executar projetos</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Elaborar cronograma físico e financeiro;</li> <li>- Realizar cotação ou concorrência de produtos e serviços;</li> <li>- Selecionar fornecedores;</li> <li>- Estabelecer colaboração com outros profissionais (engenheiros, arquitetos, paisagistas);</li> <li>- Contratar serviço de mão-de-obra especializada (pintor, eletricista etc);</li> <li>- Coordenar as diferentes equipes de trabalho;</li> <li>- Gerenciar obra ou projeto;</li> </ul>
<b>7 - Acompanhar a execução da obra</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Supervisionar os processos construtivos;</li> <li>- Supervisionar cronograma;</li> <li>- Fazer ajustes ao projeto quando necessário;</li> <li>- Avaliar resultado do projeto junto ao cliente;</li> <li>- Orientar a execução específica de materiais e serviços;</li> <li>- Avaliar a pós ocupação do espaço;</li> </ul>
<b>8 - Pesquisar produtos, materiais e equipamentos</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Testar produtos, materiais e equipamentos;</li> <li>- Participar de grupos de especialistas para avaliar produtos e materiais;</li> <li>- Contribuir para o desenvolvimento de produtos, materiais e equipamentos;</li> <li>- Criar espaços ou ambientes utilizando novos produtos;</li> <li>- Participar do lançamento de novos produtos;</li> <li>- Adaptar materiais para criação de ambientes;</li> <li>- Criar soluções para portadores de necessidades especiais;</li> <li>- Pesquisar materiais que garantam a preservação ambiental;</li> </ul>
<b>9 - Promover consumo</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Criar ambiente favorável ao consumo;</li> <li>- Criar ambientes temáticos e estéticos;</li> </ul>

- Montar espaços que destaquem o produto;
- Destacar atrativos sensoriais na distribuição dos objetos para estimular o consumo;
- Proporcionar atrativos sensoriais no ambiente para promover bem-estar;

Fonte: Adaptado de ABD, 2019.

No alinhamento de um processo projetual voltado para a sustentabilidade, destaca-se o Processo de Desenvolvimento de Produto – PDP, desenvolvido por Rozenfeld e Amaral (2006), e que foi adaptado por Azevedo e Nolasco (2009) com a incorporação dos requisitos ambientais desenvolvidos por Manzini e Vezzoli (2016), no ciclo de vida do produto (*Life Cycle Assessment*), como é possível observar na tabela 01.

Tabela 01 - Fases do PDP, responsáveis pelas atividades e requisitos.

<b>Fases do PDP Sob encomenda</b>	<b>Responsável por setor</b>	<b>Atividades do PDP</b>	<b>Requisitos ambientais</b>
Pré Projeto	Diretor/ projetista	Planejamento estratégico	Planejamento da vida útil do produto
		Planejamento do projeto	Planejar processo sustentável Alternativas de novos materiais Alternativas de redesign
Pré Produção	Projetista	Projeto informacional	Processamento com menor impacto
		Projeto conceitual	
Produção	Gerente de produção	Projeto detalhado	Reutilizar sistema, subsistema e comp.
		Preparação para a produção	Protótipos c/ materiais renováveis Previsão dos impactos Aproveitamento de peças e componentes
		Lançamento do produto	Orientação para uso e pós uso Prolongamento da vida útil Otimizar desempenho
Entrega	Projetista	Acompanhar produto	Projetar embalagem Planejar distribuição
		Descontinuar produto	Remontagem Reciclagem Condicionamento adequado

Fonte: Azevedo; Nolasco (2009, p.4).

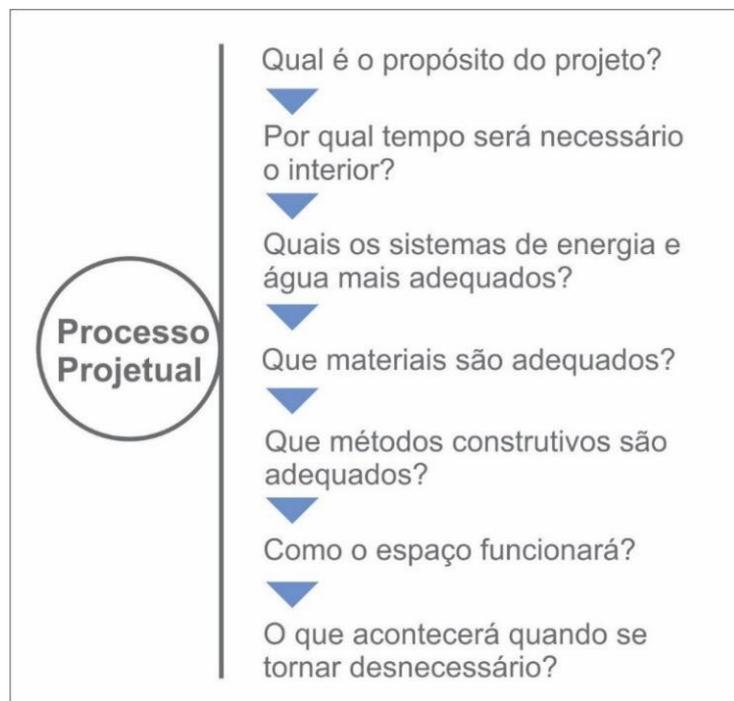
Azevedo e Nolasco (2009, p.1) investigaram os requisitos no âmbito de indústrias de móveis sob encomenda, que tem ligação direta com a área do design de interiores, no desenho de mobiliários em projeto de interiores. E, os resultados indicaram que “os fatores econômicos ainda ditam a forma das empresas responderem às questões ambientais, seja a adequação às leis e regulamentos ou a redução dos custos de produção”.

Assim, de acordo com Lopes (2014, p.36) “o êxito de um projeto ambientalmente sustentável depende das decisões em relação a sua vida útil, que pode ser avaliada por meio de levantamento de questões que podem ajudar os *designers* durante o processo projetual”. Para Rashdan (2015), um projeto de

interiores voltado para a sustentabilidade, e, que tenha sucesso, deve combinar a sustentabilidade em todas as fases do processo de projeto.

Buscando-se um alinhamento das práticas de projeto do design de interiores e sustentabilidade, no processo projetual, conforme ilustrou-se no PDP integrado à requisitos ambientais do ciclo de vida do produto, contudo, que seja aplicado na prática, Moxon (2012, p.38) defende que “para criar um ambiente sustentável em êxito, o designer precisa fazer as perguntas certas durante o processo projetual para avaliar todas as consequências em relação à vida útil do projeto”. Tais perguntas, podem ser vistas na figura 08.

Figura 08 - As sete perguntas de Moxon (2012) no processo projetual.



Fonte: Elaborada pelo autor (2020).

Por se tratar de perguntas genéricas, podem ser aplicadas a qualquer projeto. Elas orientam como a natureza do projeto, especialmente a longevidade, que se pretende atender com a abordagem do desenho sustentável. Além disso, permite que em todas as etapas seja assegurada a vida útil de um projeto sustentável (MOXON, 2012).

A primeira pergunta: **Qual é o propósito do projeto?** Relaciona-se a etapa um (Definir o *briefing* ou Perfil do cliente) do processo projetual elaborada por Gurgel (2017). Com a pergunta inicial, que parece ser simples, busca-se entender de forma geral e abrangente o que o cliente deseja desenvolver, bem como o que o escopo do

projeto solicita que seja produzido, pois, cada escopo de projeto demanda por um tipo de solução, a ser analisada pelo designer, e, as melhores escolhas sustentáveis são fundamentais para o sucesso de um projeto sustentável (MOXON, 2012).

Assim como na segunda etapa (estudar o local) do processo projetual de Gurgel (2017), a pergunta: **Por qual tempo será necessário o interior?** Pode carregar em sua resposta, a abordagem mais adequada a se tomar para o projeto sustentável. Tal informação norteia os designers a definir sistemas mais adequados à energia, materiais e técnicas a serem usadas para intervenção ou construção mais adequadas à sua construção. Permite também que se planeje o projeto em conformidade com ações futuras que podem ser de demolição, flexibilidade ou adaptação.

Rashdan e Ashour (2017) argumentam que para reduzir o impacto dos espaços interiores ao longo de sua vida, é importante, por meio de uma seleção cuidadosa de produtos e materiais, compartilhar com os usuários a responsabilidade do controle do seu ambiente, satisfazendo suas necessidades, e, também, a eficiência de recursos por meio de uma mudança de comportamento. Tais mudanças podem ser apoiadas pelos fatores-chave, que são:

- Menos é mais: redução da quantidade e tamanho de produtos e materiais em todas as fases projetuais;
- Longevidade / durabilidade: investir em produtos e materiais de qualidade, quando a solicitação é por ambientes com longos anos de vida;
- Flexibilidade: no projeto é possível prever possíveis mudanças no futuro, logo, os espaços podem atender à critérios para executar mais de uma função, além de prevê mudanças para atender às necessidades e estilos em desenvolvimento, entre outros;
- Reutilização, reciclagem e biodegradabilidade: especificações de produtos e materiais que possam ser reutilizados, além da possibilidade de serem reciclados ou biodegradáveis;

A união das informações, etapa três do processo projetual de Gurgel (2017), é relacionada com a terceira pergunta de Moxon (2012): **Quais os sistemas de energia e água mais adequado?** A resposta também depende do retorno dos questionamentos um e dois, bem como da localização do projeto. Nesse alinhamento, busca-se com as pessoas envolvidas, identificar as melhores opções viáveis para os

sistemas de energia e água, identificando soluções mais sustentáveis que se adapte com sucesso ao projeto (MOXON, 2012).

Dentro da etapa quatro (design ou o processo criativo) estabelecida por Gurgel (2017), verifica-se a afinidade com a pergunta: **Que materiais são adequados?** Também dependente das respostas das perguntas um e dois. Pois, “o designer de interiores deve considerar cuidadosamente quais materiais e acabamentos usar para executar os seus projetos. Os materiais podem ser naturais ou sintéticos, novos ou reciclados, simples ou *high-tech*, locais ou exóticos” (MOXON, 2012, p.45).

Tal afirmação de Moxon (2012) conversa com os princípios da dimensão econômica da sustentabilidade. Pois, as escolhas de materiais e produtos locais favorecem para a igualdade econômica e desenvolvimento local.

A pergunta: **Que métodos construtivos são adequados?** - relaciona-se a etapa cinco (A solução definitiva ou o Projeto Executivo) do processo projetual modelado por Gurgel (2017). Logo, considerando que os métodos construtivos podem ser tradicionais ou modernos, rápidos ou lentos, molhados ou secos e aparentes ou disfarçado. Desse modo, “a forma como os materiais são colocados juntos no projeto é tão importante quanto os próprios materiais” (MOXON, 2012, p.45). Neste sentido, é necessário que a pergunta seja respondida durante a fase de especificação de materiais, ou seja, quando o designer está definindo o projeto com o cliente.

Considerando que nas fases iniciais que se toma as decisões de funcionalidade e durabilidade, que se atrela como será o fim do projeto, considera-se que as perguntas: **Como o espaço funcionará?** Que é a sexta pergunta e, a sétima pergunta: **O que acontecerá quando se tornar desnecessário?** Devem ser consideradas na etapa três (união das informações) como estabelecida no processo projetual de Gurgel (2017).

A pergunta seis versa sobre como os usuários irão usar o ambiente, como irão utilizar energia e água, como será limpo e mantido, como será o sistema de reciclagem, e, como afetará o bem-estar das pessoas. Tais fatores ajudam a refletir acerca de determinações projetuais, como: se o mesmo será flexível, adequado à promoção de comportamento sustentável e saudável de seus ocupantes (MOXON, 2012).

Na sétima pergunta, verifica-se a preocupação com o final do projeto, quando não for mais útil aos seus ocupantes. Tal pergunta pode parecer desnecessária no

início de um projeto, contudo, norteia um profundo efeito sobre resíduos, assim, ligação direta com o uso de novos recursos. Portanto, “o designer de interiores deve pressupor o fim da vida de um ambiente no início do processo de projeto, escolhendo materiais que possam ser prontamente reutilizados ou reciclados e métodos de instalação que o suportem” (MOXON, 2012, p.52).

Com as perguntas de Moxon (2012), reflete-se que a união com o processo projetual de Gurgel (2017), as práticas sustentáveis são norteadas e orientadas dentro do projeto de design de interiores para a sustentabilidade.

É relevante destacar que as principais decisões para a condução de um projeto voltado para a sustentabilidade acontecem nas fases iniciais do projeto, quando se investiga o cliente, o espaço e, se apresenta os primeiros desenhos projetuais. Logo, é importante que o designer tenha compreensão, habilidade e informações para propor produtos, materiais e serviços nas suas especificações atendendo aos critérios da sustentabilidade, e também, o bem-estar dos usuários nos espaços.

Nesse contexto, refletindo-se sobre os modelos de processos projetuais encontrados na literatura e apresentados no presente estudo, que iniciam com a investigação do problema do cliente (*briefing*), podem proporcionar visões e ações limitantes para uma condução projetual mais alinhada com a dimensão econômica da sustentabilidade.

Pois, Santos *et al.* (2019b, p.35) argumenta que o profissional precisa ter uma orientação estratégica clara sobre a dimensão econômica antes do início do projeto para que possa entender “o vínculo e o impacto de suas próprias ações” e, assim, consiga posicionar-se para direcionar os clientes em suas necessidades.

Deste modo, considerando que o ser humano habita espaços construídos e interage de diversas formas com os mesmos, a responsabilidade do profissional na sua ação de transformá-los é grande e complexa (BARON; FRANCISCO, 2015). Visto que, consiste em “articular os vários elementos que o compõem: sociais, ambientais, tecnológicos, funcionais e estéticos” (BARON; FRANCISCO, 2015, p.132).

Assim, o profissional deve ser estratégico, considerando que atua em uma esfera projetual que impacta de forma ampla na sustentabilidade da sociedade. Portanto, no decorrer da pesquisa serão apresentados conceitos e competências importantes para que o designer de interiores melhor integre e operacionalize os princípios da dimensão econômica da sustentabilidade em suas ações.

## 2.2 Dimensão econômica da sustentabilidade

No cenário da sustentabilidade, qualquer ator social que atue racionalmente em termos econômicos deverá atuar positivamente também em termos ecológicos. Esta é uma afirmação que, na sua simplicidade e racionalidade, questiona o paradigma econômico em que se baseou o desenvolvimento das sociedades industriais (MANZINI; VEZZOLI, 2016, p.50).

No cenário econômico predominante que se conhece com maior proximidade, há uma divergência entre a racionalidade econômica (economia ortodoxa) pautada na busca de uma economia mais eficiente e, a racionalidade ecológica (economia verde - *Green Economy*), que busca a redução do consumo de recursos ambientais (MANZINI; VEZZOLI, 2016, p.50; SANTOS *et al.*, 2019b).

Nessa divergência, Manzini e Vezzoli (2016) apontam que para a economia verde prevaleça, a economia ortodoxa precisa deixar de ser adotada pela sociedade, logo, como solução, a economia deve ser pensada na variável que os custos ambientais para produção devem ser mais altos que os praticados atualmente, e, o centro de interesse da sociedade deve se deslocar do consumo de produtos materiais para o consumo de serviços e informações.

Corroborando o pensamento dos autores, Krucken (2009, p.48) defende que o designer “assume o papel de facilitador, ou agente ativador, de inovações colaborativas, promovendo interações na sociedade.” Pois, propor inovação voltada para a sustentabilidade, requer uma visão ampliada, sistêmica e integrada, envolvendo diversos saberes dos indivíduos.

Andrade (2012) argumenta que a sustentabilidade é complexa e dinâmica, e, deve ser estudada e aprofundada, adotando a relação entre a realidade prática das pessoas e o estudo teórico, pois se trata de um fenômeno cultural. Rosa (2013) relata que a relação entre a qualidade de vida das pessoas e a liberdade presentes em uma geração que, por seguinte, deve passar para as gerações futuras, é o cerne das ideias que precisam ser colocadas em práticas em prol do desenvolvimento sustentável, indo além do tempo de vida de uma pessoa.

De acordo com Andrade (2012, p. 19), “nos últimos anos, a sustentabilidade vem sendo encarada em sua complexidade, buscando-se estratégias e ações que aliem suas principais dimensões”, entre elas, a ambiental, social e econômica. Contudo, compreende-se que outros autores defendem a inserção de outros

dimensões nas discussões entorno do equilíbrio da sustentabilidade (ROSA, 2013). Neste estudo, adota-se somente essas três dimensões.

A dimensão ambiental, de forma direta, trata da sustentabilidade dos recursos naturais. A dimensão social, compreende uma sociedade mais justa e ética e, relaciona-se com a natureza. A dimensão econômica, por sua vez, versa sobre o paradigma da evolução econômica (justa e ética), atrelando-se ao desenvolvimento do bem-estar do homem com a natureza (ANDRADE, 2012; MANZINI; VEZZOLI, 2016; ROSA, 2013; SAMPAIO *et al.*, 2018; SANTOS *et al.*, 2019a; SANTOS *et al.*, 2019b).

Logo, para uma sustentabilidade equilibrada, as três dimensões necessitam de harmonia. Entretanto, na literatura, as dimensões ambiental e social tem recebido mais atenção (ANDRADE, 2012; ROSA, 2013; SANTOS *et al.*, 2019b).

No debate sobre a dimensão econômica em situações reais, não é incomum observar-se a utilização de conceitos convencionais que muitas vezes são contraditórios aos avanços buscados na dimensão ambiental e/ou social. A própria métrica do que vem a ser efetivo progresso econômico vem sendo revisada posto que a mera acumulação de riqueza, quando resultante de prejuízos ambientais e sociais, tem seus fundamentos severamente fragilizados, sendo difícil de ser mantida no longo prazo (SANTOS *et al.*, 2019b, p.14-15).

Dessa forma, este trabalho busca trazer mais entendimento para a dimensão econômica da sustentabilidade, como consequência, contribuições efetivas na direção de uma economia mais igualitária (equidade econômica). Tal posicionamento é justificado pela pouca quantidade de estudos na área, além disso, acredita-se que as dimensões ambiental e social são diretamente impactadas pela sustentabilidade econômica e, a mesma, favorece o desenvolvimento da sustentabilidade ambiental e social.

A compreensão ou determinação das escolhas econômicas, em um primeiro olhar, parece ser simples, no entanto, implica no envolvimento dos temas que vão além da economia, como os conhecimentos das áreas da ciência política, sociologia e antropológica. Além disso, relaciona-se para o entendimento: a dinâmica do sistema econômico, por meio de fluxos entre seus recursos produtivos; unidade de produção (empresas) e instituições, que são políticas, jurídicas, econômicas e sociais (SANTOS *et al.*, 2019b).

Nesse contexto, para o melhor entendimento da dimensão econômica da sustentabilidade e de seus princípios que serão abordados no item seguinte da presente pesquisa, é fundamental a apresentação de alguns conceitos para uma melhor articulação das heurísticas de cada princípio, em prol da promoção do desenvolvimento econômico.

O primeiro conceito a ser evidenciado é o da equidade, proporcionando também compreensão para o entendimento do conceito de equidade econômica, que busca uma divisão mais justa do valor econômico (ANDRADE, 2012; ROSA, 2013). No sentido literal, equidade significa reconhecer o direito de cada indivíduo (AMORA, 2008; DICIO, 2020). Assim, com o entendimento do mesmo, a ação na direção do desenvolvimento econômico significa buscar o bem-estar de todas as pessoas com uma distribuição mais justa dos resultados da atividade econômica.

É importante notar que,

[...] as palavras **equidade** e **igualdade** são conceitos equivalentes, mas não sinônimos. Enquanto a igualdade se refere ao provimento de situações idênticas e/ou equivalentes para todas as pessoas e situações, equidade se refere à capacidade de apreciar e julgar com retidão, imparcialidade e justiça para que não haja desigualdade (SANTOS *et al.*, 2019a, p.17).

Deste modo, a simples oferta de “oportunidades iguais” entre as pessoas pode não resultar em equidade, pois fatores relacionados ao processo educacional, cultural e de infraestrutura, entre outros, podem dificultar e, até mesmo, nem permitir a efetivação de tais oportunidades (ROSA, 2013; SANTOS *et al.*, 2019a).

Portanto, buscando-se evitar injustiça socioeconômica, conseqüentemente, impactos socioambientais. Leff (2009) defende a necessária da flexibilização do sentido de equidade, de modo que o mesmo seja ajustado para casos específicos, retratando melhor a realidade dos indivíduos. Tal sensibilidade na direção do reconhecimento igualitário do direito de cada ser humano, favorece criar políticas públicas alinhadas para uma sociedade mais justa (SANTOS *et al.*, 2019a).

Outro conceito importante é o do valor econômico, que também interfere nas dimensões ambiental e social. Assim, para Santos *et al.* (2019b, p.38), valor econômico é “a importância que um indivíduo ou comunidade dá para determinado recurso, produto, serviço ou sistema, seja para próprio benefício ou de gerações futuras ou seja para troca”. Nesse entendimento, riqueza é a soma de tudo que a sociedade considera como valor (ROSA, 2013; SANTOS *et al.*, 2019b).

Tavares Junior (1997) dividiu o valor econômico em: valor de estima (valorização associada a *status* e outros); valor de troca (referente a troca do produto no mercado); valor de custo (quantidade de recursos/esforços usados para obter o produto) e; valor de uso (desempenho do produto) (ROSA, 2013).

Na ótica de produtos e serviços locais, Krucken (2009) argumenta que o valor econômico é a relação custo/benefício em termos monetários. E, segundo Rosa (2013, p.33), o valor econômico, visto pela ótica da economia ortodoxa, pode ser entendido como a principal métrica de avaliação da riqueza.

Na breve reflexão acerca da compreensão do valor econômico, desprende-se que o valor é uma medida relativa e pode ser compreendido de formas diferentes pelas partes envolvidas (CAVALCANTE *et al.*, 2010). Nesse cenário, com o olhar voltado para o conceito de equidade social, que trata da “busca contínua de redução de barreiras sociais, culturais, econômicas e políticas que resultam em exclusão ou desigualdade” (SANTOS *et al.*, 2019a, p.49).

E para o conceito de equidade ambiental, que em nível local e global, explana que as atividades das pessoas não devem interferir nos ciclos naturais do planeta e, devem respeitar a resiliência do mesmo (MANZINI; VEZZOLI, 2016).

Logo, para que as ações voltadas para o desenvolvimento econômico sustentável possam acontecer de forma ajustada aos conceitos de equidade econômica, equidade social e ambiental, tais ações não devem empobrecer o capital natural do planeta, que serão transmitidos às gerações futuras.

Contribuindo para a compreensão, conseqüentemente, uma mudança de olhar e postura, Sachs (2009) argumenta que para o desenvolvimento sustentável aconteça, precisamos estabelecer o uso e aproveitamento eficaz dos recursos da natureza, respeitando a sua diversidade. Assim, o quadro 06, desenvolvido por Santos *et al.* (2019b), apresenta as principais diferenças de valores e posturas entre uma economia ortodoxa e uma nova economia pautada pela sustentabilidade.

Quadro 06 - Paradigma econômico ortodoxo versus os novos paradigmas.

Paradigma econômico ortodoxo	Novo paradigma econômico
Individualismo	Solidariedade
Crescimento	Desenvolvimento
Larga escala	Pequena escala
Competição	Cooperação
Centralização	Distribuição

Lucro	Bem-estar
Tangível	Intangível
Baseado em produtos	Baseado em serviços
Ética deficiente	Ético e justo
Consumerismo	Compartilhamento

Fonte: Santos *et al.* (2019b, p.15).

Portanto, na necessidade de mudanças efetivas, Manzini e Vezzoli (2016, p. 269) refletem que “seria para nós confortante constatar que a redução do consumo de recursos e da produção de emissões e dos lixos fosse também uma solução com vantagens econômicas”. E concluem que, infelizmente, percebe-se o contrário. No entanto, no momento em que “a biodiversidade necessita ser protegida para garantir os direitos das futuras gerações” (SACHS, 2009, p.67).

Diante de desafios da compreensão da economia, da cultura do consumidor, da cultura empresarial e das organizações, é necessário que o designer tenha orientações claras para atuar na dimensão econômica da sustentabilidade, assimilando conceitos, princípios e ferramentas estratégias, e, conseqüentemente, tomando consciência dos impactos de suas próprias ações (SANTOS *et al.*, 2019b).

Entretanto, para além da assimilação, compartilha-se dos pensamentos de Manzini e Vezzoli (2016), pois, para a implementação de ações sustentáveis, é necessário critérios e instrumentos mais eficientes, e, que se integrem nas fases de desenvolvimento de produtos.

### 2.2.1 Princípios da dimensão econômica da sustentabilidade

Como forma didática de implementação, a dimensão econômica conta com princípios, dos quais, o livro “Design para Sustentabilidade: Dimensão Econômica”, desenvolvido por Santos *et al.* (2019b), enumera seis:

- i. Fortalecer e valorizar recursos locais;
- ii. Respeitar e valorizar a cultura local;
- iii. Promover a economia local;
- iv. Promover organizações em rede;
- v. Valorizar a reintegração de resíduos;
- vi. Promoção da educação para a economia sustentável;

Voltando-se para tais princípios, estudos anteriores como de Andrade (2012) e Rosa (2013), versaram sobre os mesmos, bem como levantaram outros. Buscando

melhor compreensão para uma economia sustentável nas decisões do design, Rosa (2013) identificou princípios e diretrizes para a operacionalização da dimensão econômica do design para a sustentabilidade no âmbito de microempresas.

Andrade (2012) propôs a interação dos temas da gestão de design e sustentabilidade, investigando de que forma o design interfere nos aspectos da dimensão econômica da sustentabilidade em grupos produtivos de pequeno porte focados no artesanato. Entre os resultados observados, destaca-se o favorecimento a equidade econômico-social; contribuindo para a desmaterialização dos produtos e focando no potencial de novos serviços orientados à experiência do usuário.

Rosa (2013), por sua vez, avaliando a dimensão econômica do design no âmbito empresarial, acrescentou dois princípios: ser competitivo e ser lucrativo. Destacando que os princípios têm maior ocorrência nas fases iniciais do Processo de Desenvolvimento de Produto – PDP (pré-desenvolvimento e desenvolvimento, e continua:

[...] grande parte das diretrizes referentes aos princípios estudados necessita de um planejamento que antecede a produção de produtos. Desse modo, entende-se que tais práticas deverão permear todas as etapas do PDP, no entanto as melhores fases para tomada de decisões, nesse sentido, são as iniciais. (ROSA, 2013, p.155).

Aliando os dois olhares, seja na condução de produtos voltados para as indústrias, ou para produtos de base local, que também podem ter características industriais, o designer ciente de seu papel na dimensão econômica da sustentabilidade, propõe, de forma estratégica, a implementação de uma economia pautada na sustentabilidade.

Acredita-se, assim como Krucken (2009, p.82), que é possível projetar uma cadeia de valor, pois “um produto que compramos e usamos resulta de um conjunto de atividades e escolhas por parte dos atores que compõem (de forma consciente ou não) sua cadeia de valor.” A cadeia de valor compreende em sua definição a origem do recurso local, uso do recurso local, transformação do recurso local e distribuição.

Deste modo, assim como em uma configuração final de um produto, é necessário tomar uma série de decisões, além das escolhas projetuais, que podem ser conscientes ou não, alinhadas ou não. Ter consciência desse processo relacional, entre a origem do produto e cliente final, pode conduzir e orientar os esforços dos diversos atores envolvidos (KRUCKEN, 2009). No projeto de interiores também pode

acontecer da mesma forma, pois, o uso de produtos e serviços locais no design de interiores favorece para uma nova concepção na forma de pensar, conseqüentemente, a valorização, o processo educativo e a preservação (MOUBARAK; QASSEM, 2019).

Portanto, a seguir, apresenta-se no quadro 07, os princípios da dimensão econômica da sustentabilidade e suas respectivas heurísticas, aqui adotados para a investigação da compreensão e integração no processo projetual do design de interiores.

Quadro 07 - Princípios da DES com suas heurísticas.

<b>Fortalecer e valorizar recursos locais</b>
01 - Fortalecer e valorizar insumos materiais e estrutura produtiva locais; 02 - Conferir novos significados e usos a infraestruturas locais abandonadas; 03 - Avaliar a disponibilidade de recursos renováveis locais latentes; 04 - Aumentar a competitividade dos recursos endógenos em relação aos recursos exógenos a região; 05 - Possibilitar suporte a métodos e condições naturais nos processos de cultivo e produção; 06 - Utilizar recursos locais primários, tradicionais e renováveis; 07 - Valorizar a gestão ambiental do ciclo de vida dos materiais; 08 - Promover a qualidade dos produtos e dos processos de fabricação contidos no território; 09 - Apoiar a comunicação, aproximando consumidores e produtores, intensificando as relações territoriais; 10 - Apoiar o desenvolvimento de arranjos produtivos e cadeias de valor sustentáveis, visando ao fortalecimento de micro e pequenas empresas locais.
<b>Respeitar e valorizar a cultura local</b>
01 - Utilizar e promover o uso de competências/habilidades locais; 02 - Proteger a cultura local através do registro e disseminação de suas várias expressões; 03 - Promover capacidades, identidades e diversidades culturais individuais; 04 - Priorizar aspectos da identidade regional; 05 - Reduzir os impactos na biodiversidade da fauna e da flora local em decorrência de atividades de natureza cultural; 06 - Valorizar e proteger as contribuições para a sustentabilidade de modos de vida locais; 07 - Respeitar os modelos de produção locais tradicionais; 08 - Promover a qualidade de produtos e serviços como expressão e reconhecimento de habilidades particulares da região; 09 - Valorizar o imaginário e os saberes tradicionais.
<b>Promover a economia local</b>
01 - Estimular que atores locais realizem de forma autônoma etapas do processo de negócio; 02 - Priorizar a contratação de colaboradores locais; 03 - Desenvolver competências para possibilitar a retenção das pessoas em sua própria região, evitando migrações para outras regiões; 04 - Apoiar o estabelecimento de empresas de base local.
<b>Promover organizações em rede</b>
01 - Selecionar sempre que possível organizações em rede ou indivíduos associados a estas organizações; 02 - Promover redes distribuídas para o acesso a insumos e equipamentos; 03 - Promover o compartilhamento de sistemas de informação, manufatura e distribuição; 04 - Promover redes de colaboração de pessoas; 05 - Promover a conectividade entre atores locais que atuam no mesmo negócio; 06 - Promover a sinergia entre <i>clusters</i> de atores locais para a realização de etapas ou até a totalidade do processo do negócio;

<p>07 - Promover a sinergia das atividades realizadas por organizações ao longo de uma mesma cadeia de valor;</p> <p>08 - Promover a cooperação entre atores que desenvolvem a mesma atividade ou possuem o mesmo perfil;</p> <p>09 - Promover a realização conjunta de estudos de inteligência cooperados;</p> <p>10 - Implementar canais integrados de contatos com clientes e suas demandas junto à rede;</p> <p>11 - Promover a comercialização e distribuição compartilhada de produtos produzidos por comunidades locais</p> <p>12 - Implementar estruturas de suporte ao desenvolvimento de relações entre produtores e consumidores.</p>
<p><b>Valorizar a reintegração de resíduos</b></p>
<p>01 - Priorizar a utilização de resíduos locais para evitar impactos ambientais e econômicos devido ao transporte;</p> <p>02 - Promover a reciclagem em cascata, onde ciclos sequenciais de reciclagem são previamente projetados, considerando as sucessivas alterações físico-químicas da matéria prima;</p> <p>03 - Implantar ou adaptar infraestrutura e serviços que possibilitem reformar/melhorar artefatos sem uso e descartados;</p> <p>04 - Renovar/reintegrar, no processo produtivo, as emissões (produtos e materiais) industriais, domésticos e urbanos;</p> <p>05 - Fomentar a geração de renda local através da utilização de resíduos gerados a partir da produção de bens e oferta de serviços;</p> <p>06 - Empreender esforços para ressignificação das percepções estéticas associadas a resíduos;</p> <p>07 - Estimular os sistemas de produção interligados (sistema ecológico industrial);</p> <p>08 - Complementar o sistema existente com artefatos e serviços de coleta para reuso ou remanufatura;</p> <p>09 - Complementar o sistema existente com serviços orientados à recuperação da energia embutida em resíduos;</p> <p>10 - Integrar no sistema artefatos e serviços orientados à compostagem;</p> <p>11 - Externalizar a totalidade dos custos da extração de matéria prima virgem vis a vis a matéria prima oriunda de reciclagem.</p>
<p><b>Promoção da educação para a economia sustentável</b></p>
<p>01 - Permitir a compreensão dos impactos econômicos locais da opção por organizações em rede (ex: aumento do número de empregos);</p> <p>02 - Estimular a compreensão dos benefícios econômicos da valorização da infraestrutura local;</p> <p>03 - Fomentar a reflexão crítica sobre o valor econômico associado à cultural local;</p> <p>04 - Incentivar a ressignificação de produtos produzidos a partir de resíduos;</p> <p>05 - Desenvolver competências de cooperação dentro do território;</p> <p>06 - Possibilitar a compreensão dos benefícios de uma economia distribuída em relação a uma economia centralizada;</p> <p>07 - Estimular a valorização de ações de natureza coletiva em detrimento de soluções individualistas;</p> <p>08 - Permitir a compreensão dos impactos de ações voltadas ao crescimento em contraposição a ações voltadas ao desenvolvimento;</p> <p>09 - Estimular a reflexão crítica do paradigma de produção orientado à produção em massa em contraposição à produção em pequena escala;</p> <p>10 - Estimular a reflexão crítica sobre a efetiva necessidade de propriedade de produtos em contraposição à contratação de serviços.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Estes princípios versam acerca do olhar para o local, e, para que seja efetivo, é fundamental compreender a origem dos recursos no seu contexto e parte de um conhecimento local (KRUCKEN, 2009).

Ao falar do local, cabe ressaltar a importância da Amazônia presente no Brasil, segundo os dados da *Conservation International* (2019), a floresta amazônica abriga

a biodiversidade mais rica de qualquer ecossistema do planeta (10% das espécies conhecidas no mundo), o sistema fluvial da Amazônia também fornece energia hidrelétrica para milhões de pessoas (representando 20% da água doce do mundo), a região é o lar de tantas pessoas quanto Tóquio, Cidade do México e Nova York juntas (30 milhões de pessoas vivem na bacia amazônica). E o desafio, é minimizar os impactos causados pelo crescimento econômico em prol de um dito “desenvolvimento”.

Entende-se aqui, que o crescimento econômico se pauta no aumento da geração de valor econômico por meio do excessivo aumento da produção, extração e utilização de recursos naturais, enquanto o desenvolvimento econômico busca o progresso econômico sem relacionar a melhoria do bem-estar da sociedade com o aumento do consumo material (SANTOS *et al.*, 2019b).

Neste momento, outro ponto importante para um melhor entendimento da dimensão econômica da sustentabilidade e de seus princípios, é o fato de que a produção de produtos ou serviços de base local e cultura local não estão atrelados somente aos processos artesanais ou de baixa tecnologia. Assim como um artefato de base local pode ser simplesmente artesanal (pouca ou nem uma tecnologia envolvida no processo), também pode ser um artefato com muita tecnologia.

Como exemplo, destaca-se o movimento *maker* que é uma extensão tecnológica da cultura do “faça você mesmo”. De acordo com Silveira (2016, p. 131), tal movimento estimula as pessoas comuns da sociedade a construir, modificarem, consertarem e fabricarem os próprios objetos, com as próprias mãos, gerando uma grande mudança na forma de pensar.

Práticas de impressão 3D e 4D, cortadoras a laser, robótica, arduino, entre outras, incentivam uma abordagem criativa, interativa e proativa de aprendizagem em jovens e crianças, gerando um modelo mental de resolução de problemas do cotidiano. É o famoso “pôr a mão na massa” (SILVEIRA, 2016, p. 131).

Em um primeiro olhar, a ideia do faça você mesmo proporciona a ideia do reaproveitamento e/ou reutilização de objetos, contribuindo para redução do descarte e aquisição de novos bens materiais. Contudo, em um segundo olhar, possibilita a abertura de olhar das pessoas para uma nova forma de produzir e, ao mesmo tempo, mais próxima dos consumidos à produção (ZYLBERSZTAJN, 2015), como

consequência, proporciona uma economia mais descentralizada (MENDONÇA, 2017).

Além da possibilidade de trabalhos com o artesanato tradicional, o movimento *maker* trabalha com a expertise da engenharia (dispositivos eletrônicos ou robóticos), logo é possível fabricar artefatos sem precisar de uma grande indústria (produção em larga escala) (SANTOS *et al.*, 2019b).

Deste modo, a contemporaneidade vem proporcionando a exploração dos avanços das tecnologias de informação, comunicação e fabricação, entre outras, para a promoção de uma economia mais distribuída (SANTOS *et al.*, 2019b).

Neste contexto, o princípio 1 (um) da dimensão econômica da sustentabilidade, busca **fortalecer e valorizar recursos locais**, por meio da priorização dos recursos locais no desenvolvimento de produtos/projetos, promovendo maiores vantagens competitivas em relação aos recursos de fora da região (exógenos). O segundo princípio, versa sobre **respeitar e valorizar a cultura local**, buscando ressaltar os ativos intangíveis da cultura local (artesanato, livros, filmes, pintura, fotografias, entre outros), assim, promovendo maior igualdade econômica e social entre os atores sociais envolvidos (SANTOS *et al.*, 2019b).

O terceiro princípio, procura **promover a economia local** que de forma direta, envolve e permite maior protagonismos das pessoas que trabalham com os recursos locais, fomentando a renda, conseqüentemente, o empreendedorismo local. Logo, no quarto princípio, **promover organizações em rede**, significa contribuir para a organização dos pequenos empreendimentos locais em rede (conjunto), de forma que tenham força competitiva e alcancem maior igualdade econômica (SANTOS *et al.*, 2019b).

No quinto princípio, busca-se **valorizar a reintegração de resíduos**, assim, defende-se que os resíduos são recursos, e, utilizá-los significa reduzir a retirada de novos recursos naturais da natureza, portanto, é imprescindível o desenvolvimento e implementação de soluções que transformem os resíduos em ativos econômicos na geração de renda. O último princípio, aqui estudado, versa sobre a **promoção da educação para a economia sustentável**, tratando da importância de se desenvolver nas pessoas a competência de valorização de práticas voltadas para uma economia mais sustentável, e, como consequência, nas decisões de consumo, compreendam e

tomem como ação, o que foi explanado nos princípios anteriores apresentados (SANTOS *et al.*, 2019b).

No Brasil observa-se a existência de um significativo potencial de consumo de produtos finais elaborados a partir de recursos da biodiversidade. Porém, observa-se que muitos produtos provêm de outros países. O fato evidencia a importância de investir em uma cultura do meio empresarial e industrial em relação à inovação e ao design, de modo a fomentar no próprio país o desenvolvimento desses produtos baseados em recursos biológicos locais (KRUCKEN, 2009, p.73).

Para além do pensamento de Krucken (2009), busca-se neste trabalho uma cultura do entendimento, para que assim, aconteça a solicitação de produtos que fortaleçam o desenvolvimento da economia (economia sustentável), por partes das pessoas. Portanto, no âmbito do design de interiores, por meio da compreensão, evidenciação e integração dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade no processo projetual dos designers de interiores.

Na ampliação teórica dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade e relacionados ao design de interiores, foco da pesquisa, no item seguinte, evidencia-se um viés investigativo voltado para a compreensão e integração de tais princípios no processo projetual dos designers de interiores.

### 2.2.2 Relação dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade com o design de interiores

Os aspectos relacionados à dimensão econômica da sustentabilidade nem sempre são tangíveis ou, quando são tangíveis, pode ir além dos limites espaciais de um artefato físico isolado (SANTOS *et al.*, 2019b).

Deste modo, faz-se necessário a transparência na cadeia produtiva dos produtos, logo, espera-se que os consumidores tenham consciência em suas escolhas de consumo (KRUCKEN, 2009; SANTOS *et al.*, 2019b). A transparência “é compreendida, aqui, como a habilidade de um produto, serviço ou sistema de comunicar a qualquer pessoa informações relevantes acerca da sustentabilidade” (SANTOS *et al.*, 2019a, p.91).

Assim, é relevante refletir sobre a transparência da cadeia produtiva com a externalização dos impactos da compra de produtos para os consumidores, sejam eles de base local e/ou de fora da região. Pois na compra de um produto relativamente

de custo baixo, produzido fora do país de origem, por exemplo, em um primeiro olhar pode significar uma economia para o consumidor; contudo, tal pensamento quando observado em um segundo olhar, de forma mais clara, é necessário questionar como foi a produção do produto, os impactos econômicos e socioambientais que causou, entre outras questões implícitas e não evidenciadas.

E, quando não se compra um produto de base local, desenhado para uma economia mais distribuída, atendendo às questões socioeconômicas, há um desencadeamento de impactos para as comunidades produtoras da região ou país no qual o consumidor vive; entre eles, a migração das pessoas de seus territórios para os grandes centros urbanos, devido à baixa renda obtida com a venda da produção, por exemplo.

Nesse pensamento, Moubarak e Qassem (2019) defendem o envolvimento do artefato artesanato e o desenvolvimento de indústrias locais no design de interiores, pois, colabora e cria novas maneiras de pensar e, assim, projetar.

Tal abordagem de envolvimento possibilita a inclusão das três dimensões da sustentabilidade no âmbito do design de interiores. No nível ambiental, o artesanato ou produção local pode contribuir na redução de resíduos e poluição, por gases nocivos, devido ao uso de materiais naturais e saudáveis nos projetos de interiores, em vez de materiais artificiais e químicos. Consequentemente, os produtores dos produtos locais serão valorizados, beneficiando a dimensão social da sustentabilidade (MOUBARAK; QASSEM, 2019).

No nível econômico, Moubarak e Qassem (2019) relatam que o artesanato e/ou produção de base local depende principalmente de materiais de custos acessíveis, disponíveis e locais, que ajudam no desenvolvimento local e reduzem o problema dos custos de transporte. Além disso, a redução de transporte, reduz o uso de combustível, beneficiando também a dimensão ambiental da sustentabilidade.

Um exemplo claro e aplicado do uso de produtos locais no design de interiores pode ser visualizado na figura 09, e, relaciona-se com o princípio 1 (um) da DES: Fortalecer e valorizar recursos locais.

Figura 09 - Recursos locais no design de interiores.



Fonte: Pippi (2019).<sup>4</sup>

Na ilustração, pode-se observar o uso de objetos característicos da produção local, como o vaso cerâmico, tapete e cestos. Neste sentido, Krucken (2009) aponta para a necessidade de integrar competências com o investimento no desenvolvimento de uma visão mais holística e compartilhada entre atores do meio empresarial, institucional e governamental para o potencial do uso de recursos locais de cada localidade.

Como vistas no quadro 07, anteriormente apresentado, as heurísticas do princípio: Fortalecer e valorizar recursos locais, demonstram que a busca pelo desenvolvimento sustentável regional tem como requisito primordial, a valorização do papel do território e, suas características diferenciadoras que são típicas de cada local de origem (SANTOS *et al.*, 2019b).

De acordo com Low (1996), os espaços interiores podem ser o cenário de transformações reais no nível da dimensão social da sustentabilidade e cultural, pois os objetivos carregam trocas sociais, memórias, imagens, entre outras características que transmitem significado simbólico.

Outro exemplo aplicado, visualiza-se na figura 10 que relaciona os princípios 2 (dois) e 3 (três) da DES: Respeitar e valorizar a cultura local e, Promover a economia local.

<sup>4</sup> Montagem a partir de imagens coletadas no site da arquiteta Juliana Pippi. Disponível em: <http://www.julianapippi.com/arquitetos-florianopolis-projetos-2016C.php?cod=1>. Acesso em 5 set. 2019.

Figura 10 - Cultura e promoção da economia local.



Fonte: Pippi (2019)<sup>5</sup>

Na imagem observa-se o uso de fotografia local, além de outros objetos desenvolvidos com materiais naturais com características de produção local. Desse modo, para Moubarak e Qassem (2019), quando os projetistas usam objetos locais com heranças simbólicas no design de interiores, evidencia-se identidade e exclusividade, pois não haverá em outro lugar, tal peça ou objeto oriundo da cultura local.

No uso das heurísticas do princípio: Respeitar e valorizar a cultura local, compreender o termo cultura é fundamental, neste sentido, Santos *et al.* (2019b, p. 62, *apud* Geertz, 1978), comentam que:

Muitos são os paradigmas e teorias que visam atribuir um significado ao que é a cultura mas, de forma esquemática podemos considerar a cultura como um sistema simbólico no qual os seres humanos estão imersos e compartilham mutuamente os significados que emergem de tais símbolos[...].

Logo, com tal compreensão, o design, frente ao princípio: Promover a economia local, orientado à economia local, é visto como instrumento para colaborar na reestruturação do perfil dos processos de negócio no âmbito do território (SANTOS *et al.*, 2019b).

<sup>5</sup> Montagem a partir de imagens coletadas no site da arquiteta Juliana Pippi. Disponível em: <http://www.julianapippi.com/arquitetos-florianopolis-projetos-2016C.php?cod=1>. Acesso em 5 set. 2019.

O uso de produtos locais, também se aplica aos conceitos de reutilização e reciclagem de materiais. Moubarak e Qassem (2019) argumentam que o custo do processo de resíduos se torna menor na aplicação de produtos locais.

A figura 11 exemplifica-se a aplicação de produtos com resíduos, e, que tem ligação com os princípios 4 (quatro), 5 (cinco) e 6 (seis) da DES: Promover organizações em rede, Valorizar a reintegração de resíduos e, Promoção da educação para a economia sustentável.

Figura 11 - Organização em rede, resíduos e educação econômica.



Fonte: Pippi (2019).<sup>6</sup>

No painel de imagens, visualiza-se o uso de material residual em produtos também característicos de produção local, além disso, o uso dos mesmos movimenta a economia local que, quando se organiza em rede (parceria com outros produtores), ganha força competitiva diante de produtos de fora da região. Tal explanação, pode ser fruto da promoção educativa de uma economia sustentável.

Neste contexto, para Moubarak e Qassem (2019), o design de interiores voltado para a sustentabilidade representa mais do que preocupações com as mudanças climáticas e/ou reciclagem. É uma mudança de paradigma, na maneira como encaramos a natureza, bem como a humanidade consciente da interconexão do mundo físico, social e cultural.

<sup>6</sup> Montagem a partir de imagens coletadas no site da arquiteta Juliana Pippi. Disponível em: <http://www.julianapippi.com/arquitetos-florianopolis-projetos-2016C.php?cod=1>. Acesso em 5 set. 2019.

Diante das heurísticas do princípio: Promover organizações em rede, as estratégias para implementar organizações locais em rede, conforme quadro 07, possibilitam criar condições para se ampliar a resistência social, econômica e ambiental, pois possibilita otimizar a utilização de ativos econômicos locais, bem como a interação e compartilhamento de infraestrutura e conhecimento (SANTOS *et al.*, 2019b).

Para Krucken (2009), a infraestrutura, interesse e envolvimento de agentes políticos e da própria comunidade produtora, possibilidades de financiamento à produção e à pesquisa, são, sem dúvida, elementos indispensáveis para o desenvolvimento e consolidação de redes no território.

Valorizar a reintegração de resíduos, quinto princípio da DES, solicita, juntamente com as heurísticas (quadro 07), um posicionamento diferente das pessoas e organizações diante de suas decisões de consumo, pois demanda uma maior valorização da justiça e ética ao longo de toda cadeia produtiva de produtos residuais (SANTOS *et al.*, 2019b).

Segundo Kazamia e Kafaridou (2010), na redução e uso de resíduos, os designers de interiores devem minimizar os desperdícios através da redução, reutilização ou reciclagem de produtos e, também devem incentivar o desenvolvimento e a utilização de produtos recuperados e/ou reciclados.

No princípio: Promoção da educação para a economia sustentável, Santos *et al.* (2019b, p.84) defendem que:

As iniciativas orientadas à educação econômica, mais ampla em escopo que a educação de ordem financeira, necessitam resultar em clareza de compreensão quanto às consequências das escolhas nas aquisições do dia-a-dia, estimulando a reflexão crítica.

Assim, a promoção de uma educação para a economia sustentável, com o uso e valorização da produção local, pode representar uma transição de paradigma, para uma sociedade mais sustentável (MOUBARAK; QASSEM, 2019).

No percurso teórico até aqui apresentado, observa-se por meio do diálogo entre os autores, uma vasta quantidade de informações que os designers de interiores precisam conduzir para que possam gerar soluções estéticas, funcionais e diferenciadas no processo projetual.

Além disso, alinhar estratégias ambientais, como as voltadas para os princípios da dimensão econômica da sustentabilidade, é, sem dúvida, solicitar dos

profissionais maior compreensão e entendimento, para que assim, com habilidade, possam estrategicamente apresentar em seus projetos soluções projetuais que estimulem o desenvolvimento econômico local.

No momento em que vivemos, a sustentabilidade no projeto de interiores não é algo opcional, mas uma direção a ser seguida para a qualidade de projeto (MOXON, 2012). Portanto, é imprescindível desenvolver estudos que apoiem a compreensão e integração de estratégias ambientais, bem como a abertura de olhar nos processos de design.

### **2.3 Design de interiores no desafio da sustentabilidade**

No desafio da sustentabilidade, Rashdan (2015) defende que os designers devem identificar e entender as barreiras à sustentabilidade nas práticas do design, pois, só assim, terão estratégias contra elas. No desafio da dimensão econômica da sustentabilidade, Santos *et al.* (2019b) destacam o estudo de Costa (2019), na definição de competências que o design deve conhecer e adotar na direção da DES em suas práticas.

Tais competências foram levantadas na Tese de Costa (2019, p. 245) e, apontam os conhecimentos que o designer precisa ter para se alcançar uma produção distribuída (desenvolvimento orientado à produção em pequena escala, descentralizada), como lista-se abaixo:

- Conhecimento em sociologia, globalização, cultura local e impacto socioambiental;
- Conhecimento em fabricação digital, recursos locais (endêmico);
- Conhecimentos sobre gestão, autogestão e desenvolvimento de fornecedores;
- Habilidade em facilitação, comunicação, negociação, articulação política e interculturalidade;
- Habilidade em criar estruturas de organização e em promover a autonomia de pessoas envolvidas no projeto;
- Habilidade em realizar pesquisas, empreendedorismo e visão sistêmica;
- Habilidade em inovação e criatividade;
- Atitude ética, alteridade, empatia e responsabilidade;
- Atitude descentralizadora, colaborativa, empreendedora e proativa;
- Essencialismo e consciência de consumo.

Costa (2019) comenta que é imprescindível criar soluções para localidades onde habilidades específicas de transformação dos recursos são escassas. Assim, favorecer uma economia descentralizada na produção, com a promoção da economia

local, atribuindo maior valor aos produtos locais, por meio de estratégias, como a fabricação digital, permite, com sucesso, o desenvolvimento do empreendedorismo de base local.

Sendo a fabricação digital, um processo de manufatura digital, que materializa desenhos digitais de duas ou três dimensões em artefatos físicos, por meio de ferramentas e tecnologias controladas por computador (GERSHENFELD, 2012). A mesma, quando utilizada para melhorias de produtos locais, possibilita soluções inovadoras para o desenvolvimento da economia.

Ainda no conhecimento dos desafios, com maior proximidade do âmbito do design de interiores, Rashdan (2015, p.4-5) levanta barreiras para a sustentabilidade nas práticas projetuais do designer de interiores (quadro 08).

Quadro 08 - Barreiras para às práticas sustentáveis no design de interiores.

Barreiras Sustentáveis	Motivações das Barreiras
Custo	- Custo ou viabilidade elevados, impossibilitando que clientes optem por abordagens sustentáveis nos projetos;
Tempo e pesquisa	- Os profissionais precisam investir tempo em pesquisas para obter conhecimento e compreensão para projetar soluções sustentáveis, além dos sistemas, materiais, tecnologias e processos de integração. Tais pesquisas demandam tempo, que na maioria das práticas profissionais é limitado;
Educação para a sustentabilidade nos cursos de design de Interiores	- Falta de inclusão dos conceitos da sustentabilidade nos currículos dos cursos de design de interiores;
Falta de experiência do designer de interiores com a sustentabilidade nas práticas profissionais	- Os esforços para se aumentar a conscientização sobre a sustentabilidade também deve acontecer dentro das indústrias. Neste sentido, quando há oportunidade de se trabalhar com práticas sustentáveis, os empresários se deparam com profissionais sem o devido conhecimento para implementação de tais práticas; - Falta de investimento no conhecimento sustentável por falta de empresas e profissionais na área de design de interiores; - Infraestrutura atual nem sempre possibilita um comportamento voltado para a sustentabilidade;
Disponibilidade de materiais sustentáveis	- Falta de confiabilidade nas informações fornecedores por fabricantes de produtos ditos feitos com materiais sustentáveis; - Variedade limitada de materiais e produtos sustentáveis para se apresentar para os clientes; - Falta de capacidade dos profissionais em obter fontes sustentáveis com produtos produzidos localmente;

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Em algumas colocações presentes no quadro acima, percebe-se o alinhamento dos pensamentos dos autores Andrade (2012), Hayles (2015), Moxon (2012), Murto, Person e Ahola (2014), Rosa (2013), Rashdan e Ashour (2017) e, Santos *et al.* (2019b), quanto a falta de conhecimento voltado para a sustentabilidade entre os

designers. Apontando novamente para a necessidade do investimento em estudos que favoreçam a instrumentalização dos designers de interiores diante de tantos desafios.

Rashdan (2015) também aponta para a necessidade de estudos que mostrem a eficiência econômica e as economias potenciais proporcionadas por soluções sustentáveis, a fim de incentivar os clientes a investir seu dinheiro.

Moxon (2012) defende que o designer precisa ser orientado por fontes independentes de informações voltadas para a sustentabilidade e por seu próprio conhecimento ao definir as escolhas de seus produtos, para que não corra o risco de ser ludibriado por fornecedores e, assim também ter habilidade de propor estrategicamente para os seus clientes.

Por outro lado, Lopes (2014, p.23), argumenta que “os desafios das atividades humanas sustentáveis não se prendem somente à produção, comércio, indústria, serviços, educação, saúde e outros.” E, completa:

É preciso a participação de grupos comprometidos com as questões ambientais, em especial aquelas vinculadas ao consumo e geração de resíduos. Há necessidade de implantação de planos sistêmicos de gerenciamento entre os elementos biofísicos e sociais para promover a qualidade de vida em todos os seus aspectos (LOPES, 2014, p.23-24).

Contudo, mesmo com o fato levantado por Lopes (2014), há o desafio da consciência e conscientização dos indivíduos de modo que criem hábito para a redução do consumo e tenham ações voltadas para a transição de uma sociedade sustentável (MANZINI; VEZZOLI, 2016).

Sarmiento (2017, p.131) acredita que apesar dos muitos desafios, é preciso que aconteça uma evolução no relacionamento entre a sociedade e o meio ambiente. Portanto, “é necessário repensar maneiras de viver a vida diária, interagindo com a natureza e gerando menos impacto para o meio ambiente.”

Nesse contexto, para que o designer de interiores promova a sustentabilidade em suas práticas projetuais, requer que o profissional englobe doze critérios em suas ações diárias (KAZAMIA; GWILLIAM, 2011, p.3 *apud* AMERICAN SOCIETY OF INTERIOR DESIGNERS, 2011). Tais critérios também direcionam o olhar para a dimensão econômica e podem ser verificados no quadro 09.

Quadro 09 - Critérios sustentáveis para as práticas dos designers de interiores.

1. Projeto de construção integrado por equipes multidisciplinares colaborativas;
2. Ambientes internos que suportem o bem-estar e a produtividade dos ocupantes;
3. Recursos e eficiência energética;
4. Equidade social nos níveis local e global;
5. Proteção do meio ambiente natural;
6. Impacto econômico positivo de práticas operacionais e de manutenções otimizadas e, avaliações de custo do ciclo de vida;
7. Advocacia por produtos e serviços seguros: os designers de interiores devem advogar para seus clientes e empregadores o desenvolvimento de edifícios, espaços e produtos ambientalmente responsáveis; com execução socialmente justa e mais segura para todos os seres vivos;
8. Proteção da biosfera: os designers de interiores devem eliminar o uso de qualquer produto ou processo que polua o ar, a água ou a terra;
9. Uso sustentável dos recursos naturais: os designers de interiores devem fazer uso de recursos naturais renováveis, incluindo a proteção da vegetação, dos habitantes da vida selvagem, dos espaços abertos e da natureza;
10. Redução de resíduos: os designers de interiores devem minimizar o desperdício por meio da redução, reutilização ou reciclagem de produtos e incentivar o desenvolvimento e o uso de produtos recuperados e reciclados;
11. Uso inteligente da energia: os designers de interiores devem reduzir o uso de energia, adotar estratégias de conservação de energia e escolher fontes de energia renováveis;
12. Redução de risco: os designers de interiores devem eliminar o risco ambiental para a saúde dos usuários finais de seus projetos.

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

O alinhamento dos critérios acima apresentados, solicita uma postura do designer para além do conhecimento adquirido em sua formação. Rashdan (2015) acredita que a evolução do movimento para a sustentabilidade econômica em projetos depende também da sensibilização, seja por governos ou indivíduos, para a aceitação de soluções sustentáveis propostas pelo design.

Ainda segundo o autor, é necessário também o desenvolvimento de tecnologias que favoreçam a manutenção dos recursos ou no controle do consumo dos mesmos nos espaços internos. Além disso, é fundamental a integração de conceitos das dimensões da sustentabilidade, entre elas, a dimensão econômica da sustentabilidade, nos currículos dos cursos do design de interiores, assim os alunos podem ser encorajados a propor novas ideias, conseqüentemente, uma nova geração de designers que acredita em soluções sustentáveis e, portanto, capazes de transmitir a mensagem de sustentabilidade em suas práticas cotidianas (RASHDAN, 2015).

Assim, compreende-se que o desafio do desenvolvimento econômico sustentável é complexo e, no projeto de interiores, onde são tomadas decisões que podem contribuir para o desmatamento tropical, desperdício de recursos, consumo de recursos, das alterações climáticas, bem como a falta de água e de poluição

(KAZAMIA; GWILLIAM, 2011; MOXON, 2012), o desafio é ainda mais árduo diante de barreiras, como as levantadas anteriormente por Rashdan (2015) no quadro 08.

No entanto, acredita-se também que um dos caminhos para o desenvolvimento de práticas sustentáveis voltadas para dimensão econômica no design pode estar na modificação de seus próprios processos, pois, só assim, os designers podem enfrentar os desafios sustentabilidade (DEMIRKAN; AFACAN, 2018).

Conforme verificação, à luz dos autores Kazamia e Gwilliam (2011), Moxon (2012), Manzini e Vezzoli (2016), Santos *et al.* (2019b) e, Rashdan (2015), tais processos também vivem na atualidade um aumento de complexidade devido à introdução dos requisitos ambientais.

Portanto, “quem projeta tem de possuir informações e métodos de análise, de medida, de avaliação e, até mesmo, instrumentos de suporte para as suas decisões” (MANZINI; VEZZOLI, 2016, p.286).

Todavia, da mesma forma que se acredita que não é papel do design salvar o mundo (CARDOSO, 2012), mas, pode ser parte da solução (MANZINI, 2008), também se acredita que somente a informação aplicada ao processo projetual não resolverá as questões da dimensão econômica da sustentabilidade. Pois, de acordo com (MANZINI; VEZZOLI, 2016), as mudanças para uma transição na direção da sustentabilidade são de ordem sistêmica e, portanto, exigem inovações que vão além de informações e tecnologias, envolvendo também mudanças sociais e culturais.

Pensar na reestruturação dos processos, com apoio de informações e com soluções que costurem impactos positivos sociais e culturais, talvez, seja um caminho para se contribuir com a dimensão econômica da sustentabilidade no âmbito do design de interiores.

### 2.3.1 Estratégias de implementação dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade no design de interiores

Uma vez que as decisões para redução de impactos econômicos no desenvolvimento de projeto são tomadas também na fase inicial (LOPES, 2014; MANZINI; VEZZOLI, 2016; MOXON, 2012; ROSA, 2012;), é necessário que o designer tenha consciência da dimensão econômica no planejamento estratégico do projeto. Assim, para Sarmiento (2017), os produtos economicamente, ambientalmente

e socialmente responsáveis, orientados a reflexões e estratégias em direção à sustentabilidade são bem-sucedidos quando os profissionais estão preparados para essa realidade.

A especificação de materiais no design de interiores é a estratégia sustentável, mais conhecida quando se fala em sustentabilidade na área do design de interiores e, se relaciona às questões socioambientais e socioeconômicas. Nesse sentido, cabe ao designer de interiores investigar, por meio de informações concretas, suas escolhas para que estejam alinhadas com a sustentabilidade (SARMENTO, 2017).

Pois, cada material carrega um certo nível de impacto ambiental, conseqüentemente, para ser definido em relação a um projeto, é necessário levar em consideração o tipo de função e de serviço no qual será utilizado (MANZINI; VEZZOLI, 2016).

Por meio de observação pessoal na atuação na área de design de interiores, Sarmento (2017, p.46-59) listou um conjunto de estratégias que se relacionam desde a criação do projeto à sua execução. Tais estratégias se unem por meio de um pensamento projetivo reflexivo em prol da sustentabilidade, contribuindo para a minimização dos impactos ambientais por intermédio de práticas sustentáveis, como observa-se no quadro 10.

Quadro 10 - Estratégias sustentáveis relacionadas ao projeto até sua execução.

Estratégias	Postura, ações e recomendações
Comunicação interpessoal	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O primeiro contato interpessoal entre o designer de interiores e o cliente é fruto de uma conversação direta ou indireta. A partir dela, inicia-se um elo extremamente importante que irá nortear a definição do conceito, do estudo preliminar, conseqüentemente, o projeto executivo especificado;</li> <li>- Com um bom canal de comunicação estabelecido, o mesmo conduzirá todo o processo de gerenciamento da execução do projeto, envolvendo profissionais e/ou serviços terceirizados;</li> </ul>
Gestão do projeto	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Quando executada de forma responsável, a gestão do projeto é uma prática que contribui para a redução dos impactos ambientais, no entanto, depende da comunicação interpessoal a ser realizada (o gerenciamento é fundamental nos estágios iniciais da obra);</li> <li>- O designer atuante precisa de uma equipe de profissionais envolvida com as causas ambientais;</li> </ul>
Conforto ambiental	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O projeto de interiores deve considerar o conforto ambiental, por meio do aproveitamento máximo de ventilação e iluminação natural, considerando o nível de ruído adequado para cada ambiente e, conseqüentemente, diminuindo gastos e melhorando a eficiência energética, na busca de harmonia entre o ambiente construído e a natureza;</li> </ul>
O uso de plantas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Plantas no interior colaboram para a integração ou reintegração entre homem e natureza, logo, estimula os sentidos e contribui para a saúde física, social e psicológica (transmite a sensação de bem-estar);</li> </ul>

	- O uso de plantas também favorece a redução da poluição e melhora o conforto térmico nos interiores;
Produtos ecologicamente responsáveis	- Na prática, todos os produtos geram impactos ambientais, contudo, o produto ecologicamente responsável, deve satisfazer uma necessidade real e garantir que não será poluidor no futuro; - Aqui, o designer de interiores auxilia clientes e/ou consumidores a escolher caminhos mais sustentáveis;
Automação	- O uso da automação é uma ferramenta que agrega segurança e conforto, colabora com a redução e o controle do consumo de energia, além de possibilitar ambientes mutáveis, adaptáveis e harmoniosos, usando a tecnologia a favor de um consumo mais sustentável;
Consumo consciente	- Papanek (1995) sugere que o designer direcione aos seus clientes, como forma de estímulo reflexivo sobre o consumo, perguntas, que são: É mesmo necessário comprar? Será que foi bem fabricado e feito para durar? Poderá ser reparado e será fácil encontrar peças sobressalentes? As falhas são facilmente diagnosticáveis? Você sobrevive sem esse produto? - As indagações possibilitam buscar alternativas de consumo, como a possibilidade de comprar em segunda mão, de alugar, em vez de adquirir, e até de arrendar e/ou partilhar.
Educação ambiental	- O design de interiores ao ser a ponte entre a identificação de uma necessidade e o cliente, pode ser um dos recursos educadores para reorganizar os sistemas, as gestões e outras estratégias de projetos, priorizando processos, produtos e serviços que causam o mínimo de impactos adversos ao meio ambiente; - O designer de interiores, por meio de sua ação social e da sua capacidade de (re)educar e gerar comportamentos, pode ser agente de transformação em seus processos relacionais projetuais que, vão além dos limites de um projeto;

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Nesse contexto, é oportuno ressaltar que o projeto de interiores se relaciona no desenvolvimento de consultorias e/ou de obra. Contudo, no Brasil, o designer de interiores não está habilitado a construir, no entanto, como idealizador do projeto de interiores, pode e deve participar do processo de construção em parceria com arquitetos e engenheiros no estágio inicial da obra (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DESIGNERS DE INTERIORES, 2019; BRASIL, 2016a).

A reflexão ambiental estratégica ao se projetar, como demonstrado por Sarmiento (2017), é, sem dúvida, benéfica para reduzir os impactos ambientais e também econômicos no projeto de design de interiores, além disso, é uma questão de consciência, que não é somente dos fabricantes industriais de produtos, mas, também, dos designers que realizam conexão entre os fabricantes e clientes nas especificações projetuais (SARMENTO, 2017). Logo, os profissionais tem um papel estratégico educativo na tomada de decisões dos clientes, informando e defendendo os critérios da sustentabilidade econômica em seus projetos (GURGEL, 2017; MOXON, 2012; MANZINI; VEZZOLI, 2016; PAPANEK, 1995; SARMENTO, 2017).

Na direção de caminhos alternativos para o consumidor ser informado sobre o consumo consciente e, portanto, opte pelo mesmo no design de interiores, é o de produtos com código aberto (*open source*) e o aluguel de produtos (serviços).

O *open source*, que pode ser aplicado ao mobiliário e outros itens do projeto de interiores, refere-se a um modelo de desenvolvimento que se originou na indústria de *software* e, demanda por sua distribuição livre e aberta, ou seja, é o desenvolvimento de produtos intangíveis (mundo virtual) sob o domínio público, mas, quando produzidos, passam a ser tangíveis (FJELDSTED *et al.*, 2012).

Da mesma forma que a fabricação digital pode ajudar produtores locais, o *open source* também, pois na especificação de produtos abertos, os mesmos podem ser fabricados localmente e com os recursos naturais do local.

O aluguel de produtos por meio da contratação de serviços no design de interiores, em vez da compra do produto manufaturado, é compreendido como um Sistema Produto + Serviço (PSS). Dessa forma, a empresa fica responsável pelo produto e se responsabiliza por todo o seu ciclo de vida (SILVA; OLIVEIRA, 2009).

Kazazian (2005) aponta que o direcionamento estratégico de serviços no âmbito das empresas representa oportunidades econômicas inovadoras, pois o uso intensivo de um mesmo produto ou componentes do mesmo entre vários clientes, faz a empresa gerar mais lucro.

Neste novo cenário percebido, de venda de serviços do que bens manufaturados, além de ser lucrativo para as empresas, também pode contribuir para o desenvolvimento sustentável, pois favorece para a desmaterialização do consumo, estimulando a eficiência ambiental do prestador de serviço e do comportamento do consumidor, facilitando, assim, o controle dos resíduos (JELSMA; KNOT, 2002; MANZINI; VEZZOLI, 2016; VEZZOLI, 2018).

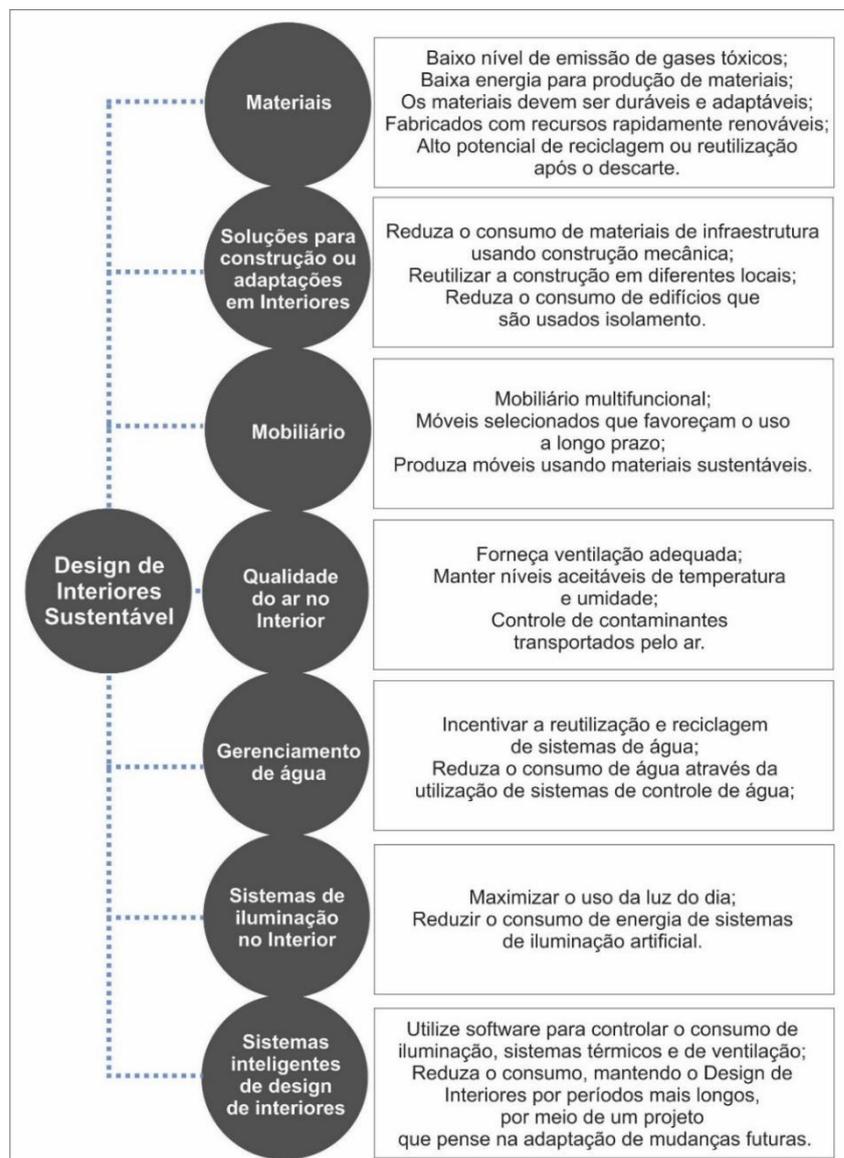
De acordo com Moro *et al.* (2019), os sistemas de Serviço + Produto são uma solução para entregar valor aos clientes, por meio da lucratividade e gestão sustentável de recursos, atendendo às necessidades do cliente final, vendendo funções ao invés de produtos, como um pacote integrado de produtos e serviços.

O desenvolvimento dos serviços no âmbito do design de interiores, favorece, sem dúvida, a redução do consumo, minimizando os impactos da atividade, sem deixar de satisfazer as demandas do consumidor (MORO *et al.*, 2019). Portanto,

cabem aos profissionais agirem como impulsionadores na promoção dos desenhos dos serviços nas empresas para atender uma atuação mais responsável.

Nesse direcionamento e, explanando mais estratégias no âmbito do design de interiores, Rashdan (2015) propõe um diagrama prático de soluções que podem orientar os profissionais na direção sustentável e benéficas para a dimensão econômica em suas ações projetuais. Tais estratégias podem ser visualizadas na figura 12.

Figura 12 - Diagrama prático de soluções sustentáveis.



Fonte: Adaptado de Rashdan (2015, p.8).

Para Rashdan (2015), o diagrama prático de soluções que foi apresentado, fornece direcionamento ao designer de interiores na direção da sustentabilidade diante das demandas de preservação dos recursos ambientais, implicando em

questões sociais e culturais, bem como de impactos físicos e econômicos. Contudo, para que tenha sucesso, é preciso que os profissionais compreendam os impactos negativos de seu trabalho e, também, os benefícios.

No alinhavo dos olhares de Rashdan (2015) e Sarmiento (2017), é possível perceber que as estratégias requerem dos designers uma postura condizente com as dimensões da sustentabilidade, nesse sentido, convergem para a implementação dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade.

Ao se falar em produtos ecologicamente responsáveis e materiais, entre outras características apresentadas no quadro 10 e figura 12, fala-se também dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade. Entretanto, sem a devida apropriação do valor dos recursos locais.

Nos arremates de estratégias que tenham convergência para o desenvolvimento local, Krucken (2009) argumenta que:

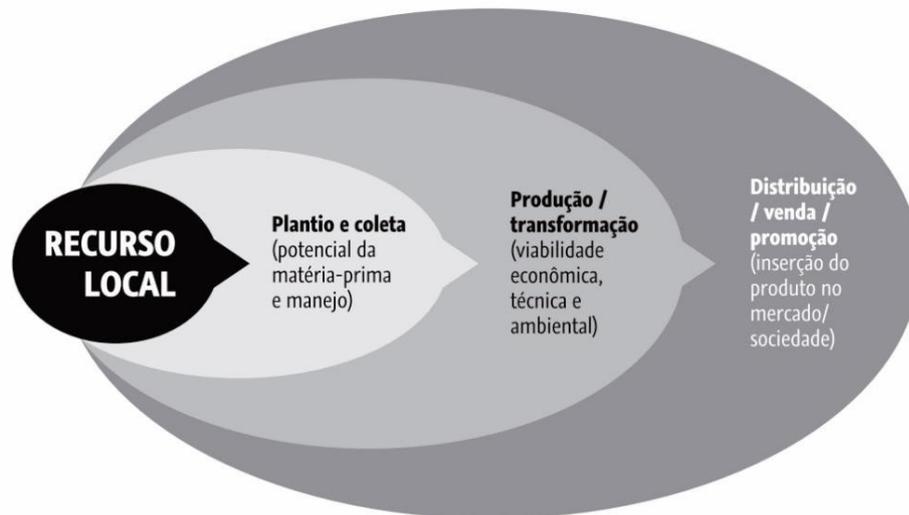
A busca por agregar valor a produtos, fortalecendo e estimulando a identidade local, é um forte impulsionador do investimento em design. Especialmente para economias emergentes, que anseiam posicionar-se de forma competitiva, o design representa um catalisador da inovação e da criação de uma imagem positiva ligada ao território, a seus produtos e serviços (KRUCKEN, 2009, p.43).

Nesse contexto, Krucken (2009) defende que as cadeias de valor de produtos precisam ser compreendidas para serem defendidas, conseqüentemente, a valorização do local. E, assim como um produto pode ser projetado para o consumo dos indivíduos, assume-se que uma cadeia de valor possa ser projetada no âmbito dos recursos locais para o consumo consciente no design de interiores.

Logo, o design também tem um importante papel nesse processo, “tanto na criação de maneiras de representar visualmente a cadeia de valor como na própria visualização, antecipação crítica e estratégica” (KRUCKEN, 2009, p. 83).

No cruzamento dos assuntos e defesa dos mesmos, em primeiro lugar o designer necessita ter em mente o potencial do recurso local, o relacionando com suas características de qualidade intrínseca e autenticidade (KRUCKEN, 2009), como é visualizado na figura 13.

Figura 13 - Mapa para análise sistêmica do potencial de um recurso local.



Fonte: Krucken (2009, p.83).

No entendimento do mapa para a projeção de uma cadeia de valor, compreendendo o recurso local, plantio e coleta, produção/transformação e distribuição/venda/produção, destaca-se os aspectos culturais e sociais, que se entrelaçam e se ligam à identidade regional, bem como a capacidade de organização da comunidade (KRUCKEN, 2009).

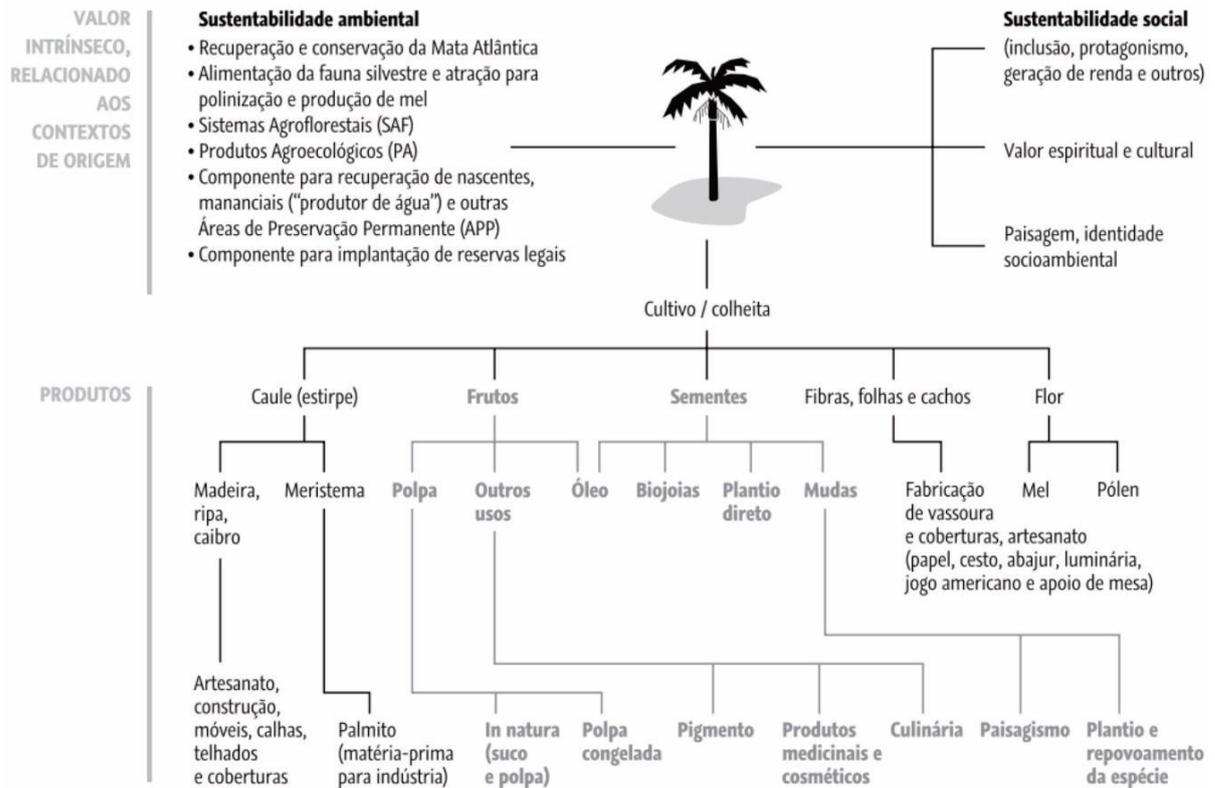
Assim como Moubarak e Qassem (2019) acreditam que valorizar o artesanato caracteriza uma mudança de paradigma, na forma que se olha para a natureza, na valorização dos recursos locais, também, portanto, favorece para essa mudança, impactando as pessoas a relacionarem os produtos materiais com seus processos imateriais, que envolve aspectos físicos, sociais e culturais.

Para Rashdan e Ashour (2017), os designers de interiores em todo o mundo estão desenvolvendo uma maior consciência da necessidade de integrar estratégias sustentáveis em suas soluções de projeto, considerando a sustentabilidade um fator que se liga ao seu trabalho de forma natural, e não como forma de agregação de valor. Contudo, ainda não é o que se verifica nas práticas dos designers de interiores (HAYLES, 2015; MOUBARAK; QASSEM, 2019; SARMENTO, 2017).

E, na busca de estratégias voltadas para a valorização dos recursos locais, conseqüentemente, resultará no desenvolvimento econômico local, Krucken (2009, p.75) defende que “a identificação das contribuições do recurso para o ambiente e para a sociedade de forma abrangente pode auxiliar a compreender a necessidade de uma abordagem ecológica dos produtos da biodiversidade.” Como exemplo

ilustrativo na figura 14, destaca-se algumas contribuições da cultura da palmeira juçara, presente em estados amazônicos.

Figura 14 - Palmeira juçara e suas relações com o ambiente e a sociedade.



Fonte: Krucken (2009, p.77).

A palmeira juçara é nativa da Mata Atlântica, e pode ser encontrada no litoral brasileiro (KRUCKEN, 2009). A juçara por sua vez é o fruto da palmeira e, também é típica da região amazônica, sendo apreciada pela população do estado do Maranhão (CORREA, 2010).

A juçara é um fruto que tem um grande valor sócio-econômico para as regiões onde é cultivada, pois além do vinho, que possui um enorme valor nutricional, pode ser aproveitada entre outras coisas, para adubo orgânico, alimentação de animais e para o artesanato através das suas sementes e palhas (CORREA, 2010, p.17).

Para Krucken (2009), é evidente a importância das dimensões socioambientais e econômicas na sua produção e consumo de palmeira, como a da juçara, pois, agregam um conjunto único de atividades que se relacionam à comunidade, com suas histórias e rituais culturais. Neste sentido, "muitas vezes esses recursos assumem valor estratégico e contribuem fortemente para a economia de uma região ou mesmo

de um país” (KRUCKEN, 2009, p.78). Logo, iniciativas relacionadas com a promoção de recursos locais devem se desenvolver e serem apoiadas pelas pessoas.

Outro exemplo ilustrativo, figura 15, é a transformação da argila em louças e artefatos decorativos por mulheres que moram em Itamatatiua, que é uma comunidade remanescente de quilombo, localizada em Alcântara no Maranhão.

Figura 15 - Embalagem e produtos de Itamatatiua.



Fonte: Noronha (2015, p.252).

Para Noronha (2015), pesquisadora envolvida na comunidade e, que desenvolve trabalhos com o objetivo de ressaltar o valor da produção local, destaca, em relação a produção das mulheres de Itamatatiua, que “a louça e o artesanato são ricos em gerar significados, que se inscrevem tanto no produto propriamente dito como nas práticas corporais de quem os produz” (NORONHA, 2015, p.29).

Nesse direcionamento, Krucken (2009, p.98) aponta ações estratégicas para valorizar produções locais, que são:

- RECONHECER as qualidades do produto e do território.
- ATIVAR as competências situadas no território.
- COMUNICAR o produto e o território.
- PROTEGER a identidade local e o patrimônio material e imaterial.
- APOIAR a produção local.
- PROMOVER sistemas de produção e de consumo sustentáveis.
- DESENVOLVER novos produtos e serviços que respeitem a vocação e valorizem o território.
- CONSOLIDAR redes no território.

Para além desse contexto, Santos *et al.* (2019b, p.89-131) elaboraram estratégias com o viés propositivo de contribuir para a implementação dos princípios associados à dimensão econômica da sustentabilidade, conforme quadro 11.

Quadro 11 - Estratégias para implementação dos princípios da DES.

Apoio estratégico	Descrição
Base da pirâmide (BOP)	<i>Base of the Pyramid</i> – BOP é o termo utilizado para caracterizar a faixa de renda mais baixa da população e, que vivem com menos de dois dólares por dia. Logo, é necessário buscar maior igualdade econômica na sociedade, “que pode ser alcançada justamente pela adequação dos modelos de negócios e o perfil de produtos e serviços no portfólio das organizações às características da população mais pobre, ou seja, aquela que apresenta a maior desigualdade econômica na base da pirâmide” (p.89);
Arranjos produtivo locais (APLs)	Arranjos Produtivos Locais – APLs, tem por objetivo “fortalecer o aumento da qualidade dos produtos e processos, a valorização dos recursos locais dentro do território, o adensamento das aglomerações e o aprofundamento da especialização local, além do fomento à inovação e a diferenciação dos produtos e serviços.” E, “são caracterizados pela presença de conhecimento tácito comum entre vários atores de uma mesma região; por processos de inovação e aprendizagem interativos, além de boa governança nos mecanismos de coordenação das atividades” (p.95);
Fomento ao empreendedorismo local	Compreende que “estimular a economia local requer a implantação e consolidação de organizações de base local”. Tais organizações, quando se caracterizam como empresa, “são o veículo de atuação direta das relações sociais, da cultura e dos símbolos da população sobre a atividade produtiva” (p.96-97);
Fomento à economia criativa	Na “relação entre cultura e economia vem sendo articulada dentro da noção de economia criativa, constituindo em tema de políticas públicas”, neste contexto, a “criatividade é chave para a promoção de um desenvolvimento socialmente inclusivo, ecologicamente sustentável e economicamente justo” (p.99-100);
Fomento ao empreendedorismo social	São “novas formas de fazer negócio que combinam o lucro com impacto social positivo. É o chamado setor 2,5, que se encontra em ascensão com o rápido aumento do número de negócios assim como a ampliação do número de fundos de investimentos que financiam ações de impacto socioeconômico”. Tal ascensão é devido ao “contexto mundial de fome e pobreza, baixos níveis de educação e violência, poluição e degradação ambiental, especialmente nos países subdesenvolvidos e em desenvolvimento” (p.104-105);
Fomento ao comércio justo	Trata-se de um “movimento social e de uma modalidade de comércio que busca o estabelecimento de preços justos ao mesmo tempo que a adoção de padrões sociais e ambientais equilibrados ao longo de toda a cadeia produtiva, promovendo o encontro de produtores responsáveis com consumidores éticos”. Neste sentido, “o comércio justo tem como visão a transformação de estruturas e práticas comerciais em favor dos pobres através da promoção do desenvolvimento sustentável e a justiça” (p.106-107);
Moeda social	A moeda social é “uma ferramenta para o desenvolvimento econômico local”, e tem por objetivo viabilizar que “a riqueza

	econômica gerada em uma comunidade circule o maior tempo possível dentro da própria comunidade”. Essa estratégia combate o desafio da nova economia à cultura empresarial pode incluir a própria revisão da forma de remuneração do valor econômico gerado no processo de negócio” (p.107);
Implantação de selos de indicação geográfica	Indicações Geográficas – IGs, “são referências geográficas utilizadas para identificar produtos agrícolas e alimentícios com qualidades específicas de suas zonas de produção. Aproximam-se do conceito de terroir, posto que estabelecem uma relação entre qualidade e território”. E, na direção da dimensão econômica da sustentabilidade, contribuem na valorização de “ativos intangíveis de uma região e ao estimular a implantação e consolidação de organizações em rede” (p.108);
Via gestão de resíduos	Trata da reintegração econômica dos resíduos, que “requer a formulação e implantação de uma Política de Gestão de Resíduos para que ocorram resultados consistentes no longo prazo” (p.112);
Fomento à economia distribuída	Economia distribuída é o “desenvolvimento orientado à produção em pequena escala, descentralizada, realizada em unidades flexíveis que são sinergicamente conectadas umas com as outras, fazendo uso de recursos locais”. Assim, uma economia distribuída requer a “colaboração e baixa hierarquia dos mecanismos de comando e controle”. No seu apoio, “tende a fomentar novos empreendimentos locais, enfatizando a valorização da infraestrutura e recursos locais, incluindo o aproveitamento sistêmico das sobras dos diversos processos produtivos” (p.119-120);
Servitização	A servitização é configurada como “uma transição de modelos de negócios tradicionais baseados no produto, para os modelos de negócios baseados em serviços. Neste modelo, as empresas passam a focar não mais na venda de produtos, mas na oferta de soluções requeridas por usuários/clientes” (p.122);
Economia do compartilhamento	Trata do uso compartilhado de produtos. “O uso compartilhado de artefatos têm ganhado notoriedade pela possibilidade de reduzir os níveis de consumo mediante produtos ou serviços que promovem a substituição da posse privada e individual pelo acesso aos bens e seus benefícios”. Exemplos: transportes (serviços que promovem o compartilhamento de carros ou bicicletas); manutenção da casa e cuidados com a roupa (compartilhado de furadeiras, cortadores de grama ou máquinas de lavar roupas); casa ( <i>cohousing</i> ); espaços de trabalho ( <i>coworking</i> ), dentre outros (p.126);

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Das estratégias apresentadas, Santos *et al.* (2019b) destacam que as estratégias: APL, moeda social, gestão de resíduos, comércio justo, economia criativa, incubadoras, economia distribuída e selos de indicação geográfica; estão mais relacionadas ao desenvolvimento do território local.

Contribuir com o desenvolvimento das mesmas, seja na aquisição dos produtos, inseridos na economia criativa, APL, entre outras estratégias apresentadas, é, sem dúvida, uma forma estratégica de apoiar e propor os princípios da dimensão econômica da sustentabilidade.

Assim, no design de interiores, cabe ao designer significar e transparecer aos seus clientes a importância da aquisição de produtos de empresas voltadas para a economia local e, que atenda também aos critérios da sustentabilidade.

Ressalta-se que relacionando-se à estratégia de selos de Indicação Geográfica, no âmbito do design de interiores, tal estratégia tem sido adotada em outras frentes como forma de indicadores de sustentabilidade.

Os indicadores de sustentabilidade, por meio de um modelo de avaliação, diagnóstico, comparação ou monitoramento, contribuem para o desenvolvimento de estratégias e, conseqüentemente, cooperam com a disseminação do desenvolvimento sustentável (SARMENTO, 2017, p.59).

Diante das demandas ambientais, as certificações ambientais é uma alternativa para a promoção da sustentabilidade, conforme Santos *et al.* (2019b) apontam com os selos de Indicação Geográfica. Há vários tipos de selos, na atualidade, voltados inclusive para ambientes, contudo, cada um tem suas vantagens e desvantagens, entre critérios de avaliação e custos diferenciados.

No arremate da costura, aqui traçada nas estratégias de implementação dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade nos processos projetuais dos designers de interiores, verifica-se que para se alcançar soluções sustentáveis, é necessária uma abordagem multidisciplinar, assim, os designers de interiores devem trabalhar em estreita colaboração com outros profissionais (RASHDAN, 2015).

Logo, os profissionais que atuam na área de design de interiores precisam de formação acadêmica que, além de abordar os aspectos técnicos e tecnológicos, é necessário conhecimento sobre a valorização de ações dos indivíduos.

Reafirma-se que os designers de interiores na sensibilização da promoção dos princípios da DES em seus processos projetuais, têm relevante importância e, portanto, precisam estar habilitado para integrar e defender os mesmos.

Nesse contexto, fortalecer e valorizar recursos locais, respeitar e valorizar a cultura local, promover a economia local, promover organizações em rede, valorizar a reintegração de resíduos e propor a promoção da educação para a economia sustentável, é, sem sombra de dúvida, um caminho necessário no design de interiores para se atingir a dimensão economia da sustentabilidade, e, conseqüentemente, beneficiar as dimensões ambiental e social.

### 2.3.2 Sensibilidade no processo de valorização do território

Trazendo um olhar mais sensível para a produção de base local, de artefatos artesanais com baixa tecnologia no processo, esse item trata de empatia, respeito em relação às pessoas que assim desejam viver e trabalhar. E, qualquer ação para a promoção do desenvolvimento econômico sustentável, deve respeitar os seus desejos.

Logo, segundo Krucken (2011, p. 7), a produção local pode ser considerada como “resultados de práticas e saberes tradicionais, que sedimentam-se em um território e carregam múltiplos significados”. Assim, é fundamental, apesar da complexidade envolvida, que o design articule conexões sensíveis para o desenvolvimento e, ao mesmo tempo, respeite o valor dos produtos locais atrelados ao contexto que o produz. Deste modo, deve-se considerar que:

os produtos locais como elementos do território nos conduz a uma visão ampla de projetos. Neste sentido, o processo de valorização de produtos locais depende de muitos fatores que vão além da qualidade dos recursos e dos artefatos em si mesmo. É necessário alargar o foco de análise: partindo do contexto local para compreender as relações que se formam em torno do território, da produção e do consumo dos produtos (KRUCKEN, 2011, p.7).

Para Crocco (2017, p.27), na busca da revitalização do artesanato, quando se procura produtos de fora das suas regiões de origem, gera-se o sentimento de falta de pertencimento, conseqüentemente, sem significado. E, quando se olha “para o que é teu, para a tua origem, a compreensão é tal que tu te aproprias e não deixa ninguém mexer, nem estragar”.

Compreender que o processo artesanal (baixa tecnologia envolvida) carrega um valor único, fruto do trabalho manual do artesão e, a produção industrial, que também pode ser de base local, carrega em si, outros valores e resultados, é fundamental para que o desenvolvimento econômico sustentável local aconteça com responsabilidade e respeito.

Assim, Manzini e Vezzoli (2016, p. 50) argumentam que em uma possível sociedade sustentável, além de uma economia de mercado organizada, haverá espaço para as “atividades desenvolvidas de maneira informal e voluntária”. Logo, o sistema econômico será constituído por uma multiplicidade de economias reguladas pelo reconhecimento e valorização.

Contudo, diante da globalização, unir o global ao local é uma tarefa complexa, necessitando-se propor soluções que relacionem positivamente esses dois polos, principalmente “no que se refere à melhoria das condições de qualidade de vida, à valorização e ao respeito da diversidade e do ecossistema, aos modelos de produção e de consumo” (KRUCKEN, 2009, p.35).

Buscando-se a compreensão e o reconhecimento para a valorização do território que trabalha com processos artesanais, Noronha (2011) destaca alguns pontos que podem ajudar na sensibilização entre as pessoas quanto aos aspectos relacionados no tempo de produção local, características artesanais de produtos, valor monetário para compra dos artefatos, e outros; como verifica-se a seguir.

Em um grupo de artesãos, por exemplo, nem todos, necessariamente, têm o conhecimento para produzir todas as peças que desenvolvem, assim, em uma possível encomenda, é preciso compreender tal particularidade que pode tornar o processo de confecção de um determinado artefato um pouco mais demorado (NORONHA, 2011, p. 66).

Além disso, se um objeto cerâmico for encomendado para a produção com mais de uma unidade, não significa que o resultado final será de peças idênticas, pois a umidade do ar pode interferir na redução das peças no processo de secagem; outro fator é a queima em fornos artesanais, que, geralmente, diferencia os produtos; sem considerar que, a produção é manual (NORONHA, 2011, p.66).

O fator clima também pode afetar a produção, pois a retirada de matéria-prima da natureza é influenciada pelo mesmo. Como exemplo, na comunidade de Itamatatiua – MA, a retirada de barro para a confecção de artefatos acontece nos meses de outubro a dezembro, quando a região está seca. E, dependendo da estação do ano, o tempo para a produção de peças cerâmicas podem demorar mais, pois, também afeta à secagem das peças. Um vaso grande, por exemplo (figura 16), precisa de um mês no verão e dois meses no inverno para ser confeccionado na região de Itamatatiua (NORONHA, 2011).

Figura 16 - Neide, fazendo o acabamento do pote.



Fonte: Noronha (2011, p.13).

Outro aspecto relacionado a sazonalidade da produção local é, o fato que, os artesãos, comumente, desempenham outras atividades no dia a dia além dos artesanais, como o trabalho de roça, criação de animais, as atividades domésticas, entre outras (NORONHA, 2011, p. 92).

Desse modo, destaca-se que a produção local, sem muitas expertises tecnológicas no processo produtivo, é trabalhosa, envolvendo uma relação das pessoas com seus territórios, porém, o valor monetário para obter as peças, em muitos casos, não é compreendido pelas pessoas. Tal falta de entendimento, relaciona-se ao pouco conhecimento acerca dos processos envolvidos na fabricação de uma única peça de modo artesanal (NORONHA, 2011, p.100). Além disso, os artefatos produzidos localmente de forma artesanal, materializam mais que simples matérias-primas em si; pois, cada objeto é fruto das trocas cotidianas das pessoas e, sendo assim, são impregnados de significado e memória (LOW, 1996).

Apropriar-se das particularidades de um determinado território é, sem dúvida, imprescindível para que o profissional do design de interiores valorize e compreenda com respeito os limites e alcances da produção local de um território que tem processos artesanais, e, portanto, contribua, de modo equilibrado, para o seu desenvolvimento por meio de especificações projetuais conscientes. Pois, em muitos casos, as pessoas do território, não desejam mudar o modo de produzir seus artefatos.

Somente atender aos requisitos da dimensão econômica, sem perceber a produção local como um todo, suas particularidades, pode provocar insustentabilidade nas dimensões sociais e ambientais. Nesse contexto, para Krucken (2011) a sensibilidade é uma característica a ser desenvolvida em pessoas que desejam trabalhar na valorização de produtos locais, como:

sensibilidade na escuta aos detentores do conhecimento local, que são os protagonistas do processo e os guardiães do patrimônio cultural manifestado no saber-fazer. Sensibilidade na interação com diferentes atores e na percepção dos valores e significados associados às tradições e modos de vida. Sensibilidade na facilitação de processos de inovação, abertos aos acontecimentos que se cruzam. Sensibilidade para apreender, sistematizar e combinar conhecimentos que possam contribuir para desenvolver novas reflexões e ferramentas (KRUCKEN, 2011, p.8).

Para Escobar (2001), o reconhecimento de um determinado local pela valorização é um modo de ter consciência do lugar. Neste contexto, por lugar, entende-se como específico e único, pois, desse modo, o mesmo terá significado para as pessoas.

## **2.4 Discussão**

Apesar dos esforços no âmbito do design para o alinhamento dos conhecimentos e soluções acerca das dimensões da sustentabilidade, a partir do referencial teórico alicerçado pela RBS, notou-se que a dimensão econômica da sustentabilidade ainda necessita de muita atenção. Além disso, no design de interiores que busca desenvolver os espaços para o convívio das pessoas e, colabora para o direcionamento da sociedade, há uma carência ainda mais elevada de estudos especializados que possibilitem a compreensão entre os profissionais que atuam na área, como sequência, existem poucas ações direcionadas para a redução de impactos econômicos negativos ao meio ambiente no processo projetual dos designers de interiores.

Deste modo, na conexão dos temas, explanou-se argumentos na justificativa do presente estudo em prol do referencial teórico apresentado no item *Design de interiores para a dimensão econômica*, o qual sugere a abertura de olhar dos profissionais, com a aquisição de conhecimentos/competências imprescindíveis para

a integração e operacionalização dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade no processo projetual dos mesmos.

Neste contexto, verificou-se que o design de interiores, assim como outras profissões, voltou-se para a sustentabilidade, ajustando o olhar e seus processos, no intuito de atender as novas demandas contidas na agenda. Contudo, ainda de forma tímida e baseado em conceitos que não explicam a complexidade presente na sustentabilidade econômica.

Os profissionais que atuam na área, em muitos casos, não se preocupam com os impactos ambientais de suas próprias especificações. E, os modelos de processo projetuais apresentados, ainda transmitem uma visão distorcida para uma ação efetiva em uma economia mais justa. Pois, inicialmente, antes da investigação do problema do cliente, na elaboração projetual, é fundamental pensar estrategicamente, promovendo e valorizando a produção local, bem como desenvolvimento de cadeias de valor para a mesma.

Comumente, o homem está no centro com as suas necessidades, e a natureza está para servir. Tal visão antropocêntrica, presente nos projetos de interiores, oportuniza um consumo, ainda sem controle, dos recursos naturais (economia ortodoxa), quando, para uma economia mais justa e ética, o consumo de recursos deveria ser reduzido. Assim, a natureza deveria estar no centro, e não o homem. A bioarquitetura, que busca integração, respeitando com harmonia o ecossistema, quebra um pouco o antropocentrismo.

No entendimento dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade com a eliminação de barreiras para a implementação no design de interiores, estratégias foram evidenciadas na presente pesquisa. Tais estratégias devem ser utilizadas na direção da sustentabilidade, contribuindo para uma economia mais distribuída e consciente.

Logo, no reconhecimento, ativação, comunicação, proteção, apoio, promoção, desenvolvimento e consolidação das produções locais (desenvolvimento local); é, sem dúvida, fundamental a obtenção de conhecimentos/competências e abertura do olhar. Pois, a dimensão econômica não está atrelada ao aumento do consumo e, sim, voltada para a mudança de comportamento do consumo na sociedade.

Neste sentido, o design de interiores tem muito a contribuir, podendo, por exemplo, desenhar linguagens simbólicas com soluções minimalistas no projeto, além

do mais, na especificação de serviços, pode também reduzir o consumo de objetos e, ao mesmo tempo, satisfazer os desejos dos clientes.

Destaca-se que os profissionais que atuam no design de interiores podem influenciar na cultura do consumo local e, portanto, carregam uma grande responsabilidade, a qual não podem se desobrigarem. Na abertura de suas atuações, podem e devem contribuir/participar com a formalização/criação de políticas públicas e/ou legislações, entre outras questões políticas.

No aspecto da sensibilidade de propor o desenvolvimento local, cabe pontuar a imprescindível necessidade do respeito, pois, muitas comunidades tradicionais locais, às vezes, não desejam modificar seus processos de produção para atenderem o consumo tradicional, que carrega o conceito de mercado (padronização/qualidade) e, que é complexo de ser implementado no trabalho artesanal. Diante da reflexão, como estratégia em defesa de uma produção tradicional, a externalização do valor da mesma, é essencial para conscientizar o cliente.

A externalização dos custos atrelado aos impactos ambientais também é importante nas falas dos profissionais, visto que, a compra de um produto de baixo custo (de fora da região), pode carregar uma série de danos socioeconômicos, diferente de um produto de base local, desenhado para ser economicamente sustentável. Entretanto, relata-se que a sustentabilidade em comunidades de baixa renda geralmente não é tida como prioridade, devido ao contexto social que vivem e trabalham. Logo, frisa-se também que, nem todo produto de base local atende aos critérios da dimensão econômica ou das outras dimensões, ambiental e social.

Atrelado ao contexto da produção local e/ou prestação de serviço local, outro ponto relevante, é o fato de que pode ser uma produção/serviço tecnológico de base local, com ou sem características artesanais.

Na costura da discussão traçada, compreende-se a complexidade envolvida para o entendimento e integração dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade no processo projetual dos designers de interiores, contudo, com a busca do conhecimento/competências, acredita-se que é possível e necessário o direcionamento para uma economia mais igualitária, melhor distribuída (sustentável).

### **3 MÉTODO DE PESQUISA**

Esse capítulo apresenta o caminho traçado para responder à pergunta de pesquisa, compreendendo os instrumentos, técnicas e protocolos organizados para o desenvolvimento do conhecimento.

Assim, teve como direcionamento a investigação acerca da integração e operacionalização dos princípios da DES no PPDI, possibilitando a caracterização da pesquisa, o escopo e os procedimentos, que envolveu a aplicação de questionário *on-line* e a técnica do grupo focal. Desse modo, por meio de análise triangular entre os dados do questionário, grupo focal e levantamento teórico, pôde-se criar as recomendações do presente estudo.

#### **3.1 Caracterização da pesquisa**

Essa pesquisa foi de natureza exploratória-descritiva, pois visou proporcionar “maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito”, envolvendo levantamento bibliográfico e entrevistas com pessoas que se relacionam com a problemática (SILVA; MENEZES, 2005, p.21). Bem como visou descrever às características encontradas na literatura e no levantamento de dados (GERHARDT; SILVEIRA, 2009; SILVA; MENEZES, 2005).

A abordagem foi qualitativa, buscando-se um caminho compreensivo para a integração e operacionalização dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade nas práticas projetuais dos profissionais que atuam na área do design de interiores.

Desse modo, a pesquisa qualitativa possibilitou discussões teóricas sobre o assunto investigado, além de uma reflexão interpretativa. Creswell (2010) comenta que o estudo qualitativo é um meio para explorar e entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano e, seus procedimentos se dão por amostragem sem rigor, coleta de dados abertos, análises e interpretação de textos. E, quanto aos objetivos, a pesquisa teve o caráter exploratório, conforme quadro 12

Quadro 12 - Passos estruturais da metodologia da pesquisa.

Descrição da Pesquisa	Instrumento da Pesquisa	Características
Natureza	Exploratória-Descritiva	- Suprimir lacuna; Criação de recomendações;
Abordagem	Qualitativa	- Informações sobre compreensão e integração dos princípios DES no PPDI;
Objetivos	Exploratórios	- Levantamento teórico e entrevistas;
Procedimentos Metodológicos	Pesquisa Teórica Questionário Grupo Focal	- Aprofundamento do tema, a fim de responder ao problema de pesquisa;
Coleta de Dados	Dados da teoria Levantamento de dados	- RBS - Questionário ( <i>on-line</i> ); Grupo focal;

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

### 3.1.1 Escopo da pesquisa

O escopo da pesquisa foi direcionado aos profissionais, designers e arquitetos, formados e maiores de idade que atuam na área do design de interiores na região de São Luís - MA.

Como direcionamento inicial para envio do questionário *on-line* aos participantes, utilizou-se o cadastro do Grupo Maranhense de Decoração (GMD) presente na *Internet*. A justificativa é por ser uma das principais instituições que associa profissionais na cidade.

Criado em 2003, o GMD a cada ano busca ampliação e fortalecimento. E, além da associação e apoio aos profissionais da área de design de interiores, conta com empresas afiliadas que fornecem produtos na área de arquitetura, paisagismo e decoração (GRUPO MARANHENSE DE DECORAÇÃO, 2019).

### 3.1.2 Procedimentos metodológicos

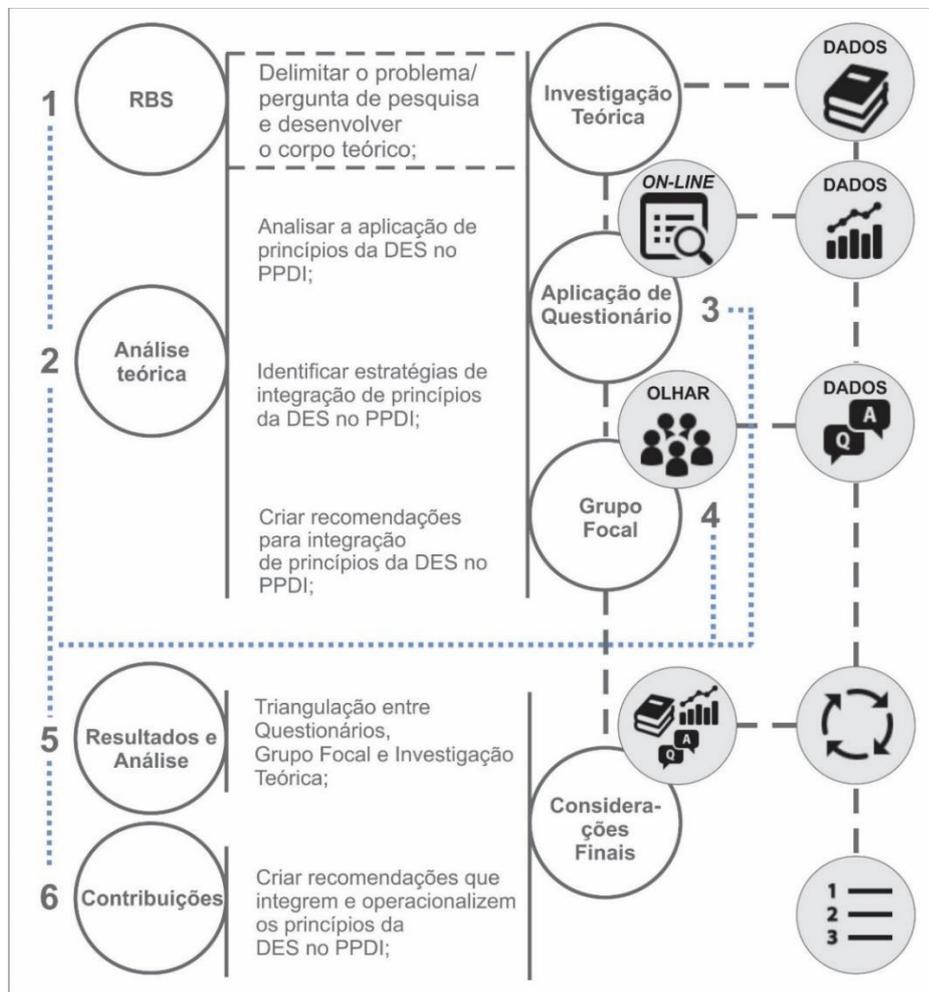
Os passos metodológicos para se alcançar o objetivo geral da pesquisa, se iniciou com a **Fase 1**, que, por meio da RBS, buscou-se delimitar o problema/pergunta de pesquisa, além de desenvolver, com aprofundamento, o corpo teórico.

Marconi e Lakatos (2010) comentam que a pesquisa bibliográfica tem finalidade de colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que for escrito sobre

determinado assunto. Na **Fase 2**, obteve-se à análise do corpo teórico, dando suporte aos 3 (três) objetivos específicos da pesquisa e, como consequência, direcionou os passos seguintes.

A **Fase 3**, com a aplicação do questionário *on-line*, buscou-se atender os objetivos específicos estabelecidos, levantando informações não observadas na literatura. Além disso, o questionário permitiu convidar os profissionais para participarem da fase seguinte, que foi a **Fase 4**, com a aplicação da técnica do grupo focal, que procurou aprofundamento e alinhamento de informações colhidas nos questionários. Como ilustrado na figura 17.

Figura 17 - Objetivos a serem alcançados e atividades.



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Na **Fase 5**, com a triangulação metodológica entre pesquisa teórica, questionários e grupo focal, foi explanada às análises e discursões qualitativas com representações gráficas e em quadros. Conseqüentemente, na **Fase 6**, criou-se as

recomendações para a integração e a operacionalização dos princípios da DES no PPDI.

### **3.2 Aplicação de Questionário *on-line***

De acordo Gerhardt e Silveira (2009, p.69), o objetivo do questionário é “levantar opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas”. Assim, definiu-se como instrumento de coleta de dados para a pesquisa, pois, possibilita trazer informações que respondem os objetivos específicos e, o problema de pesquisa.

Algumas vantagens do instrumento é o ganho de tempo, possibilidade de ter um número maior de dados, alcance de respostas mais rápidas, entre outras. Deste modo, “a linguagem utilizada no questionário deve ser simples e direta, para que quem vá responder compreenda com clareza o que está sendo perguntado”. E, deve ser “constituído por uma série ordenada de perguntas” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.69).

#### **3.2.1 Objetivo do questionário**

Entendeu-se que o questionário tem o desígnio de uniformidade, rapidez e fluidez na análise das respostas levantadas, logo, por meio do mesmo, buscou-se trazer informações sobre o processo projetual dos profissionais da área de design de interiores e a compreensão dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade em suas práticas.

Portanto, a aplicação do questionário *on-line* (APÊNDICE A) foi direcionada aos profissionais da área do design de interiores. E, o perfil dos mesmos teve como base os seguintes requisitos:

- Formação para atuar na área do design de interiores (design de interiores, design e arquitetura);
- Atuante na área de design de interiores na região de São Luís - MA;
- Maior de idade;

O questionário foi composto por 20 (vinte) perguntas fechadas e de múltiplas escolhas, com a possibilidade, em algumas questões, na opção “outros”, dos

respondentes expressarem suas opiniões. Neste sentido, verificou-se que entre 10 e 15 minutos todas as questões eram respondidas.

Alicerçado pelos questionários desenvolvidos por Abreu (2015) e Lopes (2014), a elaboração do questionário da presente pesquisa baseou-se nos objetivos específicos, de modo a contribuir com a resposta do problema de pesquisa. Desse modo, de forma lógica, o mesmo foi organizado buscando informações do: perfil dos pesquisados; processo projetual, com os olhares de Gurgel (2017) e Moxon (2012); compreensão e integração dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade em suas práticas, com os olhares de Andrade (2012), Rosa (2013) e Santos *et al.* (2019b).

De fácil entendimento, as questões foram elaboradas com clareza, assim, almejou-se respostas mais fiéis à realidade dos participantes. A seguir, o caminho adotado para a elaboração dos questionamentos:

- As cinco primeiras questões visaram traçar o perfil dos profissionais participantes como: sexo, idade, tempo de atuação na área do design de interiores e grau de escolaridade. Além de verificar o nível de conhecimento sobre sustentabilidade que os participantes têm e, como obtêm;
- A sexta pergunta buscou saber qual o processo projetual que os profissionais adotam para desenvolverem seus projetos de interiores;
- Na sétima pergunta, procurou-se identificar se os profissionais, em suas primeiras abordagens com os clientes, buscam saber o interesse dos mesmos pelos princípios da DES;
- Na oitava pergunta, verificou-se o olhar dos profissionais para as perguntas sugeridas por Moxon (2012) durante os seus processos projetuais, orientados ou não, para a sustentabilidade;
- Da nona até a décima sétima pergunta, buscou-se compreender o entendimento ou a falta do mesmo, a aplicação ou a não aplicação e as dificuldades que os profissionais têm em relação aos princípios da DES: fortalecer e valorizar recursos locais; respeitar e valorizar a cultura local; promover a economia local; promover organizações em rede; valorizar a reintegração de resíduos e; promoção da educação para a economia sustentável, em seus processos projetuais;

- A décima oitava pergunta compreendeu investigar se o profissional busca saber a origem dos produtos que especifica;
- A décima nona questão contemplou saber como os profissionais percebem a responsabilidade econômica no projeto de design de interiores do âmbito do design e arquitetura;
- Na vigésima pergunta, questionou os participantes acerca da possibilidade da participação na segunda etapa da pesquisa (técnica do grupo focal);

### 3.2.2 Procedimentos

O questionário apresentado no APÊNDICE A foi enviado em formato digital com implementação na plataforma *on-line Google Forms* (figura 18). Posteriormente as respostas foram analisadas qualitativamente.

Figura 18 - Telas do questionário implementado no Google Forms.

A imagem mostra uma interface de usuário de um formulário Google Forms. O formulário é dividido em seções e perguntas. A seção principal é intitulada "PESQUISA SOBRE O PROCESSO PROJETUAL DO DESIGN DE INTERIORES E A DIMENSÃO ECONÔMICA DA SUSTENTABILIDADE". Abaixo do título, há uma descrição do objetivo da pesquisa e uma chamada para participação voluntária. O formulário contém várias perguntas com opções de resposta por rádio. As perguntas visíveis são:

- 06. Das sequências abaixo, qual a que mais se aproxima do seu processo projetual? \*
  - briefing/medição/conceito/anteprojeto/projeto detalhamento
  - briefing/medição/conceito/geração de alternativas/anteprojeto/projeto executivo
  - medição/anteprojeto/projeto detalhamento
  - não sigo nem um processo projetual
  - Outros...
- 07. Em suas primeiras abordagens com os seus clientes, você busca saber do interesse deles por valorizar recursos da economia local e da cultura, além da reintegração e redução de resíduos, promovendo consciência sustentável? \*
- 08. Você adota os RECURSOS LOCAIS, como produtos, materiais, entre outros, nos seus processos projetuais e, os defende explicando a importância do uso dos mesmos para o cliente?
  - Sempre
  - Às vezes
  - Nunca
- 10. Qual dificuldade você tem de utilizar os recursos locais nos projetos de interiores? \*
  - Não ter conhecimento no assunto
  - Falta de ferramentas de auxílio
- 18. Antes de elaborar um projeto, você procura saber se o que especifica contribuirá para a redução de impactos ambientais no planeta?
  - Sempre
  - Às vezes
  - Nunca
- 19. Como você vê o Design e/ou Arquitetura no âmbito da responsabilidade econômica? \*
  - Uma área que está em constante mudanças, buscando novas atitudes, principalmente no que diz respeito...
  - Uma área de futuro, mas no momento muito se fala em sustentabilidade e ainda pouco se faz;

Fonte: Compilação elaborada pelo autor.<sup>7</sup>

O *Google Forms* é uma ferramenta voltada para o desenvolvimento de questionários e, tem por objetivo transformar a coleta de dados em uma experiência

<sup>7</sup> Montagem a partir de imagens coletadas no Questionário Google Forms. Disponível em: [https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSduOgIs4Aci2Bzsl2xJl4zDjun858Gczbq815i5ZxHZcsrMw/viewform?usp=sf\\_link](https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSduOgIs4Aci2Bzsl2xJl4zDjun858Gczbq815i5ZxHZcsrMw/viewform?usp=sf_link). Acesso em 05 jan. 2020.

com estilo, pois permite elaborar perguntas e respostas personalizadas com o propósito de envolver o público (GOOGLE, 2019). A escolha dessa ferramenta deu-se pela sua funcionalidade em diversos dispositivos, dinamismo, de fácil elaboração, ser gratuito o uso, além de fornecer tabulações dos dados em gráficos.

Após a sua elaboração, o questionário foi enviado para duas pessoas da área do design de interiores, as mesmas sugeriram melhorias que foram acatadas. Posteriormente, com a sua implantação em modo digital, da mesma forma, foi enviado para mais duas pessoas, objetivando saber se a ordem estrutural estava coerente e o tempo para se responder estava de acordo com o estimado.

Assim, o questionário foi enviado para os profissionais no período de 21 de outubro até 08 de novembro de 2019. Inicialmente, o formulário foi enviado para todos os e-mails de profissionais presentes no *site* do Grupo Maranhense de Decoração (<http://www.grupomadecor.com.br/>), posteriormente, em uma segunda rodada de envio, para os contatos telefônicos dos mesmos profissionais, pois houve poucos respondentes via e-mail.

Em uma terceira rodada de envio, buscou-se contatos profissionais em redes sociais, *sites* e redes sociais de lojas do seguimento do design de interiores, bem como para grupos de profissionais em aplicativo de telefone móvel.

Na quarta rodada de envio, o questionário foi reenviado para os profissionais que não responderam. Assim, com mais de 300 questionários enviados, obteve-se 96 respostas de profissionais da área do design de interiores.

Destaca-se que no questionário *on-line*, os respondentes foram esclarecidos por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, resumido, acerca da participação na pesquisa. E, além disso, ao enviarem as respostas, receberam em seus e-mails um TCLE expandido (APÊNDICE B).

### 3.2.3 Análise dos dados

Com o fim da aplicação do questionário, os dados coletados foram analisados e interpretados, por meio de gráficos e quadros, conforme apresentado no capítulo de resultados e análises. Posteriormente foram cruzados com os dados do grupo focal e referencial teórico, na triangulação.

Ressalta-se que a plataforma *Google Forms* fornece análises estatísticas do questionário (tabelas e gráficos). Porém, os gráficos apresentados no presente estudo foram desenvolvidos em planilha eletrônica (Excel) com os dados obtidos no *Google Forms*. Assim, as questões com respostas abertas foram selecionadas, agrupadas e tabuladas em quadros ou descritas.

### 3.3 Grupo focal

Considerado uma técnica de pesquisa qualitativa, o grupo focal tem por objetivo ouvir, perceber ações e compreender as experiências, além dos pensamentos de participantes de um grupo. Em outras palavras, é a reunião de um pequeno grupo de pessoas com o objetivo de avaliar e discutir conceitos ou problemas (DIAS, 2000).

O grupo focal se inicia com a reunião de seis a 10 pessoas selecionadas com base em suas características, homogêneas ou heterogêneas, em relação ao assunto a ser discutido. Alguns autores citam grupos com sete, oito ou até 12 pessoas. O número de pessoas deve ser tal que estimule a participação e a interação de todos, de forma relativamente ordenada. Por experiência prática com dinâmicas de grupo, pode-se considerar que 6 pessoas são suficientes para promover uma discussão (DIAS, 2000, p.4).

Em média, o grupo focal tem a duração de duas horas e, deve ser conduzido por um moderador que promova dinâmica e envolvimento entre os participantes, buscando-se, portanto, compreender os sentimentos nas falas das pessoas (DIAS, 2000).

Assim, foi escolhido o grupo focal como técnica de coleta de dados para a pesquisa, pois, permite proximidade com os profissionais da área de design de interiores, percebendo e compreendendo o mesmo, além de possibilitar o aprofundamento de informações que foram colhidas no questionário e trocas de experiências que, ajudaram a responder os objetivos específicos e o problema de pesquisa.

#### 3.3.1 Procedimentos do grupo focal

Dias (2000) aponta sete elementos para a organização do grupo focal, que são: (1) Definição do objetivo da pesquisa (planejamento); (2) Definição do moderador e auxiliar; (3) Roteiro do moderador; (4) Definição do local de aplicação do grupo focal

(planejamento); (5) Definição dos participantes; (6) Condução do grupo focal e, (7) Análise e apresentação dos resultados.

O grupo focal tem por objetivo perceber e compreender o olhar de seus participantes, portanto, o estudo, buscou somar informações ao questionário aplicado acerca do processo projetual dos profissionais da área de design de interiores e a compreensão dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade em suas práticas.

A definição do moderador foi de acordo com os critérios sugeridos por Dias (2000, p.4), que foram:

Conhecer muito bem os objetivos da pesquisa, porém mantendo-se neutro e sem introduzir qualquer ideia preconcebida na discussão;  
Flexibilidade e com boa experiência em dinâmicas de grupo, de modo a conduzir a discussão sem inibir o fluxo livre de ideias, promovendo a participação de todos e evitando que participantes monopolizem a discussão;  
Sem ligamento direto com o problema em foco, justamente para não direcionar a discussão;

Dias (2000, p. 4) ainda defende que o moderador pode ser responsável pela elaboração do roteiro do moderador, “a condução da discussão, a análise e o relato de seus resultados. Em certos casos, atua inclusive no recrutamento dos participantes”. Contudo, nesta pesquisa o moderador apenas contribuiu com o roteiro que guiou a técnica, sugerindo melhorias, além disso, não participou das análises dos dados e nem da seleção dos participantes. O auxiliar do moderador seguiu os mesmos critérios do moderador para ser escolhido, no entanto, com menor rigor, visto que não conduziu o grupo focal.

A aplicação do grupo focal teve duração aproximada de duas horas e foi conduzida pelo roteiro do moderador (APÊNDICE D), iniciou-se com a organização do local para a realização do grupo focal, posteriormente, teve mais três etapas, vistas no quadro 13.

Alicerçado pelo roteiro de moderador desenvolvido por Afonso Rosenmann (2019), o roteiro do moderador do presente estudo (APÊNDICE D) considerou os olhares de Andrade (2012), Krucken (2009), Rosa (2013) e Santos *et al.* (2019b), quanto aos aspectos do desenvolvimento econômico e princípios da dimensão econômica da sustentabilidade para a sua elaboração. A seguir, apresenta-se de forma esquemática, quadro 13, o roteiro do moderador do grupo focal.

Quadro 13 - Etapas do roteiro do moderador.

<b>Etapa 01 – Organização</b>
O moderador, auxiliar e pesquisador chegam mais cedo no local da reunião grupo focal para a organização o ambiente, verificando os equipamentos e impressos;
<b>Etapa 02 – Acolhida e apresentações – Máximo 30 minutos</b>
Momento de acolhimento aos participantes e apresentações do pesquisador, moderador e auxiliar. Por meio de <i>slides</i> , uma breve explanação e contextualização dos objetivos da pesquisa, explicar como o momento irá acontecer, em seguida, o moderador solicita que cada participante se apresente.
<b>Etapa 03 – Atividade individual – Máximo 10 minutos</b>
Momento da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), após, ligar os equipamentos de registros (câmeras e gravadores de áudio).
<b>Etapa 04 – Perguntas para o grupo – Máximo 60 minutos</b>
Momento de exposição das perguntas, promover a interação entre os participantes. As questões levantadas foram desenvolvidas com base na literatura investigada (APÊNDICE D). O bloco 1 versa sobre o processo projetual; o bloco 2, acerca da dimensão econômica da sustentabilidade no processo projetual; o bloco 3, dos princípios: valorizar recursos locais, respeitar e valorizar a cultura local e, promover a economia local; o bloco 4, trata do princípio promover organização em rede; o bloco 5, sobre o princípio valorizar a reintegração de resíduos e; o bloco 6, do princípio promoção da educação para a economia sustentável.

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

De acordo com Dias (2000), para a definição do local é recomendado que o mesmo seja agradável, tranquilo, sem interferências que possam desviar a atenção dos participantes nas discussões. Outro ponto importante é a localização das pessoas em relação ao ambiente que deve proporcionar o contato visual entre todos, logo, também se recomenda a disposição de cadeiras em círculo ou em torno de uma grande mesa redonda. Deste modo, tais considerações foram levadas em consideração à definição do local nesse estudo na aplicação da técnica do grupo focal, conforme observa-se nos registros fotográficos apresentados no capítulo de resultados e análises (figura 21, p.131).

Do ponto de vista dos participantes, a reunião do grupo focal é completamente flexível e dinâmica, envolvida por discursões sobre o assunto em questão. Contudo, na perspectiva do moderador, a técnica requer estruturação para uma boa condução (DIAS, 2000).

Os convites para a técnica do grupo focal foram enviados para os profissionais que responderam o questionário *on-line* e optaram em participar do segundo momento

da pesquisa. Assim, o perfil dos profissionais para compor o grupo teve como base os seguintes requisitos:

- Possuir formação que permita atuar na área do design de interiores (design de interiores, design e arquitetura);
- Atuar na área do design de interiores em São Luís - MA;
- Ser maior de idade;
- Profissionais com formações diferentes e tempo de atuações diferentes;

Os participantes, ao serem recrutados, devem ser informados a respeito do objetivo geral da pesquisa e de seus direitos. Dentre os direitos mais comuns, destacam-se o direito de confidencialidade; de ser tratado com dignidade; de não ser obrigado a responder a todas as perguntas; de saber que a sessão está sendo gravada, se esse for o caso; e de receber compensação ou recompensa (DIAS, 2000, p.5).

Portanto, apresentou-se no APÊNDICE C, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLS) da técnica do grupo focal. A condução da assinatura do TCLS foi inserida no roteiro do moderador.

Na condução do grupo focal, foi adotada uma atmosfera agradável e informal, deixando os participantes à vontade para expor suas ideias, sentimentos, necessidades e opiniões. Assim, durante o direcionamento do encontro foi servido café, sucos, bolos e biscoitos.

De acordo com Dias (2000), a dinâmica e a interação das pessoas é parte integrante da técnica, pois os participantes devem interagir uns com os outros e, não somente participando diretamente com o moderador.

Logo, ressalta-se que o moderador tem importante papel para o sucesso das discussões de um grupo focal, visto que o mesmo visa à geração de ideias e opiniões espontâneas (DIAS, 2000).

Na última etapa, os resultados serão analisados e apresentados (DIAS, 2000). Desse modo, foram analisadas as respostas dos participantes, o conteúdo gravado foi transcrito, bem como as observações do moderador, dos registros de som e imagens, ou seja, todos os dados produzidos durante o grupo focal. Para Dias (2000, p.6), “a etapa mais difícil da técnica do grupo focal é, sem dúvida, a análise dos resultados”, pois reúne uma vasta quantidade de informações.

Seguindo os requisitos estabelecidos acima, agrupou-se os possíveis profissionais por formação e tempo de atuação na área, e então foi enviado os

convites, via aplicativo de telefone móvel. No capítulo de resultados e análises é apresentado no quadro 14 (p.130), o perfil dos participantes.

Diante de toda essa organização, a aplicação do grupo focal ocorreu na tarde do dia 19 de novembro de 2019, na sala de reuniões da loja Fio Trançado, que atua na venda de produtos voltados a área de design de interiores (cortinas, revestimentos, papéis de paredes e outros).

### 3.4 Estratégia de análise

Na presente pesquisa foram adotados três passos metodológicos, a saber: pesquisa teórica, questionário e técnica do grupo focal. Assim, os dados levantados foram confrontados, conforme figura 19.

Figura 19 - Triangulação de passos metodológicos.



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

De acordo com Yin (2005, p.121), com a triangulação metodológica pode-se validar a pesquisa, pois “várias fontes de evidências fornecem essencialmente várias avaliações do mesmo fenômeno”. Além disso, “a coleta de dados a partir de várias fontes é muito mais clara do que aquela realizada a partir de uma fonte única (YIN, 2005, p.121).

Neste sentido, foram desenvolvidos quadros para confrontar as análises: da fundamentação teórica, do questionário e do grupo focal.

## 4 RESULTADOS E ANÁLISES

Esse capítulo apresenta os resultados das etapas de coleta de dados e as respectivas análises, compreendendo desde a caracterização da aplicação dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade no processo projetual dos designers de interiores, até a criação de recomendações que integrem e operacionalizem os mesmos princípios nas ações de projeto dos profissionais da área do design de interiores, para que possam agir de forma estratégica e educativa na direção do desenvolvimento econômico sustentável.

### 4.1 Aplicação do questionário

O questionário foi aplicado com o objetivo de analisar, de forma abrangente, os processos projetuais dos profissionais atuantes na área do design de interiores, a fim de averiguar a integração dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade em suas práticas de projeto. Além disso, o questionário serviu para definir os participantes da técnica do grupo focal e delinear as perguntas, assim, permitiu verificar informações, como o entendimento do desenvolvimento econômico, ações sustentáveis, entre outras.

#### 4.1.1 Perfil dos profissionais

O perfil traçado a partir da aplicação dos questionários *on-line* revela que a maioria dos profissionais são do sexo feminino, representando 78% das respostas, 21% do sexo masculino e, em outros, 1% (um participante) se declarou transexual<sup>8</sup> (figura 20). Quanto ao aspecto da faixa etária, nota-se a participação maior dos jovens profissionais, totalizando 52% entre 18 a 30 anos; entre 31 a 40 anos, 36%; entre 41 a 50 anos, 9%; entre 51 a 60 anos, 1 % e; 2 % responderam ter mais de 60 anos de idade, conforme figura 20.

---

<sup>8</sup> É o termo utilizado para designar mulheres ou homens transexuais. Mulheres transexuais: são mulheres que não se identificam com seus genitais biológicos masculinos. Homens trans: são homens que não se identificam com seus genitais biológicos femininos. E, nos dois casos, também não se identificam com suas atribuições socioculturais (BRASIL, 2016b, p.4).

Figura 20 - Respostas do perfil dos profissionais.



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

No quesito tempo de atuação na área do design de interiores, categorizando a quantidade maior de respondentes, 43% atuam a menos de 5 anos na atividade; entre 5 e 10 anos, 27%; entre 10 e 15 anos, 16%; entre 15 e 20 anos, 10% e; um grupo de quatro pessoas (4%) responderam que atuam a mais de 20 anos no mercado profissional (figura 20).

No nível de formação profissional, 4% dos participantes são técnicos em design de interiores, apenas 1% (uma pessoa) possui o curso superior em design de interiores, 13% possuem somente a graduação superior em design (figura 20).

Segundo o CAU/BR (2018), de 2012 a 2018 houve um aumento considerado do número de arquitetos e urbanista no Maranhão, de 70%; confirmando a representatividade maior dos participantes na presente pesquisa, de 72% com instrução superior em arquitetura (figura 20).

Ainda no aspecto da formação profissional, em outros, 10% colocaram que possuem outras titulações além da principal instrução ou, também, outra graduação e atividades paralelas (figura 20), como: técnico em design de produto; graduação em design de produto, em design, em design de interiores; especializações em reabilitação, em design de produto, em design gráfico, em segurança do trabalho; pós-graduação (em andamento); mestrado e; atuante empreendedor na área de arquitetura e design.

Ao relacionar a **formação acadêmica com os conhecimentos sobre a sustentabilidade** adquiridos nas mesmas, verificou-se que 46% responderam que tiveram instruções sobre o tema, 48% colocaram que o conhecimento passado e absorvido foi pouco e; um grupo de seis participantes (6%) afirmaram que não tiveram orientação acerca de práticas sustentáveis, como visualiza-se na figura 20.

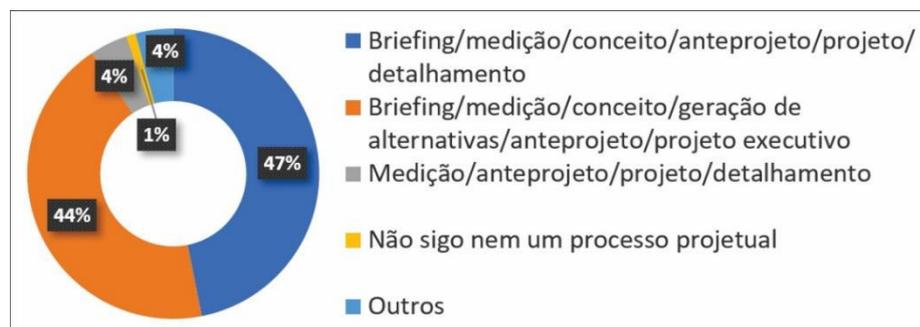
#### 4.1.2 Resultados e análise do questionário

Os dados colhidos no questionário foram organizados de modo a demonstrar o entendimento necessário para inteirar o objetivo geral dessa pesquisa.

#### 4.1.3 Processo projetual e consciência sustentável

No questionamento sobre qual **processo projetual os profissionais utilizam em suas atividades**, verificou-se que a maioria deles investigam o perfil de seus clientes, aplicando o *briefing* na fase inicial de projeto e, com semelhanças, empregam procedimentos parecidos. Deste modo, 47% adotam o: *briefing / medição / conceito / anteprojeto / projeto / detalhamento*. E, 44% utilizam o: *briefing / medição / conceito / geração de alternativas / anteprojeto / projeto executivo* (gráfico 01).

Gráfico 01 - Processo projetual: etapas.



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Representando uma quantidade menor de respostas, 4% realizam: *medição / anteprojeto / projeto / detalhamento*; 1% (um participante) não segue nem um processo projetual. Em outros, 4% destacaram outros processos, como:

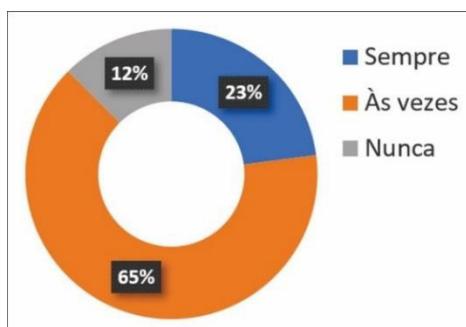
“Briefing / contratação / preliminar em 3D / aprovação do preliminar / anteprojeto / executivo / cadernos de detalhamentos (marcenaria, mobiliários, louças, equipamentos, marmoraria e etc.”. “Briefing / 1ª reunião / levantamento de dados e medidas / conceito / estudo preliminar / geração de alternativas / anteprojeto / projeto executivo (inclui detalhamentos)”. “Briefing / conceito / medição / projeto / detalhamento”. “Levantamento, briefing, conceito, anteprojeto, projeto executivo”.<sup>9</sup>

De acordo com as respostas ilustradas no gráfico 01, percebe-se que os profissionais no processo projetual investigam as necessidades de seus clientes para que desenvolvam a ambientação dos espaços a serem projetados. Tal postura, quando direcionada para a sustentabilidade, proporciona no projeto escolhas conscientes (MOXON, 2012).

Analisando as respostas da questão: **“Em suas primeiras abordagens com os seus clientes, você busca saber do interesse deles por valorizar recursos da economia local e da cultura, além da reintegração e redução de resíduos, promovendo consciência sustentável?”**, 23% dos respondentes buscam saber sempre do interesse de seus clientes; 65%, às vezes e, 12%, nunca investigam, conforme gráfico 02.

<sup>9</sup> Contribuições dos respondentes do questionário *on-line* elaborado pelo autor, entre os meses de outubro e novembro de 2019.

Gráfico 02 - Processo projetual: investigação com os clientes.



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Diante das respostas e as relacionando com o processo projetual (gráfico 01), é possível inferir que maior parte dos profissionais participantes não questionam seus clientes, na fase inicial, sobre os aspectos relacionados aos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade.

No entanto, quando, em um primeiro contato com o cliente, deveria-se estabelecer uma postura sustentável, assim, norteariam com mais facilidade a condução da definição do conceito, do estudo preliminar e o projeto executivo especificado (SARMENTO, 2017).

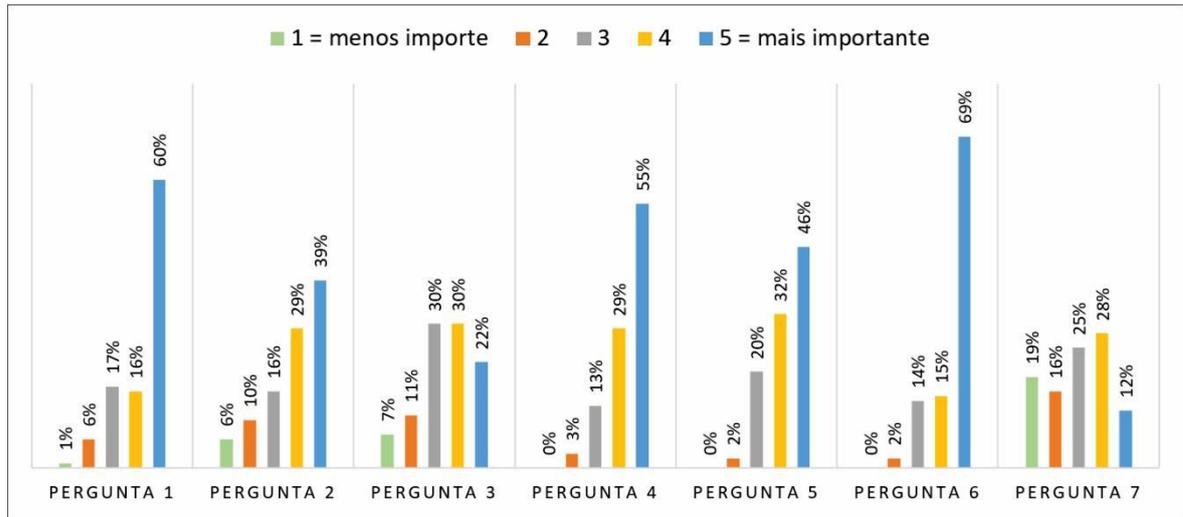
De acordo com dados obtidos, é possível evidenciar também que, os profissionais da área do design de interiores geralmente assumem uma postura mais centralizadora, buscando informações para o desenvolvimento do projeto, claro; porém, mais voltadas para o atendimento de seus próprios estilos conceituais de projeto, que é uma ação ruim e moderna na ação projetual.

Buscando-se um entendimento da compreensão e posicionamentos dos profissionais em relação ao **ciclo de existência do projeto de interiores** (fase de elaboração do projeto / execução do projeto / descarte do projeto executado), realizou-se as seguintes perguntas:

- Pergunta 1: Qual é o propósito do projeto?
- Pergunta 2: Qual será o tempo de vida do projeto depois de executado?
- Pergunta 3: Quais os sistemas de energia e água mais adequados?
- Pergunta 4: Que materiais são adequados?
- Pergunta 5: Que métodos construtivos são adequados?
- Pergunta 6: Como o espaço funcionará?
- Pergunta 7: O que acontecerá quando se tornar desnecessário?

E, em suas respostas de aderência às respectivas perguntas estratégicas para a sustentabilidade, adotando-se sim ou não, nos seus processos projetuais, em um grau de importância de um a cinco; considerando um, igual a menos importante e cinco, igual a mais importante; logo, os participantes responderam conforme ilustra-se no gráfico 03.

Gráfico 03 - Processo projetual: questionamentos sustentáveis.



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

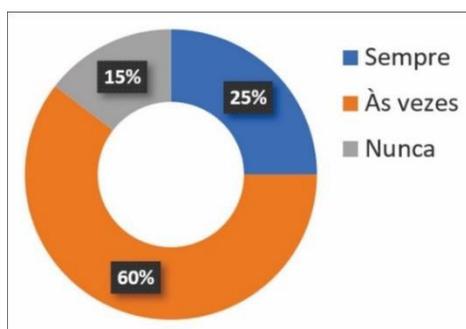
De modo uniforme, com exceção das perguntas 2, 3 e 7, que apresentaram 6%, 7% e 19% respectivamente de respostas, as demais perguntas pouco pontuaram no grau um, de menos importante. Os demais graus de importância: 2, 3 e 4, também apresentaram respondentes de modo constante, sendo que o grau 4, em todas as perguntas, demonstrou-se como o segundo grau de mais relevância e escolhido pelos participantes.

O grau mais escolhido foi o 5, de mais importante. Com exceção da pergunta 7, que atingiu 12%, as demais perguntas apresentaram as maiores porcentagens de respostas no grau 5. Nesse sentido, com os dados na pergunta 7, pode-se inferir que os profissionais têm conhecimento limitado acerca de como o projeto irá se descontinuar quando não for mais útil para os clientes.

Para Moxon (2012, p.38), as perguntas apresentadas “ajudam o designer de interiores a assegurar que a sustentabilidade não é apenas considerada em toda sua extensão, mas é também adequadamente incorporada, com a devida atenção aos fatores de projeto”.

Na questão: **“Antes de elaborar um projeto, você procura saber se o que especifica contribuirá para a redução de impactos ambientais no planeta?”**, observou-se que 25% dos respondentes apontaram que sempre; 60%, às vezes e; 15%, nunca procuram saber; como ilustrado no gráfico 04.

Gráfico 04 - Processo projetual: especificação consciente.



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Tais dados, quando visualizadas com os apresentados no gráfico 02, demonstram que, assim como os profissionais pouco investigam o desejo de seus clientes e, não se posicionam em relação à sustentabilidade econômica no projeto; percebe-se que, os mesmos, em suas práticas projetuais, não buscam informações acerca dos impactos ambientais de suas especificações.

Ressalta-se que cabe ao designer de interiores buscar e investigar se um material é sustentável (SARMENTO, 2017). Além disso, para a definição de um acabamento ou produto em um projeto, é necessário avaliar o seu uso, pois todo material transporta um nível de dano ambiental (MANZINI; VEZZOLI, 2016).

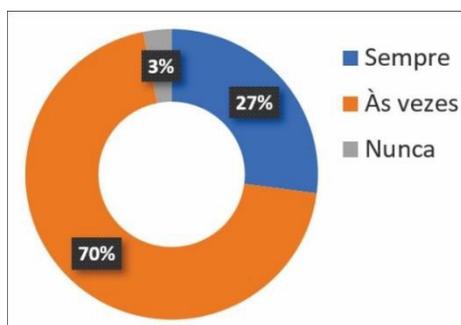
Assim, explana-se que, os profissionais devem assumir as suas responsabilidades em seus processos projetuais, pois ao atuarem em um projeto estão idealizando mais do que conceitos de estilos, volumes e formas. As especificações projetuais são complexas e impactam na sustentabilidade da sociedade, portanto, é fundamental que busquem conhecimentos para agirem com consciência na amplitude de suas atuações.

#### 4.1.4 Princípios da sustentabilidade econômica na prática projetual

Grande parte dos pesquisados, ao responderem à pergunta: **“Você adota os RECURSOS LOCAIS, como produtos, materiais, entre outros, nos seus processos projetuais e, os defende explicando a importância do uso dos**

**mesmos para o cliente?”**, 70% apontaram que, somente às vezes adotam os recursos locais em seus processos projetuais; 27%, sempre adotam e, 3%, nunca utilizaram (gráfico 05).

Gráfico 05 - Princípios da dimensão econômica: recursos locais.

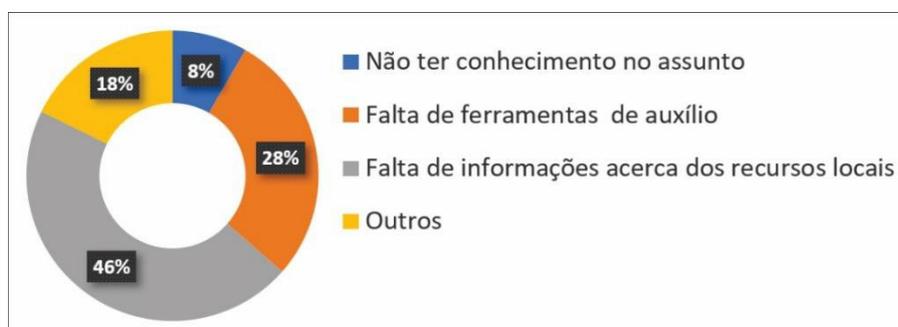


Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

A expressiva quantidade de respondentes na opção às vezes, dá abertura para se inferir que, os pesquisados não adotam uma postura próxima e defensora quanto ao uso dos recursos locais nos projetos que desenvolvem. Tais dados também demonstram a falta de compromisso com o desenvolvimento sustentável regional. De acordo com Santos *et al.* (2019b, p.59), a busca pelo desenvolvimento “tem como premissa a valorização do papel do ‘território’ e suas características definidoras”.

Ao serem questionados sobre as **dificuldades no uso dos recursos locais nos projetos de interiores**, 8% relataram que, o motivo é por não terem conhecimento no assunto; 28%, falta de ferramentas de auxílio; 46%, falta de informações sobre os recursos locais; conforme gráfico 06.

Gráfico 06 - Princípios da dimensão econômica: uso dos recursos locais.



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Em outros, 18% realizaram comentários, os quais se destacam:

*Muitas vezes o cliente não valoriza.  
Falta de mão de obra especializada.*

*Vejo que a grande maioria dos recursos locais, sejam materiais ou produtos manufaturados tem sua fabricação muito limitada ou com qualidades questionáveis.*

*Falta de informações sobre produtos/recursos locais, inexistência de produtos específicos na região.*

*Clientes já buscam uma ideia preconcebida. Procuram por algo barato, que seja de fácil aquisição no mercado e que já viram em outro lugar.*

*Disponibilidade. Nem sempre é fácil encontrar também mão de obra adequada, o que pode acarretar num custo mais alto.*

*Os produtos não são comercializados nos locais de decoração;*

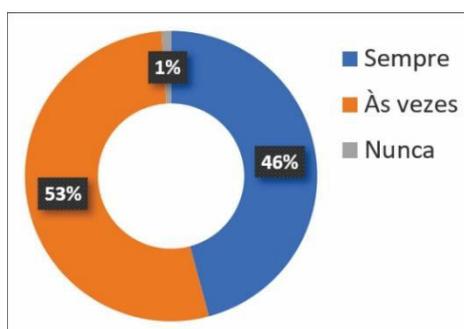
*Mercado ainda não muito organizado e legalizado.<sup>10</sup>*

Frente às colocações e considerando que a maior parte dos participantes escolheram a opção falta de informações acerca dos recursos locais, além disso, como segunda opção, a falta de ferramentas de auxílio, verifica-se também a necessidade de políticas públicas que apoiem o desenvolvimento do uso dos recursos locais. Para Santos *et al.* (2019b, p.19):

O fortalecimento dos recursos locais demanda a integração de critérios que considerem a origem destes recursos nas políticas públicas e empresariais, particularmente nos mecanismos de orientação dos investimentos e, certamente, nos critérios de projeto de produtos, serviços e sistemas.

Na questão: **“Você valoriza a CULTURA LOCAL materializada em quadros, fotografias, artesanatos, entre outros, por meio de suas soluções projetuais?”**, verificou-se que 46% dos profissionais sempre valorizam; 53%, às vezes e; 1%, nunca valoriza; conforme gráfico 07.

Gráfico 07 - Princípios da dimensão econômica: cultura local.



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

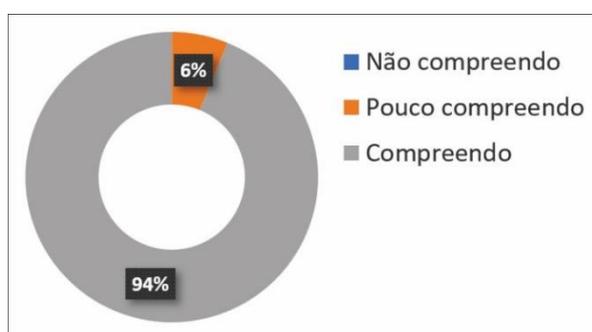
O maior número de respondentes na opção sempre, pode se justificar pela rica manifestação e importância da cultura do Maranhão (VIEGAS, 2015). Porém, é relevante enfatizar que 53% dos profissionais somente às vezes valorizam a cultura

<sup>10</sup> Contribuições dos respondentes do questionário *on-line* elaborado pelo autor, entre os meses de outubro e novembro de 2019.

local em seus projetos de interiores. Assim, de acordo com Krucken (2009, p.18), “para dinamizar os recursos do território e valorizar seu patrimônio cultural imaterial, é fundamental *reconhecer e tornar reconhecíveis valores e qualidades locais.*”

No questionamento: **“Você compreende que as suas ações projetuais podem incentivar o DESENVOLVIMENTO DA ECONOMIA LOCAL, permitindo maior visibilidade dos produtores locais frente aos produtores de outras regiões?”**, 94% dos profissionais responderam que compreendem; 6% marcaram que, pouco compreendem e; não houve respostas para a opção não compreendo; conforme verifica-se no gráfico 08.

Gráfico 08 - Princípios da dimensão econômica: desenvolvimento da economia.



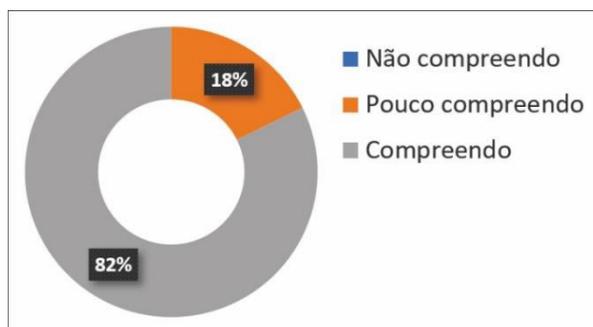
Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Observou-se que, a maior partes dos profissionais compreendem que suas ações podem incentivar o desenvolvimento da economia local, no entanto, na prática, como constatou-se nos gráficos 05 e 07, o maior número de respondentes optaram pela opção às vezes, demonstrando, portanto, a pouca promoção dos recursos locais e valorização da cultura.

Apoiar o desenvolvimento local requer uma postura que priorize a contratação de pessoas e empresas locais, apoiando e estimulando para melhorarem suas competências, e assim, ter uma economia mais democrática (SANTOS *et al.*, 2019b).

Ao se buscar saber mais sobre a compreensão dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade nas práticas projetuais dos profissionais, realizou-se a pergunta: **“Você compreende que as suas ações projetuais podem incentivar a ORGANIZAÇÃO EM CONJUNTO DE PRODUTORES LOCAIS (parceiros, fornecedores, entre outros) para se ampliar o desempenho competitivo diante do mercado globalizado?”**. Nas respostas, constatou-se que, 82% dos respondentes compreendem; 18%, pouco compreendem e; nem um participante marcou a opção não compreendo no questionário (gráfico 09).

Gráfico 09 - Princípios da dimensão econômica: organização em conjunto.



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

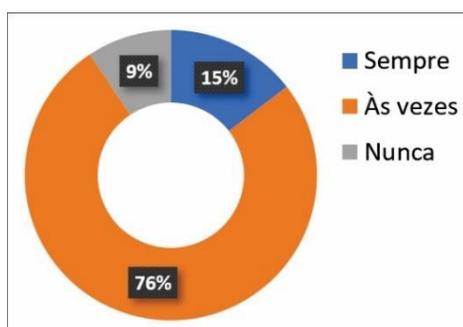
Nesse contexto, diante das respostas anteriores, principalmente das ilustradas no gráfico 06, na opção outros, respondentes enfatizaram a falta de informações sobre os recursos locais e a aproximação do mesmo com profissionais e clientes, logo, é necessário além da compreensão, trabalhar para que a interação com os produtores locais aconteça, ainda que sem investimento de políticas públicas.

Para Santos *et al.*, (2019b, p.76), “promover organizações em rede” contrasta com a dinâmica de economias centralizadas, onde há um distanciamento entre produtores e consumidores e, frequentemente, pouca sinergia com e entre os atores locais”.

Na pergunta: “**Você busca valorizar a REINTEGRAÇÃO DE RESÍDUOS locais por meio de produtos, materiais, entre outros, além de reduzir a geração de resíduos em suas soluções projetuais?**”, 15% responderam que sempre valorizam a reintegração de resíduos locais; 76%, somente às vezes; 9%, nunca, conforme gráfico 10.

Os resíduos são recursos naturais retirados do meio ambiente, e, a não utilização dos mesmos, implica no acúmulo de lixo no planeta, além da retirada de novos recursos na natureza (KAZAZIAN, 2005; SANTOS *et al.*, 2019b).

Gráfico 10 - Princípios da dimensão econômica: reintegração de resíduos.



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Dessa forma, é necessário que os profissionais revejam as suas posturas, para que a reintegração de resíduos possa acontecer de forma mais efetiva, visto que somente 15% dos respondentes afirmaram que sempre buscam valorizar tal prática em seus projetos.

Quando questionados sobre a **dificuldade de valorizar a reintegração de resíduos nos projetos de interiores**, 14% dos respondentes sinalizaram o fato de não terem conhecimento no assunto; 44%, por falta de ferramentas de auxílio; 34%, por não terem informações acerca dos resíduos (gráfico 11).

Gráfico 11 - Princípios da dimensão econômica: uso de resíduos.



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Em outros, 8% se posicionaram e apontaram:

*Desinteresse do cliente;  
Muitas vezes a resistência do cliente, algumas vezes por não conhecer.  
Clientes tem pouca abertura para compra de materiais usados.  
O cliente as vezes não quer ter o custo extra e opta pela forma mais simples e barata.  
Mão de obra especializada.  
Aceitação comercial.  
Tudo isso depende do projeto e do cliente, podemos oferecer e explicar, mas cabe a ele a decisão fina.  
A facilidade em achar organizações que trabalhe de forma legal com isto.<sup>11</sup>*

Nas colocações dos profissionais, percebe-se a “transferência de culpa” para os clientes, visto que eles têm a palavra final na condução do projeto, que, é um fato (LOPES, 2014). Contudo, cabe ao designer auxiliar e transparecer aos seus clientes os melhores caminhos na direção da sustentabilidade (SARMENTO, 2017).

Nesse contexto, é preciso que os designers compreendam muito bem os seus clientes para que tenham sucesso no projeto, colaborando, assim, para a redução de

<sup>11</sup> Contribuições dos respondentes do questionário on-line elaborado pelo autor, entre os meses de outubro e novembro de 2019.

resíduos (LOPES, 2014). Além disso, é necessário ter interesse na busca por informações sobre a redução da geração de resíduos nos projetos.

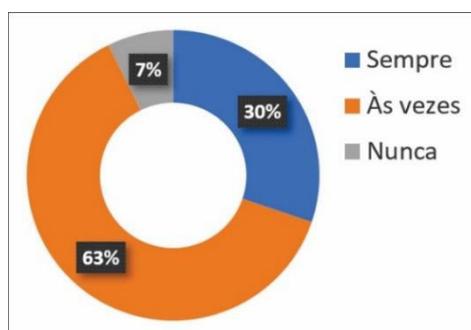
Diante dos dados apresentados, é oportuno colocar questões subjacentes aos mesmos, como: os produtos industriais comercializados no mercado do design de interiores e que, são geralmente produzidos fora da região de origem, proporcionam aos profissionais, de certa forma, o comodismo, facilitações e benefícios atrelados à especificação dos mesmos.

Tais vantagens estão presentes em uma comercialização mais organizada das empresas, contribuindo para o desempenho da profissão. Contudo, será que também contribui para a falta de vontade dos profissionais promoverem a produção local? Implicando, assim, para que não deixem de lado os benefícios em prol de uma economia mais justa (descentralizada).

A produção local, em muitos casos, ainda é carente de muitas transformações para melhor atender o design de interiores, porém, acredita-se que falta um pouco de vontade entre os profissionais na promoção e valorização da produção e prestação de serviços da cultura de base local.

Sobre a educação sustentável, perguntou-se: **“Você busca promover a EDUCAÇÃO PARA UMA ECONOMIA MAIS SUSTENTÁVEL, explicando, mostrando o valor da economia local; entre os seus clientes, parceiros, fornecedores e outros, nos seus processos projetuais?”**, 30% dos participantes responderam que sempre; 63%, às vezes; 7%, nunca (gráfico 12).

Gráfico 12 - Princípios da dimensão econômica: educação econômica.



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

A postura dos participantes que responderam somente às vezes demonstra que, a sustentabilidade não é uma pauta seguida sempre nas ações dos profissionais. Porém, quando, deveriam ser agentes entre uma solução sustentável e uma necessidade do cliente (SARMENTO, 2017).

Para Moxon (2012), não há um caminho diferente, que não o voltado para a direção da redução dos impactos ambientais nos projetos, e, os profissionais da área de interiores, têm posição estratégica na educação sustentável.

Na sequência, questionou-se: **“Qual dificuldade você tem de promover educação para uma economia sustentável nos projetos de interiores?”**, 6% apontaram por não terem conhecimento no assunto; 35%, por falta de ferramentas de auxílio; 44%, por falta de informações acerca da economia sustentável; como pode ser verificado no gráfico 13.

Gráfico 13 - Princípios da dimensão econômica: dificuldades.



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

E, na opção outros, 15% dos profissionais se posicionaram com palavras, como verifica-se abaixo:

*“Todo projeto exige do profissional soluções que não só atendam às necessidades do cliente, mas a utilização consciente do espaço físico. Com isso, inevitavelmente o profissional se torna responsável pelas especificações e orientações contidas em projeto. O esforço em tentar se utilizar de recursos, produtos, fornecedores, mão de obra locais é uma constante. Mas as limitações do sistema produtivo e as interconexões dessa cadeia que promovam um fluxo mais eficiente ou inexistente ou é muito falho. Comprometendo muito todo o processo e refletindo principalmente na qualidade do produto ou serviço. Daí o profissional de projeto acaba pontuando um ou outro item pra poder utilizar”.*<sup>12</sup>

*“Embora a matéria e/ou resíduos sejam locais, pode haver o não interesse, partindo do cliente por utilizar aqueles determinados materiais, mesmo que haja toda explicação técnica de suas propriedades física, mecânica e até mesmo sociocultural”. “Não saber onde encontrar material / serviço / mão de obra que trate do assunto, inviabiliza aplicação em projeto”. “Desinteresse por parte do cliente”. “As afirmações acima são válidas, mas há também a resistência dos clientes, ou burocráticas (no caso de entidades públicas)”. “Os produtos locais geralmente são valorizados por quem já tem uma cultura, clientes que não tem esse perfil não topam apostar pois não valorizam”. “Os clientes se negam a aceitar formas alternativas pois algumas geram um custo maior na obra”; “As informações sobre sustentabilidade sempre são*

<sup>12</sup> Contribuições dos respondentes do questionário *on-line* elaborado pelo autor, entre os meses de outubro e novembro de 2019.

*repassadas*”. “A dificuldade de fazer o cliente entender que este produto é interessante”.<sup>13</sup>

Diante das colocações e observando o gráfico 13, nota-se a necessidade de trabalhar a resistência do cliente, visto que o mesmo é colocado como empecilho para as práticas sustentáveis no projeto, como constatado anteriormente. Contudo, como na fala de um dos respondentes: “o profissional se torna responsável pelas especificações e orientações contidas em projeto”. Sendo assim, o mesmo precisa buscar conhecimento de forma comprometida para se posicionar em seus projetos (LOPES, 2014).

Corroborando, Santos *et al.* (2019b, p.84), apontam que:

As iniciativas orientadas à educação econômica, mais ampla em escopo que a educação de ordem financeira, necessitam resultar em clareza de compreensão quanto às consequências das escolhas nas aquisições do dia-a-dia, estimulando a reflexão crítica. Alcançar esta clareza significa reduzir a miopia cognitiva no consumo, onde a complexa rede de interrelações, muitas vezes distantes no tempo e espaço, não são sequer percebidas pelo consumidor. A situação é agravada nas situações onde mesmo havendo transparência quanto aos impactos econômicos do consumo, a informação não é adequadamente compreendida pelo consumidor devido às deficiências educacionais. Essas deficiências impedem a adesão a estratégias mais sustentáveis para manufatura e provimento de serviços como, por exemplo, a economia compartilhada.

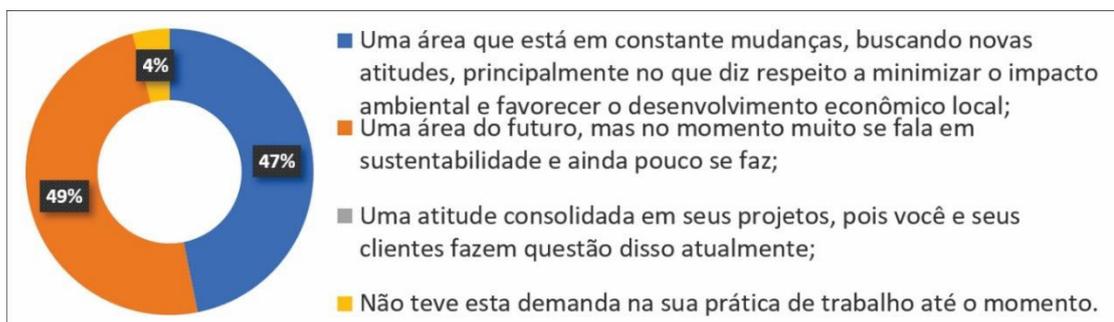
Deste modo, as “soluções de Design orientadas à educação” devem fazer uso de “recursos visíveis, compreensíveis e acessíveis para inspirar a reflexão do usuário meio da visualização e experimentação” (TANG; BHAMRA, 2008 *Apud* SANTOS *et al.*, 2019b, p.84-85).

No penúltimo questionamento realizado aos pesquisados, perguntou-se: “**Como você vê o design e/ou arquitetura no âmbito da responsabilidade econômica?**”, 47% acreditam que é uma área em constante mudanças; 49% acreditam que é uma área do futuro; 4% ainda não tiveram esta demanda em suas práticas de trabalho e; nem um respondente apontou a opção: uma atitude consolidada (gráfico 14).

---

<sup>13</sup> Contribuições dos respondentes do questionário on-line elaborado pelo autor, entre os meses de outubro e novembro de 2019.

Gráfico 14 - Olhar dos profissionais sobre a responsabilidade econômica.



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Analisando o gráfico acima, observa-se que a maior parte dos profissionais acreditam que, a sustentabilidade é uma área do futuro, e, que no momento, muito se fala sobre o assunto, sem muitas ações reais e eficazes. Também, é preocupante notar que nem um dos respondentes têm em suas ações projetuais, práticas consolidadas voltadas para responsabilidade econômica. Além disso, 4% não adotam nem uma estratégia que reduzam os impactos ambientais de suas especificações no projeto.

Para Papanek (1995), os designers têm a capacidade de mudar, eliminando o desnecessário ou criando o necessário em novos padrões na sociedade. E, no desafio da sustentabilidade, deve ser uma ponte entre os anseios dos indivíduos, a cultura e a ecologia.

Em uma hipótese de cenário futuro da sustentabilidade, por meio de uma transição por escolha, Manzini e Vezzoli (2016, p.45), argumentam:

Como podemos imaginar a transição para a sustentabilidade? Os caminhos poderiam ser diversos, dos mais traumáticos (uma transição forçada por efeitos de fenômenos catastróficos, que de fato obrigam a uma reorganização do sistema) aos mais indolores (uma transição por escolha, isto é, como efeitos de mudanças culturais, econômicas e políticas voluntárias que progressivamente reorientem as atividades de produção e de consumo). E não só: a transição poderia levar a um aumento das desigualdades e das injustiças sociais (alguns poucos gozando de altos padrões de vida e muitíssimos sobrevivendo com muito pouco) ou a uma sociedade mais equilibrada e justa. Ou poderia ocorrer fora do quadro democrático (com o uso de poderes fortes e coercitivos para enfrentar a emergência) ou ser a ocasião para desenvolver novas formas de democracia. E poderia, também trazer uma redução ou um aumento do bem-estar individual e social.

Tais visões precisam ser analisadas e refletidas com calma, e, acima de tudo, a sustentabilidade ambiental deve ser praticada de forma efetiva “sem fenômenos traumáticos e que, na transição, possam ser geradas condições de bem-estar

reconhecidas como mais elevadas do que as atuais” (MANZINI; VEZZOLI, 2016, p.45).

Assim, no alinhamento dos pensamentos de Manzini e Vezzoli (2016) e Papanek (1995), buscando entendimento para a responsabilidade econômica no âmbito do design e/ou arquitetura, segundo Thackara (2008), para que possamos fazer as coisas de maneira diferente, é preciso perceber as coisas de maneiras diferente. E, ao se discutir onde queremos estar, as novas ideias costumam surgir quando as pessoas olham o mundo através de novas lentes.

Portanto, acredita-se que propor o entendimento por meio do conhecimento e transparência dos fatos, do impacto que cada ação carrega para o meio ambiente é, sem dúvida, fundamental para que o profissional mude sua postura e seu olhar de mundo, e, conseqüentemente, possa ser agente transformador de seus clientes, os conduzindo para escolhas sustentáveis por meio de suas próprias consciências.

#### 4.1.5 Discussões sobre os resultados do questionário

Nesta etapa da pesquisa, caracterizou-se o perfil dos respondentes, o processo projetual, a consciência sustentável e a prática dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade nas práticas de projeto. E, aponta-se a predominância feminina entre os profissionais pesquisados, a maior parte são mais jovens, entre 18 e 30 anos; e, pode-se observar que atuam a menos de 5 anos no mercado. Em relação a formação profissional, os que cursaram arquitetura representam um volume maior de respondentes. Quanto ao conhecimento adquirido sobre a sustentabilidade durante às suas formações, a resposta que se destacou com maior número de respondentes foi a opção pouco.

Verificou-se que o processo projetual dos respondentes são parecidos, destacando-se duas opções: *briefing / medição / conceito / anteprojeto / projeto / detalhamento* (com mais respondentes) e *briefing / medição / conceito / geração de alternativas / anteprojeto / projeto executivo* (com uma quantidade um pouco menor de respondentes).

Na análise da consciência sustentável nas práticas de projeto, notou-se que, somente às vezes, a maior parte dos profissionais buscam saber o interesse dos clientes pelos requisitos da dimensão econômica. Em relação ao ciclo de vida do

projeto durante o processo projetual, constatou-se que os profissionais dão importância às sete perguntas de Moxon (2012), com o nível maior de respondentes no grau cinco.

Contudo, refutando um pouco a constatação anterior, verificou-se que, somente às vezes, a maior parte dos profissionais buscam saber se o que especificam contribuirá para a redução de impactos ambientais, indo de encontro aos questionamentos propostos por Moxon (2012).

Na análise da integração e aplicação dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade nas práticas projetuais dos profissionais, analisou-se, que:

- Quanto ao princípio fortalecer e valorizar recursos locais, a maior parte dos participantes somente às vezes integram e aplicam em suas ações tal princípio. Em relação a possíveis dificuldades na implementação do princípio, de forma expressiva, apontaram a falta de informações acerca dos recursos locais;
- Em relação ao princípio respeitar e valorizar a cultura local, a predominância com maior quantidade de respondentes foi de somente às vezes, porém, houve também uma quantidade expressiva que pontuaram que sempre aplicam tal princípio em suas práticas projetuais;
- No princípio promover a economia local, verificou-se que, 94% dos profissionais compreendem que suas práticas projetuais incentivam o desenvolvimento da economia local. Contudo, observando o questionário em sua totalidade, tal princípio não é aplicado de forma efetiva, visto que em outros questionamentos, responderam que somente às vezes integram práticas sustentáveis em seus projetos;
- Quanto ao princípio promover organizações em rede, verificou-se que, um maior número de pesquisados também compreendem o poder que as ações projetuais podem exercer para incentivar as organizações em conjunto de parceiros e fornecedores;
- Em relação ao princípio valorizar a reintegração de resíduos, a opção às vezes que teve maior número de respondentes, demonstrando, portanto, que não há um compromisso em todos os projetos. Quanto a dificuldade para aplicar tal princípio, verificou-se que, a maior parte optou pelo item falta de ferramentas de auxílio e, logo em seguinte, falta de informações acerca dos resíduos;

- No princípio promoção da educação para a economia sustentável, a opção falta de informações acerca da economia sustentável obteve maior número de respondentes, como motivo que dificulta a implementação do princípio; em seguinte, a opção falta de ferramentas de auxílio.

Portanto, verifica-se que apesar da compreensão sobre alguns aspectos dos princípios, o fato, é que os profissionais não adotam de forma contínua e efetiva tais princípios em suas ações, possibilitando, desse modo, inferir que, não há uma aplicação e integração dos mesmos de forma satisfatória e padronizada.

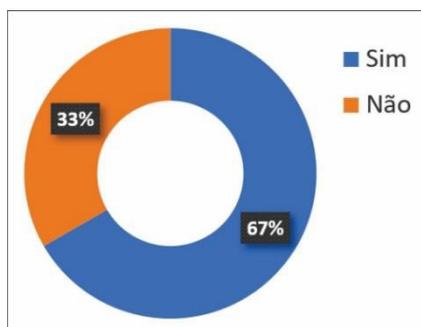
A inferência pode ser justificada, também, pela evidência do fato que os pesquisados visualizam a responsabilidade econômica como uma atitude não consolidada em seus projetos. Outro ponto que se observou, é que os mesmos acreditam que as questões relacionadas à sustentabilidade econômica é uma área do futuro (muito se fala e pouco se faz).

Neste contexto, um dos desafios de design é tornar os processos e sistemas que nos cercam inteligíveis e conhecíveis e, assim, é necessário que se projete de forma macroscópica, bem como microscópica, para nos ajudar a entender de onde as coisas vêm e por quê (THACKARA, 2008).

Para que tal forma de projeto possa acontecer, é de grande importância que os profissionais tenham conhecimento e informações acerca da dimensão econômica da sustentabilidade, além de ferramentas de apoio, para que assim, possam se posicionar efetivamente como agentes da sustentabilidade econômica em seus projetos. E, para Thackara (2008), somente com a compreensão da nossa situação atual, que vamos poder melhorar onde queremos estar.

De modo geral, considera-se que a aplicação do questionário atendeu o objetivo de analisar a aplicação dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade no processo projetual dos designers de interiores e, também, identificou-se estratégias nas opções marcadas e nas falas dos respondentes acerca da integração dos princípios no processo projetual dos designers de interiores. Além disso, dos 96 respondentes, 67% responderam que sim para participarem do momento da técnica do grupo focal (gráfico 15).

Gráfico 15 - Convite para técnica do grupo focal.



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

No entanto, buscando-se uma aproximação maior com os profissionais e com os seus processos projetuais, além da compreensão acerca da aplicação e integração dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade, definiu-se a técnica do grupo focal. Logo, vislumbrou-se a verbalização das percepções dos profissionais e, também, a interação entre os mesmos.

## 4.2 Técnica do grupo focal

Na técnica do grupo focal, teve-se a oportunidade do aprofundamento em relação aos processos projetuais e à integração ou não, dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade, nas práticas projetuais dos profissionais da área do design de interiores, como complemento aos dados obtidos no questionário e, confronto dos mesmos. Desse modo, as reflexões propostas relacionaram-se com as presentes no questionário, devido ao requisito metodológico da triangulação dos resultados.

Assim, por meio da interação entre os participantes e fala dos mesmos, o foco foi dado, também, na busca de estratégias para operacionalizar e integrar tais princípios nos processos projetuais dos designers de interiores.

### 4.2.1 Seleção dos participantes da técnica do grupo focal

Os profissionais escolhidos para a etapa da técnica do grupo focal foram aqueles que, no questionário, demonstraram interesse em participarem e, responderam sim. Além disso, adotou-se como referência as formações diferentes (design de interiores, design e arquitetura) e tempo de atuação.

Desse modo, foram convidados alguns profissionais, que, na oportunidade, rejeitaram por motivos pessoais. No entanto, oito profissionais aceitaram, porém, somente sete compareceram no dia, local e horário estabelecido, para a técnica do grupo focal. A seguir, no quadro 14, apresenta-se o perfil dos participantes.

Quadro 14 - Perfil dos profissionais da técnica do grupo focal.

Profissionais	Sexo	Faixa etária	Tempo de atuação	Nível de escolaridade	Estudou sobre sustentabilidade
<b>A</b>	Feminino	18 a 30 anos	Menos de 5 anos	Designer, Pós-graduação em design de interiores (em andamento)	Pouco
<b>B</b>	Feminino	18 a 30 anos	Menos de 5 anos	Superior em Arquitetura	Pouco
<b>C</b>	Feminino	18 a 30 anos	Menos de 5 anos	Superior em Arquitetura	Pouco
<b>D</b>	Feminino	31 a 40 anos	Entre 5 e 10 anos	Superior em Arquitetura	Sim
<b>E</b>	Feminino	31 a 40 anos	Entre 5 e 10 anos	Superior em Arquitetura	Pouco
<b>F</b>	Masculino	31 a 40 anos	Entre 15 e 20 anos	Superior em Arquitetura	Pouco
<b>G</b>	Masculino	41 a 50 anos	Mais de 20 anos	Superior em Arquitetura	Pouco

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

#### 4.2.2 Resultados e análise do grupo focal

De acordo com o roteiro do moderador (APÊNDICE D), realizou-se a organização do local, verificação de equipamentos e documentos antes da chegada dos profissionais convidados.

Na etapa de acolhida, todos foram recepcionados e então iniciou-se uma breve apresentação da pesquisa, evidenciando a contextualização, problema de pesquisa e objetivos específicos (figura 21).

Em seguida, após os devidos esclarecimentos, os TCLE foram assinados por todos, com as autorizações de registros fotográficos e divulgação na presente pesquisa, no entanto, sem as identificações de seus nomes (figura 21). Logo, cada profissional foi identificado com uma letra do alfabeto, conforme quadro 14, anteriormente apresentado.

Figura 21 - Registros da apresentação da pesquisa e assinatura do TCLE.



Fonte: Acervo do autor (2020).

Nas apresentações iniciais, de modo espontâneo, cada profissional se colocou em relação a sua atuação no mercado de São Luís – MA e, suas posturas na direção da sustentabilidade.

O **Profissional A** trabalha em uma empresa voltada para o design de produto e, também, com projetos de interiores comerciais, design de exposições e outros setores que, não são os residenciais.

Na equipe que trabalha, a inclinação para a sustentabilidade é natural, contudo, ninguém têm um conhecimento teórico sobre o assunto. Buscam unir clientes, contatos e indicações de produtos locais, mas, com muita dificuldade e, comentou: *“nos falta outras ferramentas que nos complemente na prática do dia a dia, de usar conceitos da sustentabilidade no projeto”*.

Ainda segundo o profissional A, se pensa no que se pode reaproveitar, em materiais, na descartabilidade com facilidade, na reutilização; mas, ainda assim, o mesmo pensa que, há um potencial muito grande para se melhorar a prática sustentável. Nos trabalhos *freelancer* que realiza, a inclinação para a sustentabilidade também existe, mas a prática é um pouco menor; pois, *“tem clientes que tem zero conhecimento no assunto e, às vezes, é até avesso à ideia”*.

O **Profissional B** tentou no início da sua atuação profissional trabalhar com o tema da sustentabilidade em seus projetos, mas relatou que sentiu muita dificuldade; *“em trabalhar exclusivamente com esse tipo de projeto, tanto de encontrar materiais e, pessoas também interessadas a se envolverem”*.

Na elaboração de projetos, o Profissional B também tenta conversar com os seus clientes sobre os aspectos da sustentabilidade, buscando propor materiais que remetem a cultura local; “mas, é difícil, na prática mesmo, não é tão real”, relatou o participante.

E, o **Profissional C** relatou que ainda não trabalha a sustentabilidade por falta de pesquisas no assunto, conseqüentemente, conhecimento. Em sua fala, também relatou que hoje precisamos pensar na sustentabilidade, visto que os produtos novos têm custos elevados e, por que não começarmos a reaproveitar o que se tem? Assim, é preciso: “pensar tanto na estética, na prática, como no bolso do cliente. Se podemos ir para o lado da sustentabilidade, unindo o útil ao agradável; por que não?”.

Das colocações do **Profissional D**, transcreveu-se:

*“Eu vejo no momento, que não é só nós que temos a dificuldade de trabalhar com a sustentabilidade; mas, o cliente principalmente, tem dificuldade em receber a sustentabilidade. Porque você pode às vezes está tentando mostrar para ele, mas a maioria barra; porque querem mais prático, mais rápido, uma coisa que todo mundo está usando. E, existe a dificuldade de mostrar isso para o cliente; porque ele mesmo não entende, não aceita, não tem conhecimento; aí, é difícil de trabalhar”.*

Contudo, o Profissional D também relatou que está sempre tentando e buscando informações acerca do assunto; parceiros voltados para a sustentabilidade e, completou: precisamos mudar a cabeça das pessoas, “a nossa cultura é um pouco difícil e, aqui no Maranhão, parece ser um pouquinho mais, mas nós tentamos, com o passar do tempo, espero que possamos conseguir”.

Para o **Profissional E**, a sustentabilidade é uma temática que sempre o interessou muito, no entanto, não é algo que consegue aplicar, mas tem o desejo de colocar em prática. Em seus projetos, busca uma arquitetura mais essencialista, pensando na redução de artefatos ou materiais sem necessidade. Além disso, pensa muito no bolso do cliente, em economizar recursos do cliente, como também comentou a Profissional D. Neste sentido, para a Profissional E, se possível alinhar a necessidade do cliente com a sustentabilidade, será excelente.

No olhar do **Profissional F**, em se tratando de viabilidade, a sustentabilidade acaba ficando um pouco prejudicada tratando-se do mercado local e, continuou:

*“como vocês falaram, há vontade de se trabalhar, mas infelizmente nem sempre o mercado oferece as ferramentas para que a gente viabilize aqui, da forma, no momento, no tempo que o cliente precisa. Embora, eu ache que a*

*gente tenha material sobrando, mas não tem ainda muitas soluções de aproveitamento”.*

Contudo, o Profissional F demonstrou-se confiante na mudança de olhar da sociedade e de ferramentas, exemplificando a energia solar, que foi algo tão distante, e, hoje, é presente. Assim, *“mesmo que se leve muitos anos, a coisa vai amadurecendo”*, mas, é necessário iniciar uma perspectiva em relação a sustentabilidade com maior efetividade em São Luís.

Finalizando as apresentações iniciais, o **Profissional G** comentou que sente muita carência da sustentabilidade nos projetos, *“até no mercado mesmo, não tem”*. Para ele, há muita matéria-prima para ser reutilizada, mas faltam empresas que possam auxiliar nos projetos. Achou interessante a proposta da presente pesquisa, comentando, também, que há muitas pessoas novas no mercado preocupadas com a sustentabilidade e, é necessária unir forças em prol do tema; pois, é uma tendência que trará benefícios para todos. Além disso, acredita que é necessário *“juntar a sustentabilidade com alguma coisa social também”*, visto que *“a nossa cidade é carente de muita coisa”*, e juntando-se as energias, *“nós temos muito que oferecer”*.

Complementando, a **Profissional B** comentou que tal ideia pode favorecer para um processo de educação na sociedade. Portanto, concluindo o pensamento, o Profissional G relatou que, é imprescindível que se plante as sementes de modo que o negócio comece a se disseminar.

De modo geral, os profissionais explanaram a importância da pesquisa e do momento de conversa proposto, acharam, também, uma oportunidade de aprenderem mais sobre o assunto e de buscarem mais ferramentas que auxiliem suas ações projetuais no dia a dia.

Portanto, percebe-se que as colocações dos profissionais se conectam aos pensamentos dos autores: Andrade (2012); Demirkan e Afacan (2018); Hayles (2015); Lopes (2014); Moraes (2016); Moubarak e Qassem (2019) e, Sarmiento (2017), acerca da falta de conhecimento e consciência voltados para a sustentabilidade por parte dos profissionais.

Deste modo, para se conduzir os desejos dos clientes com os princípios da dimensão da economia sustentável, diante da complexidade, ferramentas simplificadas e claras são imprescindíveis (DEMIRKAN; AFACAN, 2018).

#### 4.2.3 Processo projetual e consciência sustentável - grupo focal

Tendo como base o roteiro do moderador (APÊNDICE D), o moderador, após a assinatura do TCLE, iniciou a inserção de perguntas do primeiro bloco para grupo de profissionais. O **Profissional E** começou respondendo sobre suas etapas no processo projetual, apontando três principais, que são: etapa do estudo preliminar (desenvolvimento do estudo de *layout* e conceito), uma vez aprovada, passa-se para a etapa de anteprojeto (3D e imagens) e, se aprovada, última etapa, que é o executivo (plantas técnicas, detalhes construtivos, de móveis e outros).

Na sequência, os **Profissionais F e G** relataram que acrescentam a entrevista com o cliente (*briefing*) no estudo preliminar. Assim, o grupo começou a interagir e cada um complementou relatando o que faz de diferente ou a mais, nas três principais etapas do processo projetual, como visualizado no quadro 15.

Quadro 15 - Relatos dos profissionais sobre suas etapas no processo projetual.

Estudo preliminar	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conversa com todas as pessoas que vão desfrutar do projeto;</li> <li>- Formulário geral de perguntas e para cada ambiente a ser desenvolvido no projeto;</li> <li>- Apresentação de referências para o cliente definir o seu estilo;</li> <li>- Imagens são solicitadas para os clientes (definição do estilo);</li> <li>- Uso de peça gráfica para nortear as perguntas (infográfico);</li> <li>- No conceito do projeto, uso de <i>Moodboard</i> (layout com imagens de produtos e materiais a serem usados no projeto);</li> <li>- Aprovação do <i>briefing</i> e assinatura do mesmo pelo cliente;</li> </ul>
Em qualquer etapa	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ata em todas as reuniões para o cliente assinar (evita retrabalho);</li> </ul>

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Em um consenso entre os profissionais, concordaram que as perguntas no *briefing* vão mudar de acordo com o foco do projeto/cliente. E, para o **Profissional F**, o *briefing* residencial é mais flexível, contudo, o voltado para projetos comerciais, é mais fechado (impositivo), pois, pensa-se no público e, não somente, nos desejos do cliente em si.

Na questão da definição do perfil do cliente, com o mesmo solicitando soluções sustentáveis nos projetos, verificou-se na fala de todos os participantes que, é muito difícil; porém, um ou outro cliente comenta e solicita. E, segundo os profissionais, o conceito de sustentabilidade que os clientes têm, é mais na prática de reaproveitamento ou reciclagem de itens que possuem, no intuito de reduzirem seus gastos na elaboração do projeto.

Em relação ao consumo sustentável nas conversas iniciais com os clientes, no *briefing* por exemplo e, durante todo o processo de projeto, os profissionais colocaram que não se posicionam verbalmente e nem nos formulários, provocando os clientes quanto aos requisitos da sustentabilidade. A justificativa colocada pela **Profissional D** foi que, não se tem o costume, visto que os clientes não têm interesse no assunto em questão.

Ao serem questionados se foram, em algum momento, contratados para elaborar um projeto com características socioeconômicas sustentáveis, quase todos relataram que não e, com certeza iriam ter dificuldade na implementação do mesmo. O **Profissional F** teve uma experiência, sendo contratado para conduzir um projeto para um posto de gasolina com o conceito autossustentável, contudo, todo o conceito veio de fora do estado, somente para pequenos ajustes e desenvolvimento da viabilidade técnica local na execução.

Outro ponto relevante colocado pelo **Profissional G**, é, que em suas atuações, desenvolveu projetos para uma universidade tentando adotar critérios sustentáveis; entretanto, apesar da universidade ser vista como um exemplo para a sociedade, a mesma barrou a iniciativa.

No segundo bloco de perguntas, atrelou-se o processo projetual ao olhar da dimensão econômica da sustentabilidade. E, na compreensão ou não, que o processo projetual pode favorecer o desenvolvimento econômico sustentável local para um consumo consciente; o **Profissional A** tem o cuidado de tentar colocar itens produzidos localmente no projeto; mas, considera que, tal tentativa é facilitada, pois conhece algumas pessoas da região que trabalham com materiais/produto locais.

No seu projeto de conclusão de curso (graduação), tentou produzir um revestimento com fibra de bananeira em conjunto com artesãos de São Luís - MA e Alcântara - MA, mas esbarrou na falta de rede de estrutura e tecnologia que colaborasse, logo, não teve como levar para frente a ideia, ficando somente no modelo do projeto; quando, o desejo era de colocar em prática e criar toda uma cadeia de produção.

Complementando o pensamento, o **Profissional F** acredita que a indústria maranhense, principalmente a de São Luís, é muito carente de transformação e processamento de matéria-prima. Assim, fica muito complicado pegar todo um processo, do início ao fim, para projetar uma parte do projeto. Como justificativa,

apontou que o profissional é apenas um elemento de um contexto maior e, se houvesse um fomento da indústria, iria ser mais fácil a inserção de produtos locais em projetos, portanto, o desenvolvimento da economia. Pois, há matéria-prima local, grupos que podem ser articulados com potencial; mas, falta apoio, incentivo.

Outro ponto levantado pelo **Profissional E** é que, devido à falta de especificação de produtos locais, como consequência, não tem quem compre e produza. Deste modo, o mesmo pensa que há falta de conhecimento entre os profissionais e mais interesse também em buscar os fornecedores, os materiais.

Na continuidade da fala do Profissional E, o mesmo relatou que, tem pouco conhecimento acerca de fornecedores e produtores locais, por isso, não especifica. E, uma solução que apontou para fomentar o crescimento da economia local, é de conectar os profissionais e os fornecedores/produtores locais.

Contrariando um pouco o pensamento do Profissional E, os **Profissionais B, D e G** apontaram que o crescimento só irá acontecer se o cliente entender e permitir, pois, não adianta o profissional desejar e o cliente não. Porém, retomando a fala, o **Profissional E**, conclui que, a primeira forma é de se apresentar as soluções sustentáveis para os clientes; pois, da mesma forma que os profissionais não têm conhecimento, os clientes têm menos ainda. E, quando um cliente contrata um profissional, ele tem muita confiança, seguindo, muitas das vezes, à risca, o que o profissional fala; neste sentido, na proposição de ideias economicamente sustentáveis, pode ser que o cliente não aceite, no entanto, o levará a refletir.

Para o **Profissional C**, há falta de conhecimento da produção local por parte dos profissionais mesmo e, uma dica colocada pelo **Profissional A**, é, de talvez criar uma plataforma que reunisse os fornecedores locais, os conectando especificamente aos designers e arquitetos.

Quando questionados se tinham ouvido falar sobre os princípios da dimensão econômica da sustentabilidade, todos relataram que ainda não tinham ouvido falar nada sobre o assunto.

Neste contexto, ficou claro que os profissionais pouco buscam informações acerca dos produtos e produtores locais, bem como não se posicionam, mesmo que, de forma educativa, na orientação de seus clientes para a direção da economia sustentável, percebendo-se, também, a falta de conhecimento entre os mesmos.

Para Kazamia e Kafaridou (2010), o designer tem um papel muito além do desenvolvimento de produto e/ou projeto que reduza os impactos ambientais na sociedade, ele também precisa e deve criar meios que incentivem o comportamento sustentável entre as pessoas.

Assim, somente a redução de impactos ambientais através da especificação em projetos, é um grande ganho. Entretanto, é imprescindível que se tenha consciência e compreensão acerca dos materiais que especificam (MÁTÉ, 2007). Além disso, é fundamental que se tenha ciência também sobre os critérios sustentáveis; pois, deste modo, os projetistas irão incorporá-los plenamente em suas ações de projeto (RASHDAN; ASHOUR, 2017).

#### 4.2.4 Princípios da dimensão econômica na prática projetual - grupo focal

No terceiro bloco de perguntas, iniciou-se com questões que levassem o grupo para a reflexão aprofundada sobre a integração ou não, dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade no processo projetual, em destaque, os princípios: valorizar recursos locais; respeitar e valorizar a cultura local e; promover a economia local.

Logo, buscando saber dos artifícios de inspirações para a elaboração de um projeto, o **Profissional D** relatou que nem todo dia encontra a criatividade necessária para criar um projeto; porém, busca relaxar com outras atividades para depois voltar ao processo de criação do projeto. Complementando, o **Profissional C** colocou que, a busca de imagens na *internet* (Google, Pinterest, Instagram, *Sites* de revistas nacionais e internacionais, entre outras), ajuda também muito no processo de inspiração.

Por outro lado, o **Profissional E** começa a sua inspiração por meio do *briefing*, investigando quem são os clientes, a personalidade dos mesmos, juntamente com as imagens selecionadas do estilo deles.

O **Profissional F** procura sempre observar o cliente, o deixando falar, justamente para o compreender, o seu estilo; além disso, busca referências em eventos voltados para design de interiores, em outros estados, países; pois, só o que acontece em São Luís, segundo o profissional, é muito pouco para se inspirar.

Concordando, os **Profissionais A, B e G** também buscam inspirações em viagens e, é quase impossível, não se inspirar em suas vivências cotidianas.

É oportuno reforçar que, quanto mais o profissional busca compreender o seu cliente, seus desejos, seu estilo, seu modo de viver; terá mais sucesso na elaboração projetual, conseqüentemente, levará o cliente a não ajustar o projeto em um curto espaço de tempo. Além disso, conseguirá melhor se posicionar, defendendo os critérios da sustentabilidade no projeto (LOPES, 2014).

Ainda no processo de inspiração, quando questionados se pensam em materiais ou produtos locais para se inspirarem em um projeto, todos concordaram que, muito pouco. Pois, ao pensarem em uma solução projetual, imediatamente pensam na execução e, em São Luís, há carência da viabilidade.

O **Profissional A** colocou que, *“o que você deseja, você tem que fazer”*, portanto, não adianta pensar em um material que não irá funcionar no projeto. O **Profissional D** pensa diretamente em produtos prontos e de fácil alcance e, não consegue identificar produtos/materiais locais; pois, pensa que, tudo é de fora da região. Quanto aos impactos ambientais de cada material ou produto, que especificam, nem um pensa ao projetarem.

No quesito de elaborar soluções que contemplem artesanato local ou itens da cultura, sem, necessariamente, o consentimento do cliente, o **Profissional E** falou que em relação a arte é mais fácil. Colaborando, o **Profissional F** relatou que na decoração é mais fácil mesmo, mas, nos processos construtivos, não.

Os **Profissionais F e G**, tendo como requisito o artesanato, desenvolveram produtos com artesãos locais para uma mostra de decoração que ocorreu na cidade; porém, relataram que, no dia a dia, é muito complicado adotar a prática, pois demanda muito tempo, além da viabilidade.

E, para o **Profissional B**, no projeto residencial, leva-se muito em consideração o desejo do cliente e, no projeto comercial, é possível usar um pouco mais, tentando-se ressaltar a cultura local.

Quando questionados se há dificuldade em encontrar produtos locais, sejam da cultura especificamente ou somente regionais, em lojas ou em outros locais, o **Profissional G** relatou que tem muita dificuldade, pois é muito limitado. O **Profissional E** falou que fotografia é mais fácil, mas, outros objetos, é necessário ir

até ao centro da cidade, no centro histórico ou no mercado central, tornando o processo mais complexo.

Na questão de compreensão da cultura local no projeto de interiores, relataram que compreendem um pouco, mas falta uma conexão entre os produtores locais e eles mesmos; porém, tentam valorizar; mas, nem sempre é possível. Para Moubarak e Qassem (2019), quando os projetistas de interiores voltam os seus olhares para os produtos da produção local, abre-se a possibilidade de uma geração de soluções mais criativas no projeto, além disso, fomenta o desenvolvimento econômico sustentável.

Buscando identificar dificuldades e o que facilitaria trabalhar com a economia local, o **Profissional A** novamente tocou na possibilidade de uma rede de contato, para saber quem são as pessoas que trabalham com os produtos e serviços da economia local. Tendo um local, uma loja, com a visão específica voltado para o design de interiores, como se fosse uma curadoria, ia ajudar muito.

Complementando, o **Profissional G**, relatou a necessidade da industrialização dos processos, pois é ainda muito artesanal. Retomando a sua fala, o **Profissional A**, comentou que, depende, "*porque o artesanal é o toque diferencial do produto*". Os **Profissionais B, C, D e G**, concordaram com a colocação da colega (Profissional A) em relação a essência diferente que o produto local carrega.

Explicando, o **Profissional G** comentou que, é no sentido de deixar o produto artesanal ou local, mais comercial, para cair mais do uso cotidiano; como exemplo, se houvesse uma linha de luminárias artesanais feitas na cidade, de esquadilhas; de coisas que poderia ser usados no projeto à pronta entrega, sem a necessidade de encomendar para um determinado projeto, conseqüentemente, o custo de compra iria reduzir devido a escala de produção.

O **Profissional E** concordou com a fala dos colegas, mas, relatou que, cai também na questão da força de vontade dos profissionais quererem concretizar o consumo de produtos locais; pois, se acontecer a demanda, o processo irá se desenvolver, crescendo naturalmente. E, concluiu que, enquanto não houver paciência diante do produto local e artesanal, visto que é um produto diferente, ficará difícil de fazer o mesmo se desenvolver.

Assim, o **Profissional E** demonstrou-se muito interessado nos resultados da presente pesquisa e, de situações ou momentos práticos no futuro, visando obter os meios de operacionalização das práticas sustentáveis em seus projetos.

Neste alinhamento, é fundamental uma transformação de valores, características, entendimento e comportamento entre os projetistas de design de interiores para que a sustentabilidade possa acontecer de forma efetiva (HAYLES, 2015). Pois, como colocado anteriormente, há falta de comprometimento e sensibilidade entre os profissionais, como relatou a Profissional E, acerca do desenvolvimento de projetos que reduza o impacto ambiental, logo, respeitando o meio ambiente e os produtores locais.

No quarto bloco de perguntas, levou-se em consideração o princípio promover organizações em rede, buscando compreender como os profissionais incentivam em suas práticas a organização em conjunto dos fornecedores locais.

O **Profissional D** relatou que, pode até incentivar uma determinada pessoa, mas, a pessoa em questão, pode depender da mão de obra de terceiros e, hoje, as pessoas parecem que não querem trabalhar, principalmente com os serviços manuais, optando mais por praticidade, de modo que tenham com maior rapidez “*dinheiro no bolso*” e; concluiu que, sente muita dificuldade.

Colaborando, o **Profissional F** colocou que, parece que as pessoas que trabalham localmente têm medo de arriscarem, talvez, por terem receio de investirem em algo incerto de retorno financeiro. Assim, o **Profissional G**, acrescentou que a falta de incentivo do governo, apoio; para que os produtos locais se desenvolvam, além disso, a falta de organização individual ou coletiva, dos produtores locais, acaba que deixando a entrega dos artefatos mais demorados.

Para o **Profissional F**, falta muito incentivo para os empresários investirem também em produtos locais e, teria que ter mais benefícios; até mesmo em termos de legislação, pelo menos leis municipal em São Luís, que é muito carente. Como exemplo, citou São Paulo, que tem várias legislações que incentivam e obrigam os profissionais a adotarem uma postura voltada para a sustentabilidade em construções, diferente de São Luís, que os órgãos competentes não fiscalizam, bem como o plano diretor da cidade não norteia tal postura sustentável.

De forma conclusiva, o grupo pouco incentiva a organização em conjunto de parceiros e fornecedores. A justificativa, segundo o **Profissional B**, é que pessoas que trabalham com artesanato, revestimentos artesanais ou que tenham o *status* de exclusividade, não gostam de trabalhar em parceria com outras pessoas. Um exemplo colocado pelo **Profissional E** foi que, o mesmo tentou encomendar umas peças de

cerâmica, contudo, como a artesã trabalha sozinha, e, assim gosta, não tinha como pegar a encomenda.

Nesta perspectiva, Santos *et al.* (2019b) argumentam e defendem que o desenvolvimento dos produtores locais (empresas), com a competição das mesmas, entre si, dentro da região, favorece para a elevação de seus níveis de desempenho, e, conseqüentemente, terão mais sucesso de vendas em relação as empresas que vendem produtos de fora da região. Outro argumento, é o fato que “a organização em rede favorece, também, a maior efetividade e impacto do processo de inovação” (SANTOS *et al.*, 2019b, p. 75).

Segundo Rosa (2013), a dimensão econômica da sustentabilidade busca a integração de seus princípios na sociedade para a viabilidade financeira, mas, mais além, busca orientar as pessoas quanto aos aspectos de bem-estar. E, apesar da dimensão ser voltada para a localidade e seus recursos, soluções atreladas a economia sustentável não podem ser atingidas somente em comunidades pequenas, visto que empresários ou qualquer indivíduo, pode atuar em prol do desenvolvimento econômico local.

No quinto bloco de perguntas, inclinou-se para o princípio valorizar a reintegração de resíduos. Buscando-se compreender, inicialmente, como é o posicionamento em relação a geração de resíduos com os clientes. O grupo ficou um pouco calado e, o **Profissional C** relatou que, coloca para o cliente que o custo de tirar um revestimento é mais caro que sobrepor o mesmo com um novo. E, em relação a descarte consciente, os profissionais participantes não conversam ou conscientizam os seus clientes.

Em relação a especificação, na avaliação de materiais para se gerar menos resíduos, o grupo, mesmo com estímulos, também manteve-se um pouco calado e, somente o **Profissional E**, posicionou-se, colocando que, avalia a menor quantidade de perdas, no sentido de não gerar custo a mais para o cliente, o fazendo comprar mais de um material, sem necessidade.

Em relação a dificuldades em trabalhar com produtos com resíduos locais, falaram que não têm conhecimento sobre profissionais ou empresas que comercializem tais produtos; por isso, nem pensam na possibilidade do uso na especificação projetual.

Quanto o que facilitaria a reintegração em suas especificações, os produtos feitos com reaproveitamento de resíduos, levantaram que, se houvesse empresas que trabalhassem tais produtos com qualidade, eles iriam usar. Logo, o **Profissional F** relatou que, a área de design de interiores depende de bons fornecedores, que ofereça produtos de qualidade e, com os mesmos, seria mais fácil de se trabalhar. Por outro lado, o **Profissional E** voltou ao seu posicionamento, comentou que, há falta da mudança de olhar entre os profissionais, no sentido de perceber o material residual ou produto, o pensando em um uso diferente e inovador que, hoje, não se tem.

Em contrapartida, o **Profissional F** e **C**, contrários um pouco a ideia do colega (Profissional E), relataram que, uma ideia de projeto executável depende dos fornecedores e, se não houver um conjunto de empresas ou fornecedores em prol do reaproveitamento dos resíduos, não funcionará.

A postura dos profissionais é preocupante em relação aos resíduos, visto que, segundo Máté (2007), os produtos voltados para os projetos de interiores estão assumindo outra categoria, assemelhando-se itens de vestuário, por exemplo, que, geralmente, tem um prazo menor de uso, logo, aumentando a geração de resíduos no planeta.

E, como causas de descartes mais rápido de artefatos, em projetos, é devido ao aumento de opções de produtos no mercado, da rápida mudança de estilos e estética, além da tecnologia, que moderniza de forma acelerada móveis, eletrônicos e eletrodomésticos (MÁTÉ, 2007). Segundo Santos *et al.* (2019b, p.79):

Água, petróleo, madeira, minérios e gases são exemplos de insumos que passam por longos processos de extração e transformação para compor os produtos e serviços que sustentam as sociedades humanas. As perdas de partes destes insumos representam desperdício de valor, tanto financeiro quanto social e ambiental.

No último bloco de perguntas, verificou-se o princípio promoção da educação para a economia sustentável nas práticas projetuais dos profissionais. Questiona-se como buscam sensibilizar, de forma educativa, os clientes sobre o desenvolvimento econômico local para o consumo sustentável. O **Profissional F** comentou que, até conversa-se; mas, não é o foco principal do processo. Logo, todos os participantes concordaram com o colega.

Voltando a sua fala, o **Profissional F** ainda comentou que, busca-se em “*uma etapa ou outra*”, colocando para o cliente que “*uma coisa ou outra vai ser bom para o meio ambiente*”; contudo, “*não é o foco*”.

Quanto aos motivos de não conversarem e, o que facilitaria para promoverem a educação econômica sustentável aos seus clientes, o **Profissional C** colocou que, por falta de conhecimento e soluções alternativas; pois, não se tem o conhecimento para se propor as soluções, assim, não se propõe nada.

Os **Profissionais E e F** concordaram que, não ter quem execute as soluções sustentáveis também, visto que a área de design de interiores depende muito de fornecedores. E, geralmente, quando se tenta, o prazo de execução da ideia é maior e, o cliente não concorda.

Além disso, o grupo colocou que, falta mão de obra qualificada para um projeto mais sustentável e, como sequência, realizar o processo educativo com o cliente. Inserindo um olhar diferente, o **Profissional A** colocou que, talvez, não se tenha tanto tempo para uma longa conversa sobre sustentabilidade no desenvolvimento do projeto com o cliente; mas, se houvesse uma cartilha clara, rápida, direta e ilustrativa para ser entregue ao cliente, ia ser interessante.

Na conclusão das falas, o **Profissional F** colocou que o cliente às vezes opta por algum elemento sustentável, quando o mesmo reduz seus gastos futuros, como placas solares, por exemplo. E, se for mais caro, sem retorno, o cliente acaba não aceitando as ideias.

Finalizando o encontro, questionou-se sobre as formações, se durante as mesmas, estudaram sobre a sustentabilidade ou, se buscam estudar no dia a dia. O grupo relatou que, muito pouco durante a formação e de forma superficial.

Além disso, somente o **Profissional A** colocou que busca estudar sobre o assunto e, também, o **Profissional B** tentou fazer uma pós, mas, não fez, porque o curso não foi oferecido devido à pouca procura, sem formar uma turma.

Neste contexto, Santos *et al.* (2019b) apontam que é necessário expandir o nível de compreensão das pessoas na direção da modificação do sistema econômico. Para Kazamia e Gwilliam (2011), necessita-se moldar novas visões, de modo que sejam locais, regionais e globais de sustentabilidade. Deste modo, é necessário um processo educativo para descontinuar o consumo (MANZINI, 2008).

Portanto, o projetista pode ser considerado um agente educador (MANZINI, 2008) para a dimensão econômica da sustentabilidade, no entanto, é necessário que o mesmo tenha conhecimento que, vão além dos comumente aprendidos nos cursos de design, por exemplo (SANTOS *et al.*, 2019b).

#### 4.2.5 Discussões sobre o grupo focal

A técnica do grupo focal foi vista pelos profissionais convidados como uma oportunidade de grande relevância, pois, segundo eles, conversar sobre o assunto, possibilita gerar reflexões enriquecedoras. Agradeceram pela oportunidade e desejaram sucesso na pesquisa.

Por meio da técnica e com a apresentação das informações colhidas, de modo mais descritivo, expande-se para as discussões de alguns pontos. Assim, constatou-se que os profissionais não tomam posicionamento em relação aos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade. E, dentro do *briefing* ou nas três etapas do processo projetual, não se tem como hábito perguntar ao cliente ou incentivar o mesmo, para o olhar das questões econômicas e, também, nas questões ambientais e sociais. Porém, quando, na demanda da sustentabilidade, o projetista de interiores deveria satisfazer e suprir as necessidades dos seus clientes, contribuindo para a igualdade social, além do uso eficiente dos recursos naturais (ANDRADE, 2012).

Como pontuado anteriormente, o fato da falta de questionamentos voltados para a sustentabilidade econômica no início da elaboração do projeto, pode gerar uma evidenciação/transparência ruim da dimensão econômica e, como consequência, impactos negativos nas escolhas do cliente.

Outra questão implícita é o fato de os profissionais adotarem uma ligação quase que umbilical nos seus projetos (estilos conceituais), apresentando soluções projetuais praticamente impositivas ao cliente (profissional no centro), quando, o cliente deveria estar ciente de tudo relacionado ao projeto (meio ambiente do centro), para tomar as melhores decisões.

Notou-se também no grupo, um baixo nível de conhecimento acerca dos critérios sustentáveis e, até mesmo, a falta de empenho na busca por informações sobre os impactos ambientais dos materiais, produtos, serviços e sistemas que especificam em seus projetos.

Tais posturas podem ser justificadas pelo fato das ações na elaboração projetual da área de interiores, ainda estarem baseadas em conceitos ultrapassados, como da engenharia e da própria arquitetura (LOPES, 2014). Logo, há uma carência na antecipação dos danos que um projeto de interiores pode trazer para a natureza (SARMENTO, 2017).

Contudo, ressalta-se que as responsabilidades dos profissionais vão muito além das “presentes nos projetos”, pois, podem direcionar os clientes para um consumo consciêcia (comportamento para o consumo sustentável) ou, até mesmo, redução do consumo por meio da contratação de serviços, bem como colaborar, de forma estratégica, para a criação de produtos que atendam aos critérios da sustentabilidade econômica e etc.

Outro aspecto relevante, é a atuação no desenvolvimento de políticas públicas e legislações (direcionamento da sociedade), deste modo, a busca pelo conhecimento e desenvolvimento de competências novas é imprescindível para a atuação profissional.

Quanto a integração ou não, dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade, verificou-se que há uma inclinação maior do grupo na valorização da cultura, visto que encontram com maior facilidade os artefatos para compor suas ideias. No entanto, não é uma regra e, depende muito se o cliente solicita nos requisitos projetuais.

Acredita-se que a falta de conhecimento acerca da dimensão econômica da sustentabilidade implique na pouquíssima integração dos princípios da dimensão econômica nas práticas projetuais, porém, pode existir também a falta de interesse/desejo entre os profissionais em não os adotar. Visto que, a promoção de uma economia local (distribuída e não centralizada), requer uma outra postura e olhar das pessoas.

Nos aspectos que dificultam a integração dos princípios em suas ações projetuais, colocaram várias questões, que são: carências do mercado local, da falta de organização do mesmo; falta de qualidade dos produtos; falta de quem forneça os produtos; falta de mão de obra especializada; demora na entrega dos produtos artesanais; custo mais elevado devido à falta de produção em série; falta de conhecimento entre os cliente; resistência dos clientes em aceitarem as ideias sustentáveis. Por parte dos profissionais: falta de conhecimento no assunto; falta de

conhecimento sobre os fornecedores e prestadores de serviços locais; falta de empenho em buscar informações e fornecedores; entre outras.

É adequado destacar, em relação as dificuldades apontadas pelos profissionais que, o produto de base local geralmente não está associado aos processos industriais, assim, há outra lógica na produção, circulação e consumo dos mesmos. E, para quebrar tais dificuldades, necessita-se criar uma cultura de projeto que compreenda as diferenças presentes na produção local.

Portanto, verificou-se que não há uma integração eficiente nos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade nas práticas projetuais dos profissionais, além disso, observou-se que, em algumas falas, enfatizaram a responsabilidade do não uso dos princípios, nos clientes; pois, muitas das vezes, os mesmos não aceitam as ideias sustentáveis e, também, na falta de fornecedores e serviços locais que operacionalizem o projeto, de modo que seja mais fácil executar uma ideia voltada para a sustentabilidade econômica.

Entretanto, para que uma realidade sustentável aconteça no projeto, é necessário que o profissional estabeleça laços confiáveis, o conectando ao seu cliente, visto que, os vínculos possibilitam conhecer a fundo os anseios do cliente e, neste sentido, maior liberdade para propor novos olhares (LOPES, 2014).

A mudança comportamental do profissional comprometido com a sustentabilidade implica em escolhas conscientes e responsáveis, e a sua formação, capacitação, instrução e educação podem estimular o diálogo com o cliente nos ajustes necessários para a nova realidade a ser construída (LOPES, 2014, p.116).

O que facilitaria a operacionalização dos princípios em suas práticas projetuais, colocaram os pontos: mais conhecimento no assunto e compreensão acerca do tema; ferramentas de auxílio, como uma plataforma que aproximasse os produtos e serviços locais do mercado do design de interiores; mão de obra especializada e de qualidade; mais apoio de legislações locais para que empresários apoiassem o mercado local; que centros de ensino se voltam para os critérios da sustentabilidade em suas ações; que o cliente aceitasse e abraçasse a sustentabilidade econômica; os custos ficassem menores; que seus próprios olhares mudem na busca por soluções criativas para o atendimento dos princípios econômicos; entre outros.

Pontuando uma breve reflexão sobre o que facilitaria a operacionalização dos princípios nas práticas dos profissionais investigados, com o olhar voltado para o

desenvolvimento da produção local em comunidades tradicionais, argumenta-se que é uma categoria muito complexa, pois, às vezes, as comunidades só querem produzir cinco peças, batendo contra a esfera do mercado (conceito), atrelado à padronização e qualidade. Assim, tal categoria é complicada quando se fala de produção artesanal e deve ser tratada com respeito aos envolvidos.

É comum no âmbito do design, a hierarquização dos discursos, no sentido de supor e/ou impor o que é melhor para o outro (comunidade, por exemplo), devido ao “conhecimento” adquirido nas universidades, entretanto, acredita-se que não deve e, nem pode ser assim, o desenvolvimento econômico sustentável. Pois, existem outros discursos (assimétricos), relações de poder, de desejos e, principalmente, de como as comunidades entendem seus saberes e fazeres, que não é simplesmente como itens produzidos a serem comercializados em um mercado padronizado.

Logo, Rashdan e Ashour (2017) apontam que, na literatura há uma carência de estudos que aborde os critérios para o design de interiores sustentáveis. Além disso, há poucas investigações que trate da dimensão econômica da sustentabilidade em sua amplitude e complexidade (ANDRADE, 2012), portanto, dificultando o posicionamento dos profissionais.

O design de interiores sustentável pode até ser obtido de forma simples, todavia, é imprescindível estratégias direcionadoras compreensíveis e de fácil implementação (RASHDAN; ASHOUR, 2017).

Neste contexto, ressalta-se a carência de consciência por parte dos profissionais, visto que, não buscam muito conhecimento acerca da sustentabilidade econômica; não assumem a responsabilidade econômica, bem como a ambiental e social no que especificam e; a necessidade de mudança de olhar, valorizando os recursos locais, a cultura, dos resíduos; conseqüentemente, maior promoção da economia de base local, tornando-se um agente educador para os seus clientes.

De acordo com Moxon (2012), a tarefa de incorporar a sustentabilidade ao projeto de interiores não é fácil, no entanto, a mesma pode fazer parte, de modo integrado, no planejamento de qualquer bom projeto.

O tema da sustentabilidade é um valor que tenderá a ser universal e, “nos propõe, de fato, o valor da responsabilidade nos confrontos das gerações futuras e, conseqüentemente, o objetivo de não prejudicar os equilíbrios ambientais” (MANZINI; VEZZOLI, 2016, p.57). Neste pensamento, a busca pelo desenvolvimento econômico,

pautado pela redução dos níveis de consumo, é fundamental na sociedade nos dias de hoje (SANTOS *et al.*, 2019b).

### 4.3 Análise geral dos resultados

Por meio da articulação triangulada entre os dados da teoria, questionário e técnica do grupo focal buscou-se, de forma qualitativa, alinhar as informações para se propor as recomendações de integração e operacionalização dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade no processo projetual dos profissionais que atuam na área do design de interiores.

#### 4.3.1 Processo projetual e consciência sustentável – análise geral

Quadro 16 - Síntese geral do processo projetual e consciência sustentável.

X	Dados colhidos de integração/operacionalização ou não, de critérios sustentáveis no processo projetual		Levantamento teórico para a necessidade da integração / operacionalização dos critérios sustentáveis no processo projetual
	Questionário	Grupo focal	
Processo projetual	<b>Questão 06</b> - Processo projetual: <i>briefing</i> / medição / conceito / anteprojeto / projeto / detalhamento;	<b>Bloco 1</b> -Processo projetual: estudo preliminar (desenvolvimento do estudo de <i>layout</i> e conceito) / anteprojeto (3D e imagens) / executivo (plantas técnicas, detalhes construtivos, de móveis e outros);	- Gurgel (2017) define como etapas do processo projetual o <i>briefing</i> ou perfil do cliente / estudar o local / juntar os dados / processo criativo / projeto executivo / execução; - Lopes (2014) aponta que é necessário compreender o cliente, seus desejos, seu estilo, seu modo de viver para o sucesso projetual. Logo, o profissional irá se posicionar melhor em relação aos critérios da sustentabilidade no projeto;
	<b>Questões 07, 08, 18, 19</b> - Em abordagens iniciais com os clientes, somente ÀS VEZES os profissionais buscam saber do interesse dos mesmos por valorizar recursos da economia local e da cultura, além da reintegração e redução de resíduos e, promovendo consciência sustentável; - Quanto as perguntas de Moxon (2012), a	<b>Bloco 2</b> - POUCO se busca saber do interesse dos clientes por questões sustentáveis; - FALTA de conhecimento acerca dos produtos locais, cultura, organização dos produtores, reintegração de resíduos e, postura	- Para Moxon (2012) e Sarmento (2017) é fundamental nos contatos iniciais com os clientes direcionar os mesmos para a sustentabilidade; - Moxon (2012) defende que realizar perguntas dentro do processo projetual na direção da sustentabilidade ajudam a incorporar práticas sustentáveis no dia a dia; - Máté (2007) e Sarmento (2017) acreditam que buscar e investigar informações acerca dos materiais também é de responsabilidade dos profissionais. Assim, para Manzini e Vezzoli (2016), é preciso entender também o ciclo de vida do projeto/produto; - Além de conhecerem os critérios sustentáveis (RASHDAN; ASHOUR, 2017). Para Kazamia e Kafaridou; (2010) os

	<p>maior parte dos profissionais as consideram importante, contudo, as mesmas não são adotadas em todos os processos projetuais;</p> <p>- Não houve entendimento de como descontinuar um projeto quando o mesmo não for mais útil para o cliente;</p> <p>- Na elaboração de um projeto, somente ÀS VEZES os profissionais buscam saber se o que especificam contribuirá para a redução de impactos ambientais no planeta;</p> <p>- Os profissionais acreditam que a responsabilidade econômica no projeto de interiores é uma demanda do futuro, visto que no momento muito se fala sobre sustentabilidade, mas ainda pouco se faz.</p>	<p>educativa com os clientes;</p> <p>- FALTA de domínio no uso das perguntas de MOXON (2012);</p> <p>- NÃO sabem dos impactos ambientais dos materiais que especificam;</p> <p>- FALTA de conhecimento e consciência acerca da sustentabilidade econômica no projeto de interiores;</p>	<p>profissionais precisam incentivar o comportamento sustentável entre as pessoas;</p> <p>- Papanek (1995) defende que os designers têm a capacidade de mudar, eliminando o desnecessário ou criar o necessário em novos padrões na sociedade;</p> <p>- Thackara (2008) aponta que somente com a compreensão da nossa situação atual, que vamos poder melhorar onde queremos estar;</p> <p>- Lopes (2014) argumenta que a mudança comportamental do profissional comprometido com a sustentabilidade implica em escolhas conscientes e responsáveis. E, a sua formação, capacitação, instrução e educação podem estimular o diálogo com o cliente nos ajustes necessários para a nova realidade a ser construída;</p> <p>- Para Rashdan e Ashour (2017), na literatura há uma carência de estudos que aborde os critérios para o design de interiores sustentáveis. Além disso, para Andrade (2012) há poucas investigações que trate da dimensão econômica da sustentabilidade;</p> <p>- O design de interiores sustentável pode ser obtido de forma simples, porém, é imprescindível estratégias direcionadoras compreensíveis e de fácil implementação (RASHDAN; ASHOUR, 2017).</p>
--	---	---	--

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

#### 4.3.2 Princípios da dimensão econômica na prática projetual – análise geral

Quadro 17 - Síntese geral da integração ou não dos princípios da DES.

X	Dados colhidos de integração/operacionalização ou não dos princípios da DES no processo projetual		Levantamento teórico para a necessidade da integração / operacionalização dos princípios da DES no processo projetual
	Questionário	Grupo focal	
Fortalecer e valorizar recursos locais	<b>Questões 09, 10</b>	<b>Bloco 3</b>	- Santos <i>et al.</i> (2019b, p.59) destacam que para o desenvolvimento local possa acontecer é necessário valorizar o território. Assim, o fortalecimento dos recursos locais demanda a integração de critérios que considerem a origem destes recursos nas políticas públicas e empresariais, particularmente nos mecanismos de orientação dos investimentos e, certamente, nos critérios de projeto de produtos, serviços e sistemas (SANTOS <i>et al.</i> , 2019b, p.19);
	- Somente ÀS VEZES os profissionais adotam os recursos locais em seus processos projetuais; - Quanto a possíveis dificuldades para a utilização dos recursos locais, apontaram como causa a falta de	- Pouco se pensa nos recursos locais na elaboração projetual (especificação); - A dificuldade de encontrar os produtos locais em lojas do seguimento do design/arquitetura de interiores atrapalha na	

	informações acerca dos mesmos;	valorização dos recursos locais; - Há falta de conexão entre produtores/serviços locais com os profissionais;	- Krucken (2009, p.73) defende uma cultura do meio empresarial e industrial em relação à inovação e ao design, de modo a fomentar no próprio país o desenvolvimento de produtos baseados em recursos biológicos locais; - Para criar consciência entre os consumidores, é necessária a transparência da cadeia produtiva dos produtos (KRUCKEN, 2009; SANTOS <i>et al.</i> , 2019b). Porém, para que sejam valorizadas de fato, as mesmas precisam ser compreendidas para serem defendidas, consequentemente, o desenvolvimento do local; - Krucken (2009, p.98) aponta que reconhecer, ativar, comunicar, proteger, apoiar, promover, desenvolver e consolidar; são estratégias para valorização da produção local. E, uma característica a ser desenvolvida em pessoas que desejam trabalhar na valorização de produtos locais é a sensibilidade diante das particularidades de um território (KRUCKEN, 2011);
Respeitar e valorizar a cultura local	<b>Questão 11</b>	<b>Bloco 3</b>	- Krucken (2009, p.18) aponta que “para dinamizar os recursos do território e valorizar seu patrimônio cultural imaterial, é fundamental <i>reconhecer e tornar reconhecíveis valores e qualidades locais</i> ”; - Quando se olha para os produtos da produção local, abre-se a possibilidade de uma geração de soluções mais criativas no projeto de interiores (MOUBARAK; GASSEM, 2019); - Para Escobar (2001), é imprescindível que se olhe para as práticas culturais, ecológicas e econômicas presentes no território, como importantes alternativas de visões e estratégias para reconstruir o desenvolvimento local-global; - A sustentabilidade no projeto de interiores só será possível por meio da harmonia entre três fatores, que são: habitante, cultura e natureza (PAPANNEK, 1995); - Costa (2019) aponta que os conhecimentos em sociologia, globalização, cultura local e impacto socioambiental são necessários entre os designers para que se possa alcançar uma produção distribuída;
	- No princípio em questão, a maior parte também respondeu que somente ÀS VEZES valorizam a cultura local (53%), porém, houve um número expressivo de profissionais que sempre valorizam (46%);	- Há uma tentativa de valorização da cultura local, mas, nem sempre é possível; - Compreendem pouco como trabalhar a cultura local no projeto;	
Promover a economia local	<b>Questão 12</b>	<b>Bloco 3</b>	- Apoiar o desenvolvimento local requer uma postura que priorize a contratação de pessoas e empresas locais, apoiando e estimulando para melhorarem suas competências (SANTOS <i>et al.</i> , 2019b). Logo, é fundamental uma transformação
	- Os profissionais COMPREENDEM que as ações projetuais podem	- POUCO promovem a economia local. Como causas apontaram à falta de	

	<p>incentivar o desenvolvimento da economia local;</p> <p>- Contudo, ressalta-se que somente ÀS VEZES os profissionais buscam fortalecer e valorizar os recursos locais, bem como a cultura;</p>	<p>locais de compra dos produtos locais; rede de contato dos produtores locais; produção mais organizada e; falta de vontade dos profissionais em especificarem os produtos locais;</p>	<p>de valores, características, entendimento e comportamento entre os projetistas de design de interiores para que a sustentabilidade possa acontecer de forma efetiva (HAYLES, 2015);</p> <p>- Costa (2019) comenta que é imprescindível criar soluções para localidades onde habilidades específicas de transformação dos recursos são escassas;</p> <p>- O designer precisa de ferramentas simples e de fácil compreensão (DEMIRKAN; AFACAN, 2018) na promoção da economia local;</p>
Promover organizações em rede	<p><b>Questão 13</b></p> <p>- Da mesma forma, COMPREENDEM que as ações projetuais podem incentivar a organização em rede de produtores locais;</p> <p>- Porém, assim como somente ÀS VEZES valorizam os recursos e cultura local, também somente ÀS VEZES praticam uma educação para a economia sustentável;</p>	<p><b>Bloco 4</b></p> <p>- No princípio em questão, também há POUCO incentivo para a organização em rede dos produtos locais. Como justificativa, os profissionais apontaram: as pessoas que trabalham com produtos locais não investem no crescimento de suas produções; falta de incentivo, de leis municipais; incentivo para os empresários apoiarem os produtores e; além disso, os participantes relataram que os produtores artesanais não gostam de trabalhar em parceria com outras pessoas;</p>	<p>- Santos <i>et al.</i> (2019b) argumentam e defendem que o desenvolvimento dos produtores locais (empresas), com a competição das mesmas, entre si, dentro da região, favorece para a elevação de seus níveis de desempenho;</p> <p>- Apesar da dimensão econômica ser voltada para a localidade e seus recursos, soluções atreladas a economia sustentável não podem ser atingidas somente em comunidades pequenas, visto que empresários ou qualquer indivíduo, pode atuar em prol do desenvolvimento econômico local (ROSA, 2013);</p> <p>- Para Krucken (2009), a infraestrutura; interesse e envolvimento de agentes políticos e da própria comunidade produtora; possibilidades de financiamento à produção e à pesquisa, são, sem dúvida, elementos indispensáveis para o desenvolvimento e consolidação de redes no território;</p> <p>- Santos <i>et al.</i>, (2019b) apontam que é necessário contribuir para a organização dos pequenos empreendimentos locais em conjunto, de forma que tenham força competitiva e alcancem maior igualdade econômica;</p>
	<p><b>Questões 14, 15</b></p> <p>- No princípio em questão, somente ÀS VEZES os profissionais buscam reintegrar os resíduos em seus projetos e reduzir a geração dos mesmos;</p> <p>- No aspecto de dificuldades como causa para não reintegrar os</p>	<p><b>Bloco 5</b></p> <p>- NÃO pensam no descarte consciente de resíduos gerados com os projetos;</p> <p>- Não avaliam materiais que podem gerar menos quantidades de resíduos no projeto;</p> <p>- Valorizam MUITO POUCO a reintegração de</p>	<p>- Os resíduos são recursos naturais retirados do meio ambiente, e, a não utilização dos mesmos, implica no acúmulo de lixo no planeta, além da retirada de novos recursos na natureza (KAZAZIAN, 2005; SANTOS <i>et al.</i>, 2019b);</p> <p>- Cabe ao designer auxiliar e transparecer aos seus clientes os melhores caminhos na direção da sustentabilidade (SARMENTO, 2017);</p> <p>- Para Máté (2007), os produtos voltados para os projetos de interiores estão assumindo outra categoria,</p>
Valorizar a reintegração de resíduos			

	resíduos, os profissionais apontam a falta de ferramentas de auxílio.	resíduos. Como justificativa apontaram a falta de conhecimento acerca de profissionais ou empresas que comercializem os produtos feitos com resíduos; - Apontaram como estratégias para usarem os resíduos a criação de empresas/produtores que comercializem os produtos com qualidade e, além disso, que os profissionais mudem seus olhares em relação aos materiais residuais;	assemelhando-se a itens de vestuário, por exemplo, que, geralmente, tem um prazo menor de uso, logo, aumentando-se a geração de resíduos no planeta. E, outras causas do descarte mais rápido, é devido ao aumento de opções de produtos no mercado, da rápida mudança de estilos e estética, além da tecnologia, que moderniza de forma acelerada móveis, eletrônicos e eletrodomésticos (MÁTÉ, 2007). Neste sentido, é necessário combater tais problemáticas para diminuir a geração de resíduos; - Santos <i>et al.</i> (2019b, p.79) argumentam que a água, petróleo, madeira, minérios e gases são exemplos de insumos que passam por longos processos de extração e transformação para compor os produtos e serviços que sustentam as sociedades humanas. As perdas de partes destes insumos representam desperdício de valor, tanto financeiro quanto social e ambiental; - No nível ambiental, o artesanato pode contribuir na redução de resíduos e poluição, devido ao uso de materiais naturais e saudáveis nos projetos de interiores, em vez de materiais artificiais e químicos (MOUBARAK; QASSEM, 2019);
Promoção da educação para a economia sustentável	<b>Questões 16, 17</b>	<b>Bloco 6</b>	- Os profissionais do design de interiores devem ser agentes entre uma solução sustentável e uma necessidade do cliente (ANDRADE, 2012; SARMENTO, 2017); - Moxon (2012) defende que não há um caminho diferente, que não o voltado para a direção da redução dos impactos ambientais nos projetos, e, os profissionais da área de interiores, têm posição estratégica na educação sustentável; - Os profissionais devem buscar conhecimento de forma comprometida acerca da sustentabilidade para se posicionarem em seus projetos (LOPES, 2014); - Santos <i>et al.</i> (2019b, p. 84) apontam que as iniciativas orientadas à educação econômica, mais ampla em escopo que a educação de ordem financeira, necessitam resultar em clareza de compreensão quanto às consequências das escolhas nas aquisições do dia a dia, estimulando a reflexão crítica entre as pessoas; - Santos <i>et al.</i> (2019b) argumentam que é necessário expandir o nível de compreensão das pessoas na direção da modificação do sistema econômico
	- Na promoção de uma educação para a economia sustentável entre clientes e parceiros, somente ÀS VEZES os profissionais adotam tal postura; - Como dificuldade para não colocarem em prática o princípio, apontam a falta de informações acerca da economia sustentável.	- NÃO é o foco promover uma educação para uma economia mais sustentável no projeto; - Falta de conhecimento no assunto, soluções alternativas e mão de obra qualificada contribuem para não promoverem a educação sustentável no processo projetual; - Uma solução que poderia ajudar, é a criação de uma cartilha rápida explicativa para os clientes;	

#### 4.4 Recomendações para a integração dos princípios da DES

Quadro 18 - Recomendações para a integração dos princípios da DES nos PP.

Recomendações operacionalizadas	
1	<b>Conhecer, compreender os princípios da Dimensão Econômica da Sustentabilidade (DES) e utilizar no processo projetual;</b>
	<p><b>Operacionalização</b></p> <p><b>Como conhecer, compreender?</b>            Por meio de pesquisas próprias, cursos de formação e leitura de livros, como por exemplo, o da dimensão econômica da sustentabilidade, que pode ser encontrado gratuitamente no link: <a href="https://editorainsight.com.br/produto/design-para-a-sustentabilidade-dimensao-economica-pdf/">https://editorainsight.com.br/produto/design-para-a-sustentabilidade-dimensao-economica-pdf/</a>.</p> <p><b>Como utilizar?</b>            Por meio do acionamento dos princípios da DES e suas respectivas heurísticas (quadro 19) no processo projetual (figura 22);</p>
2	<b>Ter consciência crítica e investigar os impactos negativos que as especificações de materiais e produtos causam ao meio ambiente;</b>
	<p><b>Operacionalização</b></p> <p><b>Como ter consciência crítica?</b>            Por meio da busca do conhecimento acerca das demandas da sustentabilidade (pesquisas próprias, formações e leituras);</p> <p><b>Como investigar?</b>            Verificando informações fornecidas pelos fornecedores de materiais/produtos que especifica, além disso, buscar por meio de pesquisa própria se as informações encontradas são confiáveis;</p>
3	<b>Reeditar os conhecimentos adquiridos nos cursos de formações, sabendo que é fundamental obter novos, indo além dos ensinamentos em sala de aula;</b>
	<p><b>Operacionalização</b></p> <p><b>Como reeditar os conhecimentos adquiridos e obter novos?</b>            Considerando que os conhecimentos adquiridos até o momento não levam a uma prática sustentável, obter novos, como exemplos, é preciso obter conhecimento sobre a valorização das práticas culturais dos indivíduos, além de buscar conhecimentos na ciência política, sociologia e na antropologia. Algumas sugestões de livros são: <i>Identidade é valor: cadeia produtivas do artesanato de Alcântara</i> de Noronha (2011) e <i>Design e território: Valorização de identidades e produtos locais</i> de Krucken (2009). Assim, é preciso se permitir a olhar para o novo, e o conhecer;</p>
4	<b>Fazer ajustes no processo projetual para direcionar para a integração dos princípios da DES e critérios da sustentabilidade;</b>
	<p><b>Operacionalização</b></p> <p><b>Como fazer os ajustes?</b>            Por meio do acionamento de perguntas que possibilitem o cliente refletir sobre os critérios sustentáveis e direcione as escolhas do mesmo no processo projetual para a econômica local (figura 22);</p>

5	<b>Gerenciar as informações (cliente, ambiente a ser projetado e princípios da DES) para não comprometer o processo projetual, o deixando complexo e demorado;</b>	
	Operacionalização	<p><b>Como gerenciar as informações?</b> Uma vez que as informações acerca dos princípios da DES forem conhecidas, é preciso torná-las rotinas dentro do processo projetual, as acionando no cruzando dos dados do cliente e do ambiente (figura 22);</p>
6	<b>Ser incentivador, aprender a se posicionar diante dos clientes e conduzir escolhas na direção de uma economia sustentável;</b>	
	Operacionalização	<p><b>Como incentivar?</b> Por meio da transparência do melhor caminho a ser seguido, utilizando recursos visíveis e compreensíveis para inspirar a reflexão no cliente (painéis semânticos);</p>
		<p><b>Como aprender a se posicionar?</b> Por meio da apropriação do conhecimento e da aproximação com os produtores locais, conseqüentemente, ativar os produtos da econômica local, além disso, comunicar, proteger, apoiar, promover, desenvolver e consolidar.</p>
<p><b>Como conduzir as escolhas?</b> Por meio da priorização da contratação de pessoas e empresas locais, mostrando os benefícios e valores de tal contratação;</p>		
7	<b>Gerenciar as ideias projetuais para que as soluções mais fácieis, mas, não alinhadas com a sustentabilidade, não prevaleçam em relação aos caminhos conscientes, porém, que demandem mais tempo para execução;</b>	
	Operacionalização	<p><b>Como gerenciar as ideias?</b> Diante de uma possível solução que demande por viabilidade para ser executada, acionar informações de produtos locais ou buscá-las, e concretizar a ideia;</p>
8	<b>Superar a ideia de querer impor os princípios da DES no projeto para o cliente e aprender a trabalhar em prol deles, surpreendendo o cliente com soluções projetuais inovadoras;</b>	
	Operacionalização	<p><b>Como superar?</b> A escolha por produtos da economia local será tomada sempre pelo cliente, neste sentido, cabe apresentar soluções inovadoras e criativas;</p>
		<p><b>Como aprender a trabalhar em prol dos princípios?</b> Os conhecendo em sua totalidade e, além disso, se apropriar das informações acerca dos recursos e produções locais;</p>
9	<b>Dar fluidez no processo de projeto por meio da gestão do conhecimento acerca da DES e a criação de banco de dados que aproximem a elaboração projetual da realidade local dos produtores;</b>	

	Operacionalização	<p><b>Como criar o banco de dados?</b> Por meio do levantamento de informações acerca dos materiais, produtos, produtores e serviços locais (quadro 20). E, também, contribuir que tal banco de dados circule entre colegas de profissão, logo, acontecerá um desenvolvimento maior das informações;</p>
10		<p><b>Reciclar o olhar para o sistema social presente na cadeia produtiva dos territórios, visto que são complexos, e não meras comunidades que necessitam de ações para o desenvolvimento das mesmas;</b></p>
	Operacionalização	<p><b>Como reciclar o olhar?</b> Por meio da busca de novos olhares, conhecendo de perto o território que originam a produção local (reconhecer e tornar reconhecíveis valores e qualidades locais);</p>
11		<p><b>Desenvolver a sensibilidade, o respeito e a valorização acerca dos recursos, cultura e materiais locais para se promover o desenvolvimento econômico local nos territórios, assim, propor-se uma melhor organização dos produtores;</b></p>
	Operacionalização	<p><b>Como desenvolver a sensibilidade?</b> Por meio da observação, ouvindo os artesãos e os compreendendo por meio da disponibilidade em aprender a valorizar;</p>
12		<p><b>Aprender a dialogar e transferir/compatibilizar as ideias, e não apenas impor uma ideia projetual aos produtores locais.</b></p>
	Operacionalização	<p><b>Como aprender a dialogar?</b> O trabalho manual é artesanal e carrega características e resultados diferentes dos produtos industrializados. Com tal compreensão, buscar alinhar a ideia projetual aos limites e alcances da produção local;</p>
13		<p><b>Criar conectividade social: saber que cada artefato local carrega mais que o valor de um produto em si, pois materializa trocas que envolvem o saber tácito, o processo produtivo manual, a matéria-prima, entre outras características do território;</b></p>
	Operacionalização	<p><b>Como criar conectividade?</b> Com a compreensão do valor da produção local, o relacionamento tenderá acontecer naturalmente entre parceiros, fornecedores e clientes, tornando o processo de viabilização projetual e organização da produção local mais dinâmica;</p>
14		<p><b>Aprender a não colocar a culpa da falta de posicionamento acerca do desenvolvimento econômico local no cliente, na falta de viabilização, ferramentas de auxílio, políticas públicas e legislações, entre outras;</b></p>
	Operacionalização	<p><b>Como aprender a não colocar a culpa na falta de posicionamento acerca do desenvolvimento econômico local?</b> Buscando conhecimento e no acionamento de ferramentas que podem contribuir para a prática sustentável. Como exemplo, as voltadas para o desenvolvimento do processo de elaboração do projeto de interiores conectado aos requisitos ambientais e, que acione também as heurísticas dos princípios da DES (figura 22).</p>

<b>15</b>	<b>Ser agente educador para o consumo sustentável entre os clientes (mudança de comportamento), logo, promovendo o desenvolvimento econômico local.</b>	
Operacionalização	<b>Como ser agente educador?</b> Educar-se com todas as 15 recomendações citadas acima, por mais complexas que sejam, pois, são viáveis de serem adotadas no processo projetual.	

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

#### 4.4.1 Discussões sobre as recomendações

As recomendações apresentadas contribuem para que o profissional da área de interiores integre e operacionalize os princípios da DES em seus processos projetuais e colabore para o desenvolvimento local. Porém, o processo de desenvolvimento entre os produtores de produtos e serviços de base local, deve respeitar o desejo de querer ou não, o desenvolvimento dos mesmos.

E, apesar da complexidade presente no design para sustentabilidade (equidade econômica, ambiental e social) (SANTOS *et al.*, 2019b), a postura dos profissionais que atuam em atividades criativas e que, interferem na sociedade (BARON; FRANCISCO, 2015; PAPANÉK, 1995), deve ser de responsabilidade, contribuindo em suas atuações para a criação de políticas sociais, públicas, humanitárias e sustentáveis com o objetivo de transformação e a melhoria da qualidade de vida das pessoas (MOURA, 2018).

Howlett (2014, p.281) comenta que as políticas públicas são o resultado dos esforços feitos pelos governos para alterar aspectos de seu próprio comportamento ou comportamento social, a fim de realizar algum fim. Logo, todos esses esforços devem ser desenhados de forma consciente. Desse modo, os profissionais do design de interiores não podem se furtar a participarem da formação de políticas que afetam o seu campo de trabalho, visto que, o design é uma atividade essencialmente política (WEBER, 2010).

Nesse contexto, o designer tem uma elevada responsabilidade moral e social (PAPANÉK, 1977, p.12), pois, o “design é um esforço consciente para estabelecer uma ordem significativa” (PAPANÉK, 1977, p.19). Assim, dos desdobramentos das análises da pesquisa, verificou-se a necessidade de uma atuação mais presente dos profissionais nas esferas:

- Do desenvolvimento de mais ferramentas de auxílio às práticas projetuais voltadas para redução de impactos ambientais e valorização da economia local;
- Desenvolvimento de um processo educativo entre as pessoas, para que criem consciência em relação a sustentabilidade econômica;
- Do desenvolvimento da viabilidade/transformação de matéria-prima local para que o processo de fabricação de produtos seja mais fácil com o uso fabricação digital, por exemplo;
- Aprimoramento do processo de produção artesanal com respeito para que os custos de compra dos artefatos sejam reduzidos, além de ganharem mais “qualidade” (qualidade no sentido de uma produção melhor organizada e distribuída);
- Proporcionar entendimento para o trabalho em conjunto entre os produtos locais, conseqüentemente, melhorar o desenvolvimento local;
- Desenvolvimento de cartilhas claras, rápidas e diretas, além de ilustrativas para que o cliente absorva com maior facilidade os critérios da sustentabilidade econômica;
- Fomentação de mais pesquisas que abordem os critérios dos princípios da DES no processo projetual no design de interiores sustentável.

Além disso, apesar de não ter sido o foco da investigação e, os resultados não tratem dos assuntos com profundidade; também se verificou na literatura levantada a importância de:

- Os cursos de formação da área de design/arquitetura de interiores insiram em suas grades curriculares, o conhecimento acerca da dimensão econômica da sustentabilidade, além dos relacionados aos critérios das dimensões ambiental e social;
- O desenvolvimento de políticas públicas; Legislações que apoiem a economia local, além de apoio empresarial para que fomente a inserção de produtos locais em lojas do seguimento do design de interiores;
- O desenvolvimento de bancos de informações acerca dos materiais, produtos, produtores e prestadores de serviços locais (plataforma para conectar fornecedores locais aos profissionais da área de design de interiores);

Logo, com o desenvolvimento de tais recomendações no âmbito da sociedade, o processo de implementação dos princípios da DES no processo projetual dos designers deve ser facilitado.

No entanto, por ainda ter uma falta de conhecimento acerca dos princípios da DES entre os profissionais, conseqüentemente, uma melhor postura de responsabilidade, conforme foi verificado nos quadros 16 e 17 de sínteses, sugere-se uma adequação/redução das heurísticas apresentadas por Santos *et al.* (2019b, p.58-83), conforme quadro 19. Pois, na prática atual dos profissionais da área do design de interiores, ainda existem muitos vazios de conhecimentos para a compressão geral de todas as heurísticas.

Quadro 19 - Adequação das heurísticas dos princípios da DES.

<b>Fortalecer e valorizar recursos locais</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fortalecer e valorizar insumos materiais e estrutura produtiva locais;</li> <li>- Avaliar a disponibilidade de recursos renováveis locais latentes;</li> <li>- Aumentar a competitividade dos recursos endógenos em relação aos recursos exógenos à região;</li> <li>- Utilizar recursos locais primários, tradicionais e renováveis;</li> <li>- Valorizar a gestão ambiental do ciclo de vida dos materiais;</li> </ul>
<b>Respeitar e valorizar a cultura local</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Utilizar e promover o uso de competências/habilidades locais;</li> <li>- Proteger a cultura local através do registro e disseminação de suas várias expressões;</li> <li>- Reduzir os impactos na biodiversidade da fauna e da flora local em decorrência de atividades de natureza cultural;</li> <li>- Valorizar e proteger as contribuições para a sustentabilidade de modos de vida locais;</li> <li>- Respeitar os modelos de produção locais tradicionais;</li> </ul>
<b>Promover a economia local</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Priorizar a contratação de colaboradores locais;</li> <li>- Apoiar o estabelecimento de empresas de base local.</li> </ul>
<b>Promover organizações em rede</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Selecionar sempre que possível organizações em rede ou indivíduos associados a estas organizações;</li> <li>- Implementar canais integrados de contato com clientes e suas demandas junto à rede;</li> <li>- Implementar estruturas de suporte ao desenvolvimento de relações entre produtores e consumidores.</li> </ul>
<b>Valorizar a reintegração de resíduos</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Priorizar a utilização de resíduos locais para evitar impactos ambientais e econômicos devido ao transporte;</li> <li>- Promover a reciclagem em cascata, onde ciclos sequenciais de reciclagem são previamente projetados, considerando as sucessivas alterações físico-químicas da matéria prima;</li> </ul>

- Implantar ou adaptar infraestrutura e serviços que possibilitem reformar/melhorar artefatos sem uso e descartados;
- Renovar/reintegrar, no processo produtivo, as emissões (produtos e materiais) industriais, domésticos e urbanos;
- Empreender esforços para ressignificação das percepções estéticas associadas a resíduos;
- Estimular os sistemas de produção interligados (sistema ecológico industrial);
- Integrar no sistema artefatos e serviços orientados à compostagem;

#### **Promoção da educação para a economia sustentável**

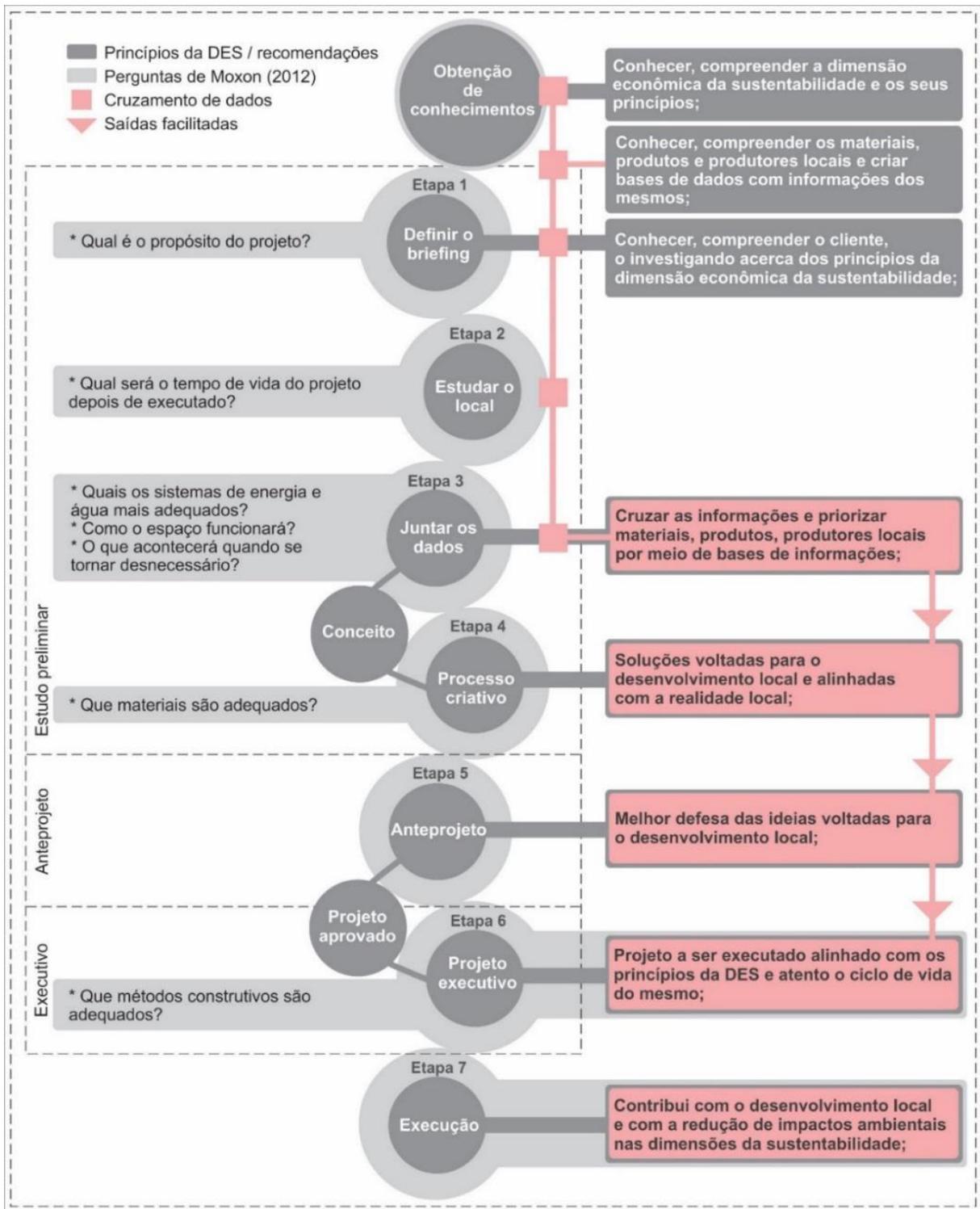
- Estimular a compreensão dos benefícios econômicos da valorização da infraestrutura local;
- Fomentar a reflexão crítica sobre o valor econômico associado à cultural local;
- Possibilitar a compreensão dos benefícios de uma economia distribuída em relação a uma economia centralizada;
- Permitir a compreensão dos impactos de ações voltadas ao crescimento em contraposição a ações voltadas ao desenvolvimento;
- Estimular a reflexão crítica do paradigma de produção orientado à produção em massa em contraposição à produção em pequena escala;
- Estimular a reflexão crítica acerca da efetiva necessidade de propriedade de produtos em contraposição à contratação de serviços.

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Assim, com o objetivo de simplificar as informações e melhor compreensão / entendimento no desenvolvimento do projeto de interiores, ilustrou-se o acionamento dos princípios da DES, suas heurísticas e recomendações de integração propostas na presente pesquisa para o processo projetual do design de interiores, além de outros critérios sustentáveis atendidos por meio das perguntas de Moxon (2012), conforme figura 22.

Observa-se na figura 22, a seguir, que, é fundamental a busca pelo conhecimento antes do início do estudo preliminar nos projetos. Pois, no decorrer do presente estudo evidenciou-se que, o profissional precisa conhecer e adotar competências novas (conceitos, princípios e ferramentas) para que possa agir estrategicamente. Bem como precisa identificar e entender as barreiras à sustentabilidade, pois, somente assim, terá condições de ser estratégico contra elas na direção de uma economia mais justa (RASHDAN, 2015; SANTOS *et al.*, 2019b).

Figura 22 - Processo projetual integrado à DES e às recomendações.



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Como anteriormente foi explanado, o posicionamento no processo projetual, no âmbito do design de interiores, na direção da dimensão econômica da sustentabilidade, requer do profissional orientação estratégica clara para reconhecer a conexão e o impacto de sua própria atuação profissional (SANTOS *et al.*, 2019b).

Portanto, compreende-se que o processo projetual para a promoção de uma economia mais justa, é mais amplo e complexo, indo além das fases principais do estudo preliminar, anteprojeto e executivo.

Desse modo, com o modelo do processo projetual apresentado, espera-se que antes do início do projeto, a compressão e/ou o desenho de cadeias de valor na economia local aconteça, contribuindo para a conexão das necessidades do cliente com os princípios da DES, além de outros critérios sustentáveis e, como consequência, reduza os impactos ambientais negativos ao planeta.

E, buscando-se uma melhor fluidez nas ações do processo projetual proposto, é necessário reunir com o conhecimento da dimensão econômica, dados dos produtores locais e prestadores de serviço para que o cruzamento de informações se torne menos complexo (redução de tempo) na elaboração de soluções no projeto de interiores.

Neste sentido, no levantamento de informações, com o olhar voltado para os materiais locais, produtores de produtos de base local e prestadores de serviços locais, verificou-se algumas ações presentes na *Internet* que exemplificam e podem favorecer a criação de uma base de dados voltada para conectar e aproximar a produção local aos profissionais da área do design de interiores, como visualiza-se no quadro 20.

Quadro 20 - Informações favoráveis para a criação de bases de dados.

<p><b>Programa do Artesanato Brasileiro</b> <sup>14</sup></p>	<p>Criado pelo Decreto de 21 de março de 1991. Originalmente vinculado ao Ministério da Ação Social, o PAB tem o objetivo de coordenar e desenvolver atividades que visam valorizar o artesão brasileiro, elevando o seu nível cultural, profissional, social e econômico, além de desenvolver e promover o artesanato e a empresa artesanal.</p> <p>Composta por vinte e sete Coordenações Estaduais do Artesanato (CEA), vinculadas às respectivas Secretarias de Estado de cada Estado e do Distrito Federal. O programa busca promover o desenvolvimento integrado do setor artesanal e a valorização do artesão, elevando o seu nível cultural, profissional, social e econômico.</p> <p>Assim, o site: <a href="http://www.artesanatobrasileiro.gov.br/">http://www.artesanatobrasileiro.gov.br/</a>, que está no desenvolvimento de seus dados, conta com alguns informações acerca de artesãos presentes em cada estado do Brasil.</p>
<p><b>Centro 0 de Referência do Artesanato Brasileiro</b> <sup>15</sup></p>	<p>Criado com a finalidade de atuar no reposicionamento e na qualificação do artesanato nacional, o centro tem a missão de ampliar a comercialização das peças produzidas pelos artesãos brasileiros. Além disso, o objetivo é</p>

<sup>14</sup> BRASIL. Ministério da Economia. **Programa do Artesanato Brasileiro (PAB)**. 2020a. Disponível em: <http://www.artesanatobrasileiro.gov.br/pagina/1>. Acesso em: 01 fev. 2020.

<sup>15</sup> SEBRAE. Centro Sebrae de Referência Do Artesanato Brasileiro. **CRAB: espaço de valorização do artesanato**. 2020. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/centro->

	<p>promover a capacitação empresarial dos artesãos e colaborar para o aprimoramento da cadeia produtiva e qualificação da atividade.</p> <p>O CRAB atua em três eixos simultâneos: (1) espaço de exposição, com ênfase na diversidade regional e de tipologias; (2) espaço de reflexão, fomentando pesquisas, seminários, cursos e debates; (3) espaço de aproximação comercial, promovendo catálogos virtuais, contatos entre empresas, artesãos e clientes.</p>
<p><b>ARTESOL – ARTESANATO SOLIDÁRIO</b> <sup>16</sup></p> <p>-</p> <p><b>Rede nacional do artesanato cultural brasileiro</b> <sup>17</sup></p>	<p>A ArteSol é uma organização sem fins lucrativos que atua há quase duas décadas investindo na valorização e promoção do artesanato tradicional brasileiro, através de estratégias focadas na sustentabilidade ambiental, econômica, social e cultural das comunidades que atuam.</p> <p>A Rede Artesol foi idealizada em 2014 para promover a conexão entre os agentes da cadeia produtiva do setor, inventariar técnicas e tradições culturais que correm o risco de ficarem esquecidas na memória cultural e estimular novos negócios através de uma plataforma digital que funciona como uma qualificada vitrine para o artesanato brasileiro. Assim, tem como desafio de mapear mestres, artesãos, associações, lojistas e organizações de apoio do segmento em todo o país. No momento, conta com 124 membros no total, a partir de um trabalho cuidadoso de identificação de grupos que atuam efetivamente com técnicas tradicionais e manejo sustentável das matérias-primas.</p>
<p><b>Centro de Referência Estadual de Economia Solidária do Maranhão</b> <sup>18</sup></p>	<p>Localizado na Rua de Nazaré, n. 173 Praia Grande, Centro Histórico de São Luís – MA. O centro é um espaço público de gestão compartilhada com empreendimentos de economia solidária, entidades de apoio e poder público, com foco na autogestão dos Empreendimentos de Economia Solidária (EES), na geração de trabalho, renda e desenvolvimento local de base sustentável. Espaço de convergência de formação, comercialização, trocas solidárias e incubação de EES, contemplando exposição permanente dos produtores da agricultura familiar e produtores artesanais.</p>
<p><b>Mapeamento do Artesanato maranhense – MAPERARTE</b> <sup>19</sup></p>	<p>É um projeto que identifica os artesãos em atividade no Maranhão com a finalidade de divulgar seu trabalho e criar oportunidade de renda.</p> <p>A justificativa para o desenvolvimento do projeto aponta que o artesanato maranhense é bastante diverso e tem alta qualidade de execução, mas ainda é pouco conhecido em âmbito nacional e mesmo local. A primeira etapa do projeto prevê o mapeamento em 100 municípios e atualmente encontra-se identificados 3.700 artesãos.</p> <p>O projeto tem o apoio do Governo do Maranhão e o Patrocínio da empresa Vale. Assim, O Centro Cultural Vale Maranhão (CCVM) é parceiro do MAPEARTE em ações de divulgação e, por meio dar VITRINE MAPEARTE organiza pequenas mostras do que foi mapeado.</p>

sebrae-de-referencia-do-artesanato-brasileiro,f21941dc48163510VgnVCM1000004c00210aRCRD. Acesso em: 01 fev. 2020.

<sup>16</sup> BRASIL. Ministério da Cidadania. Artesanato Solidário – ARTESOL. **Quem somos**. 2020b. Disponível em: <https://www.artesol.org.br/quem-somos>. Acesso em: 01 fev. 2020.

<sup>17</sup> BRASIL. Ministério da Cidadania. Artesanato Solidário – ARTESOL. **Rede Artesol**: Rede nacional do artesanato cultural brasileiro. 2020c. Disponível em: <https://www.artesol.org.br/rede>. Acesso em: 01 fev. 2020.

<sup>18</sup> MARANHÃO. **Rede de Referência Estadual de Economia Solidária do Maranhão – CRESOL**. 7 julho de 2018. Facebook CRESOL MA Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=109071210012110&set=picfp.100027276940779&type=3&theater>. Acesso em: 01 fev. 2020.

<sup>19</sup> FUNDAÇÃO VALE. **Centro Cultural Vale Maranhão**. 2 de janeiro de 2020. Facebook: Centro Cultural Vale Maranhão. Disponível em: <https://www.facebook.com/centroculturalvalema/posts/1312801362238090/>. Acesso em: 01 fev. 2020.

	A primeira mostra, "Choque, Landruá, Sucubê, Munzuá... O Design da Pesca no Maranhão" reuniu 120 peças criadas por 80 artesãos de 41 municípios maranhenses. A segunda, reuniu 70 artesãos de 36 municípios.
<b>MAterioteca</b> <sup>20</sup>	É uma plataforma virtual para divulgar as práticas artesanais do estado do Maranhão e seus respectivos produtores – homens e mulheres que dominam saberes e fazeres tradicionais e que são ligados aos seus territórios. Materiais, produtos, processos e os praticantes habilidosos estão apresentados no site, para que sejam conhecidos e reconhecidos.
<b>ReSolVi</b> <sup>21</sup>	Rede Solidária de Comercio Virtual é composta por empreendimentos solidários e/ou familiares, microempreendedores, autônomos, prestadores de serviços e demais trabalhadores que atuam o setor formal ou informal da economia, constituindo uma grande Rede Solidária de Comercio Virtual, a estimular o desenvolvimento de uma cultura do comércio e do consumo justo, responsável e solidário.

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Destaca-se que, o levantamento de informações deve ser mais amplo do que visto acima, necessitando também atender outras esferas imprescindíveis para uma economia mais distribuída. E, em relação a ampliação dos conhecimentos, é fundamental obter os estabelecidos por Costa (2019), verificados no item *Design de interiores no desafio da sustentabilidade*, na presente pesquisa.

Neste contexto, observa-se que a consolidação da integração dos princípios da DES no processo projetual dos designers de interiores depende de um processo de investigação e auto aprendizado entre os profissionais que atuam na área em questão (LOPES, 2014; SARMENTO, 2017).

Por consequência, é fundamental uma mudança de olhar para os materiais, produtos, sistemas e serviços locais, considerando suas respectivas qualidades, formas de obtenção e processos produtivos (KRUCKEN, 2009). Pois, acredita-se que, somente assim, o projeto de interiores contribuirá de forma efetiva para o desenvolvimento econômico local e, também, conseguirá atuar em outras frentes, como na criação de políticas públicas, legislações, entre outras, para uma economia mais justa.

Deste modo, no APÊNDICE E apresenta-se uma síntese dos resultados atingidos na presente pesquisa a ser enviada aos profissionais respondentes do questionário *on-line*, consequentemente, participantes da técnica do grupo focal, como forma de reflexão e informação.

<sup>20</sup> MATERIOTECA. Sobre. 2020. Disponível em: <https://materiotecaufma.com.br/sobre/>. Acesso em: 16 jun. 2020.

<sup>21</sup> MARANHÃO. Rede Solidária de Comercial Virtual. Quem somos. 2020. Disponível em: <https://www.trabalho.ma.gov.br/resolvi/>. Acesso em: 07 set. 2020

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa dissertação de mestrado, foi pesquisada a compreensão ou a falta da mesma, e a integração ou não, dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade no processo projetual dos profissionais que atuam na área do design de interiores. Assim, a questão de pesquisa: “Como os designers de interiores integram e aplicam os princípios da dimensão econômica da sustentabilidade em suas práticas projetuais?”, foi respondida por meio do cumprimento do objetivo específico um: analisar a aplicação de princípios da dimensão econômica da sustentabilidade no processo projetual dos designers de interiores.

Para atingir tal objetivo, foi necessário acionar na literatura o aporte teórico acerca dos princípios da DES e do processo projetual dos designers de interiores. Além disso, com a aplicação do questionário *on-line* e a técnica do grupo focal que, possibilitou com os resultados, o cruzamento dos dados. Como resultado, verificou-se a falta de compreensão e a pouquíssima integração dos princípios da DES no processo projetual entre os profissionais.

Na efetivação do objetivo específico dois: identificar estratégias de integração de princípios da dimensão econômica da sustentabilidade no processo projetual dos designers de interiores; por meio do aprofundamento teórico também, juntamente com o alinhamento dos resultados do questionário e grupo focal, pôde-se, no terceiro objetivo específico: criar recomendações para integração de princípios da dimensão econômica da sustentabilidade no processo projetual dos designers de interiores.

Desse modo, conclui-se que essa pesquisa cumpriu com o objetivo geral: propor recomendações que integrem e operacionalizem os princípios da dimensão econômica da sustentabilidade no processo projetual dos designers de interiores.

As recomendações propostas constituem ações que podem ser acionadas por meio das estratégias de operacionalização dentro do processo projetual pelos profissionais que atuam no design de interiores e, assim, contribuir para o desenvolvimento econômico local, além da redução de impactos ambientais em suas atividades.

Por meio da implementação das recomendações, acredita-se na possibilidade de uma mudança de postura dos profissionais. Pois, quando o mesmo efetivamente buscar o conhecimento/competências acerca dos princípios da DES e o compreender,

entende-se que irá valorizar e priorizar os recursos locais e serviços, além da valorização do material residual. Assim, no processo projetual, espera-se que o mesmo conduza os clientes para um consumo consciente.

Além disso, vislumbra-se que os olhares entre os profissionais sejam transformados por meio da sensibilidade na compreensão das trocas que acontecem na produção de produtos artesanais em um território.

Nesse contexto, o primeiro capítulo é a parte introdutória e que, inicialmente a RBS, possibilitou o aprofundamento do tema, logo, a definição da pergunta de pesquisa, objetivo geral, os objetivos específicos, justificativa, delimitação da pesquisa e a definição dos autores para a fundamentação teórica. Além disso, demonstrou-se a visão geral do método e estrutura do documento.

No segundo capítulo, foram abordadas questões relacionadas aos contextos do design, design de interiores e sustentabilidade; processo projetual e práticas sustentáveis; dimensão econômica da sustentabilidade e seus respectivos princípios; relação dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade com o design de interiores; o design de interiores no desafio da sustentabilidade; estratégias de implementação dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade no design de interiores e, sensibilidade no processo de valorização do território. Assim, por meio da reflexão teórica foi possível atingir os objetivos gerais e específicos do estudo.

No terceiro capítulo, foram definidas e justificadas as etapas metodológicas, onde foi possível compreender que os passos adotados contribuíram para coletar informações e conhecimentos necessários para consolidar a presente pesquisa de característica exploratória-descritiva.

É relevante frisar que o estudo poderia ter tido mais etapas metodológicas, aprofundando ainda mais, na investigação com os profissionais por meio de outras abordagens, no levantamento de dados; mas, devido ao tempo de pesquisa, definiu-se o caminho apresentado e, que, não trouxe prejuízos aos resultados.

Assim, como resultados, se propôs 15 (quinze) recomendações para integração e operacionalização dos princípios da DES no processo projetual dos designers de interiores, como consequência, desenvolvimento econômico local. E, também, por meio das recomendações é possível fomentar a compreensão acerca do ciclo de vida de projeto de interiores e redução de impactos ambientais.

Portanto, com os resultados, é possível inferir que o objetivo da pesquisa foi alcançado. Assim, ressalta-se a importância do estudo e de mais estudos na área do design de interiores que contribuam para a compreensão entre os profissionais acerca da valorização dos recursos locais (desenvolvimento econômico local), conseqüentemente, direcione os clientes para escolhas conscientes. Logo, acredita-se que a educação sustentável começa no lar (casa), por meio da definição dos materiais internos e soluções que reduzam o consumo de água, energia e produtos.

### **5.1 Recomendações de estudos futuros**

Com a conclusão dessa pesquisa e os devidos objetivos alcançados, analisou-se o desenvolvimento de estudos futuros para a ampliação da discussão, como observa-se abaixo. Nesse sentido, também buscando a melhoria das 15 (quinze) recomendações propostas.

- Validar as 15 proposições por meio de pesquisa aplicada com escritórios da área do design de interiores;
- Aprofundar às investigações acerca das relações: profissional – produção local (valores identitários); cliente – produção local – profissional; buscando compreender e sanando as barreiras que impedem as escolhas voltadas para o desenvolvimento econômico local;
- Investigar o que contribui para aproximar cliente da produção local, bem como o profissional, de modo que alinhe a sustentabilidade econômica com os desejos dos clientes;
- Desenvolver estratégias de implementação para a redução de valor monetário na produção local;
- Criar soluções para antecipação dos danos que um projeto de interiores pode trazer para a natureza;
- Propor um processo projetual que compreenda em sua totalidade todo o ciclo de vida do projeto de interiores;
- Desenvolver novos arranjos de cadeia de valor, negócios e serviços voltados para o design de interiores no atendimento da dimensão econômica;
- Estudar questões atreladas ao comportamento do consumo para uma economia mais justa;

- Identificar como o design de interiores pode influenciar o comportamento sustentável;
- Propor a redução da estética no design de interiores, atendendo aos critérios da dimensão econômica da sustentabilidade;
- Aprofundar os estudos para a atuação dos profissionais da área do design de interiores no desenvolvimento de políticas públicas/legislações em prol do desenvolvimento econômico sustentável.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Simone M.B.M. **Aspectos subjetivos relacionados ao design de ambientes: um desafio no processo projetual**. 2015. Dissertação (Mestrado em Design, Inovação e Sustentabilidade) - Universidade do Estado de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Design, Inovação e Sustentabilidade, Belo Horizonte, 2015.

AFONSO ROSENMANN, Carolina H. B. **Gestão de design, manufatura aditiva e emoção: cerâmicas de mesa para estabelecimentos comerciais gastronômicos**. 2019. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Design, Curitiba, 2019.

AMERICAN SOCIETY OF INTERIOR DESIGNERS. **The impact of Design series**. 2019. Disponível em: <https://www.asid.org/impact-of-design?>. Acesso em: 1 ago. 2019.

AMORA, Antônio S. **Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa**. 18. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

ANDRADE, Erica R. **Interferências do design na dimensão econômica da sustentabilidade**. 2012. Dissertação (Mestrado em Design e Expressão Gráfica) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão - Programa de Pós graduação em Design e Expressão Gráfica, Florianópolis-SC. 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DESIGNERS DE INTERIORES. **13.369 - Regulamentação da profissão**. 2019. Disponível em: <http://www.abd.org.br/13369---regulamentacao-da-profissao>. Acesso em: 1 ago. 2019.

AZEVEDO, Patrícia S.; NOLASCO, A. M. Requisitos ambientais no processo de desenvolvimento de produtos em indústrias de móveis sob encomenda. *In: 2nd International Workshop Advances in Cleaner Production*. São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.advancesincleanerproduction.net/second/files/sessoes/4b/1/P.%20A%20Azevedo%20-%20Resumo%20Exp.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2019.

BACHELARD, Gaston. A. **A poética do espaço**. Tradução Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BARON, C.M.P.; FRANCISCO, A. M. O processo projetual e os desafios de ensinar a criar espaços. *In: FIORIN, E, LANDIM, PC, and LEOTE, RS., orgs. Arte-ciência: processos criativos [online]*. São Paulo: Editora UNESP, p. 131-153. ISBN 978-85-7983-624-4.

BLUNDEN, Jessica; ARNDT, Derek S. State of the Climate in 2018. **American Meteorological Society**, Nova York, v.100, n. 9, p. 325, 2019. DOI10.1175/2019BAMSStateoftheClimate.1. Disponível em: [https://journals.ametsoc.org/bams/article-pdf/100/9/Si/4871676/2019bamsstateoftheclimate\\_1.pdf](https://journals.ametsoc.org/bams/article-pdf/100/9/Si/4871676/2019bamsstateoftheclimate_1.pdf). Acesso em: 18 maio 2019.

BRASIL. Lei nº 13.359, de 12 de dezembro de 2016a. Reconhece em todo o território nacional, a profissão de designer de interiores e ambientes. **Diário Oficial [República Federativa do Brasil]**: seção 1, Brasília, DF, ano CLIII, n. 238, p. 13, dez. 2016a.

BRASIL. Ministério da Cidadania. Artesanato Solidário – ARTESOL. **Quem somos**. 2020b. Disponível em: <https://www.artesol.org.br/quem-somos>. Acesso em: 01 fev. 2020.

BRASIL. Ministério da Cidadania. Artesanato Solidário – ARTESOL. **Rede Artesol**: Rede nacional do artesanato cultural brasileiro. 2020c. Disponível em: <https://www.artesol.org.br/rede>. Acesso em: 01 fev. 2020

BRASIL. Ministério da Economia. **Programa do Artesanato Brasileiro (PAB)**. 2019a. Disponível em: <http://www.artesanatobrasileiro.gov.br/pagina/1>. Acesso em: 01 fev. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Cuidar bem da saúde de cada um faz bem para todos. Faz bem para o Brasil**. 2016b. Disponível em: <https://portal.arquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2016/fevereiro/18/CARTILHA-Equidade-10x15cm.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2020.

BROOKER, Graeme; STONE, S. **O que é design de interiores**. Tradução: André Botelho. São Paulo: Senac, 2014.

BRUNDTLAND, Gro. H. **Our common future**: world commission on environmental development. Reino Unido: Oxford University Press, 1987.

BURITY, Joanildo. Cultura e desenvolvimento. *In*: NUSSBAUMER, Gisele Marchiori. **Teorias e políticas da cultura**: visões multidisciplinares. Salvador: EDUFBA, p. 51-65, 2007.

CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Gosac Naify, 2012.

CARDOSO, Rafael. **Uma introdução à história do design**. São Paulo: Blucher, 2008.

CAVALCANTE, Miquelina *et al.* Signos do design de interiores: interfaces entre uso, consumo e arte. **Signos do Consumo**, v. 2, n. 1, p. 108-127, 2010.

CONFORTO, Edivandro C.; AMARAL, Daniel C.; SILVA, Sérgio L. **Roteiro para revisão bibliográfica sistemática**: aplicação no desenvolvimento de produtos e gerenciamento de projetos. 2011. Trabalho apresentado ao 8º Congresso Brasileiro de Gestão e Desenvolvimento de Produto (CBGDP), Porto Alegre-RS, 2011.

CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL. **Anuário de arquitetura e urbanismo 2018**. 2018. Disponível em: <http://www.caubr.gov.br/wp-content/uploads/2018/05/ANUARIO-2018-WEB.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2020.

CONSERVATION INTERNATIONAL. **Amazonia**. 2019. Disponível em: <https://www.conservation.org/places/amazonia>. Acesso em: 01 ago. 2019.

CORREA, Gisele R. **Design e artesanato: um estudo de caso sobre a semente de juçara em São Luís do Maranhão**. 2010. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Design, Recife, 2010.

COSTA, Christiane M. O. N. G. **Tecnologias digitais emergentes e as potenciais mudanças para as práticas do Design**: modelo para estabelecer competências orientadas para o futuro. 2019. Tese (Doutorado em Design) - Universidade Federal do Paraná, Paraná, Programa de Pós-Graduação em Design, 2019.

COUNCIL FOR INTERIOR DESIGN QUALIFICATION. **Definition of interior design**. 2019. Disponível em: <https://www.cidq.org/definition-of-interior-design>. Acesso em: 01 ago. 2019.

CRESWELL, John. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

CROCCO, Heloisa. As ideias, as histórias de vida, a personalidade e a criatividade da artista plástica Heloisa Crocco. [Entrevista cedida a] Vera Moreira. **Revista Saccaro CasaS**, Rio Grande do Sul, ano 5, n.7, p.22-30, ago. 2017.

DEMIRKAN, Halime; AFACAN, Y. Setting the Key Issues and a Prioritization Strategy for Designing Sustainable Interior Environments. **METU Journal of the Faculty of Architecture**, v. 35, n. 1, p.201-219, 2018. DOI 10.4305/METU.JFA.2018.1.11.

DIAS, Cláudia A. Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 10, n. 2, 2000.

DIAS, Reinaldo. **Gestão ambiental**: responsabilidade social e sustentabilidade. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2017.

DICIO. Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/equidade/>. Acesso em: 04 set. 2020.

ESCOBAR, Arturo. Culture sits in places: reflections on globalism and subaltern strategies of localization. **Political geography**, v. 20, n. 2, p. 139-174, 2001.

Disponível em:

[http://aescobar.web.unc.edu/files/2013/09/escobar\\_culture\\_sits\\_in\\_places.pdf](http://aescobar.web.unc.edu/files/2013/09/escobar_culture_sits_in_places.pdf).

Acesso em: 05 dez. 2018.

FJELDSTED, Asta *et al.* Open source development of tangible products. *In: DS 71: Proceedings of NordDesign 2012, the 9th NordDesign conference, Aalborg University, Denmark*, p. 1-9, 2012.

FUNDAÇÃO VALE. **Centro Cultural Vale Maranhão**. 2 de janeiro de 2020.

Facebook: Centro Cultural Vale Maranhão. Disponível em:

<https://www.facebook.com/centroculturalvalema/posts/1312801362238090/>. Acesso em: 01 fev. 2020.

GARCIA, Denise S. S. **El principio de sostenibilidad y los puertos**: a atividade portuária como garantidora da dimensão econômica e social do princípio da sustentabilidade. 2011. Tese (Doutorado) - Universidade de Alicante, Espanha, 2011.

GEERTZ, Clifford. The bazaar economy: Information and search in peasant marketing. **The American Economic Review**, v. 68, n. 2, p. 28-32, 1978.

GERHARDT, Tatiana E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GERSHENFELD, Neil. How to make almost anything: The digital fabrication revolution. **Foreign Affairs**, v. 91, p. 43, 2012.

GIL, Antonio C. *et al.* **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIL, Antonio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOOGLE. **Crie lindos formulários**. 2019. Disponível em:

<https://www.google.com/forms/about/>. Acesso em: 01 set. 2019.

GRUPO MARANHENSE DE DECORAÇÃO. **O Grupo**. 2019. Disponível em:

<http://www.grupomadecor.com.br/ogrupos>. Acesso em: 08 set. 2019.

GURGEL, Miriam. **Projetando espaços**: design de interiores. 6. ed. São Paulo: Senac, 2017.

HAYLES, Carolyn S. Environmentally sustainable interior design: A snapshot of current supply of and demand for green, sustainable or Fair Trade products for interior design practice. **International Journal of Sustainable Built Environment**, v. 4, n. 1, p. 100-108, 2015. DOI 10.1016/j.ijbsbe.2015.03.006.

HIGGINS, Ian. **Planejar espaços para o design de interiores**. Tradução Alexandre Salvaterra São Paulo: Gustavo Gili, 2012.

HOWLETT, Michael. Policy design: What, who, how and why. *In: L'instrumentation et Ses Effets*, Paris: Presses de Sciences Po, p. 281-315, 2014.

JELSMA, Jaap; KNOT, M. Designing environmentally efficient services: a 'script' approach. **The Journal of Sustainable Product Design**, v. 2, n. 3-4, p. 119-130, 2002. DOI 10.1023/b:jspd.0000031031.20974.1b.

KAZAMIA, Kika I.; GWILLIAM, J. Reflections on design for sustainability-A view from a distinct point and the role of interior designer. *In: DS 68-5: Proceedings of the 18th International Conference on Engineering Design (ICED 11), Impacting Society through Engineering Design*, Denmark, v. 5, p. 19-27, 2011.

KAZAMIA, Kika I.; KAFARIDOU, M. O. How a designer can support sustainability in a creative way. *In: DS 60: Proceedings of DESIGN 2010, the 11th International Design Conference*, Dubrovnik, Croatia, p. 573-580, 2010.

KAZAZIAN, Thierry. **Haverá a idade das coisas leves**: design e desenvolvimento sustentável. Tradução Eric Roland René Heneault. São Paulo: Senac, 2005.

KRUCKEN, Lia. Prefácio: Identidade é valor. *In: NORONHA, R. Identidade é valor: as cadeias produtivas do artesanato de Alcântara*. São Luís-MA: Edufma, 2011.

KRUCKEN, Lia. **Design e território**: valorização de identidades e produtos locais. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

LIMA, Caroline F. S. P. **O projetista e o mundo complexo**: uma interseção entre as referências particulares e as demandas contemporâneas na concepção do morar pernambucano. 2018. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Recife, 2018.

LINHARES, Talissa B. O design de interiores como estratégia de promoção da sustentabilidade. **Revista Gestão & Sustentabilidade Ambiental**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 994-1014, 2019.

LOPES, Giselle K. **Percepções de sustentabilidade no cotidiano profissional do designer de interiores**. 2014. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Paraná, 2014.

LOW, Setha M. Spatializing culture: the social production and social construction of public space in Costa Rica. **American ethnologist**, v. 23, n. 4, p. 861-879, 1996. DOI 10.1525/ae.1996.23.4.02a00100.

MANCUSO, Clarice. **Arquitetura de Interiores e Decoração**: a arte de viver bem. Porto Alegre: Sulina, 2012.

MANZINI, Ezio. **Design para a inovação social e sustentabilidade**: comunidades criativas organizações colaborativas e novas redes projetivas. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

MANZINI, Ezio; VEZZOLI, Carlo. **O desenvolvimento de produtos sustentáveis**: os requisitos ambientais de produtos industriais. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

MARANHÃO. **Rede de Referência Estadual de Economia Solidária do Maranhão** – CRESOL. 7 julho de 2018. Facebook CRESOL MA. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=109071210012110&set=picfp.100027276940779&type=3&theater>. Acesso em: 01 fev. 2020

MARANHÃO. Rede Solidária de Comercial Virtual. **Quem somos**. 2020. Disponível em: <https://www.trabalho.ma.gov.br/resolvi/>. Acesso em: 07 set. 2020

MARCONI, Marian. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARQUES NETO, José da C. **Gestão dos resíduos de construção e demolição no Brasil**. São Carlos: Rima, 2005.

MÁTÉ, Kirsty. Using materials for sustainability in interior architecture and design. **Journal of Green Building**, v. 2, n. 4, p. 23-38, 2007. DOI 10.3992/jgb.2.4.23.

MATERIOTECA. **Sobre**. [2020]. Disponível em: <https://materiotecaufma.com.br/sobre/>. Acesso em: 16 jun. 2020

MENDONÇA, Rosângela M. L. O. Transformando ideias em recursos de desenvolvimento. *In*: MENDONÇA, R. M.; MORAES, M. F. V.; MONTEIRO, M. T. F. (Org.). **Economia Criativa: Inovação e Desenvolvimento**. Belo Horizonte: Editora UEMG, 2017. p.18-45.

MIKHAILOVA, Irina. Sustentabilidade: evolução dos conceitos teóricos e os problemas da mensuração prática. **Economia e Desenvolvimento**, Rio Grande do Sul, n. 16, p.22-41, 2004. DOI 10.5902/red.v0i16.3442. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/eed/article/view/3442/1970>. Acesso em: 7 maio 2010.

MILLER, Thaddeus R. Constructing sustainability science: emerging perspectives and research trajectories. **Sustainability science**, v. 8, n. 2, p. 279-293, 2013. DOI 10.1007/s11625-012-0180-6.

MORAES, Dijon de. Metaprojeto como modo projetual. *In*: MORAES, Dijon de; DIAS, Regina Álvares; CONSELHO, Rosemary Bom. **Caderno de estudos avançados em design: método**. Barbacena: EdUEMG, v.5, p.35-51, 2011.

MORAIS, Vânia B. **Proposta de ferramenta de análise para avaliação do conhecimento em gestão de projetos de escritórios de design de interiores**. 2016. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em Design - Escola de Engenharia - Faculdade de Arquitetura, Porto Alegre-RS, 2016.

MORIN, Edgard. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORO, Suzana R.; CAUCHICK-MIGUEL, P. A.; CAMPOS, L. M. S. Product-service systems towards eco-effective production patterns: A Lean-Green design approach from a literature review. **Total Quality Management & Business Excellence**, p. 1-19, 2019. DOI 10.1080/14783363.2019.1655398.

MOUBARAK, Lobna M.; QASSEM, Eman W. Creative eco crafts and sustainability of interior design: Schools in Aswan, Egypt as a case study. **The Design Journal**, v.0, n.0, p.1-20, 2019. DOI 10.1080/14606925.2018.1533717. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/327534710\\_Creative\\_Eco\\_Crafts\\_and\\_Sustainability\\_of\\_Interior\\_Design\\_Schools\\_in\\_Aswan\\_Egypt\\_as\\_a\\_Case\\_Study/link/5e521ec592851c7f7f4fdfaa/download](https://www.researchgate.net/publication/327534710_Creative_Eco_Crafts_and_Sustainability_of_Interior_Design_Schools_in_Aswan_Egypt_as_a_Case_Study/link/5e521ec592851c7f7f4fdfaa/download). Acesso em: 21 dez. 2019

MOURA, Monica C. Design para o sensível: Política e ação social na contemporaneidade. **Revista de ensino em artes, moda e design**, v. 2, n. 2, p. 044-067 | 068-090, 2018. ISSN 2594-4630. DOI 10.5965/25944630222018044.

MOXON, Siân. **Sustentabilidade no Design de Interiores**. Tradução: Denise de Alcântara Pereira. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2012.

MURTO, Pekka; PERSON, Oscar; AHOLA, Markus. Shaping the face of environmentally sustainable products: image boards and early consumer involvement in ship interior design. **Journal of cleaner production**, v. 75, p. 86-95, 2014. DOI 10.1016/j.jclepro.2014.03.078.

NISHIDA, Ana Lúcia K.; CARVALHO, Damares Luiza S. design de interiores como ferramenta para sustentabilidade. **MIX Sustentável**, Florianópolis, v. 4, n. 3, p. 77-87, 2018. Disponível em: <http://ojs.sites.ufsc.br/index.php/mixsustentavel/article/view/3027/2506>. Acesso em: 9 abr. 2019.

NORONHA, Raquel G. **Identidade é valor**: as cadeias produtivas do artesanato de Alcântara. São Luís-MA: Edufma, 2011.

NORONHA, Raquel. G. **Dos quintais às prateleiras: imagens quilombolas e a produção da louça em Itamatatua**. 2015. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) -

Faculdade de Serviço Social - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 2015.

OLIVEIRA, Gilberto R. de. **Método de design de interiores no Brasil**: uma contribuição dos princípios da ergonomia do ambiente construído. 2016. Tese (Doutorado em Design) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/31359/31359.PDF>. Acesso em: 11 set. 2019.

OLIVEIRA, Gilberto R. de; MONT'ALVÃO, Cláudia. Metodologias utilizadas nos estudos de ergonomia do ambiente construído e uma proposta de modelagem para projetos de design de interiores. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ERGONOMIA E USABILIDADE DE INTERFACES HUMANO-TECNOLOGIA, 15; CONGRESSO INTERNACIONAL DE ERGONOMIA E USABILIDADE DE INTERFACES HUMANO-COMPUTADOR, 15., **Blucher Design Proceedings**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 45-58, 2015. Disponível em: <https://www.proceedings.blucher.com.br/download-pdf/250/18972>. Acesso em: 30 ago. 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. **A ONU e o meio ambiente**. 2018. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/acao/meio-ambiente/>. Acesso em: 06 nov. 2018.

PAPANEK, Victor. **Arquitetura e design**: ecologia e ética. Lisboa: Edição 70, 1995.

PAPANEK, Víctor. **Diseñar para el mundo real**: ecología humana y cambio social. Madrid Hermann: Blume Ediciones, 1977.

PARANÁ. **Agenda 21**. Plano de implementação da cúpula mundial sobre Desenvolvimento Sustentável. 2002. Disponível em: [http://www.meioambiente.pr.gov.br/arquivos/File/agenda21/Agenda\\_21\\_Global\\_Sintese.pdf](http://www.meioambiente.pr.gov.br/arquivos/File/agenda21/Agenda_21_Global_Sintese.pdf). Acesso em: 01 abr. 2019.

PATROCÍNIO, Gabriel. Design e os países em desenvolvimento: a dialética entre o design para a necessidade e o design para o desenvolvimento. In: PATROCÍNIO, Gabriel; NUNES, José Mauro. **Design e desenvolvimento 40 anos depois**. São Paulo: Blucher, 2015.

PORTO-GONÇALVES, Carlos W. **O desafio ambiental**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

RASHDAN, Wael. Exploring sustainability impact on interior design solutions. 2015. In: **International Conference On Engineering Design, ICED15**, Milan, Italy, p.309-318, 2015. ISBN: 978-1-904670-64-3.

RASHDAN, Wael; ASHOUR, Ayman Fathy.. Criteria for sustainable interior design solutions. **WIT Transactions on Ecology and the Environment**, v. 223, p. 311-322,

2017. DOI 10.2495/SC170271. Disponível em: <https://www.witpress.com/elibrary/wit-transactions-on-ecology-and-the-environment/223/36420>. Acesso em: 31 maio 2019.

REZENDE, Greyce B. M. R. *et al.* A prática do ecodesign na construção civil e a busca pelo direito fundamental ao meio ambiente ecologicamente equilibrado. **Holos**, v.4, p.266-281, 2017. DOI 10.15628/holos.2017.3961. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/3961/pdf>. Acesso em: 5 ago. 2019.

ROSA, Ivana M. **A Dimensão econômica do design para a sustentabilidade: princípios e diretrizes**. 2013. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós Graduação em Design, Paraná, 2013.

ROZENFELD, Henrique; AMARAL, D. C. **Gestão de projetos em desenvolvimento de produtos**. São Paulo: Saraiva, 2006.

RUZEK, William. The informal economy as a catalyst for sustainability. **Sustainability**, v. 7, n. 1, p. 23-34, 2015. DOI 10.3390/su7010023.

SACHS, Ignacy. **A Terceira Margem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

SACHS, Ignacy. De volta à mão visível: os desafios da Segunda Cúpula da Terra no Rio de Janeiro. **Estudos Avançados**, v. 26, n. 74, p. 5-20, 2012.

SAMPAIO, Cláudio P. *et al.* **Design para a sustentabilidade: dimensão ambiental**. Curitiba, PR: Insight, 2018.

SANTOS, Aguinaldo dos *et al.* **Design para a sustentabilidade: dimensão social**. Curitiba, PR: Insight, 2019a.

SANTOS, Aguinaldo dos *et al.* **Design para a sustentabilidade: dimensão econômica**. Curitiba, PR: Insight, 2019b.

SANTOS, Aguinaldo dos. Princípios do Design Sustentável: Dimensão Econômica. *In: Introdução ao design sustentável*. Apresentação de slides, 2009. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/asantos070/design-sustentvel-introduo-aguinaldo-dos-santos-proeng-capes>. Acesso em: 05 ago. 2019.

SANTOS, Aguinaldo dos. **Seleção do método de pesquisa: guia para pós-graduando em design e áreas afins**. Curitiba, PR: Insight, 2018.

SARMENTO, Ana C. L. **Sentir, perceber, notar e compreender a habitação: a experiência multissensorial no design de interiores - o exemplo de uma residência em Itacimirim- BA**. 2017. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Universidade

Federal da Bahia, Escola de Belas Artes, Salvador, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/26253/1/VERS%C3%83O%20FINAL%20DISERTA%C3%87%C3%83O%20ANA%20SARMENTO.pdf>. Acesso em: 31 maio 2019.

SEBRAE. Centro Sebrae de Referência Do Artesanato Brasileiro. **CRAB**: espaço de valorização do artesanato. 2020. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/centro-sebrae-de-referencia-do-artesanato-brasileiro,f21941dc48163510VgnVCM1000004c00210aRCRD>. Acesso em: 01 fev. 2020.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVA, Edna. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: Laboratório de Ensino à Distância da UFSC, 2005.

SILVA, Marcos H. G.; OLIVEIRA, A. J. **Design para sustentabilidade e a economia de serviço**: o caso da assinatura de purificadores de água. 2009. *Trabalho apresentado ao 2ª Simpósio Brasileiro de Design Sustentável (II SBDS), São Paulo, 2009*.

SILVEIRA, F. Design & Educação: novas abordagens. *In*: MEGIDO, V. F. (Org.). **A Revolução do Design**: conexões para o séc. XXI, São Paulo, Editora Gente, Cap, v. 9, 2016.

SORRENTO, Linda. A natural balance: Interior design, humans, and sustainability. **Journal of Interior Design**, v. 37, n. 2, p. 9-23, 2012. DOI 10.1111/j.1939-1668.2012.01075.x. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/j.1939-1668.2012.01075.x>. Acesso em: 31 maio 2019.

SUDJIC, Deyan. **A linguagem das coisas**. Tradução de Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

TAVARES JUNIOR, João Medeiros et al. **Uma aplicação da metodologia de análise do valor na verificação dos valores ambientais do processo produtivo numa empresa do setor cerâmico Catarinense**. 1997. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Florianópolis-SC, 1997.

THACKARA, John. **Plano B**: O design e as alternativas viáveis em um mundo complexo. São Paulo: Saraiva, 2008.

THE COMMERCIAL INTERIOR DESIGN ASSOCIATION. **What is Interior Design?** 2019. Disponível em: <http://www.iida.org/content.cfm/what-is-interior-design>. Acesso em: 01 ago. 2019.

VEZZOLI, Carlo *et al.* **Sistema produto+ serviço sustentável**: fundamentos. Curitiba, PR: Insight, 2018.

VEZZOLI, Carlo. **Design de sistemas para a sustentabilidade**: Teorias, métodos e ferramentas para o design sustentável de “sistemas de satisfação”. Salvador: EDUFBA, 2010.

VIEGAS, Valkiria A. **Estratégias de design sustentável para a valorização dos recursos locais a partir do estudo da cadeia do babaçu no município de Itapecuru Mirim**. 2015. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-Graduação em Design , São Luís, 2015.

WEBER, Cynthia. Introduction: design and citizenship. *In: Citizenship studies*, v. 14, n. 1, p. 1-16, 2010.

WORLD DESIGN ORGANIZATION. **Definição de design industrial**. 2018. Disponível em: <https://translate.google.com.br/translate?hl=pt-PT&sl=en&u=http://wdo.org/about/definition/&prev=search>. Acesso em: 07 maio 2019.

YANG, Yang *et al.* Contrast study on interior design with low-carbon and traditional design. *In: 2011 International Conference on Materials for Renewable Energy & Environment*, Shanghai, p. 806-809, 2011. DOI 10.1109/icmree.2011.5930929.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZYLBERSZTAJN, Moisés. Muito além do Maker: Esforços contemporâneos de produção de novos e efetivos espaços educativos. *In: EHLERS, A. C. S. T.; TEIXEIRA, C. S.; SOUZA M. V. (Org.). Educação fora da caixa*: tendências para a educação no século XXI. Florianópolis, SC: Bookers, 2015. v. 1, p.189-208.

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO *ON-LINE*



PPG<sup>g</sup> Programa de  
Pós-Graduação em  
Design

m<sup>g</sup> mestrado em design

### PESQUISA SOBRE O PROCESSO PROJETUAL DO DESIGN DE INTERIORES E A DIMENSÃO ECONÔMICA DA SUSTENTABILIDADE

Olá, você está sendo convidado(a) para participar, voluntariamente da pesquisa de mestrado intitulada “**O PROCESSO PROJETUAL DO DESIGN DE INTERIORES E A INTEGRAÇÃO DOS PRINCÍPIOS DA SUSTENTABILIDADE: foco na dimensão econômica**”.

O objetivo desta pesquisa é investigar o processo projetual dos designers de interiores, se é voltado para a sustentabilidade, investigando a compreensão e a integração dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade em suas especificações.

A sua contribuição, participando nesta pesquisa, consistirá em responder algumas perguntas relacionadas às temáticas anteriormente citadas, logo, irá colaborar para o desenvolvimento do conhecimento na sociedade.

Destaca-se que poderá ocorrer cansaço visual devido ao nível de luminosidade e tempo de permanência diante do computador ou celular. Assim, tais fatores podem ser minimizados calibrando a luminosidade da tela.

Você receberá uma via deste termo com mais informações onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto de pesquisa.

Pesquisadores responsáveis: Mestrando Pedro Rocha S. Filho e Profa. Dra. Ana Lúcia Zandomeneghi.

#### OBSERVAÇÕES IMPORTANTES:

- 1 - Todas as informações colhidas serão tratadas com sigilo e confidencialidade;
- 2 - Esse questionário deve ser respondido de uma só vez e estima-se que sejam necessários aproximadamente 10 minutos para completá-lo;
- 3 - MENORES DE 18 ANOS NÃO PODERÃO PARTICIPAR DA PESQUISA;

Eu declaro que fui esclarecido sobre os objetivos da pesquisa, riscos e benefícios da minha participação na pesquisa e concordo em participar. **PARA PARTICIPAR MARQUE CONCORDO EM PARTICIPAR**, digite o seu nome e e-mail e, **CLIQUE NO BOTÃO PRÓXIMA**.

\* Obrigatório

\* [ ] CONCORDO EM PARTICIPAR.

--

Como você se chama? \* \_\_\_\_\_  
 Qual é o seu e-mail? \* \_\_\_\_\_

**Após a seção 1 – Continuar para próxima seção: 2 de 7**  
**DADOS PESSOAIS**

**01. Sexo: \***

- Feminino  
 Masculino  
 Outros \_\_\_\_\_

**02. Qual é a sua idade? (selecione sua faixa etária) \***

- 18 a 30 anos  
 31 a 40 anos  
 41 a 50 anos  
 51 a 60 anos  
 mais de 60 anos

**03. Há quanto tempo você atua profissionalmente na área de design de interiores? \***

- Menos de 5 anos  
 Entre 5 e 10 anos  
 Entre 10 e 15 anos  
 Entre 15 e 20 anos  
 Mais de 20 anos

**04. Qual é o seu nível de escolaridade? \***

- Técnico em Design de Interiores  
 Superior em Design de Interiores  
 Superior em Design  
 Superior em Arquitetura  
 Outro \_\_\_\_\_

**05. Você estudou sobre sustentabilidade em sua formação acadêmica ou profissional? \***

- Sim  
 Pouco  
 Não

**Após a seção 2 – Ir para a seção 3: 3 de 7**  
**PROCESSO PROJETUAL**

**06. Das sequências abaixo, qual a que mais se aproxima do seu processo projetual? \***

- briefing*/medição/conceito/anteprojeto/projeto/detalhamento  
 *briefing*/medição/conceito/geração de alternativas/anteprojeto/projeto executivo  
 medição/anteprojeto/projeto/detalhamento  
 não sigo nem um processo projetual  
 outros \_\_\_\_\_

**07. Em suas primeiras abordagens com os seus clientes, você busca saber do interesse deles por valorizar recursos da economia local e da cultura, além da reintegração e redução de resíduos, promovendo consciência sustentável? \***

- Sempre  
 Às vezes  
 Nunca

**08.** No seu processo projetual, como estratégias voltadas para a sustentabilidade, você faz aos clientes e/ou se faz os seguintes questionamentos: \*

Assinale o grau de importância para as perguntas, considerando 1 = menos importante, 5 = mais importante.

Prioridade	1	2	3	4	5
Qual é o propósito do projeto?					
Qual será o tempo de vida do projeto depois de executado?					
Quais os sistemas de energia e água mais adequados?					
Que materiais são adequados?					
Que métodos construtivos são adequados?					
Como o espaço funcionará?					
O que acontecerá quando se tornar desnecessário?					

**Após a seção 3 – Ir para a seção 4: 4 de 7**

#### **1/2 DIMENSÃO ECONÔMICA DA SUSTENTABILIDADE**

**09.** Você adota os RECURSOS LOCAIS, como produtos, materiais, entre outros, nos seus processos projetuais e, os defende explicando a importância do uso dos mesmos para o cliente? \*

- Sempre  
 Às vezes  
 Nunca

**10.** Qual dificuldade você tem de utilizar os recursos locais nos projetos de interiores? \*

- Não ter conhecimento no assunto  
 Falta de ferramentas de auxílio  
 Falta de informações acerca dos recursos locais  
 Outros \_\_\_\_\_

**11.** Além dos recursos locais, você valoriza a CULTURA LOCAL materializada em quadros, fotografias, artesanatos, entre outros, por meio de suas soluções projetuais? \*

- Sempre  
 Às vezes  
 Nunca

**12.** Você compreende que as suas ações projetuais podem incentivar o DESENVOLVIMENTO DA ECONOMIA LOCAL, permitindo maior visibilidade dos produtores locais frente aos produtores de outras regiões? \*

- Não compreendo  
 Pouco compreendo  
 Compreendo

**Após a seção 4 – Ir para a seção 5: 5 de 7**

#### **2/2 DIMENSÃO ECONÔMICA DA SUSTENTABILIDADE**

**13.** Além do desenvolvimento da economia local, você compreende que as suas ações projetuais podem incentivar a ORGANIZAÇÃO EM CONJUNTO DE PRODUTORES LOCAIS (parceiros, fornecedores, entre outros) para se ampliar o desempenho competitivo diante do mercado globalizado? \*

- Não compreendo  
 Pouco compreendo  
 Compreendo

**14.** Você busca valorizar a REINTEGRAÇÃO DE RESÍDUOS locais por meio de produtos, materiais, entre outros, além de reduzir a geração de resíduos em suas soluções projetuais? \*

- Sempre  
 Às vezes  
 Nunca

**15.** Qual dificuldade você tem de valorizar a reintegração de resíduos nos projetos de interiores? \*

- Não ter conhecimento no assunto  
 Falta de ferramentas de auxílio  
 Informações acerca dos resíduos  
 Outros \_\_\_\_\_

**16.** No desenvolvimento de práticas sustentáveis, você busca promover a EDUCAÇÃO PARA UMA ECONOMIA MAIS SUSTENTÁVEL, explicando, mostrando o valor da economia local; entre os seus clientes, parceiros, fornecedores e outros, nos seus processos projetuais? \*

- Sempre  
 Às vezes  
 Nunca

**17.** Qual dificuldade você tem de promover educação para uma economia sustentável nos projetos de interiores? \*

- Não ter conhecimento no assunto  
 Falta de ferramentas de auxílio  
 Informações acerca da economia sustentável  
 Outros \_\_\_\_\_

### **Após a seção 5 – Ir para a seção 6: 6 de 7 SUSTENTABILIDADE PROJETUAL**

**18.** Antes de elaborar um projeto, você procura saber se o que especifica contribuirá para a redução de impactos ambientais no planeta? \*

- Sempre  
 Às vezes  
 Nunca

**19.** Como você vê o Design e ou Arquitetura no âmbito da responsabilidade econômica? \*  
(Marcar somente uma resposta)

- Uma área que está em constante mudanças, buscando novas atitudes, principalmente no que diz respeito minimizar o impacto ambiental e favorecer o desenvolvimento econômico local;

- Uma área de futuro, mas no momento muito se fala em sustentabilidade e ainda pouco se faz;
- Uma atitude consolidada em seus projetos, pois você e seus clientes fazem questão disso atualmente;
- Não teve esta demanda na sua prática de trabalho até o momento.

**20.** Você deseja participar de uma segunda etapa da pesquisa? Que será um momento de interação, com a participação de outros profissionais da área do design de interiores, para a avaliação de perguntas e o aprofundamento do conhecimento acerca dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade no processo projetual dos designers de interiores. \*

- Sim
- Não

**Após a seção 6 – Ir para a seção 7: 7 de 7**

Deixe o seu contato telefônico \*: (    ) \_\_\_\_\_

--

Obrigado.

## APÊNDICE B – TCLE DO QUESTIONÁRIO



**PPG**g Programa de  
Pós-Graduação em  
Design

**md**g mestrado em design

Após responder o questionário *on-line*, segue o  
**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**  
com mais informações.

Você foi convidado(a) para participar, voluntariamente da pesquisa de mestrado intitulada “**O PROCESSO PROJETUAL DO DESIGN DE INTERIORES E A INTEGRAÇÃO DOS PRINCÍPIOS DA SUSTENTABILIDADE: foco na dimensão econômica**”. Após os esclarecimentos sobre o estudo, você poderia: a) aceitar participar; b) recusar-se; ou c) desistir de participar e retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer penalização ou prejuízo.

O objetivo da pesquisa foi de investigar o processo projetual dos designers de interiores, se é voltado para a sustentabilidade, investigando a compreensão e a integração dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade em suas especificações. O resultado do estudo poderá promover a compreensão, o estímulo e a integração, de forma estratégica, dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade no processo projetual dos designers de interiores e, como consequência, contribuir para o desenvolvimento sustentável local.

A sua contribuição, participando da pesquisa, consistiu em responder algumas perguntas relacionadas entre o processo projetual do design de interiores e os seis princípios da dimensão econômica da sustentabilidade.

Foi destacado que poderia ocorrer cansaço visual devido ao nível de luminosidade e tempo de permanência diante do computador ou celular, além disso, em alguns casos, desgaste físico devido a postura adotada para o preenchimento do questionário. Logo, tais fatores poderiam ser minimizados calibrando a luminosidade da tela e adotando uma postura correta, contudo, teve a liberdade de não concluir o questionário caso não se sentisse à vontade para tanto, sem nenhum ônus, visto que a sua participação foi voluntária.

Deste modo, todas as informações colhidas serão tratadas com sigilo e confidencialidade, somente sendo utilizadas nesta pesquisa (dissertação e artigos científicos) e descartados após o período de cinco anos.

**Pesquisadores responsáveis:** Mestrando Pedro Rocha S. Filho e Profa. Dra. Ana Lúcia Zandomenghi.

Endereço profissional: Av. dos Portugueses, 1966 - Vila Bacanga, São Luís - MA, 65080-805.

**OBSERVAÇÕES:**

- 1 - MENORES DE 18 ANOS NÃO PODERÃO PARTICIPAR DA PESQUISA;
- 2 - O questionário foi respondido de uma só vez com estimativa de 10 minutos para completá-lo.

Assim, você declarou que foi esclarecido(a) sobre os objetivos da pesquisa, riscos e benefícios da sua participação na pesquisa e concordou em participar ao marcar **CORCORDO EM PARTICIPAR**, digitou o seu nome e e-mail e, clicou no botão próxima.

---

Pesquisador principal: Pedro Rocha Sousa Filho.  
98 98855 9296

## APÊNDICE C – TCLE DO GRUPO FOCAL



PPG<sup>o</sup> Programa de  
Pós-Graduação em  
Design

m<sup>o</sup>g mestrado em design

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

#### Responsáveis pela pesquisa:

Pedro Rocha Sousa Filho, Mestrando

Profa. Dra. Ana Lúcia Zandomeneghi, Orientadora

Você, profissional que atua na área de design de interiores, está sendo convidado (a) para participar, voluntariamente da pesquisa de mestrado intitulada “**O PROCESSO PROJETUAL DO DESIGN DE INTERIORES E A INTEGRAÇÃO DOS PRINCÍPIOS DA SUSTENTABILIDADE: foco na dimensão econômica**”. Após os esclarecimentos sobre o estudo, você poderá: a) aceitar participar; b) recusar-se; ou c) desistir de participar e retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer penalização ou prejuízo.

O objetivo desta pesquisa é investigar o processo projetual dos designers de interiores, se é voltado para a sustentabilidade, investigando a compreensão e a integração dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade em suas especificações.

Caso você participe da pesquisa, a sua contribuição consistirá em responder ativamente perguntas e, interagir na discussão em grupo mediada por um(a) moderador(a) sobre a relação entre o processo projetual do design de interiores e os seis princípios da dimensão econômica da sustentabilidade, que são: Fortalecer e valorizar recursos locais; Respeitar e valorizar a cultura local; Promover a economia local; Promover organizações em rede; Valorizar a reintegração de resíduos; Promoção da educação para a economia sustentável.

Para tanto você deverá comparecer ao local e horário previamente agendados para a realização da técnica do grupo focal. Esta atividade terá duração aproximada de 1h:30min.

Ressalta-se que não há riscos físicos aos participantes, também, não se apresentam riscos psicológicos, porém, caso o participante se sinta de alguma forma constrangido ou desconfortável, ele poderá solicitar a interrupção da sua participação no estudo.

Os participantes poderão se beneficiar da pesquisa com os resultados obtidos teoricamente, **assim, o estudo poderá promover a compreensão, o estímulo e a integração, de forma** estratégica, dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade no processo projetual dos designers de interiores e, como consequência, contribuir para o desenvolvimento sustentável local.

Para esclarecer eventuais dúvidas sobre o estudo, os pesquisadores Pedro Rocha Sousa Filho (pesquisador) e Profa. Dra. Ana Lúcia Zandomeneghi (orientadora), responsáveis por este estudo, poderão ser localizados no endereço da Universidade Federal do Maranhão, na Av. dos Portugueses, 1966 - Vila Bacanga, São Luís - MA, 65080-805. Centro de Ciências Exatas e Tecnologias – CCET, lateral do bloco 10, primeiro piso, sala dos mestrandos em design – UFMA, em horário comercial ou por meio eletrônico, no e-mail: ppdi.dimensaoeconomica@gmail.com.

Durante a condução do presente grupo focal serão feitas gravações de áudio e vídeo e, as informações relacionadas ao estudo poderão ser conhecidas apenas por pessoas autorizadas (o pesquisador e a orientadora). Ressalta-se que os dados colhidos serão tratados e codificados para que a **sua identidade seja preservada e seja mantida a confidencialidade**, somente sendo utilizadas nesta pesquisa (dissertação e artigos científicos) e descartados após o período de cinco anos.

As despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade e, pela sua participação no estudo você não receberá qualquer valor em dinheiro. Quando os resultados forem publicados, não aparecerá seu nome, e sim um código.

Autorizo (  ), não autorizo (  ), o uso de minha imagem para fins da pesquisa, sendo seu uso: i) Restrito a transcrição sem a minha identificação (  ); ii) Uso para a transcrição e publicação da minha imagem, contudo, sem a minha identificação (  ).

Eu, \_\_\_\_\_, li esse termo de consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão. Eu entendi meu papel na participação deste estudo e os meios para contato aos responsáveis pela pesquisa.

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

\_\_\_\_\_  
(Assinatura do Participante de pesquisa)  
Local e data

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador

## APÊNDICE D – ROTEIRO DO MODERADOR DO GRUPO FOCAL

### Etapa 01 - Organização

Ao chegar no local, com o auxiliar do moderador e pesquisador, verificar se a sala está limpa, com luz e sem ruídos sonoros ou visuais. Confirmar se há cadeiras suficientes para acomodar os participantes ao redor da mesa oval ou similar que possibilite a realização da técnica. Dispor e verificar itens e documentos a seguir:

- Termos de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (impressos);
- Canetas para assinaturas dos TCLEs (disponibilizar);
- Testar os equipamentos de registro, sendo: 1 câmera para filmagem, 1 câmera para fotografia (ao qual será operada pelo auxiliar), 1 gravador de áudio (fixo, na mesa de discussão);
- Aguardar para a recepção dos participantes, sendo que o início da apresentação deve ocorrer após a chegada de todos os participantes ou após 15 minutos do horário agendado;
- O pesquisador e o auxiliar do moderador deverão estar com bloco de anotações para registrar os principais momentos em que houve consonâncias e discordâncias nas discussões;
- O moderador deverá estar atento ao horário de início, também atentando-se ao tempo utilizado em cada pergunta para não exceder o período estipulados em cada etapa.

### Etapa 02 - Acolhida e apresentações – Máximo 30 minutos

Conforme chegada dos participantes, o pesquisador se apresenta, bem como o moderador e o auxiliar. Após o pesquisador apresentar sua trajetória e objetivos do trabalho, o **moderador** deverá solicitar que cada participante se apresente e *fale um pouco sobre sua experiência na área do design de interiores* (histórico profissional).

### Etapa 03 - Atividade individual – Máximo 10 minutos

Após as apresentações, o **moderador** deverá realizar uma breve explicação sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e solicitar a assinatura. Uma cópia deverá permanecer com o participante e a outra cópia deverá ser arquivada. Os equipamentos de registro deverão ser ligados pelo auxiliar de moderação neste momento, para início do registro fotográfico do processo.

### Etapa 04 - Perguntas para o grupo – Máximo 60 minutos

Após a etapa 3, o moderador parte para explicações e perguntas relacionadas entre os princípios da dimensão econômica da sustentabilidade e processo projetual do designer de interiores (blocos 1, 2, 3, 4, 5 e 6), promovendo interação entre os participantes.

#### BLOCO 1 – PROCESSO PROJETUAL

- Como se começa um projeto de interiores? E, como trabalham as etapas no processo projetual?  
Considerando que para a existência de um projeto é necessário um cliente:
- Como definem o perfil do cliente? Os clientes solicitam soluções sustentáveis nos projetos?
- E, como vocês se posicionam em relação ao consumo sustentável nas conversas iniciais com o cliente? E durante todo o processo de projeto?
- Já foram contratados para elaborar um projeto com características socioeconômicas sustentáveis? Se sim, como foi o processo? Se não, como idealizariam o processo?

<b>BLOCO 2 – DIMENSÃO ECONÔMICA DA SUSTENTABILIDADE NO PROCESSO PROJETUAL</b>
<p>Ainda na definição do perfil do cliente:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Fazem observações aos clientes, os direcionando de forma educativa para uma postura de consumo sustentável para as definições projetuais?</li> </ul> <p>Sobre a dimensão econômica da sustentabilidade no processo projetual:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Como compreendem que o processo projetual pode favorecer o desenvolvimento econômico sustentável local para um consumo consciente?</li> <li>▪ O que sabem dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade?</li> </ul>
<b>BLOCO 3 – Princípios: 1 - Valorizar recursos locais 2 - Respeitar e Valorizar a Cultura local 3 - Promover a economia local</b>
<p>Após definir o perfil do cliente, no processo de criação do projeto:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Como é o seu processo de inspiração para o planejamento do projeto?</li> <li>▪ Quais os critérios para a definição de materiais e produtos no projeto? Pensa em materiais e produtos locais? Se não, por quê? Verificam os impactos dos materiais e produtos que especificam?</li> <li>▪ Em algum momento verificam com o cliente a possibilidade do uso de materiais e produtos da cultura local para a concepção do projeto?</li> <li>▪ No projeto, elaboram soluções projetuais com o artesanato local (independente do cliente manifestar o desejo)? Quadros (artistas locais), fotografias locais ...</li> <li>▪ Como compreendem a cultura local no projeto de interiores?</li> </ul> <p>Em relação a dificuldade no processo projetual:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Existe dificuldade em se trabalhar com a economia local (pessoas/empresas produtoras de produtos) nos projetos? Quais? Vocês trabalham com a economia local nos projetos? Se não, por quê?</li> <li>▪ O que facilitaria trabalhar com a economia local (pessoas/empresas que trabalham com os recursos locais, produtos locais, cultura local...) no projeto?</li> </ul>
<b>BLOCO 4 – Princípios: 4 - Promover organizações em rede</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Já incentivaram parceiros a trabalharem em conjunto com outros fornecedores para terem mais força competitiva localmente? Se não, por quê? Quais dificuldades tem?</li> <li>▪ O que facilitaria vocês a incentivarem a organização em conjunto dos parceiros/fornecedores locais?</li> </ul>
<b>BLOCO 5 – Princípios: 5 - Valorizar a reintegração de resíduos</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Como vocês se posicionam em relação a geração de resíduos nas conversas iniciais com o cliente?</li> <li>▪ Na especificação, avaliam qual produto pode gerar uma quantidade menor de resíduos?</li> <li>▪ Como trabalham produtos locais feitos com resíduos nos projetos?</li> <li>▪ Existe dificuldade em se trabalhar com produtos feitos com resíduos nos projetos? Se sim, quais?</li> <li>▪ O que facilitaria o uso de produtos feitos com resíduos para reintegrá-los nos projetos?</li> </ul>
<b>BLOCO 6 – Princípios: 6 - Promoção da Educação para a Economia Sustentável</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Procuram sensibilizar de forma educativa os clientes sobre o desenvolvimento econômico local para o consumo sustentável? Explicando também a importância do uso de materiais e produtos locais?</li> <li>▪ Existe dificuldade em evidenciar para os clientes os impactos ambientais de suas próprias escolhas no projeto? Quais?</li> <li>▪ O que facilitaria você, por meio de um processo de educação, a propor um projeto que vise um consumo sustentável?</li> </ul>

### Finalização

Os equipamentos de registro serão desligados. O moderador, auxiliar do moderador e o pesquisador deveram agradecer aos participantes pela presença.

## APÊNDICE E – SÍNTESE DOS RESULTADOS DA PESQUISA



Responsável pela pesquisa: **Pedro Rocha S. Filho**

Orientadora da pesquisa: **Profa. Dra. Ana Lúcia Zandomeneghi**

Quando entrei no Programa de Pós-Graduação em Design (Mestrado em Design) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), me comprometi com a pesquisa que você participou na fase de coleta de dados, respondendo o questionário *on-line* e/ou na técnica do grupo focal.

Foram 96 respondentes (designers de interiores, designers e arquitetos) que responderam o questionário *on-line*, e sete pessoas que participaram de um momento de interação e trocas de experiências (grupo focal) acerca da problemática em questão:

Como os designers de interiores integram e aplicam os princípios da dimensão econômica da sustentabilidade em suas práticas projetuais?

Mediante a investigação teórica e das informações coletadas, o estudo verificou a falta de compreensão e a pouquíssima integração dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade no processo projetual dos profissionais que atuam na área do design de interiores em São Luís – MA.

Logo, destaca-se que a consolidação da integração dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade no processo projetual dos designers de interiores depende de um processo de investigação e auto aprendizado entre os profissionais que atuam na área do design/arquitetura de interiores (LOPES, 2014; SARMENTO, 2017).

<p>A DIMENSÃO ECONÔMICA DA SUSTENTABILIDADE “refere-se ao desenvolvimento do valor econômico” que é associado ao bem-estar das pessoas (SANTOS <i>et al.</i>, 2019, p.22). E, preocupa-se com o desenvolvimento da economia na sociedade, buscando “alcançar a equidade econômica de pessoas, comunidades, organizações, empreendimentos, projetos, governos, localidades e do próprio planeta” (ANDRADE, 2012, p.165).</p>	<p><b>PRINCÍPIOS DA DIMENSÃO ECONÔMICA DA SUSTENTABILIDADE</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>i. Fortalecer e valorizar recursos locais;</li> <li>ii. Respeitar e valorizar a cultura local;</li> <li>iii. Promover a economia local;</li> <li>iv. Promover organizações em rede;</li> <li>v. Valorizar a reintegração de resíduos;</li> <li>vi. Promoção da educação para a economia sustentável;</li> </ul>
---	---

Assim, o resultado dessa pesquisa foi traduzido por meio de quinze recomendações, que, ainda não foram validadas, contudo, acredita-se que contribui para a integração e operacionalização dos princípios da dimensão econômica da sustentabilidade no processo projetual dos designers de interiores, como consequência, o desenvolvimento local.

O tema da sustentabilidade é um valor que tenderá a ser universal e, “nos propõe, de fato, o valor da responsabilidade nos confrontos das gerações futuras e, conseqüentemente, o objetivo de não prejudicar os equilíbrios ambientais” (MANZINI; VEZZOLI, 2016, p.57). Neste pensamento, a busca pelo desenvolvimento econômico, pautado pela redução dos níveis de consumo, é fundamental na sociedade nos dias de hoje (SANTOS *et al.*, 2019b).

O estudo completo com mais informações, além de uma sugestão esquemática de um processo projetual integrado às recomendações, princípios da dimensão econômica e critérios sustentáveis, pode ser encontrado com a busca do documento, referenciado como segue:

SOUSA FILHO, Pedro R. **O processo projetual do design de interiores e a integração dos princípios da sustentabilidade:** foco na dimensão econômica. 2020. 191 f. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-graduação em Design/CCET, São Luís – Maranhão.

É fundamental uma mudança de olhar para os materiais, produtos locais e prestadores de serviços locais, considerando suas respectivas qualidades, formas de obtenção e processos produtivos (KRUCEN, 2009). Pois, acredita-se que, somente assim, o projeto de interiores contribuirá de forma efetiva para o desenvolvimento econômico local.

De acordo com Moxon (2012), a tarefa de incorporar a sustentabilidade ao projeto de interiores não é fácil, no entanto, a mesma pode fazer parte, de modo integrado, no planejamento de qualquer bom projeto.

Portanto, acredito que a educação sustentável começa no lar, por meio da definição dos materiais internos e soluções que reduzam o consumo de água, energia e produtos.

Agradeço a solicitude de todos!  
Abraços!